
DA AUTORA DE
PRECISAMOS FALAR
SOBRE O KEVIN
E O MUNDO
PÓS-ANIVERSÁRIO
LIONEL SHRIVER
DUPLA FALTA
intrínseca

LIONEL SHRIVER

Dupla falta

TRADUÇÃO DE DÉBORA LANDSBERG
REVISÃO TÉCNICA DE ATILA SANTOS



Copyright © 1997 Lionel Shriver

TÍTULO ORIGINAL
Double Fault

CAPA
Raul Loureiro

PREPARAÇÃO
Ana Kronemberger
Juliana Romeiro

REVISÃO
Fátima Amendoeira Maciel
Rodrigo Rosa

REVISÃO DE EPUB
Luana Gonçalves

GERAÇÃO DE EPUB
Simplíssimo

E-ISBN: 978-85-8057-107-3

EDIÇÃO DIGITAL: 2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

Para Jonathan

Cujo nome verdadeiro eu uso tão raramente, guardando-o
para ocasiões especiais. Dedicado com a esperança
ardente de que manteremos este texto preso ao papel.

Nota da autora

EM BENEFÍCIO DA NARRATIVA, O SISTEMA DE pontuação do tênis foi simplificado nesta história. Leitores curiosos sobre as complexidades dos sistemas de pontuação norte-americano e internacional, ou a respeito dos computadores da WTA (Associação Mundial de Tênis Feminino) *versus* os da Virginia Slims, devem consultar as diversas publicações especializadas sobre o tema. Algumas outras liberdades foram tomadas, porque *Dupla falta* não é tanto sobre tênis quanto é sobre casamento, um esporte um pouquinho diferente.

"*Raramente você consegue algo quando o deseja muito. Não há um jogador de tênis no mundo que não possa dizer quando um oponente está amedrontado.*"

TED TINLING

Um

NO ÁPICE DO LANÇAMENTO, A BOLA PAROU, imune à gravidade. O braço de Willy balançou, relaxado, atrás de suas costas. O saque foi em direção ao sol, que a bola de tênis, em seu apogeu, eclipsou com perfeição. Um halo resplandeceu em torno dela, gravando um círculo na retina de Willy que deixaria uma mancha em sua visão durante todo o serviço.

Paft! Pouco importa o sol. O saque zumbiu no meio da quadra e acelerou, tranquilo, enfiando-se com um *ching* em um buraquinho da cerca de arame. Randy lutou com a Penn-4. O que lhe deu algo para fazer.

Willy piscou. "Nunca olhe para o sol" era uma advertência frequente durante sua infância. Típica de seus pais: desvie os olhos da glória, esquive-se do que se dissipa radiante, como se ela pudesse derreter.

Um farfalhar de folhas fez com que Willy desviasse o olhar da cerca de arame para a esquerda. Como o halo flamejante da bola ainda estava gravado na visão, o rosto do estranho, quando o encontrou, estava envolto por um círculo roxo, como se tivesse sido assinalado para que ela o examinasse. Os dedos estavam enganchados no arame galvanizado. Tinha olhos de predador e o sorriso torto era de uma paciência desconcertante, feito um leão preguiçoso que passaria o dia inteiro à sombra esperando o jantar cruzar seu caminho. Apesar das entradas no cabelo, o homem era magricela, jovem, porém branco demais para ser um dos garotos do Harlem, o bairro vizinho, em busca de bolas perdidas para jogar beisebol de rua. Devia estar procurando a própria bola extraviada; e tinha parado para vê-la jogar.

Willy controlou o saque seguinte, sabendo que Randy teria facilidade em rebater. Não havia sentido em vencer um jogo sem compromisso no Riverside Park ganhando o set inteiro com aces. Contendo as raquetadas, Willy acariciava a bola, enquanto Randy a golpeava. Como sempre, ela ficou admirada com a forma como seus pés faziam dezenas de ajustes infinitesimais por iniciativa própria. Deleitando-se com o diálogo espontâneo, comentário e resposta,

Willy ficou decepcionada quando seu backhand com efeito para cima incitou Randy a se exibir. *Poft*, contra a rede.

A essa altura do primeiro set, às vezes ela perdia um game para manter o adversário entusiasmado. Mas com aquele estranho ainda observando a partida, Willy desistiu da caridade. E não sabia ao certo quanto mais conseguiria aguentar aquele tal de Randy Ravioli (ou coisa assim, um nome italiano qualquer). Ele nunca se calava. "*Ran-dee!*" ecoava pelas dez quadras quando seu lance era aberto demais. Entre um ponto e outro ele fazia recomendações aos frequentadores regulares nas quadras vizinhas: "Está forçando demais no pulso, Bobby!" e "Dobra esses joelhos, Alicia!" À própria Willy fez um elogio: "Para uma garota pequena, você tem bastante força." E o atarracado entusiasta do tênis era um poço de conselhos úteis: durante o intervalo para a primeira troca de lados, fizera uma demonstração da empunhadura western.

Ela sorrira, atenciosa. Agora que estava 4-0, Willy continuava sorrindo.

O serviço do italiano teve uma preparação suntuosa, mas ele bobeou na finalização, portanto, todo o floreio pouco contribuiu para o desempenho. Além disso, querendo acelerar o jogo, Randy tendia a negligenciar a sutileza de fazer a bola aterrissar dentro da área de saque. Cometeu dupla falta, duas vezes.

Quando trocaram de lado novamente, Willy olhou de relance para a esquerda. Aquele homem ainda olhava de soslaio por detrás da cerca. Droga, uma das vantagens das partidas despreocupadas em Riverside era não ser esquadrinhada, para variar. No entanto, o sujeito tinha um certo encanto excêntrico, desengonçado… Tentar ignorá-lo só tornava mais evidente que ela sabia que estava sendo observada.

Subitamente constrangida, Willy quicou a bola na linha de fundo seis, sete vezes antes de sacar. Caso o treinador soubesse que estava ali, ele pediria sua cabeça, como se fosse uma princesa do mais puro sangue que não pudesse se misturar com os moleques de rua e assim aprender a provocar os adversários. Mas Willy tinha a impressão de que os amadores afiavam seus reflexos. Eram cheios de surpresas — voleios malconduzidos que, sem querer, viravam deixadas maldosas, ou bolas altas violentas golpeadas com o aro da raquete. E muitos dos membros da turma heterogênea de Riverside exalavam uma alegria benéfica, perdendo com uma mudez acanhada ou uma torrente de gritos de

surpresa. Com Randy, a probabilidade de ganhar um "até mais" melindrado era maior, mas ela preferia um insulto sincero ao seco "muito bem" acompanhado de um aperto de mãos frouxo de Forest Hills.

Além disso, o Riverside Park ficava em frente ao prédio em que ela morava, dando ao esporte uma acessibilidade cômoda. As quadras malconservadas lembravam o asfalto esburacado de Montclair, onde Willy aprendera a jogar: ervas daninhas brotavam na linha de fundo, rachaduras se expandiam desde a alameda e folhas desgarradas enfraqueciam rebatidas ocasionais. A ondulação das quadras quatro e sete dava a impressão de que as partidas de tênis aconteciam em mar aberto. A superfície medíocre simulava os spins traiçoeiros e os saques impetuosos de profissionais mais sagazes, e era boa para exercitar o ajuste de centésimos de segundo em caso de quiques bizarros. Crateras e destroços acrescentavam uma dose de humor ao jogo, dissuadindo ambos os adversários a levarem o resultado a sério. Um ou outro assassinato naquela ponta arborizada no norte do parque assegurava bastante tempo disponível para partidas.

No segundo set, os braços de Randy começaram a falhar. Enquanto isso a plateia seguia a bola, seus olhos se movendo rapidamente como os de um lagarto no encalço de uma mosca. Ele era uma distração. Quando o homem macaqueou um "*Ran-dee!*" no momento em que o italiano errava outro drive, o rebate de Willy beijou a fita.

— Você me desconcentrou — disse ela com rispidez.

— Não devia ser tão fácil assim — a voz do espectador era grave e aveludada.

Com uma impaciência súbita, Willy liquidou Randy em dez minutos. Enquanto se enxugavam com uma toalha junto ao poste que segurava a rede, Willy encarou o adversário com um renovado espanto. Para além da linha de fundo, Randy parecia bonito; tão de perto, exibia as feições empapadas e indistintas de um beberrão.

Emergindo de sua toalha, Randy resmungou:

— Fui roubado.

— Não tinha dinheiro em jogo — retrucou ela.

— Sempre tem alguma coisa em jogo — disse ele em tom agressivo —, caso contrário a gente não joga.

Curvando-se para apanhar a capa da raquete, Randy pôs a mão na coluna.

— Ai, céus! Dei um jeito nas costas semana passada. Acho que não sou mais o mesmo… — ao fechar o zíper da capa, ele explicou que a raquete sofria de "aro cansado"; não muito melhor que um bastão de beisebol, *capisce*?

Max, o treinador dela, frequentemente dizia: "Quando os homens ganham, eles se gabam; quando as mulheres ganham, elas se desculpam."

— Eu estava em boa forma hoje — concedeu ela. — E você recebeu umas bolas bem difíceis.

— Que tal uma cerveja? — propôs Randy. — Para me recompensar.

— Não, eu vou… ficar por aqui, treinando meu serviço.

— O que você ainda precisa treinar? Como jogar a bola *para fora*? — Randy saiu andando com seus apetrechos numa atitude altiva.

Willy ficou parada, ajeitando a bandana que prendia seus cabelos louros esvoaçantes. O homem detrás da cerca atirou uma bolsa esportiva por cima de uma parte do alambrado que estava dobrada e em seguida saltou.

— Essa foi a exibição mais covarde que já vi — anunciou.

— Ah, os homens sempre dão desculpas — declarou Willy. — Perder para uma mulher.

— Eu não disse que *ele* foi covarde. Estava falando de você.

Ela ruborizou.

— Como?

— Você jogar contra esse gorducho é como um pit bull enfrentar um chihuahua. É isso que você faz quando está de saco cheio?

— Caso você não tenha notado, não tenho saco.

O homem magricela estalou a língua contra o céu da boca.

— Eu acho que tem.

Enquanto Randy era sexy a uma quadra de distância e uma decepção cara a cara, este intruso parecia desajeitado e canhestro de longe, o nariz descomunal e cheio de protuberâncias, a testa saliente, a silhueta ossuda. Mas, de perto, os contornos muito marcados davam lugar a um sorriso provocante, sutil, e a um olhar evasivo, inquieto. Embora seu torso se estreitasse em uma cintura esguia, as panturrilhas e os antebraços se alargavam em músculos com veias saltadas.

— Alguém tem de colocar esses convencidos em seu devido lugar — retrucou ela.

— Os outros convencidos. Está cansada?

Willy olhou para sua blusa seca.

— Se estivesse, não admitiria.

— Então, que tal uma partida de verdade?

Ele girou a raquete, um modelo resistente. Era convencido, mas havia 18 anos que Willy Novinsky não recusava convites para partidas de tênis.

No primeiro golpe que deu na bola, Willy se deu conta de como seu jogo contra Randy fora preguiçoso. Ela se atrapalhou nas três primeiras trocas de bola no aquecimento, e então reorganizou as ideias e mudou de estratégia. Depois de fazer alguns ajustes, os fios soltos da rede irregular ficaram mais nítidos; a tinta desbotada sob seus pés adquiriu um tom de verde mais vivo. As demarcações brancas se ergueram, parecendo flutuar no ar. As rachaduras se tornaram mais pretas e traiçoeiras, e, quando era lançada em sua direção, a bola se agigantava e vinha de um lugar mais específico.

A princípio resguardou-se, medindo o adversário, cujos golpes eram heterodoxos. Certas rebatidas pareciam se dar por pura sorte. Seus movimentos não tinham firmeza: ele cavou uma bola no último minuto, com o que ela poderia jurar ser o balanço de um jogador de golfe. Mas ele avançava sobre todas. Quando ela lançava a bola, ele estava sempre com a raquete afiada, e, embora muitas passadas em que tinha de subir à rede fossem demais para ele, nenhuma vez o flagrou despreparado, simplesmente olhando acabrunhado para a bola.

E não havia nenhum "Ran-dee!". Ele não pedia desculpas ou soltava palavrões. Não murmurava "Se recomponha, Jack!" nem mesmo "Boa jogada". Quando o serviço dela era bom, ele levantava um dedo; em um ace, ele levantou a mão aberta. Na verdade, não disse nem uma palavra ao longo da partida.

* * *

O JOGO ACABOU RÁPIDO demais, em 6-0, 6-2. Willy caminhou até a rede com uma sensação pesarosa, prometendo a si mesma que não lhe daria desculpas, mas que também não se gabaria. Apesar do placar desequilibrado, houve alguns pontos demorados, agradáveis, e esperava tê-lo como adversário novamente. Antes que ela formulasse um comentário cujo tom tivesse a dose

certa de graciosidade e de ausência de arrependimento, ele esticou os braços por cima da fita, pegou na cintura de Willy e ergueu-a no ar.

— Você é tão leve! — elogiou, colocando-a delicadamente no chão da quadra. — E tem uma força *inacreditável* — ele enxugou a palma da mão na camiseta ensopada e estendeu o braço de um jeito cerimonioso. — Eric Oberdorf.

Apertaram-se as mãos.

— Willy Novinsky.

Ela estava preparada para o habitual laconismo mal-humorado, ou para uma alegria afetada, como se a competição fosse mera bobagem, explicitada pela exagerada disposição para discutir outros assuntos. Mas sorrindo de orelha a orelha, ele falava apenas de tênis.

— Então seu pai pendurou uma raquete Dunlop-5 em cima do seu berço, não foi? Arrastava você do Junior Open para o Orange Bowl, enquanto todos nós assistíamos à tevê. E nem precisa me dizer… papai está a caminho. Como você tem só 19 anos, ele ainda te põe na cama às dez em ponto. Sua mina de ouro precisa descansar.

O fato de já ter 23 era uma questão tão delicada que ela foi incapaz de corrigi-lo.

— Não conte muito com isso. Meu pai está em Nova Jersey, esperando que eu deixe de lado minhas manias de infância. Como a minha raquete de tênis.

Ela estava guardando a raquete quando Eric segurou-lhe o braço.

— Que tal relaxar com uns ralis?

Willy olhou para o céu, a luz minguava. Já tinha umas quatro horas que estava jogando, o limite em um dia comum. Mas o ar, ao passar do rosa ao cinza, evocava as partidas que o pai jogava com ela quando chegava do trabalho, e a hora em que ele avisava que mamãe já tinha preparado o jantar e Willy suplicava por mais alguns pontos. De vez em quando, ele cedia. Ela não se tornaria a adulta que insiste que é hora de parar.

— Alguns minutos — ela supôs.

Eric fez um voleio. Ela sugeriu, hesitante:

— Seu backswing… vá só até a altura do ombro direito.

Em cinco minutos, Eric já tinha diminuído em quase oito centímetros seu backswing. Ela o olhou com admiração. Ao contrário da maioria dos

amadores, cuja variedade de livros ensinando os princípios básicos do jogo e de aulas caras de meia hora com profissionais exauridos era inversamente proporcional à capacidade de aplicar seus conselhos, Eric pôs em prática a observação imediatamente, como se tivesse instalado um novo programa de computador. Willy era cautelosa com as instruções quando o aluno as absorvia tão rapidamente, pois transformar palavras em ações era um talento raro. Com um aluno tão crédulo e hábil, poderia sabotá-lo se quisesse, alimentando-o com maus hábitos como se desse carne envenenada para um cachorro.

Fechando a capa da raquete, Eric concluiu:

— Hora de tomar aquela cerveja do Randy. Flor de Mayo. Estou morrendo de fome.

— Não sei se entendi… você está me *convidando* para sair?

— Estou dizendo onde nós vamos jantar.

— Como você sabe que eu não tenho um compromisso com algum amigo?

— Você não tem — disse ele. — Duvido que tenha muitos amigos.

— Pareço tão legal assim? — indagou ela, sarcástica.

— Ninguém que joga tênis como você é *legal*. E ninguém que joga tênis como você passa muito tempo de mãos dadas com alguém dentro de um bar.

— E você vai mudar tudo isso? — zombou ela.

— Quanto a ficar vadiando nos botecos, não. Mas ter uma mão para segurar não faria mal nenhum — Eric pegou a bolsa esportiva de Willy e também a dele, e, com as duas, ao cair da noite, caminhou em direção à quadra três com passos satisfeitos. Havia intuído, e estava certo, que, onde quer que suas raquetes fossem, Willy iria atrás.

* * *

— Então, de onde vem "Willy"?

Como seus pedidos para que considerasse as agradáveis mesas na varanda do West Side Cafe foram definitivamente ignorados, estavam sentados no interior apertado do Flor de Mayo. Willy estava se recuperando da zanga boba por ter sido aliciada para um festival de comida cubano-chinesa gordurosa. Pelo menos o restaurante era limpo e pouco movimentado; o vinho branco era bebível.

— Você gostaria que te chamassem de "Wilhemena"?

— Eca. O que seus pais estavam tentando fazer com você?

— Digamos que não é um nome que se espere ver num placar luminoso. Minha irmã mais velha se deu pior ainda: "Gertrude", dá para acreditar? A quem eles barbaramente deram o apelido de "Gert".

— Eles têm alguma coisa contra a sua irmã?

Willy fez uma careta. Ele estava apenas tentando entabular uma conversa, mas ela tinha tão poucas oportunidades de falar sobre qualquer assunto que não seus golpes de fundo em posição aberta *versus* posição fechada que se deixou levar.

— Eles têm alguma coisa contra o mundo inteiro, no qual generosamente nos incluíram. Mas meus pais não têm nenhum rancor específico em relação à Gert. Os sentimentos deles pela minha irmã são moderados. Moderação é o que ela provoca. No ensino médio, ela tirava "B" de propósito. Agora ela está estudando contabilidade. Esse bom-senso calculado devia fazer a felicidade do meu pai. Mas não faz. Pelo que eu entendo, os dois conseguiram o que merecem… Desculpe, você não tem nenhum motivo para ter o mínimo de interesse nisso.

— Ah, mas eu tenho.

Temendo que ele acrescentasse algum comentário galanteador e odioso, ela prosseguiu rapidamente:

— Acho que eles tiraram "Wilhemena" e "Gertrude" do asilo onde minha mãe trabalha. Mesmo quando crianças, as pessoas deviam achar que éramos duas velhas solteironas.

Com prazer, Eric tomou sua cerveja num único gole.

— Você é muito nova para se preocupar em se tornar uma velha solteirona.

Em termos profissionais Willy já estava chegando perto da decrepitude; esse homem instintivamente se concentrava nos pontos fracos.

— Não estou preocupada — defendeu-se, bem-humorada. — É a improbabilidade de ver "Wilhemena Novinsky" num placar de Wimbledon que me incomoda.

— Wee-Willy-Wimbledon. Até que é sonoro. Além disso, dane-se o nome, mais um obstáculo a superar. E nisso você é bem-sucedida, tenho certeza. Eles te fizeram um favor.

Toda essa pretensa familiaridade era irritante, e ainda mais intrusiva por ser certeira.

— Se meu sucesso está relacionado a obstáculos, meus pais me fizeram dezenas de favores.

O garçom se aproximou com as metades dos frangos assados e montanhas de arroz frito. Eric havia pedido dois pratos para si, que pôs lado a lado.

— Você vai comer isso tudo?

— E o que sobrar do seu, já que você não vai comer tudo.

— Como é que…? — ela desistiu. Ele tinha razão. Não comeria tudo.

O arroz estava delicioso, com pedaços de porco e ovos. O frango se soltava do osso.

— Não fique com esse olho gordo — disse Willy. — Talvez eu coma mais do que você imagina.

— Só me prometa que você não vai vomitar tudo depois.

— Não sou tão banal assim.

— Não tem um pai que te obriga a jogar tênis, não tem bulimia e não é gorda — Eric contou os itens nos dedos. — Bom demais para ser verdade. Então você *tem* que ter um caso com o seu treinador.

Willy não resistia a disputas, mas isso já era o cúmulo.

— Não é da sua conta.

Os olhos dele brilharam; poderia muito bem ter rabiscado a resposta dela em um cartão de pontuação.

— Aproveitando que estou sendo grosseiro… — Eric levou o guardanapo à boca; ela não entendia como ele conseguia engolir tanto arroz sem deixar de lado as boas maneiras. Achou que ele comeria feito um animal. — Em que lugar você está no ranking?

Não havia escapatória. No circuito do tênis, essa pergunta surgia cinco vezes por dia, embora escondesse muito mais malícia do que "Qual é o seu signo?".

Willy apoiou o garfo ao lado do vinagre de forma precisa, em seguida ajeitou a posição do talher em menos de meio centímetro, como se fosse para indicar a natureza gradativa do progresso em seu esporte.

— Sou a 437ª. Mas isso é no *mundo*…

Ele ergueu as mãos.

— Eu sei! Fico surpreso por sua posição ser tão alta.

— Surpreso! Eu te venci de lavada hoje!

Ele riu.

— Wilhelm! — ele pronunciou seu novo nome com um "V" germânico. — Eu só estava querendo dizer que não esperava esbarrar numa top 500 em um dia normal. Quanta sensibilidade.

— Não existe nenhum tenista na face da terra — Willy resmungou, voltando a pegar o garfo — que não seja sensível no que diz respeito a esse número. Seria a mesma coisa que perguntar no nosso primeiro encontro quanto eu ganho, ou se eu tenho Aids.

— Então é assim que você chama isso? — indagou ele, corajoso. — De encontro?

— Você entendeu — murmurou ela, perturbada. — A posição no ranking é… o quanto você vale como pessoa.

— Você não acha que está dando a eles um pouco de poder demais? — Eric a censurou, desta vez parecendo sincero.

Ela perguntou com sarcasmo:

— E quem são *eles*?

— *Eles* são qualquer pessoa que você não pode deixar que te derrote — retrucou Eric. — E o pior crime é pensar como as pessoas que querem a sua pele.

— Então, talvez você seja meu *eles*?

— Eu estou do seu lado.

— Só houve uma pessoa que esteve do meu lado na minha vida.

— Você mesma?

— Não — admitiu ela. — Não estou sempre do meu lado — isso estava se tornando confuso. — Estou falando de uma pessoa de verdade.

— Mas você não gostou disso?

— Gostei. — A pergunta a tinha deixado acanhada. — Será que a gente não pode parar de falar de mim um pouco? Por exemplo, o que você faz?

— Eu me formei em Princeton em maio. Matemática. Agora tirei um tempo só para jogar.

— Comigo?

— Sim, mas para jogar, não brincar. Jogar é coisa séria. Você mais do que ninguém devia saber disso.

— Você tem… irmãos? — A pequena quantidade de respostas espirituosas nos vestiários havia deixado Willy enferrujada e sem imaginação para conversas à mesa.

— Três irmãos. Meu pai quer dominar o mundo.

Ela deixou passar a insinuação de que um patriarca só poderia fazê-lo com filhos homens.

— Você é o mais velho — concluiu.

— Muito bem.

O que ele estava aplaudindo, ou deveria ter aplaudido, era o fato de que por um instante ela fez o esforço de imaginar estar na pele de outra pessoa que não Willy Novinsky. Ser ensimesmado era um efeito colateral de sua profissão. Ah, você pensa no *jogo* dos outros, tudo bem — em como sacavam e faziam um voleio, qual era o ponto vulnerável deles dentro da quadra. Mas tudo isso não passava de um jeito indireto de pensar em si mesmo.

— Princeton — ela acenou com a cabeça. Abrir-se com ele era trabalhoso. — Inteligente, então. Você não conseguiria trocar duas palavras com as pessoas que eu conheço.

— Duvido que você as conheça, e que elas conheçam você. Tenistas do circuito feminino vivem em um universo paralelo. Mas são todas burras como uma porta.

— Obrigada.

— Os homens também não são físicos nucleares — Eric teve a prudência de acrescentar.

— Seus pais são endinheirados, não é? — Os bons modos à mesa o denunciavam.

— Vai usar isso contra mim? — Eric pegou a coxa de frango com o mindinho levantado, como se bebericasse um chá.

— Talvez eu guarde rancor — admitiu ela.

— Ponto: você não é financiada por novos-ricos alpinistas sociais — ele mais uma vez contou nos dedos. — E não tem pai controlador, não tem transtorno alimentar e não é gorda. Quatro respostas certas em cinco está de bom tamanho.

Era óbvio que o fato de Willy não negar ter um caso com o treinador foi um golpe em Eric.

— Isso é um teste?

— Eu também não estou sendo testado? — retrucou ele. — Princeton: motivo de orgulho. Matemática: nem lá nem cá. Dinheiro: mau sinal.

— Você é judeu, não é?

— Tecnicamente. Conta ponto a favor ou contra? Olha o que você vai dizer.

Willy disse, com sinceridade:

— Não ligo.

— Então por que perguntou?

Ele a deixava nervosa.

— Acho que eu também sou burra como uma porta — ela o encarou.

— Quando estávamos vindo para cá e eu te perguntei se o seu nome é polonês, tive a impressão de que você sabia que a Polônia fica no Leste Europeu e não no Círculo Polar Ártico.

— A burrice pode ser uma vantagem no tênis — sugeriu Willy, catando pedaços de porco no arroz.

— Diz o ditado que é um jogo em que você deve ser inteligente o bastante para se sair bem, e burro o suficiente para acreditar que isso tem alguma importância. — Incrivelmente, Eric tinha limpado o primeiro prato e fazia rápidos progressos no segundo.

— Quando há dinheiro em jogo, o tênis tem importância — Willy lhe garantiu. — Não, eu vejo o pessoal de 14 anos vencendo jogos com facilidade na tevê e penso, eles não percebem, não é? O quanto são incríveis. Eles não questionam o fato de estar entre os dez melhores do mundo porque não têm noção de quantas pessoas *existem* no mundo. E joga-se melhor de cabeça vazia, despreocupada. *Nada* passa pela cabeça desses garotos além do tênis. Nada de extermínio na Guerra do Golfo, nada de disputa entre Clinton e Bush nas eleições, entre uma orelha e outra só existem bolas quicando.

Contudo Willy não tinha muita certeza de que ela mesma desmerecesse os tenistas como pessoas tolas. Sim, um jogo de tênis requintado era executado num estado de consciência vazio que a maioria consideraria um não pensar. Mas o necessário era, precisamente, o pensamento sem falhas — já que

encarar a hesitação, a ruminação e a indecisão afetada como pontos altos do funcionamento da mente dava uma má reputação ao pensamento. O pensamento supremo saía do corpo sem palavras, na forma de ação pura. Em teoria, pensar era agir.

Mas o tempo entre a formulação do pensamento e a realização também se encurtava no Flor de Mayo. Willy não escutava mais as palavras na cabeça antes de derramá-las na mesa, e assim se tornou espectadora de sua própria conversa tanto quanto Eric, e tinha igual curiosidade de saber o que ela mesma diria. Havia, portanto, uma fluidez similar a ser descoberta na fala.

Claramente esperando mais uma resposta certa, Eric indagou:

— Você vai para a faculdade?

Com o sentido de "vai fazer", ou de "está fazendo", e não de "já fez". Depois de conhecer esse cara há algumas horas, Willy já tinha um segredo.

— Não — declarou categoricamente.

Ele respirou fundo, pareceu estar ponderando melhor o sermão, e expirou o ar, dando preferência às sobras do arroz frito dela. Ela lhe deixara uns poucos camarõezinhos. Havia algo de magnífico na quantidade de comida que ele tinha consumido.

— Então, quais são os tenistas que você admira? — perguntou ele.

— Sou antiquada. Ainda sou obcecada pela última geração. Connors. Navratilova.

— Ela chora — ele se desesperou.

— E daí se ela tem vontade de chorar? Aposto que você gosta do *Sampras*.

— Quem não gosta? — Eric deu de ombros. — Os golpes dele são impecáveis.

— Ele é um robô — Willy fez cara feia. — Sou muito mais o McEnroe e um ataque de raiva de verdade de vez em quando. John mostrou ao mundo o que é o tênis: paixão.

— Tênis é controle — discordou Eric.

— Tênis é *tudo* — Willy declarou com emoção.

Eric riu.

— Bem, eu não chegaria a tal ponto. Mas você tem razão, não são os olhos. O jogo de tênis é a janela da alma.

— Então, o que você descobriu sobre mim pelo meu jogo?

— Você joga — respondeu Eric prontamente — por amor. O Sampras ama ele mesmo. Você ama o tênis.

— Eu tenho ego, garanto. — Ela estava absorvendo o que ele disse.

— Você tem uma coisa muito mais nobre que ego, Wilhelm — afirmou Eric, diminuindo o tom de voz. — Que, se você não tomar cuidado, seu ego pode destruir.

Místico demais; Willy recuou.

— Sampras: o fato de não haver nada de errado no jogo dele é o que há de errado. Talvez, mais que tudo, o sentido do tênis sejam as falhas.

Ele riu.

— Nesse caso, eu tenho futuro.

— Seu jogo é… incoerente — arriscou Willy. — Como se você pegasse um pouquinho daqui e mais um pouco dali, feito um trapeiro.

— Trapos — ele disse de um jeito seco. A conta chegou; ele calculou sua parte e olhou-a com expectativa.

Ela se curvou para pegar a carteira, envergonhada pela suposição de que ele pagaria.

— Não quis dizer que é esfarrapado. Você fez com que eu me esforçasse hoje.

— Nossa — caçoou ele. — Que grande elogio.

— Elogio é elogio — ela espalmou uma nota de dez sobre a conta. — Fique contente com o que conseguir.

Willy tinha ficado ofendida. Distribuía lisonjas com tanta parcimônia, a quem quer que fosse, e por isso esperava que ele corresse para casa com seu louvor e o guardasse debaixo do travesseiro. Ele não a intimidaria para obter uma ovação entusiástica. Ele era melhor do que ela esperava. Ponto final.

Eric se ofereceu para acompanhar Willy até o prédio dela, mas ao subirem a Broadway o clima entre eles estava pesado devido ao rancor.

— Boa, a comida — ela se esforçou para dizer quando estavam na rua 110.

— Você achou que seria horrível.

— Não achei!

—"Restaurante cubano-chinês? Feijão e coisas desse tipo?" Você ficou choramingando: "Quer dizer, se é isso que você quer." Capriati *vintage*.

Ela riu.

— Tudo bem, eu achei que a comida seria repugnante. — O clima ficou mais suave. Willy se aproximou um pouco mais do acompanhante, mas ele ainda teria de esticar o braço para pegar-lhe a mão.

Os braços dele balançavam, livres.

— O que você vai fazer amanhã?

— Vou para Westbrook, em Connecticut, para passar o fim de semana. É lá que eu treino.

— Posso ir te ver?

Era protetora com relação ao Sweetspot, mas uma visita serviria a seus propósitos.

— Talvez.

Eric anotou os números de telefone dela na margem da licença para usar as quadras de tênis da cidade de Nova York.

Ela ficou alguns instantes inclinada para a frente, à espera de um beijo. Ele não vinha. Sob o clarão da luz da entrada, alguns indóceis fios mutantes das sobrancelhas densas de Eric cintilaram, alguns deles de quase quatro centímetros de comprimento. Intrigada, sem pensar direito, Willy estendeu a mão para arrancar o pelo mais longo.

Ele lhe deu um tapa na mão.

— Desculpe — pediu quando Willy esfregou os nós dos dedos. Tinha batido com força. — Eu gosto deles.

Com as faces ardendo, Willy fitou os próprios tênis.

— Acho que eu também gosto desses fios esquisitos — murmurou. — Deve ser por isso que eu quis um.

Quando levantou a cabeça, ele estava pinçando o mesmo pelo perdido e grande demais; arrancou-o e o colocou na palma de sua mão.

— Então é seu.

Ela fechou a mão em torno do espécime. Não soube o que dizer. Willy não estava acostumada a encontros.

— Eric? — Foi a primeira vez que pronunciou o nome dele. As sílabas pareceram canhestras em sua boca, o uso delas uma concessão monumental à existência do rapaz. — Eu fiz faculdade, sim. Meu pai me obrigou. Abandonei, depois do primeiro ano, para virar profissional. Não tenho 19 anos, tenho 23. Estou muito atrás. Tenho muito, muito pouco tempo.

Como recompensa pela troca bem-sucedida, um pelo da sobrancelha por uma confissão, ele a beijou. Willy só podia segurar um ombro largo. A outra mão segurava o presente peculiar de Eric. Inexplicavelmente, ao entrar em seu apartamento ela o guardaria em um lugar seguro.

Dois

MAX UPCHURCH CHAMAVA O SWEETSPOT DE "Escola de Tênis", desconsiderando a academia mais famosa de Nick Bollettieri, na Flórida, como uma espécie de *resort*. A educação que os alunos do Sweetspot recebiam ia além do rotineiro; Max não admitia que os forehands colossais fossem conquistados à custa de não se saber diferenciar a Praça da Paz Celestial de um jogo de damas chinês. Ele evitava as frescuras de colégio interno de Bollettieri dispensando o uso de cães farejadores de Bradenton, as multas de 5 dólares por mascar chiclete e as restrições a um programa de tevê por semana. Para Max, se os pais queriam pagar 2 mil dólares por mês para que os filhos fizessem bolas de chiclete enquanto assistiam à *Família Monstro*, não era problema dele. Caso seus alunos virassem profissionais poderiam muito bem exercitar o hábito de ver televisão. Isolada em uma série de hotéis idênticos esperando a chuva passar ou o início de sua partida, a maioria dos atletas de um torneio passava mais tempo assistindo a reprises de programas americanos que dentro de quadra.

Apesar da antiquada liberalidade do Sweetspot, Willy não era a única a considerar a administração de Max mais elitista que a de seu concorrente na Flórida. Bollettieri aceitava 225 aspirantes a campeões por vez; Max admitia 75. O próprio Max Upchurch tivera uma carreira célebre, chegara a sexto lugar do mundo, em 1971, e dera uma sólida contribuição para os Estados Unidos passarem à frente da Austrália na Copa Davis. Como jovem aspirante no final dos anos 1960, adquiriu uma reputação nos bastidores, junto com um punhado de outros infiéis, ao dar um jeito de levar esse esnobe, seleto e metido a besta esporte amador à grosseira, ordinária e sanguinária era Open que agora recai sobre nós, na qual vale de tudo e o que todos querem é ganhar dinheiro.

Mas a maior diferença era o tênis. Os protegidos de Bollettieri sacavam cegamente a partir da linha de fundo feito máquinas de lançar bolas. Para Max,

tênis não era só *paft-paft*. O Sweetspot enfatizava a astúcia, o estilo, a habilidade. Enquanto Nick enfileirava brutamontes, Max criava estrategistas e bailarinos com um trabalho artesanal. O treinador de Willy acreditava que em cada tenista se escondia um jogo de tênis único que lutava para dar as caras — um jogo cujas falhas provariam ser suas armas mais afiadas. Achava que sua missão era estimular os golpes idiossincráticos de jogadores ainda em formação antes que seus impulsos excêntricos fossem eternamente enterrados sob as "regras" genéricas que constituíam o treinamento habitual.

Quando Max aceitou Willy, então com 17 anos, ele demoliu um jogo que vinha sendo construído havia 12 anos e o reconstruiu desde a base. Willy crescera lutando — lutando contra os pais; lutando contra o irrelevante dever de casa de álgebra quando estava prestes a obter um progresso no slice de backhand; lutando contra a Associação de Tênis dos Estados Unidos, a WTA, por transporte para os torneios de juniores que o pai não tinha a mínima intenção de financiar; e, mais tarde, lutando contra a própria altura, quando percebeu as evidências esmagadoras de que nunca passaria de 1,60 metro. O apetite por batalhas era incentivado por Max. O limite traçado por ele eram as lutas de Willy contra si mesma. Ele insistia para que ela parasse de superar as fraquezas e começasse a explorar seus pontos fortes.

Durante todo o ensino médio, Willy aproveitou cada oportunidade que surgia para provar que uma anã era capaz de cobrir a rede, e atacou todas as bolas numa velocidade improvável e encantadora. Foi Max quem a convenceu a parar de contestar a realidade de seu corpo. Ela era baixinha: devia fazer sua aproximação de forma seletiva. Era leve: nunca conseguiria subjugar as grandalhonas tolas de Bollettieri. A vantagem de Willy era ser rápida, ter enormes reservas de rancor por causa das lutas contra o pai, a Associação de Tênis e a Montclair High School, e, o que era ainda mais raro, ser inteligente.

Como era de se esperar, Willy conseguia dominar as disputas com juniores, mas no circuito profissional ela jamais venceria uma disputa. Era mais vantajoso explorar sua sagacidade. Embora precisasse ter um controle absurdo para não sair golpeando e abatendo todas as bolas — nem que fosse só pela sensação de bater em um objeto com a força toda sem ser presa —, Willy descobriu também os encantos da delicadeza, até que certas deixadas de backspin em que a bola deslizava por cima da fita a fizeram gargalhar. Max lhe mostrou um vídeo da partida entre Arthur Ashe e Jimmy Connors na final de

Wimbledon de 1975, quando, em vez de rebater os lances de Jimmy com uma dose de seu próprio veneno, Arthur deliberadamente fez com que os games se arrastassem. As rebatidas demoradas e fáceis enlouqueceram Connors, que cortava as bolas jogando-as contra a rede ou batendo nelas com força demais. No fim, é claro, a tartaruga venceu a lebre.

Na verdade, Max não lhe ensinava nada de novo. Jogadoras que se especializavam em malícia — bolas curtas, lobs, dissimulações e mudanças de ritmo — jogavam tênis feminino à moda antiga, pois o esporte era muitas vezes ganho por meio de trapaças antes do advento das raquetes grandes demais e das mulheres musculosas que gritavam em quadra, como Monica Seles. Entretanto, o padrão, há muito abandonado, adquire vigor. Willy às vezes desconfiava de que a formação que Max lhe dava para transformá-la em um ícone de táticas antigas era um exercício de nostalgia — da época em que mulheres tenistas eram ágeis, flexíveis e engenhosas; e da época em que as mulheres tenistas eram mulheres.

Portanto era graças a Max Upchurch que Willy não passava todos os seus dias em estado de histeria. Enquanto ela se lamentava por outro aniversário indesejável, Max lhe fazia serenatas com histórias sobre Kathy Rinaldi, Andrea Jaeger e Thierry Tulasne — jovens promissores que desapareceram na mesma velocidade com que antes brilhavam. "Cedo para se levantar, cedo para se deitar", ele garantiu-lhe quando ela completou 19 anos e estava irritada por ter perdido mais um ano com os verbos do espanhol na Universidade de Connecticut. "Tênis é coisa de adulto. Você não vai chegar ao auge antes dos 25, Will. Ainda dá tempo."

* * *

JÁ FAZIA SEIS SEMANAS que uma mancha havia marcado suas recordações daquelas primeiras viagens ao Sweetspot, e Willy não conseguia removê-la. Apesar de ela e Max terem concordado em voltar ao "normal", quando Willy desceu do trem em Old Saybrook foi um aluno mais velho quem a conduziu até o carro. Mais uma vez, Max não foi buscá-la na estação, e isso não era normal, e sim mais uma reprimenda mesquinha.

— O que você achou do Agassi ter sido campeão de Wimbledon? — o garoto perguntou com entusiasmo. — Ninguém pensava que ele era bom de grama. Eu tinha certeza de que ele iria aparecer com uma roupa xadrez laranja estilo "foda-se" ou coisa assim, mas não…

Desmond estava tão ávido que se esqueceu de fazer uma pausa para que suas perguntas fossem respondidas. Willy observou com inveja que nos últimos dois anos sua juba preta se aproximava cada vez mais do teto do carro. Ele passaria de 1,80 metro, e tinha uma estrutura física compacta, com membros longos, bons para o esporte. Caso tivesse predileção por garotinhos, poderia ter se servido dos petiscos do Sweetspot. Mas Willy passou os anos da adolescência desdenhando com tanta virulência de tipos como Desmond que virar uma papa-anjo agora era como entregar um trabalho depois do prazo. Melancólica, admirou, mas não cobiçou o entusiasmo ingênuo, ainda não corrompido pelo horror da experiência.

De todo modo, a inveja funcionava mais na direção oposta. Desmond ainda não se distinguia da média; Willy fazia parte do seleto grupo de profissionais mais velhos que Max preparava para o torneio. Muitos desses eram escolhidos a dedo na turma que estava se formando, mas alguns poucos, como Willy, tinham sido achados nas viagens que Max fazia pelo país para descobrir talentos. A própria Willy nunca foi aluna do Sweetspot, e muitas vezes se questionava quão melhor seria seu jogo agora, caso não tivesse sido abandonada na Montclair High School, que nem tinha quadra de tênis. Usando o parque público que havia nas redondezas, a escola oferecia uma disciplina de tênis, na qual ela teve a malícia de se inscrever quando estava no segundo ano. Essa recordação a alfinetava agora, o que a levou a lembrar por que o tal Eric tinha razão quanto a ela nunca ter tido muitos amigos. Não é de se admirar — investia contra os colegas com serviços tão insolentes que raramente tinham o prazer de perder um ponto decente. Mais para o final do curso, cujo número de inscritos era ímpar, ninguém jogava com ela, e Willy passava a aula inteira batendo impiedosamente a bola contra a parede, como se para romper uma outra barreira, menos tangível, mas, ao que parecia, igualmente intransponível, se continuasse sendo aluna de escola pública do subúrbio de Nova Jersey.

Agora estavam chegando a Westbrook, uma comunidade pequena, isolada, no estuário de Long Island, cujos imóveis tinham valores astronômicos, mas cujas casas permaneciam nas mãos das mesmas famílias; a cidade mantinha sua

natureza despretensiosa, de classe média. O centro, como se fosse possível chamá-lo de centro, incluía uma farmácia com um péssimo estoque e um doce de leite caseiro maravilhoso, um restaurante italiano que servia um espaguete cozido demais, o monumento militar de praxe, apesar de poucos moradores se lembrarem a qual guerra, e o adorado Muffin Korner, cujos ovos, pãezinhos quentes e o perdoável café fraco custavam 1,49 dólar. Nos arredores, onde tábuas de madeira pouco atraentes eram castigadas pelo clima litorâneo, as robustas viúvas da nobreza nadavam cachorrinho nas ondas da arrebentação em roupas de banho com armação sob os seios.

O fato de que Westbrook, em Connecticut, era um lugar estável e sossegado talvez tenha inspirado Max a escolher a cidade para o Sweetspot. O tênis profissional parecia uma montanha-russa, acumulando tudo que deveria acontecer ao longo de uma vida inteira em cerca de dez anos agitados. Era tranquilizante levar alunos maiores de idade para um ambiente uniforme e seguro, e treiná-los no contexto sereno de um local onde o tênis não tinha muita importância — as quadras públicas ao lado do corpo de bombeiros pareciam um aterro sanitário.

Desmond estava lhe pedindo para dar uma olhada em seu saque. Sem dúvida, esperava que Willy falasse bem dele para Max. Desmond estava começando seu último ano e se aproximava do momento em que seu treinador lhe pediria que ficasse ou simplesmente lhe desejaria boa sorte e até mais. Logo, via como bons sinais os privilégios fortuitos, como o fato de terem lhe confiado o carro da escola naquela tarde. Willy teve o ímpeto de avisá-lo, com amargura, que falar bem dele seis semanas antes teria significado muito mais, mas um resmungo casual arruinaria meses de discrição. Ao olhar de novo para o rosto ansioso, misteriosamente inexpressivo de Desmond, sentiu tristeza. O primeiro corte no Sweetspot era apenas o começo de um processo de eliminação cruel, às vezes barbaramente curto, em que avidez e até golpes de fundo impressionantes, para os padrões leigos, não valiam de nada.

Também engoliu esse conselho. O pai de Willy já tinha falado bastante sobre as remotas probabilidades dela, e essa argumentação era detestável. Desmond precisaria descobrir sozinho a improbabilidade espantosa de ele um dia sequer entrar no ranking, e ainda mais a de decidir, assim como seu ídolo, fazer a concessão de usar um uniforme branco para o antiquado All England Club.

Seguindo em zigue-zague para fora da cidade, dobraram no caminho para a escola, cujos edifícios harmonizavam com a arquitetura de Westbrook: tábuas brancas com vigas verdes ao estilo neocolonial, todos com ampla varanda de madeira na entrada. Sob a marquise, cadeiras de balanço cobertas por mantas de lã enroladas e poltronas de vime que pareciam aconchegantes com suas almofadas estofadas instigavam rodadas longas e turbulentas de jogos de cartas. Não havia nada nesse ócio sereno, tranquilo, que aludisse ao suor derramado naquele terreno, exceto o fato de que, duas horas depois de o sino que anunciava o jantar ter badalado, as varandas estavam desertas. Todos os alunos que tinham algum valor estavam de volta às quadras às 20 horas.

Willy entrou no refeitório e viu o treinador em uma mesa de canto, ao lado da horrenda Marcella Foussard. Estava raspando o prato — então mais uma vez não se aninhariam na mesa que sempre ocupavam no Boot of the Med para garfar sem vontade o linguine mole. Willy pegou uma bandeja, acentuando sua risada. Max perceberia seu entusiasmo insípido sem erguer os olhos. Que desastre. Que erro terrível, embora ela não tivesse certeza de quem o cometera.

O refeitório denunciava que ali era uma academia esportiva e não uma escola de ensino médio. Nada de barril de macarrão com queijo duro feito pedra e molho de couve; nada de gelatina de limão. Desde que Max adotara as teorias sobre dietas ricas em proteína, em substituição às antigas máximas sobre carboidratos, eles enfrentavam peitos de frango sem pele e carnes magras, ervilhas e uma quantidade inesgotável de bananas. Ao encarar as bananas por mais uma noite, Desmond lamentou-se:

— O Agassi vive de *junk food*, sabia?

Willy deslizou a bandeja até o lugar ao lado de Desmond, no canto oposto ao que Max ocupava no refeitório. Poderia ter enfrentado a mesa de Max se não fosse por aquela criatura chamada Foussard, que sem dúvida dedicava mais tempo às próprias unhas que ao backhand. O refeitório evocava uma bagunça em mais de um sentido, e Willy estava louca para sair dali. Enquanto cortava o frango, ela convidou Desmond para jogar depois do jantar. Empolgado, Desmond jogou seu bife de alcatra no lixo.

A caminho da porta, Willy se forçou a virar para a mesa de Max. Ele a fitava fixamente. Ela fez o sinal da vitória. Ele não acenou de volta, sua expressão indecifrável. Ela fez o movimento de um swing e apontou para Desmond.

Max inclinou a cabeça de forma quase imperceptível, e, ao atravessar a porta de tela, Willy teve ao menos a satisfação de saber que, enquanto Marcella tagarelava, Max não escutara nem uma palavra dita pela garota boba.

As vinte quadras de piso rápido e as quatro quadras de saibro do Sweetspot foram construídas bem próximas ao estuário, e, portanto, recebiam a brisa do mar. Max, contudo, acreditava no fortalecimento pela adversidade. Havia montado sua escola no nordeste porque, alegava ele, a civilização europeia tinha superado as culturas sulistas devido aos invernos rigorosos, severos. O frio estimulava os nortistas à atividade e à iniciativa, enquanto os preguiçosos dos trópicos vadiavam na praia mastigando romãs. Segundo Max, taitianos jamais inventariam o tênis. Mas Willy estava convencida de que todo aquele blá-blá-blá sobre profissionais e inverno só queria dizer que Max detestava a Flórida.

Estrelas emergiam, o brilho potente dos holofotes se espalhava no ar salgado. As luzes projetavam um halo azul que podia ser visto a quilômetros de distância. De perto, as lâmpadas geravam um zumbido coletivo e baixinho, feito um coro achando o tom antes de começar a canção. À medida que os holofotes dos quatro cantos tremeluziam, partindo do cinza e aquecendo até atingir uma brancura incandescente, a quadra ardia com a teatralidade vibrante própria dos jogos noturnos.

— Não, Desmond — recusou quando ele a desafiou para uma partida. — Vamos só bater bola.

O garoto murchou. Mais tarde talvez desse valor às raras propostas de trocas de bolas despretensiosas; no momento ansiava por um confronto. Mas Willy, mesmo com toda a reputação de gostar de um corpo a corpo, hoje desejava descansar um pouco do mundo em que não havia opção além de vencer ou ser vencida. Devia existir um refúgio entre uma coisa e outra.

* * *

— POR QUE O desprezo? — Willy perguntou. — Achei que tudo ia voltar a ser como antes.

— Não fui eu que sentei do outro lado do refeitório — retrucou Max com frieza.

— Não fui eu que escolhi comer no refeitório.

Estavam na biblioteca, que Max adotara como local de descanso depois que as luzes se apagavam. Embora as crianças, por instinto, escondessem garrafas nas capas das raquetes, não havia regra que proibisse bebida alcoólica: Max estava curtindo um bourbon solitário.

Ao erguer a vista, fechou *The Gathering Storm*, de Winston Churchill.

— Você esperava que eu fosse buscá-la no trem e levá-la ao Boot of the Med, onde a gente pediria a lula frita e Chianti e depois…

— A gente treinaria uns overheads bêbados à meia-noite. Por que não? — A blusa de Willy estava molenga por causa do suor pegajoso; ela esfregou os braços.

— E a gente conversaria sobre o quê?

— Sobre o que a gente sempre conversa. A patricinha da Marcella, e a sua ex-mulher, e… e a gente desenharia diagramas de pontos nos guardanapos antes do zabaglione — sua voz tinha adquirido um tom derrotista. Aos ouvidos da própria Willy, a reprise soou ridícula.

— Nosso acordo não foi "voltar a ser o que éramos antes" e sim eu "tratar você como trato todo mundo", o que eu nunca fiz, desde que você tinha 17 anos. Portanto eu não teria como *voltar* à coisa alguma.

— Você tem andado muito agressivo e cruel ultimamente.

— Eu sempre fui agressivo e cruel. Você gostava disso. Não me venha com frescuras, Will. Não é bom para o seu tênis.

— Você dá alguma importância a isso hoje em dia? — suplicou ela. — Ao meu tênis?

— Achei que a gente estivesse mantendo uma relação tão irrepreensível há seis semanas só por causa do seu maldito tênis.

— Está vendo? "Maldito tênis"…

Max bateu com o livro de capa dura na mesa.

— Chega! Você pratica seu forehand, mas, felizmente, essa discussão é uma coisa pontual. Não melhora com a repetição, só envelhece.

— Envelhece! A gente não discute isso desde maio!

— Will — desta vez ele lhe implorava.

Olhando-o nos olhos, ela ponderou mais uma vez como aquele homem contrastava com as fotografias de Max no auge, vinte anos antes. Foram

muitas as noites que passara admirando seu álbum de torneios, no qual os perfis na *Sports Illustrated* e no *New York Post* estavam guardados sob folhas de plástico. Max mantivera o mesmo físico compacto, com um torso atarracado cujos pelos escuros ainda saltavam para fora da camiseta Lacoste como outrora. O rosto continuava anguloso, e não adquirira a flacidez que invadia a maioria dos queixos de meia-idade. O início daquelas rugas nos olhos podia ser encontrado nos recortes amarelados. Apesar de ter se livrado das costeletas típicas dos anos 1970, Max não tinha nem ao menos mudado o corte de cabelo prosaico. As fotos do antes e depois eram, em seus detalhes estritamente físicos, quase idênticas. Então o que tornava inequívoco o fato de ele ter 45 anos?

— Está tarde, melhor eu ir para a cama — declarou ela, e à menção da palavra "cama" Max se serviu mais um dedo de bourbon. — Talvez eu receba uma visita amanhã. Tem problema? — acrescentou.

Talvez ele quisesse perguntar quem ou por quê, mas Max ganhara milhões de dólares com o autocontrole. Ele deu de ombros. Ela foi embora.

* * *

NA SESSÃO DE TREINO em quadra da tarde seguinte, Max não fez alusão à briga da noite anterior, e ninguém que observasse os dois perceberia algo de errado naquela relação frutífera, eficaz, entre treinador e aluna. A capacidade que ele possuía de colocar os sentimentos de lado quando os negócios exigiam cabeça fria talvez tivesse contribuído para o fato de que aparentava a idade que tinha, mas, se Willy não estava enganada em seu palpite, essa habilidade o deprimia um pouco.

Willy, no entanto, notava a diferença. Desde maio a formalidade tinha invadido as sessões deles. A rapidez prevalecia, embora a diminuição do intervalo entre os exercícios tenha sido, provavelmente, de cerca de 15 segundos apenas. Max já não colocava as mechas soltas de seu cabelo para dentro da bandana, mas ordenava com rispidez: "Tira esse cabelo da cara." Era duro com ela — sempre fora —, mas agora suas críticas eram afiadas por um escárnio genuíno. Parecia se alegrar com os erros dela, e Willy se sujeitava ao seu abuso com uma submissão atípica.

Estavam trabalhando os golpes fortes de backhand, alternando entre os cantos da linha de fundo, e quando Willy viu os cabelos espetados examinando o campo em busca da quadra deles, ela dobrou um pouco mais os joelhos, fez a preparação com mais agilidade e jogou todo o peso do corpo no pé direito. A bola passou rente à rede, com uma rotação de baixo para cima.

— Bem melhor — elogiou Max, embora parecesse irritado.

Deu um toque especial ao golpe seguinte. A bola quicou no canto e saltitou em um ângulo torto após ultrapassar a raquete de Max. Junto ao portão, o judeu desengonçado assobiou, e Willy percebeu que ela estava se exibindo.

— Sinto muito, mas acho que vamos demorar mais uma hora! — berrou ela.

Willy havia orquestrado tal demonstração, sugerindo que Eric tomasse um trem até o Sweetspot antes do término de seus exercícios da tarde. Agora se sentia ridícula, mostrando como uma *profissional de verdade* trocava bolas com um *treinador profissional de verdade*. A hora seguinte foi dolorosa, com o visitante batendo as costas contra a cerca da quadra adjacente. Em vez de ficar de boca aberta e olhar bobo, ele parecia ofendido. Ela podia muito bem ser uma menininha oprimindo um hóspede em sua casa com seus estudos de piano. Além disso, embora com a visita de Eric ela tivesse a intenção de que Max se familiarizasse com seu novo admirador, o plano de repente lhe pareceu indelicado. Desde os 5 anos de idade Willy aprendera a controlar uma bola de tênis e havia praticamente abandonado o projeto mais desafiador de lidar com pessoas com igual segurança.

Entre os exercícios, Willy se curvava e olhava as próprias panturrilhas, levando a testa até os joelhos. A tensão do antagonismo que tinha tramado refletia e esticava seus tendões. Max revirou os olhos, mandando que ela fosse até o poste da rede. Tendões distendidos poderiam deixá-la semanas fora do jogo; Max não se arriscava.

Quando ela se apoiou no poste, Max se ajoelhou diante de seus pés e colocou o tornozelo dela em seu ombro. Aos poucos ele ia se levantando, nivelando seu quadril ao dela. Willy gemeu ao sentir a dor na coxa. Quando Max abaixou sua perna e se preparou para levantar a outra, ela olhou de relance para Eric, que se concentrava em recolocar a proteção do cabo de sua raquete.

Quando, felizmente, a performance terminou, ela simplificou as apresentações.

— Max Upchurch, Eric Underwood.

A boca de Eric se contorceu.

Max pulou o "Então você é um amigo da Willy, não é" e o "Como foi que vocês se conheceram" e foi direto ao único ponto que lhe interessava com relação a qualquer pessoa. Indicando a raquete de Eric com a cabeça, ele olhou de soslaio.

— Você joga?

— Não, uso isto aqui para pegar borboletas. — Rosto inexpressivo. Max bateu a palma da mão contra as cordas da própria raquete.

— Que tal uma partida? — A inflexão casual era uma mentira. Ele nunca na vida tinha desafiado alguém para uma partida sem motivo.

A título de resposta, Eric começou a atirar as bolas de treino para o fundo da quadra contígua, insinuando que era Willy quem iria pegá-las.

Willy odiava ver outras pessoas jogando. Era consumida pela inveja. Embora estivesse esgotada minutos antes, agora invocava uma energia renovada, e como alguém tinha a audácia de roubar o seu parceiro quando ela ainda tinha algum fôlego?

Assim, enquanto os homens se aqueciam — Eric com uma calma insolente, Max com uma apatia inescrutável —, Willy não sabia para qual jogador estava torcendo. Odiava os dois. Isso era muito ruim: amuar-se de pernas cruzadas na linha lateral, a quadra dura e quente. No momento em que a partida começou, Willy contemplava a formação de gaivotas no céu. Entretanto, era impossível ignorar os grunhidos familiares, que eram o jeito de Max fazer elogios, ou o *paf*-pou-*paf*-pou-*paf*-pou-*paf-paf-paf* do ponto prolongado.

Como, para Willy, calcular o placar de um jogo de tênis era automático, não acompanhar quem estava ganhando exigia dela uma concentração especial. (Cavalheiros não anunciavam a contagem.) Ela esperava que Max despachasse o *parvenu* em 35 minutos, mas depois de Willy já ter realinha-do as cordas da raquete e quicado uma bola com a raquete quinhentas vezes sem deixar cair, já fazia bastante tempo que a meia hora tinha passado e os dois continuavam suas jogadas. Max estava encharcado. Eric estava jogando bastante mal, mas às vezes seu jogo funcionava. Por fim, depois de um ponto em que achou uma troca de bolas a duas quadras de distância mais interessante, ela virou o rosto e

se deparou com os dois apertando as mãos por cima da rede, de um jeito formal.

Willy se levantou, limpou a poeira do short e os dois gladiadores se dirigiram às suas bolsas.

— Você é profissional — disse Max.

— Sou — declarou Eric.

— Classificação?

— 972.

Max entortou a boca.

— Muito bom.

— Só peguei uma raquete a sério aos 18 anos. No meu primeiro ano em Princeton eu era do time de basquete.

— Dezoito. Tarde.

— Antes tarde do que nunca.

Ambos ignoravam Willy, que fuzilava com os olhos seu novo amigo, *o profissional*. Devia ter percebido. Na entrada do prédio dela, calos ásperos na palma da mão direita dele arranharam seu pescoço. Ele não chegou ao Sweetspot carregando uma raquete, mas três, e, enquanto ele guardava a Prince dentro da caríssima capa acolchoada, ela reconheceu a clássica assimetria de seus braços: o direito tão mais desenvolvido que o esquerdo, o que sugeria uma tendenciosidade, como se tenistas dessem peso demais, literalmente, a uma parte de sua vida.

— Vou te mostrar onde ficam os chuveiros — ela se ofereceu.

Eric não reagiu. Seus movimentos eram irregulares, suas atitudes bruscas. Da última vez que fora vencido, ficara exultante; talvez devesse deduzir por sua truculência que ele havia ganho a partida.

Ao caminhar com o convidado em direção aos vestiários, Max sinalizou para que ela voltasse.

— Eu sei que os golpes dele são toscos — avisou em voz baixa. — Vulgares. Mas desconsiderando o que não presta, o garoto sabe jogar.

* * *

ARRASTANDO-SE PELO CAMPO, ERIC andava à frente, perdendo-se nos passos naturalmente largos de um homem de pelo menos 1,88 metro. Estavam encurralados no silêncio incômodo de duas pessoas que jogaram tênis, mas não juntas. E Willy mal podia conversar sobre uma partida que se recusara a acompanhar com tanta agressividade que nem sequer sabia quem havia ganho.

— E agora? A gente é obrigado a engolir uma gororoba de bandejão com um bando de mimados e idiotizados atletas do futuro?

— Tem um restaurante italiano na cidade. O Max pode nos emprestar um carro.

— Upchurch pode emprestar um carro a *você* — Eric chutou uma erva no caminho.

— Para um esporte que faz parte de suas próprias aspirações, você não parece ter muito respeito pelo pessoal que o joga.

— Você respeita *essas pessoas*? — indagou ele, incrédulo.

— Talvez *respeito* não seja a palavra certa. Mas o jogo em si…

— É um negócio totalmente possível. Às vezes você derrota as pessoas com as próprias jogadas que elas fazem, não por achar que são essa maravilha toda, mas exatamente por não achar.

Apertando o passo para não ficar para trás, Willy ficou hipnotizada pelas pernas compridas, relaxadas, que ganhavam o chão com uma autoconfiança displicente. Óbvio que era conveniente para ela defender o grupo com que andava, mas por um instante o desprezo de Eric foi libertador. Ele tinha razão, de certo modo. A altivez com que grande parte dos jogadores falava de sua vocação era insuportavelmente pretensiosa. A maioria de seus "colegas" era tacanha, tola e traiçoeira. Só desejavam a Willy a derrota, e, na verdade, ela não lhes devia nada. Apesar de, dentro de sua cabeça, sempre ter tentado separar o esporte de seus jogadores, Eric a seduziu com a liberdade eufórica de enxergar até mesmo o tênis como "um negócio totalmente possível", uma habilidade que ela havia dominado, mas que não a dominava. Pois a reverência de Willy pelo tênis era uma tirania — quanto mais importância lhe dava, mais isso a oprimia quando ela ficava aquém dos critérios inflexíveis do esporte. Qualquer homem que o encarasse como a distração corriqueira teria um poder especial.

Sobre o gramado impecável, Eric esticou o braço em direção à escola. Daquela distância, suas belas casas neocoloniais tinham um ar artificial e refinado, bem ao estilo da Nova Inglaterra.

— Esse pessoal me dá vontade de vomitar.

— Então por que você quer…

— Para dar uma surra neles, no ponto em que dói mais.

— Você não acha que tem algo de especial numa pessoa que joga tênis de uma forma espetacular? — perguntou Willy, tensa com a possibilidade de que unir-se a ele na censura àquelas pessoas não significaria necessariamente que não seria enfiada no mesmo balaio.

— Eu acho que tem algo de especial na forma como você joga tênis — ele parou. — Ou talvez eu ache que tem algo de especial em você, e foda-se o tênis.

Fazia muito que Willy enxergava a si e a seus golpes como sinônimos.

— Ame a mim, ame meu jogo — disse ela, com cuidado.

Ele deu uma batidinha na parte de trás da cabeça dela com a palma da mão.

— Você não regula bem.

* * *

— A GARÇONETE SABE o seu nome — Eric disparou.

— Não há muitas opções em Westbrook.

— Com quem você veio aqui?

— *Várias* pessoas — declarou Willy, impassível.

— Hã-hã — ele garfou quatro anéis de lula de uma só vez e os afundou no molho apimentado.

— Você se considera um homem ciumento?

— Não muito. Mas quando a situação exige ciúme, eu dou conta do recado.

O Boot of the Med a intimidava. Teve dúvidas quanto a jantar ali enquanto estavam no carro. O esconderijo antes lhe parecia tão mágico, apesar das luzes vermelhas berrantes e do clichê que eram as garrafas de Chianti usadas como castiçais. Talvez tivesse sido melhor deixar o passado quieto, e não desiludir-se pela descoberta de que aquele local era uma espelunca cafona com comida ruim.

— Desculpe por ter te deixado esperando na quadra hoje — Willy cedeu, preparada para ouvir dele que não se importara.

— É só não deixar isso acontecer de novo — declarou Eric, no entanto, e não esperou que o assunto seguinte fosse introduzido com elegância. — Crianças grandes feito Max Upchurch me irritam. Eles ganham montes de dinheiro vivendo do que, num mundo sensato, é uma diversão para as horas de lazer, bom, tudo bem. Acho que não foram eles que inventaram as regras.

Willy sorriu.

— Max inventou as regras. Ele brigou para tornar Wimbledon um torneio de tênis aberto.

— Então ele é um vigarista. Não é contra a lei. Mas o que me incomoda é que esses musculosos já passaram dos quarenta e esperam que as menininhas fiquem cochichando: "Ele já foi o número seis!" Eles convencem todos os pirralhos que já conseguiram jogar uma bola para o outro lado da rede com a ajuda de um guindaste que podem sair esnobando de limusine antes de completar 20 anos. Enquanto isso, os pais pagam 20 mil dólares por ano por uma educação de terceira categoria. Está bem, vou fazer uma concessão a Upchuck: para um coroa, ele ainda joga bem. Ele me venceu quando eu ainda estava frio e acho que eu nem dificultei as coisas para ele. Eu tentei. Mas não gosto do jeito como ele age, como se fosse seu dono, e não gosto do jeito como ele te toca e antes que eu me aprofunde mais no assunto é melhor você me contar o que está acontecendo.

Willy descobriu-se feliz por Max ter ganhado. *Aqui*, ela tinha mostrado a Eric. *Este é o meu treinador: a excelência dele é a minha excelência. Considere a derrota contra ele uma prova do meu valor frente ao seu*.

Três

— Então, o quê, o upchuck vem trepando contigo desde que você tinha 12 anos? — Eric quebrou um *grissini*.

— Só nos conhecemos quando eu tinha 17 — Willy cruzou os braços diante da massa borrachuda que Eric terminaria por ela.

— Então já tinha passado da idade determinada por lei. Muito íntegro da parte dele.

— De tal modo que chega a ser irritante, se é que você quer saber.

— De qualquer forma, como você acabou ficando com ele?

— Max foi a consequência inesperada da determinação que meu pai tinha de que eu não me tornasse profissional. Max e eu estávamos tirando férias para compensar o vazio do mundo.

* * *

Ao se tornar a amadora número três dos juniores de Nova Jersey aos 16 anos, Willy havia esgotado boa parte das competições locais, mas não obtivera financiamento nem folga do colégio para participar de torneios longe de casa. Já que o Aberto dos Estados Unidos seria ali perto, em Flushing Meadow, em 1986, Willy esperava deixar de lado a vida de boleira para fazer uma última tentativa de ganhar o título de júnior, ainda que isso significasse avançar com dificuldade através das rodadas de qualificação. Naturalmente, foi no mesmo verão que seu pai decidiu levar a família numa viagem de carro pelo país, para a qual Willy foi sumariamente arrastada.

Ultrajada por lhe ter sido negado o National Tennis Center, ela passou as longas e calorentas viagens encurvada no banco traseiro, calada. Willy boicotou principalmente Gert, que fizera uma cena desmedida em torno do

fato de que se dispusera a embarcar na viagem mesmo estando no segundo ano de faculdade e insistira para que Willy fosse, como dizia Gert, *mádura*.

Willy não foi *mádura*. Deixou a família presa numa lojinha de suvenires do monte Rushmore para dar uma corrida de dez quilômetros. Seu único interesse era achar um hotelzinho com quadra e completar todas as visitas abomináveis aos pontos turísticos do dia antes que escurecesse e ficasse tarde demais para conseguir um parceiro de jogo. Assim como os colegas da aula de tênis da escola, nem Gert nem o pai jogavam mais com ela.

Chuck Novinsky era pão-duro, mas o número limitado de vagas nos hotéis de Nevada o levou a um lugarzinho de luxo. Ao menos o Oasis iria aplacar a filha caçula, já que possuía três quadras de tênis.

O *resort* também empregava um profissional que morava no local, um antigo tenista que chegou à posição seiscentos e alguma coisa no ranking e que caçava turistas ricos que desejavam perder as calorias do sorvete que comeram de tarde. Embora Ed Sanders procurasse esquecer as amarguras com o rum, ele se empertigava ao caminhar por aquelas três quadras de piso rápido como se fizesse uma segunda mesura no Foro Italico. Como Willy comentaria mais tarde com Max Upchurch: "Em terra de cego quem tem um olho é um babaca."

Willy ignorou o enxame de malas velhas e pirralhos do saguão e foi direto procurar Sanders. Ele estava praticando o serviço; todos os seus topspins enfurecidos aterrissaram 60 centímetros dentro da área de saque.

— Ei, senhor — Willy se aproximou da linha de fundo onde ele estava. — Vamos jogar?

— Eu cobro 60 dólares por hora, meu bem. Melhor ver com o seu pai antes. — O sorriso do grandalhão foi de graça.

O Oasis já estava levando o pai à falência. Com o custo adicional dos conselhos imprestáveis de um charlatão, o pai teria um acesso de fúria.

— Vou te fazer uma proposta — Willy declarou, jogando a raquete Wilson de uma mão para a outra. — Se você ganhar, eu te pago o dobro. Se eu ganhar, você me paga.

— Está bem, gatinha. Vamos começar.

Naquela época nem uma nuvem de hesitação fizera sombra à certeza ensolarada de Willy de que ela era capaz de cobrir toda a quadra. De vez em quando supunha que, caso tivesse mantido a sensação adolescente de

superioridade, a essa altura já poderia estar entre as dez melhores. Era espantoso como a autoestima cega poderia fazer alguém chegar longe, ainda que seja possível argumentar que a fanfarronice era infundada. Pois Willy cometera, quando adolescente, o erro comum de confundir mero potencial com excelência.

— Eu não era tão boa quanto imaginava — contou a Eric. — Mesmo assim, jogar contra Ed Sanders era como tirar doce da boca de um adulto.

Quando a conta chegou no Boot of the Med e Willy se abaixou para pegar a carteira, Eric ergueu a mão. Ao que parecia, ele pagaria contas por gentileza, mas não por obrigação.

— Na metade dessa partida vapt-vupt-valeu-e-tchau — retomou ela no carro —, apareceu um rosto atrás do alambrado. Que nem você. Olhos pequenos e brilhantes, os dedos enganchados nos buracos da cerca. Eu fiz um espetáculo para o cara. Eu estava com tanta raiva. O torneio eliminatório dos juniores estava começando no Queens, e ali estava eu, olhando o deserto do Arizona passar pela janela do carro.

"Eu não tinha ideia de quem era o cara. Quando ele viu o Sanders me pagando os 60 dólares, ele me perguntou se eu estava cansada. Então eu pus os 60 em jogo outra vez, imaginei que eu fosse sair dali com o dobro. Nada disso. Dessa vez eu levei uma surra. Estava jogando contra Maximilian Upchurch. Ele me pôs no meu lugar, o que na época era a única forma de chamar minha atenção.

"Max pegou os 60 dólares para me ensinar uma lição. Depois me pagou um refrigerante e fez um interrogatório sobre meu treinamento. Foi um enorme alívio encontrar alguém que se importasse com isso. Meus pais e meus professores estavam me pressionando a aprender o teorema de Pitágoras; eu nunca tinha tido uma conversa séria a respeito do meu forehand. Eu me senti o patinho feio que finalmente conhecia um cisne."

Willy estacionou o carro da escola no Sweetspot. Caminhando devagar, ela instintivamente se dirigiu às quadras.

— Nos encontramos no piano-bar naquela noite — tagarelou. — Max e eu estávamos no mesmo barco. A mulher dele tinha se recusado a passar mais um verão sendo arrastada de torneio em torneio, comprando pipoca para os clientes dele. Ela queria férias de verdade, onde nada tivesse relação com tênis. Para salvar o casamento, ele concordou.

— Minha mulher não tem interesse algum por tênis — ele havia explicado a ela. — Ou melhor, retiro o que eu disse. Ela odeia tênis. O que eu imagino que seja uma forma de interesse.

Willy tocou na questão sagrada.

— Como alguém casa com um treinador de tênis e detesta o esporte?

Max dera um sorriso triste.

— Você é nova demais para entender, mas faz todo o sentido. Ora, é quase inevitável — ele se deleitava com a ingenuidade dela. Max lhe falava de qualquer assunto, como se estivesse fazendo confidências a um cachorro.

— Mas seria de se imaginar que ficar contra o tênis é a mesma coisa que ficar contra você.

— Dã — ele respondera.

Parecia que o casamento dos Upchurch não estava se fortalecendo nas paisagens edificantes da região que escolheram, já que, todas as noites, Max devorava o jantar e voltava correndo ao hotel a fim de procurar Ivan Lendl nos canais de tevê a cabo. Para adiar programas do tipo comer no Taco Heaven e ver os bordados de contas dos navajos, ele fazia hora nas quadras públicas para descobrir talentos locais. Mas o fato de ele ter transformado as "férias do tênis" numa tentativa de descobrir novos juniores foi a gota d'água. Ao fim da hospedagem do casal no Oasis, Max estava livre para seguir o Chrysler dos Novinsky até Yellowstone, já que a mulher pegara o avião de volta a Hartford para pedir o divórcio.

— Então, quando você voltou a Nova Jersey — Eric cutucou enquanto Willy o conduzia pelas quadras do Sweetspot —, Max fez a proposta.

— De ser meu *treinador*, idiota.

Estacionado na entrada da casa da família em Montclair, Max ofereceu um contrato a Willy: ele a treinaria *pro bono* em troca de vinte por cento dos lucros que ela obtivesse em seus primeiros cinco anos de carreira profissional.

— Você é bonita — ele dissera com cinismo, encostado em seu Saab Turbo. — O dinheiro vem dos patrocinadores. Seu rosto venderia — Max a examinara dos pés a cabeça com um olhar clínico, como se ela fosse uma cabeça de gado. Por vários meses depois disso, ela ficaria mais temperamental do que lhe era natural, nem que fosse só para ser reconhecida como uma garota.

— Max me ofereceu uma bolsa integral no Sweetspot no meu último ano na escola — Willy abriu o portão do alambrado com um chute. — Mas meu pai nem quis ouvir.

— Upchurch o deixava nervoso.

— As preocupações dele se mostraram injustificáveis. Ao contrário das sórdidas suposições que você está fazendo, Max nunca encostou um dedo em mim. E eu estava morrendo de vontade que ele encostasse. Eu sempre ficava deitada na cama, de noite, fantasiando que eu ganharia um torneio importante e o Max sairia correndo da arquibancada e me levantaria no ar…

— Como eu fiz.

— Como você fez — confirmou ela, acanhada. — Mas em nenhuma vez ganhei mais que um tapinha no ombro e um gole de Gatorade — mesmo agora, sua voz era melancólica. — De qualquer forma, tive permissão para tomar o ônibus para Connecticut nos fins de semana se eu prometesse fazer uma faculdade. Mais tarde eu tentei quebrar o acordo, mas Max ficou do lado do meu pai. Max disse que não estava preparando uma imbecil. Depois fiquei me perguntando para o que ele *estava* me preparando. Ele não pressionava os outros alunos para que fossem para a faculdade.

— Mas até agora eu não entendi por que não estou conversando com a segunda senhora Upchurch. Este é o plano habitual.

— Ele estava esperando. Queria que eu tomasse uma decisão sensata, como adulta. Esse foi o erro dele.

As quadras desertas estavam iluminadas somente pela lua, e Willy desabou no chão daquela que, sem nenhum motivo lógico, era a sua preferida. Espalmou as mãos, absorvendo o calor do piso.

— Naquela primavera, a tensão já tinha se tornado insuportável — ela prosseguiu, encostando-se à cerca. — Ele parava do lado de fora do vestiário feminino e repetia alguma dica de tênis que eu já tinha ouvido milhões de vezes, só para continuar a conversa. Ou fazíamos hora nos arredores do meu dormitório antes de eu ir para a cama e tínhamos de ficar um pouco distantes porque se chegássemos mais perto um do outro teríamos de fazer alguma coisa — ela deu de ombros. — Então, finalmente fizemos alguma coisa.

"Mas não durou muito tempo — continuou, em voz baixa. — Semanas. Ah, não vou fingir que as primeiras noites não foram um sonho que virou realidade. Mas durante o treino nada era igual. Começamos a discutir. Eu me

recusava a aceitar os conselhos dele; não gostava que me desse ordens. Tenho certeza de que ele já tinha mandado eu 'mexer minha bunda gorda', mas de repente isso me ofendia, e eu ia embora pisando forte, zangada. Então, em uma manhã de maio… Ainda fazia frio, eu acho. Eram 8h30. Tarde para mim. Fui me levantar e ele esticou o braço e murmurou: 'Está frio. Volta para a cama.' Este foi o fim."

— Não entendi.

— Não estava frio. Não tanto assim. E que importância tinha se estivesse 5 graus negativos? Era hora de treinar, e ele não estava mais nem aí para isso. Comecei a questionar tudo: por que ele me escolheu em Nevada, se ele me achava mesmo talentosa ou se só gostava das minhas pernas. Ao considerar o passado, os raros elogios que ele me fizera pareciam cantadas. Estava convencida de que os outros jogadores estavam rindo de mim pelas minhas costas. Por muitos anos eu pensei que Max era a única coisa que eu queria. Mas eu queria uma outra coisa ainda mais.

Willy se deitou na quadra, o calor do chão empapando sua calça jeans e a blusa de algodão. Eric se curvou sobre ela e expirou.

— Você está me avisando que é melhor eu não ficar do lado errado de sua raquete?

Mas, imprensada entre Eric e a quadra sete, Willy teve pela primeira vez a intuição de que talvez fosse possível ter um homem de um lado e o tênis do outro.

— Vou te dar uma dica — murmurou ela. — Eu prefiro jogar tênis a fazer sexo.

— Eu prefiro jogar tênis — disse ele, puxando a blusa dela para fora do jeans e deslizando a mão por seu tórax — *e depois* fazer sexo. — Ele era formado em matemática, um homem calculista; tirou uma embalagem de papel laminado do bolso.

— Aqui?

Eric a colocou em cima dele.

— Há anos eu quero fazer isso. Afinal, tênis é que nem sexo, não é? Acho que é por isso que você gosta. Investir contra a rede… a bola é apenas uma intermediária, uma mensageira do amor e do ódio em um só objeto. Esse antagonismo… vocês são rivais, mas precisam um do outro. Preste atenção na linguagem! *Corpo*, *ponto doce* e *coração* da raquete. *Cabo* e *haste*, *atacar* e *fatiar*, *bater*

e *penetrar*… é pornográfico! — Eric arrastou a Levi's dela pelas coxas. — *Aproximação* e *defesa*, *quebrar o serviço*, *devolver a quebra de serviço*, *rebater*, *reconquistar a posição* e *iguais*… é romântico. E nós dois conhecemos o barato libidinoso que dá quando a gente finalmente encontra o parceiro certo, e como um melhora o jogo do outro. Você nunca imaginou ser tão boa, e as pessoas nunca acharam que você era tão boa, e mais do que ligar para quem vai vencer, você não quer parar… Caramba, Wilhelm — ele havia lhe segurado as nádegas, uma em cada mão. — Sua bunda é quase tão maleável quanto um pneu da Goodyear.

Willy encarou o fato de que também sempre quisera fazer isso naquele lugar. Devia significar alguma coisa que ela e Max nunca tivessem pensado nisso antes, como se percebessem que a número sete e a cama dele eram incompatíveis. Quando ela se soltou de Eric para tirar o jeans, ficar nua ali lhe pareceu normal. Sempre se sentiu nua jogando tênis, todas as manchas em sua personalidade à mostra: cada arrogância injustificada ou timidez nascente, o mínimo de preguiça, falta de entusiasmo ou de desespero. O corpo, em comparação, era uma proteção.

Em um único movimento Eric se livrou de sua camiseta preta velha, e assim revelou o insuspeito traço artístico do torso, da mesma forma como a elegância astuciosa de uma curtinha inesperada se esconde até o instante em que o jogador avança para dar o golpe. Apesar de Willy ter se entregado a uns poucos casos com outros atletas da universidade, a imbecilidade de suas conversas havia jogado uma mortalha sobre suas anatomias, os corpos idealizados tão prosaicos e inanimados quanto os desenhos num livro de medicina. Com mais de um Adônis ela continuou tão pouco excitada que tornou a vestir sua blusa e arrastou-se até o próprio dormitório. Willy imaginara que era preciso haver algum defeito sofrível — barriga flácida, cicatriz de extração de apêndice — para ela ficar interessada. Mas, apesar de Eric não ter nenhum defeito digno de nota, o movimento intrigante dos seus ombros refletia o luar de um lado ao outro, assim como as faces de um globo espelhado, ou uma série de ideias complexas, interligadas.

Eric tirou a própria calça jeans, apoiando-se em uma perna e depois na outra. Parecia gostar que ela o observasse. Em geral, Willy achava o pau, tanto sob a forma de botão enrugado quanto na forma pulsante, apontada e estranhamente desconexa, ridículo. Mas o de Eric, a meio mastro, pendia sobre

sua coxa naquele estado sem pressa e luxurioso de excitação que era o mais encantador em um homem.

Ao chutar as roupas para o canto e seguir lentamente em direção a ela, que estava encostada na rede, Eric não ficou se exibindo, encolhendo a barriga e inflando o peito, gestos que aprendera a associar à vaidade dos atletas que tiravam as roupas. Ao mesmo tempo, a confiança de seus passos largos e a ironia de seu sorriso demonstravam bastante vaidade. Mas aqueles corpos rijos e enxutos flexionavam os deltoides como se tentassem compensar outras deficiências. Peitorais triangulares eram tudo o que tinham a oferecer e, portanto, pareciam insignificantes, como canapés solitários numa travessa muito mexida. Eric Underwood, por outro lado, despia seu corpo como se ele fosse uma imprevisibilidade agradável, assim como receber de brinde o estofamento de couro ao comprar um carro.

Eric talvez considerasse o próprio físico algo trivial, mas Willy estava admirada com ele. Admiração em geral não era um sentimento predominante em sua vida, e carregava a sensação com certo incômodo. Examinou o corpo dele em busca de algum defeito que lhe tranquilizasse. Os pés eram compridos, mas aquele corpo delgado pedia pés grandes. De modo geral, Willy estava satisfeita com a própria aparência: era firme e graciosa. Mas à medida que Eric se aproximava à luz do luar, Willy ficava mais consciente do fato de que seus seios, embora pequenos, eram caídos o bastante para não passarem no teste do lápis. Repetiu para si mesma que estava em boa forma, que todas as mulheres tinham uma camada de gordura subcutânea; quando Eric pôs as mãos em sua cintura, Willy ouviu dentro de sua cabeça exatamente esta expressão: "gordura subcutânea". O tronco dela era macio e suave, sem aquelas ondulações engenhosas, serenas, que refletiam no peito dele. Eric suspirou ao passar a mão pelos quadris dela, mas Willy achava seus culotes grandes demais e lhe invejou o traço reto, paralelo, que descia até as coxas.

A embalagem de papel laminado na palma de sua mão direita arranhou quando ele lhe acariciou a lateral do corpo. Sob a sombra de cabelos escuros, os relevos dos antebraços dele eram realçados, enquanto os dela, alvejados pelo luar, pareciam lisos como os de uma boneca de papel. Ele desceu a mão esquerda do quadril até sua coxa, mexendo os dedos para cima e para dentro, e ela entrou em pânico por aquilo que ele poderia encontrar entre suas pernas que fosse capaz de competir com todo aquele quinto membro que se curvava

contra sua barriga. Talvez, num estado suficiente de transe, fosse impossível conceber que um sexo tão fascinante pudesse ser atraído pelo seu.

— Oberdorf — disse ele, enigmático. Ela não reconheceu as sílabas, que pareciam uma fórmula mágica, um abre-te, sésamo das *Mil e uma noites* que deslocaria rochas de cavernas.

— O quê? — seu tom de voz era fraco e vago.

— Meu sobrenome é Oberdorf — anunciou ele. — "Underwood" é presunto apimentado.

Algo neste novo sobrenome a oprimia. Underwood era uma paixão cega superficial, facilmente manipulável que seguira seu encalço até Westbrook com base em uma refeição cubano-chinesa; um rapaz estranho que no devido momento poderia mostrar que era uma peste, mas que poderia lhe ser útil como forma de se isolar da ameaçadora decepção de Max Upchurch. O telefone de Underwood seria rabiscado num pedaço de papel, mais tarde jogado fora por acidente. Um Underwood lhe mandava flores que ela esquecia de regar. E Underwood era um jogador de tênis corajoso, mas desengonçado, e totalmente esquecível. Underwood não teria nenhuma chance no tênis profissional — mas com um nome destes, um Oberdorf poderia melhorar.

— Eric Oberdorf — ela disse baixinho. A descoberta de seu nome verdadeiro parecia satisfazer algo que ele esperava, e ele rasgou a embalagem.

Se camisinhas outrora indicavam consideração pela garota, este não era mais o caso; e ali estava Willy, se rendendo a um homem que conhecia tão pouco que não era capaz de saber se ele teria se importado em protegê-la de uma gravidez caso não estivesse, acima de tudo, protegendo a si mesmo de doenças. Nem saberia dizer se ele tinha carregado contraceptivos com a arrogância específica de esperar foder com ela ou se simplesmente ia para todos os cantos com a arrogância genérica de esperar foder alguém. Mas era tarde demais para pensar em quê estava se enfiando porque algo já se enfiava nela.

As costas de Willy imprensadas contra a rede; as cordas gemeram. Eric Oberdorf a levantou para apoiar as costas dela na fita, se agachou, se levantou e fechou os olhos. Consequentemente, Wilhemena Novinsky descobriu como era uma partida sem o intermédio de uma bola de tênis.

* * *

NA MANHÃ SEGUINTE, WILLY insistiu que Eric fosse embora. Ter trazido ali um homem em quem fingia estar interessada era uma cafonice; esfregar um homem em quem estava de fato interessada no nariz de Max era sadismo. Eric partiu, ela treinou com Max naquela tarde, na quadra número sete, com um sorriso irreprimível. Na sua cabeça, as cordas da rede mantinham a ondulação reveladora da pressão de suas costas, e ainda a ouvia ranger com seu prazer. Embora Willy tivesse tramado a interseção de seus caminhos, agora estava decidida a manter os dois homens o mais distantes possível.

— Você está batendo bem — Max acusou. — Acima do normal.

Willy implorou para ir embora um dia antes, sob a alegação de que precisava enviar documentos para um torneio satélite* em agosto, mas na verdade queria experimentar novamente o tênis sem bola.

---

* Torneios satélites eram torneios profissionais menores e de menos importância válidos pelo ranking mundial. Circuitos do ITF (International Tennis Federation) jogados em quatro semanas, contavam pontos para os rankings da ATP (Association of Tennis Professionals) e da WTA (Woman's Tennis Association). Foram extintos depois da temporada de 2006. Esses torneios são agora chamados de "Challengers" e "Futures". (*N. do R.T.*)

Quatro

EM SEGUIDA VEIO O JOGO, EM TODOS os sentidos. Depois de Willy ter acabado de perder na semifinal da Fresca Cup, em Dayton, Eric foi buscá-la no aeroporto de LaGuardia com sua raquete Prince na mão e arrastou-a direto do táxi para o Riverside Park. Como ele conseguia devolver a maioria das bolas, tanto usando o punho quanto arquitetando ou decidindo o ponto, ela foi obrigada a concordar com Max que, embora a técnica de Eric fosse rústica, em algum lugar daquele Neandertal havia um jogo de tênis.

Quanto ao jogo fora das quadras, ele não era orgulhoso, ou foi o que pareceu quando anunciou que, à exceção de seus próprios torneios, ele estaria à disposição dela. Eric não tinha vergonha de ansiar por vê-la todos os dias em que ela estivesse na cidade e, em vez de enfatizar que tinha amigos e diversas questões profissionais que precisava resolver, ele se dispunha alegremente a deixar de lado quaisquer outros fatores caso ela tivesse tempo para ele. No começo, essa carta branca lhe pareceu uma abnegação descarada, humilhante e tola, e achou que não duraria muito.

Eric a pressionava com convites para um espaguete com seu colega de quarto, ou para comerem uma pizza no almoço, e estava sempre disponível para treinar no parque, mesmo quando isso significava cancelar com outros parceiros de jogo. Como se fossem cartas de baralho, ele dispôs diante dela um leque de ingressos para todas as noites do Aberto dos Estados Unidos, e lhe deu a liberdade de escolher em quais gostaria de ir. E era atencioso de uma maneira que, de certo modo, era mais significativa, já que seus gestos eram comedidos e espontâneos; ele não esperava tapinhas nas costas. Se ele preparava um drinque para si no apartamento dela, ele mesmo enchia a forma de gelo. Trocava o saco da lata de lixo sem que ela lhe pedisse, lavava a própria xícara de café e nunca deixava gotas de pasta de dente na pia. Em uma tarde de agosto, quando ela estava correndo para fazer as malas para o torneio satélite, em Norfolk, e não tinha meias limpas, ele foi até o porão com seus

shorts e regatas sujos e voltou com as roupas lavadas e dobradas e os pares de meias casados.

Nas noites em que saíam juntos, o novo namorado de Willy aparecia na porta de seu apartamento com lembrancinhas — um lenço de seda do mesmo tom de carmesim de seu suéter predileto, ou uma fita cassete de Janis Joplin que ele mesmo havia gravado, escrevendo na etiqueta da caixa o nome de todas as canções. Os presentes eram sempre pequenos, baratos e lindamente embrulhados.

Willy havia crescido entre inimigos e, de início, via sua generosidade com desconfiança. Se Eric estava tentando lhe arrancar alguma coisa, sentia-se obrigada a evitar que ele conseguisse. E Willy havia desenvolvido o desprezo instintivo que muitas mulheres nutrem em relação à gentileza. Homens que a tratavam com excesso de bondade eram otários. Porém, num almoço em que Eric lhe arremessou um pote novo de maionese, ela ficou sem ação. Que ele tenha se lembrado de comprar os condimentos que usavam para fazer sanduíches era uma delicadeza. Que ele tenha reparado que o pote dela estava raspado até o fundo era atencioso. Qual era o problema? Ela preferia um grosso, um parasita, um homem detestável que não lhe desse a mínima atenção? Enfim Willy ponderou a ideia de que não havia nada de errado com a gentileza, mas sim algo de errado nela.

Portanto, no encontro seguinte, bastante acanhada, Willy entregou a Eric um pacote. Pensar em um presente foi difícil, e por mais que a modéstia dos presentes de Eric fosse sempre cativante, a trivialidade de sua própria lembrancinha lhe parecia avarenta. Ela não parava de se desculpar. Era apenas uma camiseta do Sweetspot, e talvez tivesse sido insensível: Eric não tinha, afinal de contas, muito tempo para a escola. Mas Eric ficou eufórico, e insistiu em usá-la para irem ao Flor de Mayo. Na verdade, ele passou dias usando a camiseta, até que ela já estava imunda e fedida. Willy não se importava. Estava orgulhosa de si. Até se perguntou se, mais do que uma tentativa de agradá-la, todos aqueles pequenos gestos de Eric não eram uma forma de ensiná-la o conceito de reciprocidade.

Além disso, no decorrer do verão, Willy foi compreendendo que a estratégia do pretendente se baseava não na auto-humilhação e sim na presunção. Eric Oberdorf era um homem obstinado que, ao se debruçar sobre um projeto, não cedia até que seu objetivo fosse atingido. Ele não cortejou Willy preocupado

em se proteger, pois jamais lhe ocorreu que poderia fracassar. Essa tendência em lutar, sem reservas, com todas as armas contra o que não lhe poderia ser negado era ao mesmo tempo cativante e inquietante. Para Willy, obter qualquer coisa que ela desejava significava passar por cima do cadáver de alguém. Mas Eric não dava sinais de que alguém já tinha lhe atravessado o caminho. Simplesmente era mimado.

Embora Eric se gabasse de poucas ex-namoradas, ele era dado a arroubos de outros tipos. No início da adolescência, mergulhara de cabeça na política, dedicando-se à campanha pela reeleição de Ronald Reagan, em 1984. (Para o horror democrático de Willy. Ao contrário da maioria dos judeus de Nova York, os Oberdorf eram republicanos. Enquanto as campanhas de Clinton e Bush pegavam fogo, as pelejas eleitorais entre ele e Willy eram sempre interrompidas quando Eric se admirava ironicamente com o fato de que, apesar de ser uma tenista profissional, ela sabia quem estava concorrendo à presidência.) Aos 14 anos, Eric passava as tardes dos dias de semana distribuindo panfletos pelo Upper East Side, seu bairro, depois das aulas no Trinity. Suas redações de colégio detalhavam como aumentar o orçamento da segurança, diminuir os impostos e ainda assim reduzir a dívida nacional — trabalhos que prognosticavam sua habilidade com números imaginários em Princeton.

Mais tarde, Eric ficou obcecado por basquete. "Rick, o Seboso", ao que parecia, ainda era uma lenda em Trinity. Quando, em uma caminhada pelo Riverside, ele e Willy depararam com uma partida brutal de quatro contra quatro em que faltava um jogador, ela teve a oportunidade de verificar que Eric era ótimo em enterrar a bola na cesta. Apesar de ter que lutar com adolescentes enormes e de boca suja, fervilhando em seus músculos ágeis, Eric fez mais pontos que qualquer outro jogador de seu time. Notadamente, Willy não viu problema algum em assistir-lhe enterrando a bola, em contraposição a acompanhar a partida de tênis entre ele e Max. Meu Deus, Eric era gracioso, tão preciso e veloz; seus dribles eram cômicos, mas eficazes. Willy gritava: "Manda ver, Seboso!", e teve tantos arroubos de aplausos espontâneos que o deixou envergonhado; ela estava saboreando não somente o jogo em si, mas também seu próprio sentimento: uma adoração pura, que fluía livremente.

Estava claro que Eric se sobressaía no que quer que resolvesse fazer. O diploma *summa cum laude* indicava a Willy que, quando ele se concentrou na

matemática, em Princeton, tornou-se perito em equações. Na verdade, ele exalava uma tranquilidade aritmética até na quadra de tênis, onde mantinha o distanciamento implacável de um programador que insere informações num banco de dados; as derrotas nada eram além de dados, fracassos não eram menos relevantes que vitórias para o gráfico que estava delineando em sua cabeça.

Basicamente, Eric Oberdorf gostava de jogar. Depois de chegar a esta conclusão, Willy contemplou uma visão mais cínica desse galanteio sem limites. Será que o romance era só mais uma competição para ele? Se Eric era propenso a paixões passageiras, será que Willy era apenas mais uma de uma sequência de diversões efêmeras? A capacidade do namorado de transferir suas energias arbitrariamente de um foco para outro era desconcertante. Para Willy, era inconcebível que alguém tivesse o objetivo de se tornar um tenista rentável sem que houvesse nutrido tal ambição desde os 5 anos de idade.

Willy prezava o fato de que Eric parecia se dedicar ao projeto com certa seriedade. Ele jogava todos os dias, por várias horas. Pela manhã, treinava com pesos leves dia sim, dia não, na academia Gold's Gym, além de pular corda oito mil vezes. Da mesma forma que ela, tinha reservado o ano seguinte inteiro para torneios satélites cada vez mais desafiadores. Apesar de sua classificação no ranking parecer péssima para um leigo, Eric tinha dado conta de acumular um punhado de pontos computados após a formatura, que se deu somente em maio, e durante seus sumiços em julho e agosto juntou muitos mais. A prateleira sobre sua cama era abarrotada de manuais e livros sobre a história do esporte; seu conhecimento a respeito de estatísticas e astros e estrelas do tênis era enciclopédico. Mas, apesar da completude louvável, Willy tinha dúvidas se essa adoção caprichosa do que para ela era uma paixão vitalícia deveria ser prontamente recompensada.

* * *

SENDO ASSIM, NO FLOR de Mayo — ou Flor de Maionese, como apelidaram a espelunca que frequentavam com regularidade —, Willy perguntou como ele se sentiria caso suas aspirações não se transformassem em uma carreira. Ela ponderou o que Eric, com sua pesquisa meticulosa, já teria confirmado: que

embora os dez melhores jogadores do mundo ganhassem 10 milhões de dólares por ano, a curva de lucratividade do tênis caía drasticamente. Entre o 11º e o 25º lugares no ranking, um homem conseguia em torno de 1 milhão de dólares por ano; uma mulher, Willy comentou em tom indignado, metade disso. Do 26º ao 75º, a renda anual de um tenista não passava de 200 a 300 mil dólares, embora isso dependesse da permanência do atleta no top 75, e, no tênis, manter sua posição pode esgotar um jogador. No entanto, depois do 125º lugar, não se podia esperar mais de 100 mil dólares anuais, e metade dessa quantia seria gasta em passagens aéreas de classe econômica e cafés da manhã caros em hotéis. Se não alcançassem o top 200, nenhum dos dois conseguiria mais que pagar as contas.

Impassível, Eric esticou o braço para pegar a sobra de arroz dela.

— Você paga seu aluguel, não paga?

— Aos trancos e barrancos. Ganhei 30 mil dólares no ano passado, e isso vencendo dois satélites. Cinco mil foram para o Max. Outros cinco para os gastos. Se você levar em conta que eu não pago pelo… pelo treinamento dele, pelo alojamento no Sweetspot… estou no vermelho. Como você está planejando se sustentar?

Eric procurou por pedaços de porco.

— Meu pai.

— O quê?

— Por que esse choque todo? Meu pai vai me bancar durante os dois primeiros anos de circuito. Se eu tiver sucesso, não vou precisar dele. Se não, faço outra coisa. Mas duvido que isso venha a ser necessário — Eric lambeu os dedos.

— Você não quer conseguir sozinho?

— Eu nunca falei nada de "conseguir sozinho". Eu falei que quero conseguir. Como vou atingir esse objetivo, pouca importância tem. Se você está dura e precisar viajar para Indianápolis, quem dá a passagem? Upchuck. Para mim, é o meu pai. Qual é a diferença?

Willy se calou.

Eric levantou o queixo dela.

— A profissão já é manipulada mesmo. Como se consegue pontos computados? Vencendo torneios que concedem pontos computáveis. Como se

entra em torneios que concedem pontos computáveis? Tendo pontos computados. Essa não é a única pegadinha. Como uma pessoa se sustenta jogando tênis? Entrando no top 200. Como se entra para o top 200? Dedicando cem por cento do tempo ao tênis, e, portanto, *não* se sustentando. Não dá para ir de um ponto ao outro com um emprego fixo, Wilhelm. Ainda é um esporte de elite. Sinto muito por seu pai não ter te apoiado, e fico contente, ao menos sob o ponto de vista financeiro, que você tenha o Max. Mas você não vai conseguir fazer com que eu me sinta mal por causa do meu pai. Patrocínio é o caminho.

Ela se acalmou, consumida por uma nova curiosidade.

— Underwood? *Por que* você quer jogar tênis profissionalmente? Depois de obter um diploma em matemática numa das melhores universidades do país?

— Você não sairia comigo se eu fosse um hacker, sairia? Já é motivo suficiente.

— Estou falando sério.

Eric batucou com os dedos.

— É desafiador. Me mantém em forma. Não ficaria chateado se eu ganhasse um bocado de dinheiro. E vou ter de me aposentar aos 40, no máximo, então vou poder ter uma segunda carreira.

— Você *gosta* disso? De ser obrigado a parar?

— Claro. Preciso de variedade. Fico entediado com facilidade. Quem é que gostaria de jogar tênis todos os dias, até os 92 anos?

— *Eu*!

— Bom, você é louca — disse ele de um jeito carinhoso.

— Meu Deus, tenho pavor da aposentadoria. Quando penso nos poucos anos que me sobram, tenho a sensação de estar no corredor da morte.

— Por que *você* quer ser profissional, Wilhelm?

— Que pergunta idiota é essa? — retrucou ela.

Eric riu.

— A mesma pergunta idiota que você me fez.

— No meu caso, é como perguntar por que eu insisto em respirar. Eric a olhou incrédulo.

— Na verdade, você nunca se fez esta pergunta, não é?

— Nunca — concordou Willy. — Eu não tenho uma razão para jogar, mas eu tinha certeza de que você teria. Eu sou uma tenista. Não consigo me imaginar fazendo outra coisa e continuar a ser eu. Se eu pensasse em explicações, elas viriam depois. Seriam apenas alguma coisa para dizer.

— Tudo bem, mas *falta de razão* geralmente não é uma coisa boa.

Willy teve a estranha impressão de que ele estava com inveja.

— Você cresceu com toda uma série de ambições — ela disse com calma, pegando-lhe a mão. — Política, basquete, matemática. A mim, você pode chamar de limitada, ou obsessiva. Eu sempre tive um único amor verdadeiro.

Os olhos dele se fecharam um pouco mais, e ele afastou os dedos das palmas de suas mãos.

— Você está me acusando de ser um diletante?

— Não estou te acusando de nada! — gritou Willy, exasperada. — Tenho certeza de que você tem muito mais facilidade em se adaptar a novas situações que eu. Você é brilhante em vários tipos de coisas, e isso não é de modo algum uma crítica. Mas a irracionalidade e a pouca franqueza em relação a mim mesma não são características só minhas. Pois você não chegou a responder a *minha* pergunta. E se acontecer de você não ser bom no tênis? E se os dois anos passarem e você continuar encalhado no top 800? Ou nem fizer parte do ranking? Isso acontece, e com bons tenistas. Como você lidaria com isso?

— Já disse — ele declarou. — Faria outra coisa. — Eric não costumava falar de boca cheia; a resposta embolada parecia proposital, como se ele mesmo não quisesse ouvi-la.

— Por exemplo?

— Sei lá — ele disse, lacônico. — E você?

— E eu, o quê?

— Se você não conseguir.

Willy ficou tentada a defender que 30 mil dólares não parecia muito, mas era bastante para a sua posição no ranking, e que estava começando a se sustentar, portanto já tinha, até certo ponto, "conseguido", ao contrário de algumas pessoas que ainda recebiam mesada do *papai*.

— Não consigo nem imaginar, eu… tento não pensar nisso.

— Exatamente — Eric limpou a boca com uma expressão professoral, como se de novo a tivesse testado e ela tivesse passado raspando. — Não

acredito em fazer planos para o caso de imprevistos. Pouca imaginação é uma coisa perigosa. Projete um futuro em que você está afundando, e, quando você se der conta, essa paisagem desoladora vai estar emoldurada e pendurada na parede da sua sala. Pendure pôsteres de viagens. E vai dar tudo certo. Eu vou conseguir. Nós dois vamos conseguir.

Ele limpou os grãos de arroz das mãos. Embora tivesse apenas um ano a mais que ele, dessa vez Willy se sentiu bem mais velha que o namorado.

* * *

O NTC (National Tennis Center), palco do Aberto dos Estados Unidos, havia adquirido certa reputação entre os jogadores — as plateias eram barulhentas e desrespeitosas; o estádio ficava exatamente embaixo da rota de voo do aeroporto de LaGuardia. Havia muito tempo que Willy fazia ouvidos moucos a tais críticas. Ela mesma, em quase todos os arremedos de torneios de que participara, fora obrigada a se concentrar em meio a buzinas de alarmes de carros, vans com alto-falantes anunciando sorvetes ou shows de rock ao ar livre que faziam o chão tremer. No que dizia respeito a Willy, o National Tennis Center era tão honrado e silencioso quanto a Basílica de São Pedro. Se Steffi Graf se queixava de não conseguir se concentrar ali, Willy Novinsky ficaria satisfeita em assumir seu lugar.

Willy adorava Flushing Meadow. Já tinha sido boleira ali, durante a era McEnroe, e, aos 15 anos, teve uma queda pelo rebelde volúvel do tênis. Desde então, sempre atravessava o cordão de segurança para dar um oi ao homem que ainda gerenciava a equipe de boleiros e o deixava a par do que estava acontecendo em sua carreira. Apesar de nunca ter competido ali, a familiaridade com os túneis e os vestiários, desconhecidos do público, lhe transmitia uma sensação de que era a dona do espaço. No NTC, ela ousava crer, como Eric fazia todos os dias com uma tranquilidade anormal, que a quadra central era o seu destino.

Com espanto, Willy foi levada pela mão, no dia 7 de setembro, não pelas rampas íngremes e em zigue-zague que levavam às fileiras mais altas da turba de arruaceiros, mas sim aos assentos sagrados junto à quadra, reservados para empresas e famílias de sangue azul. Aparafusadas nas costas das cadeiras, duas

placas de plástico brilhavam: OBERDORF. Já que virara um costume passar adiante, em testamentos, cadeiras permanentes do Aberto dos Estados Unidos, talvez um dia aqueles tronos pertencessem a Eric. Willy reconheceu que, do ponto de vista do beneficiário, ter privilégios não parecia, de forma alguma, um problema.

Willy e Eric, no entanto, pareciam destinados a ficar em lados opostos da rede. Assim como apoiara Reagan, em 1984, Eric prontamente se pôs a torcer por Stefan Edberg, o favorito incontestável e campeão do Aberto no ano anterior. Eric *sabia* que ela estava torcendo pelo desafiante, Larry Punt — um aspirante de classificação modesta no ranking que lutara para avançar no qualifying e chegar às oitavas de final.

— Você está na oposição de propósito? — perguntou ela. — Toda vez que a gente assiste a uma partida, você fica do lado do outro.

— É porque você tem um fraco pelos azarões, Wilhelm. Sempre que um pobre coitado de um preguiçoso está em 4.002º no ranking, ou está se recuperando de uma lesão que um dia vai colocá-lo fora das quadras para sempre, você fica do lado dele. Quem é que está na oposição?

— Já que a sua posição no ranking não é muito melhor que 4.002, você podia simpatizar com o tenista menos conhecido.

— Para a maioria das pessoas, isto aqui é uma diversão — murmurou ele, curvando-se para a frente. — Para você e para mim, é um exercício indireto. Portanto, é uma questão de com quem você se identifica. Se, mesmo por um acaso mirabolante, aquele molenga ali vencer esta partida, ele vai ser destruído nas quartas. Para que se afundar junto com o desconhecido na sua cabeça? Facilite a sua vida e se identifique com o favorito. Se você decidir partilhar do destino de um tenista menor, não há limite lógico. Faz tanto sentido quanto se imaginar como aspirante a boleiro.

— Eu trabalhei como boleira — ela declarou com frieza, puxando as mangas do suéter em volta de seus ombros e torcendo-o em um nó. — Edberg é insípido. Sueco típico. Não tem personalidade e a cara dele é tão expressiva quanto cimento endurecido.

— Quem precisa de personalidade com um voleio desses?

— O tênis devia ser um teste de caráter.

— Caráter, talvez. Personalidade, não.

— Qual é a diferença?

Eric adotou um tom de voz paciente.

— Personalidade envolve afetações do tipo "preciso usar minha bandana da sorte". Caráter implica mandar toda essa frescura emotiva ralo abaixo e pôr mãos à obra.

Ela se virou para Eric com espanto, pois o rosto dele havia adquirido a mesma intensidade rígida que adotava em quadra. Eric era um grande admirador da técnica, do jogo externo; e se o interno sequer existia para ele, deveria ser suprimido. Ao que tudo indicava, para Eric, os tenistas mais exemplares não existiam em si mesmos. Mas Willy se arrebatava com as tempestades de frustração, de dificuldade e de determinação redobrada que dominavam o rosto dos jogadores feito o clima de uma ilha. Para Willy, o jogo interno *era* o jogo — suas emoções podiam ser tocadas como um violino ou você poderia se tornar um joguete nas mãos delas. A solução de Eric não era domar as emoções, mas espantá-las. Caso ele mesmo conseguisse levar a cabo tal truque para sumir, se tornaria ou um xamã, ou uma máquina.

Quando ela se voltou para o jogo, Punt havia recebido uma advertência por jogar a raquete no chão. O azarão gritava com o árbitro, que, despreocupado, contemplava um avião no céu.

— Falta de classe — sibilou Eric.

— Mas o juiz errou!

— E não teria voltado atrás nem que o golpe do Edberg tivesse ido tão longe a ponto de quicar na nossa cesta de piquenique… Jesus, que explosão grosseira.

— Punt está perdendo por 5-1! Ele está com raiva.

— Então, se não sabe jogar tênis, podia pelo menos se comportar. Cabe a ele perder com dignidade.

— Uma derrota digna é sempre insincera, e, se eu estivesse sendo humilhada no que mais me importa no mundo diante de milhares de pessoas, eu também descarregaria no juiz.

Enquanto isso, Larry Punt dava tudo de si. Estava encharcado de suor e investia contra todas as bolas, mas, apesar da confiança, em vão. Pois Edberg estava pegando fogo e, com lobs profundos empurrava o rival para o fundo da quadra só para ver a bola passar por cima de sua cabeça. Willy tentou fazer com que Eric apreciasse, ao menos, o fato de que Punt não caía.

Eric deu de ombros.

— Melhora o espetáculo, mas não afeta o resultado.

— Meu Deus, quanto desprezo… ele está se matando em quadra…

— Silêncio! — ordenou uma mulher atrás deles.

— Fale baixo — murmurou Eric.

— Ah, quem se importa com o que a bundinsky acha?

— *Eu* me importo — repreendeu ele.

— Claro que sim; você se importa com o que os outros pensam, com as aparências. Toda essa palhaçada de esconder os sentimentos mesmo nas horas mais difíceis e você nem é inglês… — Willy caiu em prantos.

— Willy! O que há com você? — desculpando-se com os vizinhos, Eric a levou para fora da tribuna. — Querida — ele passou os braços em torno dela debaixo daquela que devia ser a única árvore frondosa do Aberto. — O que foi? Achei que a gente estava se divertindo.

Agora que Willy tinha tanto a dizer, não conseguia falar.

— Você só pensa em… — sua voz estava presa na garganta. — Você só pensa em… — ela teria de escolher as palavras com cuidado — …*vencer*.

Ela esperava o "Calma, calma, eu só penso em *você*, meu amor!" de praxe, mas ele riu, acariciou seu cabelo e disse:

— Ah, Willy. Não na mesma medida que você.

* * *

Os soluços cessaram e eles voltaram a seus assentos, onde Willy descobriu que já não desprezava Edberg com tanta intensidade quanto antes. Porém, no metrô, voltando a Manhattan, Willy se manteve quieta, optando por permanecer de pé e ler o Poema da Semana afixado no vagão mesmo quando dois bancos adjacentes vagaram.

— Pequena Miss Macho — Eric sussurrou em seu ouvido, balançando-se ao lado dela, enquanto encostava discretamente o indicador em suas costelas. — Não pode ser flagrada sentada.

Com isso ele tentava animá-la; mas ela não podia. Ainda sentia em sua boca o gosto amargo deixado pelo passeio.

— Satisfeito? — por causa do barulho dos trilhos, ela precisava berrar. — O zé-ninguém insolente foi triturado. Mais louros ao autômato.

— Estou delirando de alegria — declarou ele, se precipitando para sentar em um dos bancos. Eric não seria tentado a outro confronto em público, e pegou um *New York Times* que alguém descartara.

Willy se alarmou com a possibilidade de que, ao reviver a briga, tivesse ido longe demais e de que agora Eric não voltasse para a casa dela. Diante dessa perspectiva, um suor pegajoso brotou no seu rosto que perdeu a cor. O trem fez seus maxilares trincados se chocarem e os dentes estalaram. Quando Eric não saltou na estação Grand Central para pegar a conexão com a linha seis, seus joelhos fraquejaram de alívio a tal ponto que ela desmoronou no banco ao lado do dele, mesmo faltando apenas uma estação. Algo terrível estava acontecendo. Não deveria ter tanta importância se ele ficaria ou não na casa dela. Willy dormira muito bem sozinha durante boa parte de sua vida.

— Está bem, eu desisto! — declarou ele, batendo a porta do apartamento dela. — A verdade é que você está pouco se lixando para o Larry Punt. Então, qual é o problema?

Eric acendeu a luz do teto, e, sob a claridade, Willy sentiu-se pálida e exposta.

— Estou um pouco nervosa porque nós dois admiramos jogadores tão diferentes — afirmou ela, vacilante.

— Você gosta do Boris Becker? — disparou Eric, lançando-se no sofá.

— Sim, eu…

— Ahá! Temos alguma coisa em *comum*. Sente-se melhor?

— Tem um outro tenista sobre o qual talvez não estejamos de pleno acordo — Willy estava de pé, olhando as próprias mãos.

— Não vejo nenhuma outra maneira melhor de unir um casal do que a repulsa mútua pelo Andre Agassi, então, em quem você está pensando?

— Em mim — disse Willy, em voz baixa.

— Ei, vem cá — Eric esticou o braço e puxou-a para o sofá, em seguida, mudou de ideia quanto à luz do teto. Acendeu uma vela e neutralizou a claridade torturante.

— Você gosta desses tipos duros, estoicos — prosseguiu ela, com a cabeça deitada no ombro dele. — Mas eu bato o pé, dou pulos…

— E fala sozinha o tempo todo — ele terminou a frase por ela com um sorriso no rosto. — *Pega a sua raquete de volta! Mata esse filho da mãe! Manda ver nesse voleio!*

— Você está zombando de mim.

— É claro — ele lhe deu um beijo na testa. — Você me deixa fascinado quando está em quadra, você sabe disso.

— Mas você é tão contido. Nunca vi você mostrar qualquer tipo de emoção numa partida.

— Isso é ilegal?

— É desumano! Se o seu rosto nunca se altera com a humilhação quando alguém te obriga a engolir um ace, se você não sente nem um pingo de exasperação quando erra um drive simples, que você é capaz de acertar desde a primeira vez que segurou uma raquete… bom, então não sei como você pode ter sentimentos a respeito de qualquer outra coisa!

— Por exemplo?

Ela se contraiu.

— Sei lá, qualquer coisa…

— *Por exemplo?* — ele cutucou o seu pescoço, logo abaixo do queixo, onde sabia que ela sentia cócegas.

— *Eu!* — Willy se esforçou para não rir. — Eu, eu, eu! — ele passou a fazer cócegas em suas costelas, o que impedia que esta questão crítica fosse discutida com a sobriedade necessária. — Toda essa baboseira fascista sobre *controle*… e essa conversa fiada arrogante e antiquada sobre *dignidade*… — ela se afastou dos braços dele por tempo suficiente para dizer: — E além de tudo isso, você precisa de "variedade" e "fica entediado com facilidade"!

Eric recuou, balançando a cabeça.

— Portanto, se existe a possibilidade de que eu fique entediado com o tênis, é óbvio que vou ficar entediado contigo.

— Bom, como é que eu vou saber? Você joga como um militar. Você não tem compromisso com o tênis, já que você *aguarda com ansiedade* a hora de se aposentar. Cadê a devoção, o fogo? Quando levado a este extremo, o autocontrole é uma doença mental!

Num único movimento, Eric passou um braço por baixo de seus joelhos e o outro pelas suas costas e levantou-a do sofá. Caminhou até o quarto com Willy

aninhada em seu peito e a soltou, quicando, no colchão. Ele se deitou em cima dela, levantando-lhe ambos os braços e prendendo os pulsos dela em suas mãos.

— *Doença mental* — Eric discursou — é não saber a diferença entre um esportezinho idiota e a vida real. Uma das principais razões que eu tenho para gostar de Edberg e de Becker é que eles mantêm a carreira deles em perspectiva. Os dois têm noção de que o resto do mundo passaria muito bem sem eles e sem o tênis, se fosse preciso.

"Pois bem, se eu sinto alguma coisa em quadra? — ele perguntou retoricamente, sua testa encostada contra a dela. — Às vezes. Não demonstro, e isso é uma estratégia. Jogo melhor quando não revelo minhas emoções. Mas o tênis não é 'tudo', sua boba, de forma alguma. É claro que eu gosto de controle, e de dignidade, no lugar certo. E aqui — as mãos dele desceram pelos braços de Willy — não é o lugar."

Ao agarrá-la por baixo da blusa, Eric fez com que um botão se desprendesse. Willy resolveu que não era um bom momento para procurá-lo. Quando ele abriu o zíper da calça, seu pau escapou, e para variar Eric não pareceu controlado e sim fora de controle. Não quis esperar que ambos tirassem as roupas e se lançou sobre ela ainda com o jeans travando suas coxas. Willy sempre considerara trepadas parcialmente vestidas algo cafona, mas agora mudava de ideia. A urgência tinha prioridade sobre a estética. E, ao que parecia, Eric nem sempre se preocupava com as aparências, com o que os outros pensariam: ele gemeu alto o bastante para excitar os vizinhos. No entanto, seu raciocínio não tinha sido tão prontamente descartado quanto o senso de decoro: mesmo no calor do momento, conseguiu colocar uma camisinha.

Eric a virou para que ficasse por cima dele e segurou Willy pela cintura de um jeito encantador. Ele ergueu-a inteira, até os tendões de seus braços saltarem. Ao trazer a pélvis de Willy para junto da sua, ele berrou. No eco desse grito, um urro sonoro e harmonioso que ela nunca tinha ouvido sair daquela garganta, Willy fitou, maravilhada, o rosto de Eric. Os músculos se contraíam em espasmos. A pele lisa de sua testa e das maçãs do rosto se franzia de um modo obscuro. O semblante dele ficou quase irreconhecível: não parecia inteligente, mordaz ou *contido*. Algumas pessoas teriam achado as

contorções de seus traços feias. Para Willy, era a coisa mais bela que já tinha visto, e ela gozou.

* * *

O TROCO VEIO NA mesma moeda. Se o decente Eric Oberdorf podia acordar metade da rua 112 com um urro orgástico, a vulcânica Willy Novinsky podia se controlar durante uma partida de tênis. No dia seguinte, ela persuadiu Eric a mais uma partida no Riverside. Willy insistia em usar as quadras mais ao norte, com os pisos irregulares que o namorado detestava. Para Eric, uma quadra era um gráfico ideal no qual as bolas traçariam trajetórias previsíveis se você resolvesse direito as equações. Este Oberdorf era germânico por natureza e gostava de ordem. Uma Novinsky tinha a predisposição genética própria do Leste Europeu para o caos. Willy ficou alegre porque os galhos que encobriam a quadra número oito haviam-na batizado com uma chuva de frutinhas roxas, cujos caroços rolavam entre as linhas da quadra feito bolinhas de gude.

Em vez de pular de alegria ao marcar um ponto ou bater na testa ao errar uma bola que lhe era dada de presente, nesta tarde, Willy vestiu a máscara totalmente impassível que aprendera com o próprio Eric. Nada de assobios admirados, de girar a raquete ou de bater com o aro no tênis. Ela avançava imperturbável, de serviço em serviço, sem uma batida de pé sequer. Refreando o monólogo incessante, ela fechou a boca numa linha tão reta que se fosse um eletrocardiograma o paciente estaria morto. Quando Eric perguntava se o serviço dele tinha caído dentro da área, ela apenas assentia.

— Você está chateada com alguma coisa? — ele perguntou preocupado na segunda troca de quadras.

Ela fez que não com a cabeça, inexpressiva, embora estar ou não chateada não tivesse nada a ver com *pôr mãos à obra*.

Tudo que Eric parecia querer, ela lhe negava. Ele adorava mergulhar para pegar bolas baixas, então, a cada vez que ele subia à rede, ela dava um lob — um belo arco em topspin voando alguns centímetros torturantes acima da ponta da raquete dele. Ele corria até a linha de fundo, se esforçava e *puf*… Quando acelerava o jogo, ela arrastava os pontos.

E Willy nunca foi tão friamente calculista. Seus sidespins eram ajudados pelas frutinhas no chão. Ela girava a raquete para trás como se fosse dar um golpe extraordinário e, no último segundo, interrompia o movimento; uma *curtinha*, e a bola pingava sobre a fita e caía aos pés de Eric. Por fim, quando ele já estava convencido de que só receberia bolas curtas, ela se soltava, fazendo os pontos sem que Eric conseguisse pegar as bolas. Com calma e uma serenidade mecânica, Willy venceu o primeiro set por 6-2.

Ela ganhava o segundo set por 5-1, quando recebeu o saque dele e ponderou que seu objetivo era apenas deixá-lo com raiva, ensinar a Eric que ele podia ser arrebatador mesmo fora da cama. Entretanto, seu método começava a ter o efeito oposto. O placar já estava fácil o bastante; só precisava quebrar o saque dele ou manter o próximo serviço. Mas, em vez de finalmente entregar os pontos — lançando uma das bolas das jogadas indefensáveis dela contra a rede ou ao menos a fuzilando com os olhos —, Eric começou a rir.

O serviço dele seguiu, sinuoso e rodopiante, até a área de saque dela, como se a própria bola houvesse se contorcido de tanto rir. Ela chapou a bola. Ele nem tentou devolver, e enxugou uma lágrima. Willy fechou mais os olhos a fim de deixá-los mais cruéis, e restringiu a boca a uma barra. Nesse ínterim, ele havia começado a assobiar, perdendo o equilíbrio e tentando recuperar o fôlego. Em 0-40, match point, ele enfiou uma bola flutuante encorpada, suculenta no meio da quadra dela. Ela a esmagou. Quase sem conseguir falar em meio às gargalhadas, ele disse algo.

Com a partida encerrada, agora tinha permissão para falar.

— O que foi? — perguntou Willy, em tom cortês.

Dessa vez ele berrou, com clareza:

— Casa comigo!

Willy lançou a raquete no ar, a meio metro de si, e, com elegância, agarrou-a pelo cabo. Oberdorf finalmente havia demonstrado um pouco de paixão na quadra de tênis.

Cinco

SE, PARA OS PADRÕES DE 1992, CASAR-SE aos 23 anos era cedo, Willy se posicionava na história moderna na mesma medida em que se via como uma americana. Ela devia lealdade à quadra de tênis, cujas linhas definiam uma outra nação, e a cujas leis severas e peculiares ela aderia com o ardor do patriotismo. Do mesmo modo, compreendia sua expectativa de vida segundo os termos do século XVIII. Como tenista, sobreviveria, na melhor das hipóteses, até os 40; 23 anos era meia-idade.

O fato de que a instituição do casamento já estava totalmente desacreditada quando Willy nasceu não adiou seu sim à proposta de Eric nem em dez segundos. Era verdade que seus próprios pais haviam dado um mau exemplo; Willy não invejava aquele respeitável pai mal-humorado nem sua companheira alegremente submissa. Mas talvez os tivesse invejado no primeiro encontro dos dois, em 1961: quando a mãe, Colleen, era uma excêntrica estudante de dança moderna que saltava em performances ao som de bongôs, no meio de uma espiral de lenços, e o pai, Charles, era um escrevinhador beatnik que não se deixava desanimar, cujos bolsos estavam sempre cheios de guardanapos rabiscados e esferográficas com tinta vazando. Willy se aferrava à noção de que nada no casamento em si condenara a mãe a descartar a ambição de dançar como uma tolice vã ou o pai a voltar-se contra suas crédulas aspirações literárias com tanta agressividade. E, sem dúvida, se tivesse casado nesta era mais liberal, a complacente Colleen talvez tivesse mandado Charles se mancar e parar de resmungar e, de vez em quando, faria o que ela bem entendesse. Apesar dos indícios avassaladores de que amor verdadeiro e equilíbrio doméstico de forças eram mitos, Willy ainda acreditava na possibilidade de uma união ardente e duradoura entre iguais, assim como muitos céticos ainda mantêm a fé na vida após a morte porque a outra opção que lhes sobra é insuportável demais.

Portanto, durante todo o início da fase adulta em que militava pela independência, Willy esperara. Por fim, Eric Oberdorf surgiu, irradiando a mesma coragem perspicaz que brilhava nas fotografias do pai no começo dos anos 1960 — antes de Charles juntar-se à oposição na celebração da própria derrota. Willy tinha herdado a graciosidade da mãe, e lhe dera forma e sentido. Juntos, ela e Eric poderiam reescrever a história, e talvez fosse para isso que os filhos existissem.

Quanto a Eric, a principal preocupação de Willy era de que ele visse o casamento, assim como seu diploma até agora inútil em matemática, como um fim em si mesmo. Eric tinha uma mente modular. Podia não ver o tênis profissional como um corredor da morte, mas pensava sua vida em blocos e, portanto, como uma sequência de pequenas mortes. Mas Willy sabia o suficiente a respeito do altar para ter certeza de que o casamento marcava não só o término bem-sucedido de um projeto, como também o início de um outro empreendimento, muito mais complexo.

* * *

— PAI, É A Willy.

— *¡Hola!*

Willy deixou o fone pendurado. O pai jamais a havia perdoado pelo fato de ela ter-se diplomado na faculdade no curso de espanhol.

— Você vai ser intérprete nas Nações Unidas? — indagara com ironia quando ela lhe informou sobre a decisão.

— Não, vou vender burritos vegetarianos em Flushing Meadow — ela retrucara. — Porque quando eu terminar essa graduação isso vai ser o mais perto que eu vou chegar do Aberto dos Estados Unidos.

O pai não tinha nada contra os espanhóis mais do que tinha contra todo mundo — o que, na verdade, significava que tinha muita coisa contra eles. Mas sabia que ela tinha escolhido um curso fácil para ter o máximo de tempo livre possível para o tênis.

— *¿Qué tal?* — perguntou Willy.

— Nada muda aqui neste lugar, Willow, você sabe disso.

— Sempre resta a opção de envelhecer e morrer — recomendou ela. — Pelo menos assim, esse problema acabaria de uma vez por todas.

— É importante ter algo a desejar.

— Olha, tem uma pessoa que eu quero apresentar a vocês.

— Outro neurocirurgião?

— Sim, ele é tenista, pai — declarou ela, impaciente. — Mas formado em Princeton.

— Um tenista diplomado! — exclamou ele. — Você me disse que isso era impossível.

Willy quase desligou o telefone. Se mal conseguia chegar ao final desta ligação, como sobreviveria à noite inteira que ela própria estava propondo?

— Que tal sexta-feira à noite? A gente pode pegar o ônibus que sai de Port Authority às 19h20.

— Tenho certeza de que consigo encaixar você e seu jovem rapaz na minha apertadíssima agenda de eventos sociais.

— Pai — disse ela, fazendo certo esforço —, eu gosto de verdade desse cara. Será que você poderia ser… agradável?

— Willow, eu sempre sou…

— Quero dizer, dá para não ser muito rabugento? Ao menos por uma noite.

— Rabugento? Depois de uma semana eletrizante ensinando a futuros mecânicos os erros mais frequentes do inglês, sem dúvida estarei tão feliz quanto um molusco.

— Ah, deixa para lá — disse Willy, e desligou com um suspiro.

* * *

— QUANDO VOCÊ FALOU do seu pai pela primeira vez, tive a impressão de que ele era um inflexível representante da classe trabalhadora — Eric balançou a garrafa de Chateauneuf du Pape dentro da sacola —, não um professor de inglês.

— Me desculpe se parece que desprezo o trabalho dele — murmurou Willy. — Mas esse é o resultado de anos de treinamento meticuloso.

Estavam parados na fila do portão 413. Willy estava aliviada que o ônibus estivesse atrasado. Com o estômago revirando, agora se arrependia de não terem comprado duas garrafas de vinho.

— Quando eu era pequena, meu pai percebeu que eu o admirava — prosseguiu Willy —, como acontece com toda menina. Eu devia ter… sei lá, uns 11 anos, e estava sozinha com meu pai no carro. Ele me explicou que a maioria de seus alunos mal sabia ler, então, se os professores são julgados pela qualidade dos alunos, meu pai era, nas palavras dele, "o fundo do poço". Ele anunciou isso com um prazer estranho, cruel.

— Qual é o problema dele? — Eric perguntou no instante em que a fila começava a andar. — Bloomfield College não é uma grande escola, mas também não é uma vergonha.

— Para Chuck Novinsky, é. Só fui entender aos 15 anos. Ninguém me contou. Eu estava me distraindo no sótão e achei uma caixa com vários livros de capa dura iguais. Uma capa sem graça… simples; acho que era barato. *No princípio era o verbo*, de Charles Novinsky.

Eric deu uma risada.

— Um pouco pretensioso, se é que você me permite dizer. Do que se tratava, crítica?

Willy olhou de relance para o noivo sob a luz do portão 413. Uma nova sensação brotou dele, e não tinha nada a ver com o fato de ter passado a camiseta para a ocasião. Seu porão mental não era inundado de bobagens negativas: o depósito do apartamento grã-fino de seus pais no East Side não cheirava a desilusões mofadas.

— Um romance — disse com tristeza, entrando no ônibus e aconchegando-se na cadeira junto à janela. — Begpool Press, 1962… nunca ouvi falar dessa editora.

— Você leu?

— Tive a sensação de que não devia mencionar os livros para o meu pai. Então me enfiava no sótão com uma lanterna sem que ninguém soubesse.

— É bom?

— Não sei — disse ela, desconcertada.

O livro do pai era bom? Era um romance sobre a natureza da literatura, é claro, e não havia alma no mundo que quisesse ler sobre *aquilo*; também celebrava o poder da linguagem, um poder que agora ele ridicularizava. A

trama era divertida, sobre um romancista cujas palavras impressas, todas elas, ganhavam vida. (Ela adorou quando uma mistura de metáforas incompatíveis fez com que um animal gigante e grotesco andasse em direção à casa do narrador, até que ele reescreveu o trecho num frenesi.) Porém, a prosa cheirava a pilhagem de dicionário de sinônimos, um parágrafo inteiro fora concebido para acomodar a palavra "estereotropismo". Ainda assim, o volume fino dava a impressão de ter sido um empreendimento entusiástico, confiante, e não merecia as resenhas mordazes que estavam enfiadas no canto da caixa.

— As críticas foram terríveis — Willy deu de ombros. — Só em jornais locais, revistas de periodicidade inconstante. Provavelmente eram jornalistas tentando ganhar renome e, portanto, fazendo acrobacias com o sarcasmo. Um crítico disse que *No princípio era o verbo* era tão ruim que "chega a ser risível".

Com uma curiosidade recém-adquirida, Willy achou outra caixa, na qual quatro originais datilografados e envolvidos em elásticos se espremiam contra o papelão umedecido, as folhas dobradas e pontuadas por ovos de baratas. Relutou em passar a mão naquelas resmas, outrora tesouros, agora lixo — milhares de adjetivos extravagantes extraídos do *Roget's Thesaurus*, que acabariam jogados naquela caixa, farfalhando sob patas de insetos. Examinou apenas o manuscrito mais recente, que estava por cima, cuja proteção com "Copyright © by Charles Novinsky, 1967" na folha de rosto era de partir o coração.

O fim da história tinha sido um trabalho mais árduo. A prosa era árida e enxuta, lembrando o sarcasmo cortante e jocoso do pai que ela conhecia. A sátira descrevia uma população mítica que se tornara tão vicária a ponto de ter seu conteúdo extinto. Um mundo automatizado cujo único trabalho era o entretenimento dividido entre os que observavam e os que eram observados. Consequentemente, toda arte era reflexiva: filmes falavam de roteiristas, programas de tevê seguiam a "vida real" das atrizes de seriados de tevê, e romances, o autor comentava com uma repulsa excepcional, detalhavam somente o apontar pueril dos lápis de picaretas literários. O manuscrito foi abandonado na página 166, no meio de uma frase. Não é de se admirar; com um tema como esse, a história estava morta, da narrativa pingava tanta autodepreciação que terminar o livro seria uma antítese.

— Aquele último manuscrito era deprimente — afirmou Willy. — Ele até enfiou a expressão "chega a ser risível" no texto. Estava sofrendo. Não sei se

ainda sofre, e esse deve ser o problema dele.

— Você acha que esses romances fracassados explicam por que ele desaconselha que você jogue tênis?

— Eu não seria tão simplória assim. Prefiro acreditar que meus pais realmente quiseram me proteger. O pecado original na minha família é *ter esperanças*.

* * *

— QUERIDA? — ESTAVAM sentados na cama de Willy; a mãe lhe dera tapinhas na mão. Willy tinha 17 anos, e ainda brigava com o pai por causa da faculdade. — Todos os jovens querem ser artistas célebres, modelo ou um famoso astro do esporte. Poucas, pouquíssimas pessoas não acabam trabalhando na IBM, ou ensinando a moços e moças aspirantes à fama que mesmo assim eles precisam aprender a escrever direito, como o seu pai. E não há nada de errado em ter uma vida comum. Só queremos que você esteja preparada. Se você morre de vontade de ser Chris Everest…

— *Evert* — corrigiu Willy, puxando as cordas da raquete com as unhas.

— Só temos medo de que você se magoe.

— Vocês têm medo, sim — Willy se levantou e fechou o zíper da capa da raquete. — Medo que eu *consiga*.

Ela saiu do quarto batendo o pé; mais tarde, entretanto, o pai foi inflexível.

— Não tenho nada contra o tênis — disse ele, o que era uma mentira deslavada. — Mas quanto a virar profissional, daria na mesma você anunciar que, em vez de se formar, você vai usar seu cheque de Natal em Las Vegas.

— Max acha que eu estou jogando melhor que um cheque de Natal — ela retrucou, irada.

— Jogo é jogo, e esta é uma aposta infeliz que só vai te trazer dor quando você for mais velha. Na minha época, pensávamos em entrar para o circo…

— Ou escrever um livro — cuspiu Willy.

O segundo olhar dele foi firme.

— Ou escrever um livro — repetiu ele, com frieza. — Mas então nós crescemos.

— Me poupe desse papo de "ser adulto".

— Se eu pudesse, pouparia, Willow. — Por um instante, pareceu sofrer. — Mas você não vai jogar fora uma educação universitária por causa de um hobby de infância, e ponto final.

* * *

— VOCÊ ACHA QUE ele tinha razão? — indagou Eric.

— Você também, agora? — Willy suspirou. — Meu pai não tinha problema nenhum com o tênis quando a bolsa para esportes cobria os custos da faculdade, não é?

— É só que eu ainda não entendi por que você abandonou a universidade depois de três anos.

— Meu pai não queria que eu tivesse um diploma com o qual contar depois de ficar famosa no tênis. Ele queria que eu tivesse um diploma para quando eu caísse de cara no chão. Eu precisava cair fora e virar profissional. Terminar a faculdade seria acreditar nele.

Eric acariciou-lhe a mão, tão desconfortável quanto a mãe dela.

— O que eu ainda não consigo superar — pela janela, Willy observava o triste crescimento industrial de Nova Jersey — é que foi ele quem me ensinou a jogar. Quando eu era pequena, a gente jogava três vezes por semana. E a gente se divertia.

— Então por que essa hostilidade?

— Eu poderia dizer que é porque ele tem raiva de que o vença desde os 10 anos. Mas não acho que seja isso. Eu ficava chateada de dar uma surra no meu pai. Ele parecia achar uma maravilha.

A lembrança permanecia em cores vivas. Estavam jogando na quadra irregular de piso sintético, a mais próxima à casa de Willy. Ela não se recordava do jogo em si, somente de permanecer parada, perplexa, na linha de fundo após um match point. O pai foi em sua direção, maravilhado, pulando a rede em vez de contorná-la, como se estivesse se aproximando de uma aparição que poderia sumir. Ajoelhou-se a seus pés, a voz abafada:

— Você tem uma coisa especial, Willow. Não sei a quem você puxou: a mim, não foi. Mas tome cuidado, e não deixe que *ninguém* tire isso de você.

A mãe, apressando-os do carro, quebrou o feitiço:

— Chuck, o que você está fazendo na quadra de tênis? O jantar já está pronto há uma hora.

O pai abriu os braços:

— Ela me venceu.

— Que bom, querido. Ela é um helicopterozinho com a raquete na mão, não é? Agora, vocês dois, nada de ficar fazendo cera. A batata…

— Colleen, você não está entendendo — disse ele, irritado. — Eu não a *deixei* ganhar. Dez anos, dá para acreditar? E eu tentei. Eu dei o meu sangue.

— Chuck — a mãe repreendeu. — Assim, ela vai ficar cheia de si.

* * *

ENTRETANTO, NO MESMÍSSIMO INSTANTE em que o pai percebeu que a segunda filha tinha um dom, ele passou a ficar em seu caminho. Tinha cada vez menos tempo após o trabalho para jogar com ela. Recusava-se a pagar as mensalidades do Montclair Country Club, e Willy foi obrigada a recolher bolas em troca de gorjetas para pagar a despesa. Metade dos jogadores para quem buscava bolas na verdade não queria uma boleira, e ela se tornou um meio-termo entre mascote e praga. Discussões sobre participação em torneios locais para juniores que "interferiam em sua vida escolar" eram incessantes.

O antagonismo chegou ao ápice no aniversário de 16 anos de Willy. Ela se sentou diante do bolo molenga de praxe — a mãe nunca foi exatamente uma boa cozinheira, e não havia batido as claras dos ovos para a cobertura de coco até o ponto ideal. Enquanto as claras assentavam em um líquido cru, a cobertura escorria pelas laterais num desânimo que resumia a *gestalt* dos Novinsky. Da mesma forma, cada uma das instáveis camadas era sustentada por uma faixa de bolo triste, solado e borrachudo, como se nada naquela família estivesse destinado a ressurgir da depressão perpétua. À sua frente havia um único envelope, no qual estava escrito *Wilhemena*.

Ela deveria ter imaginado, mas estavam em maio; Willy concluiu que ali dentro havia finalmente a permissão para que fosse à academia de tênis Vitas Gerulaitis, no Queens. Ao abrir o envelope com um rasgo, seu rosto murchou de forma tão aparente quanto o bolo.

— Dessa forma, Gert ganha o presente de aniversário dela mais cedo — o pai discursou. — Você ainda não tem idade para ir sozinha.

O presente de três semanas na Europa com a chata da irmã mais velha poderia muito bem ter sido uma viagem com todas as despesas pagas até Newark. Willy esmagou um naco de bolo com o garfo.

— Só existem três lugares para onde quero ir, na Europa — ela proferiu, num tom de voz estável. — Roland Garros, o Foro Italico e o All England Club… *em circuito*. Fora isso, não tenho intenção alguma de passar as três semanas que têm o melhor clima do ano arrastando os pés em museus mofados com a *Gert*.

Geralmente, o pai usava a serenidade como arma. Dessa vez, ficou vermelho, derrubou a cadeira e vociferou que Willy era uma ingrata, que, na idade dela, ele teria dado os próprios caninos…

Willy havia aprendido a manter a calma com frieza desde que ele ainda a pegava no colo.

— Se você pode me mandar para a Europa — ela afastara o bolo que não tinha comido —, pode me mandar para a academia de tênis.

Já na academia, Willy gravitou instintivamente em torno das crianças bolsistas, e mentiu que vinha da ralé branca e pobre dos Estados Unidos. A lorota veio fácil: Walnut Street era uma espécie de pobreza. Porém havia algo de inevitável na baixa renda emocional da família, e Willy não sabia o que esperar do pai além de amargura. Suas próprias esperanças tinham sido aniquiladas. Como ela poderia insistir para que ele fosse generoso na derrota quando ela mesma julgava insinceras as pessoas que fracassavam com elegância?

Desde que descobrira a obra secreta do pai apodrecendo lentamente no sótão feito o cadáver de um assassinado, Willy via o jovem e determinado Charles Novinsky como uma pessoa completamente diferente. Ficava de sentinela pelo predecessor inocente, defendendo-se do escárnio do homem mordaz que tinha se tornado. Tinha carinho pela foto do estranho: um esteta de ânimo inesgotável, cheio de ideias, destinado a virar um grande escritor.

Este era seu pai verdadeiro. O Chuck Novinsky genioso com que havia crescido era um impostor. Folhear aqueles manuscritos desbotados era praticamente a mesma coisa que desencavar documentos que revelavam que fora adotada.

Talvez o Chuck adulto estivesse tentando reparar o otimismo de seus próprios pais em relação a ele, o que ele descrevia como uma forma de abuso. Os avós de Willy eram de famílias do Leste Europeu que trabalhavam duro e cujo modesto negócio de lavagem a seco havia prosperado já na década de 1950. O conforto imprevisto e a estrutura americana clássica de suas vidas, em que o ano atual era sempre melhor que o anterior, os incentivara a comprar por atacado a ideia norte-americana de que qualquer garoto poderia ser presidente. Devem ter enaltecido as primeiras palavras inteligíveis do pequeno Charlie, pregado seus poemas na porta da geladeira e exaltado entre os parentes o cargo de editor que ele ocupava no jornal da escola. Alfred A. Knopf aguardava ansioso. O pai de Willy culpava os pais por terem lhe vendido um embuste, um erro que não repetiria com as próprias filhas, que eram criadas para olhar com raiva para o horizonte pobre e desinteressante que se via das janelas da casa desajeitada que habitavam em Nova Jersey.

A mãe, entretanto, havia conservado uma pureza de menina, com a qual Willy esbarrou aos 12 anos. Sua partida de tênis fora anulada devido à chuva, Willy chegara a casa mais cedo do que o esperado. Uma salsa fogosa pulsava na sala de estar. Willy espiou pelo vão da porta e viu a mãe de pés descalços e calças legging; o velho collant preto estava meio gasto e caía de seus ombros. Ela remexia os quadris e ondulava os braços. De olhos fechados, escorregou até abrir as pernas em espaguete. Uau. Ainda conseguia encostar as duas coxas no chão. Embora a coreografia fosse eclética — uma mistura de Desi Arnaz com Twyla Tharp —, ela era uma dançarina e tanto.

Quando Willy assobiou, a mãe soltou um ganido, depois enrubesceu e ao mesmo tempo atrapalhou-se ao tentar desligar o aparelho de som. Willy se arrependeu imediatamente de ter revelado sua presença; deveria ter se dado ao prazer de ver um espetáculo mais longo, saído às escondidas e batido teatralmente a porta da frente pela segunda vez. Willy queria que mamãe guardasse seu segredo. Os sonhos de Colleen O'Hara de se tornar dançarina foram concebidos em particular, e em particular continuavam intactos. Não era de se estranhar que insistisse para que Willy jogasse tênis só por diversão.

A própria Colleen dedicava alguns minutos por dia a ser uma *première danseuse*, e desejava ao menos o mesmo holofote solitário para a filha. A improvisação daquela tarde assinalava de forma premente para a segunda filha: fique dentro de sua quadra minúscula, onde você é a rainha; seja uma estrela no céu noturno do fechar de seus próprios olhos. Se não fosse por mim, aquela caixa onde *No princípio era o verbo* está guardado teria sido jogada no lixo há muito tempo, ou sido queimada alegremente como lenha. Seu pai abriu o coração por um instante, e acabou com o coração esmigalhado. Isole tudo que lhe é querido das vaias de estranhos; *só dance quando a casa estiver vazia*.

* * *

WILLY E ERIC DESEMBARCARAM na esquina da Walnut, uma rua coberta de folhas e com estábulos e casas em estilos do Segundo Império ou colonial holandês. Não havia nada intrinsecamente sombrio naquela vizinhança humilde, mas atraente. Apertando a mão de Eric, Willy arrastou os pés.

— É melhor eu te avisar sobre a casa — disse. — É marrom.

A casa era marrom. O exterior era marrom, o interior era marrom. Logo depois de comprarem a casa de dois andares ao estilo Rainha Anne, falaram em trocar o carpete chocolate que cobria o chão e em arrancar os painéis baratos cor de ferrugem que davam uma impressão de melancolia e pequenez aos cômodos. Mas a própria opressão do interior mergulhou seus residentes em uma lassidão, e os planos grandiosos para a reforma definharam. Ao depararem com uma decoração condenável cuja repaginação seria motivo de aborrecimentos, era mais conveniente repaginar seus gostos. Agora os pais declaravam gostar de tudo marrom, e investiram em móveis de mogno e cortinas bege. O fato de que a redecoração não passava de falatório não era surpresa: ambos eram dados a afirmações vagas, mas nunca propunham limpar a garagem *neste sábado*. Eles murmuravam há anos sobre viajar para o Japão, mas as únicas viagens que o pai podia se dar o trabalho de fazer eram as que coincidiam com as datas das partidas de tênis da filha.

Willy subiu os degraus marrons, arrastou os pés pela varanda e enfiou a cabeça pela porta marrom.

— *¡Hola!*

O pai demorou uns segundos para erguer os olhos dos papéis que estavam em seu colo; ela supôs que ele precisou de um instante para se preparar. Willy sempre parecia esgotá-lo, e, antes que suas feições adquirissem um ar de distanciamento astuto, ele parecia estressado.

Instantâneos amassados de Charles Novinsky na idade de Willy eram como retratos de um primogênito valente que mais tarde seria abatido em uma guerra. Os olhos do rapaz eram endurecidos e sua postura, ereta; naquele rosto não havia presságios dos morteiros do futuro. Era preciso empenho para ver qualquer ligação com o veterano esfalfado que ela encarava agora. Os cachos bastos do pai haviam rareado e virado um frisado ressecado, como se tivessem pegado fogo. Embora sua tez fosse naturalmente corada, ele sofria de psoríase e a pele que descamava deixava suas bochechas cinzentas.

O pai puxou os óculos para a ponta do nariz.

— Veja só, eu estava lendo um livro do Chomsky que fala da sua vocação. Segundo Noam, na era secular, os esportes são o ópio do povo. Ao que parece, as massas são enfraquecidas por disputas gladiatórias que funcionariam como substitutas de outras, assim como antigamente ficavam hipnotizadas pelos rituais tolos da Igreja.

— Eric — disse Willy —, este é o briguento e o ranzinza do meu pai, que está dando tudo de si para ofendê-lo antes mesmo de saber seu nome.

— Princeton, eu soube — eles trocaram um aperto de mãos. — O que deu em você para se juntar aos brutos depois de obter um diploma de um lugar desses?

— Willy e eu planejamos ganhar milhões sendo patrocinados por marcas de desodorante — Eric respondeu sem hesitação.

Ambos se acomodaram em cadeiras marrons, e Eric indicou com a cabeça os trabalhos de fim de curso que estavam no colo do pai dela.

— Isso não parece Chomsky. O que o senhor está lendo?

Não dê trela, Willy quase se intrometeu para recomendar, mas Eric gostava de dar trela às pessoas.

— "Ler" talvez seja uma palavra digna demais para isso. Mas eu faço uns joguinhos para me distrair. Meu fardo se divide entre aqueles que acham que as vírgulas são paralisações que sucedem um acidente de carro e os que as veem como arabescos decorativos… neste caso, quanto mais, melhor. Portanto, patrocino competições domésticas. Este aqui está ganhando — ele ergueu um

trabalho. Marcada por rabiscos vermelhos, a um metro de distância a folha de papel era rosa. — Trinta e cinco vírgulas supérfluas em uma única página. Um recorde.

— O que você está tentando fazer, pai: nos impressionar com sua competência para a pontuação ou nos deixar com pena de você?

Francamente, o gosto de seu pai pela condescendência era tão familiar que ela o repelia. Willy tinha crescido com a vaga impressão de que sua família era superior, mas não de uma forma mundana. A superioridade deles era uma altivez que os excluía das coisas. O pai tinha uma aura de profeta do Velho Testamento que tentara pregar uma ou outra vez, não recebera qualquer atenção, e agora, por vingança, não dividia mais seu conhecimento com ninguém. Se isso significava deixar as hordas à mercê de inundações e gafanhotos, tudo bem.

A pedra fundamental da supremacia do pai era seu realismo destemido. Reconhecia que o planeta estava apinhado de adolescentes espinhentos que planejavam ser cineastas, magnatas da indústria e correspondentes internacionais vencedores do Pulitzer, e ele deixava os alunos a par das probabilidades. Apenas os fracos e os tacanhos se aferravam às ilusões. Chuck insistira que sua prole crescesse no mundo como ele *era*.

A mãe de Willy chegou correndo da cozinha, enxugando a mão no avental antes de estendê-la para Eric. Colleen Novinsky se mantinha sempre numa postura angulosa, andando com o corpo inteiro curvado para frente, de modo que você sempre se preocupava se ela não estava prestes a cair. Apertou uma das mãos na outra na altura da cintura, num gesto de eterna súplica. Após aceitar a garrafa de vinho de Eric com um suspiro de que não precisava, preparou os drinques com um cuidado que beirava a histeria.

Enquanto Eric se espichava na cadeira reclinável do meio, os pais se encolhiam diante dele, sentando-se na borda de suas cadeiras, olhando-o de esguelha. Era aquele *frescor*. Eric não era marrom. Ele flutuava sobre o assento com um leve contorno branco, como se tivesse sido recortado de uma revista de papel brilhoso e colado no papel-jornal dos Novinsky. Eric esticou as pernas compridas e cruzou os tornozelos, entrelaçando as mãos atrás da cabeça; o acentuado pomo de adão realçado pela luminária. Aquela família conseguia ser, por natureza, tanto fleumática quanto inquieta, e eles viam as

brincadeiras graciosas e concatenadas de seu namorado com um espanto desconfiado.

— O senhor deve estar muito satisfeito com sua filha, Sr. Novinsky — Eric falou com carinho. — Na semana passada, ela foi para as semifinais em Des Moines. O desempenho dela foi estupendo. Não é fácil subir de 612 para 394 no ranking em um ano.

O pai fez um gesto com a mão.

— Eu não entendo patavinas desses números nos esportes.

— É aritmética básica, Sr. Novinsky — Eric o repreendeu. — Rankings são compreensíveis se você souber contar.

— A gente só se preocupa se ela vai conseguir se manter.

— O corpo, talvez — rosnou Willy. — Você nunca pareceu se preocupar com minha alma.

— Minha preocupação é como você vai se sustentar de um jeito digno — retrucou ele.

— É isso o que seu trabalho é? Digno?

— É uma forma de sustento — reagiu ele. — Não entendo por que você não pode arrumar um emprego de verdade para ter no que se apoiar.

— Não dá para jogar tênis em meio expediente — interveio Eric. — Tenistas estão sempre viajando, e é preciso uma devoção inabalável. — Exatamente o que Willy vinha dizendo há anos, mas, quando Eric disse isso, os pais o ouviram. — E ela está se saindo muito bem, sr. Novinsky. Não deveria ser necessário que eu lembrasse ao senhor, mas ela tem algo… algo especial.

— Mas ela está endividada com o tal do Upchurch até o último fio de cabelo — o pai alegou. — E se acontecer alguma merda? — Na Walnut Street, "merda" queria realmente dizer merda. Não era um desejo de boa sorte.

— Todo mundo vive de incertezas — Eric respondeu calmamente. — Enquanto isso, imagine ser capaz de se sustentar jogando tênis! É quase tão ultrajante quanto ser pago para escrever histórias.

O pai perscrutou Eric de um modo resoluto, em seguida deu um tapinha nos romances que tinha na mesa a seu lado.

— O que é ultrajante é ser pago para escrever estas histórias.

— E a senhora, o que faz, sra. Novinsky?

Quando feita a mulheres da geração da mãe de Willy, a pergunta era um risco. Forçadas a admitir que eram donas de casa, elas ficavam envergonhadas, pois a pergunta em si já insinuava que passar o aspirador de pó não era o bastante. Se, em vez disso, você optasse por não fazer a pergunta e elas tivessem um emprego, ficavam igualmente ofendidas. Mas Eric não jogava para perder. Sabia que a sra. Novinsky trabalhava em um asilo para idosos.

— Do jeito que a estrutura etária está mudando — o pai de Willy se intrometeu com entusiasmo —, em breve todos nós vamos trabalhar em asilos, se já não estivermos internados num. A Colleen está à frente do nosso tempo.

— Minha mãe estudava dança moderna — Willy contou sem que lhe pedissem.

— Isso já faz muitos anos — desdenhou a mãe. — Eu não tinha talento para fazer parte de uma companhia. E jamais conseguiria me privar de comer biscoitos.

Willy revirou os olhos. Este número ensaiado havia induzido as duas filhas por anos a insistir que não, não, ela tinha um corpo ótimo que poderia ter mantido, e, ora bolas, ela tinha postura de artista.

— Claro, mamãe. Foi exatamente isso que seu professor disse quando te deu o papel principal em *Pavana para uma princesa defunta* no seu último ano: o lugar dessa trapalhona é comendo biscoitos Oreo com velhos de fraldas. — O fato de que a mãe sempre fazia com que os outros a defendessem era uma espécie de apatia. — E então, podemos comer?

— Estamos esperando a Gert.

Ah, que ótimo.

Se Willy não detestasse a irmã, talvez sentisse pena dela. Nascida na época em que aquelas folhas datilografadas devem ter sido enfiadas no sótão para virar Motel de Baratas, a irmã mais velha de Willy enfrentara a primeira crise do pragmatismo selvagem do pai. Daria na mesma se ele tivesse mantido um pé na cabeça dela. Desde o começo, Gert sempre foi madura demais para sua idade, com aquela modéstia comedida e bem articulada que, numa criança, causa um certo incômodo. Na época em que as duas ainda brincavam juntas, Gert nunca concordava em fazer imitações travessas das cenas de perseguição de *Kojak*, mas teimava em brincar de Mary Tyler Moore. No ensino médio, nunca quis ser uma estrela do rock, e sim professora. Seu jogo de tênis era

cauteloso e comedido, e, assim que Willy ficou boa, Gert deixou o esporte de lado sem qualquer resistência. Em meio à extravagante era New Wave, vestia-se para o colégio como uma matrona insossa. Seus trajes, depois de entrar na casa dos vinte anos, permaneceram sensatos, bem como seu casamento — o marido e os sapatos, em igual medida, lhe caíam bem, muito melhores que saltos, que são muito chamativos e perigosos. O pai de Willy fora bem-sucedido: Gert era monótona. Sua única pretensão era alegar que não tinha nenhuma pretensão.

Quando ela entrou pela porta num movimento eficiente (de conjuntinho *marrom*), perguntou a Willy enquanto enfiava as chaves dentro da bolsa de forma ruidosa:

— Como vai o tênis?

— Bem — respondeu Willy.

Foi só isso.

Durante o jantar, a tagarelice do noivo foi tão segura e fluida que Willy tornou-se desnecessária. Ao analisá-lo, teve a impressão irracional de que havia levado não o genro que seus pais sempre quiseram, mas sim um substituto para ela própria — em vez da segunda filha intratável, sempre na defensiva, excessivamente reservada e que dificultava a vida dele continuamente, ali estava um rapaz encantador e controlado, em cuja presença seus pais, por incrível que pareça, *gargalhavam*. Em outras refeições em família, sempre que Willy começava com as fofocas do mundo do tênis, Gert pedia mais batata e o pai voltava a bater na tecla de que o desconstrutivismo felizmente estava arruinado. Mas, quando Eric comentava sobre Agassi, os três se inclinavam para frente e lhe faziam perguntas ("Quem é Agassi?"). Neste momento, o pai questionava com um interesse sincero como Eric controlava os nervos antes de uma partida, pergunta que nunca se importou em fazer à própria filha.

Depois de ter bajulado a mãe comendo três porções do intragável frango *cacciatore* que não estava cozido o bastante, Eric afastou sua cadeira da mesa. Na poça de luz de sua gola aberta, sombras nadavam na clavícula como peixinhos em disparada. Willy se assustou. As feições intensas de Eric podiam ser consideradas tanto admiráveis quanto exageradas. Até então, havia encarado sua beleza como provisória, e, portanto, poderia revogá-la. Entretanto, nesta noite, gostasse ou não, as veias saltadas de seus antebraços

grossos faziam Willy salivar como se estivesse diante de um pote de balas de alcaçuz. Se a beleza dele era um presente, ele iria guardá-lo.

— Copa Davis, julho de 1988, em Buenos Aires, jogando contra a Argentina? — perguntou Eric. — Agassi estava jogando contra Martín Jaite, o queridinho da Argentina. Ele estava dando um banho no pobre coitado, 6-2, 6-2. Quando estava em 4-0 no terceiro set, Jaite teve a chance de ganhar um game. Em 40-0, Agassi berrou para o treinador: "Ei, Nick, olha isso!" Jaite sacou, e Agassi *pegou* a bola com a mão esquerda.

— Por que ele fez uma coisa dessas? — Gert franziu a testa, fascinada.

— Caridade distorcida. Para humilhar Jaite e ofender a plateia. Funcionou. Depois ele teve a audácia de dizer aos jornalistas que aquilo era "simplesmente uma coisa que ele sempre teve vontade de fazer".

Willy também franziu a testa. Tinha tentado contar exatamente a mesma história no Dia de Ação de Graças do ano anterior. A mãe continuara a tirar a mesa, Gert repassara algumas perguntas que poderiam cair em sua próxima prova de contabilidade, e o pai, sem ao menos mudar a cadeira de posição, voltara toda a sua atenção para o *The New York Times*. Willy interrompeu o episódio bem antes de chegar a seu clímax.

Para receber ao menos um pouco de atenção, Willy deu uma batidinha em sua taça, erguendo-a.

— Ei. Um brinde. Vamos nos casar.

Ficaram encantados.

Quando todos foram para a cama, a mãe foi incisiva ao mandar o casal de noivos para quartos separados. Willy poderia ter feito uma cena, mas, quanto mais íntimo o noivo ficava de seu pai ("Eric, por favor, me chame de Chuck"), mais propensa ela ficava a acatar o arranjo.

— Bom, você deixou minha família de quatro por você — rosnou Willy no corredor.

— Eles não são tão ruins assim — sussurrou ele.

— Talvez com você eles não sejam — murmurou ela. — Meu Deus, estou noiva de Eddie Haskell.

— Willy…?

Ela não lhe deu um beijo de boa-noite. Ficara tensa com a possibilidade de que a família não gostasse de Eric. Não tinha nem pensado em se preocupar

com a possibilidade de que gostassem demais dele.

Seis

TODA VEZ QUE CHEGAVA PERTO DE MONTCLAIR, em Nova Jersey, Willy se encolhia, como se a mera proximidade do útero de sua mãe a fizesse tomar proporções fetais. Em contrapartida, enquanto Eric entrava na refinada portaria da rua 74 leste e cumprimentava o porteiro pelo primeiro nome, o noivo parecia crescer a cada passo que dava. Ao avançarem em direção à porta do apartamento dos pais dele, ela já temia que ele batesse com a cabeça ao cruzá-la.

Depois de vários tapinhas nos ombros e abraços apertados de seu primogênito, Axel Oberdorf virou-se para saudar a namorada do filho.

— É um prazer. Ele realmente traz as mais bonitas para casa — Axel piscou um olho.

Ela esperava uma versão esbelta e calva de Eric. Mas Axel ("Axe") Oberdorf batia no ombro do filho, era robusto e atarracado. Com uma postura de jogador de futebol americano, era difícil atravessar seu caminho. A cabeça cheia de cabelos pretos combinava com os braços, cobertos por uma densa pelugem. Cirurgião-sênior no hospital Mount Sinai, Axel emanava um forte aroma de sabonete antisséptico, numa camada dupla, o cheiro grosseiro era mascarado por um perfume nauseante, mas insuficiente. Apertou a mão de Willy, as unhas dele eram curtas e limpas. No decorrer da conversa fiada inicial, o rosto dele exibiu um número limitado de expressões: o sorriso narcisista de "não somos todos formidáveis?"; um "espere para ver" impassível, sugerindo a suspensão de seu julgamento que não se prolongaria; e o ocasional lampejo de desconfiança.

— O que vai ser, Eric? Pus na geladeira uma dúzia daquela Pickwick Ale que você disse que gostava. Ou você está a fim de algo mais saudável? Suco de clorofila? Os meninos terão o maior prazer em sair para atender a pedidos especiais. — Era uma questão insignificante, mas, caso Willy deixasse

transparecer para os pais que gostava de Pickwick Ale, eles fariam tudo o que estivesse dentro de suas possibilidades para estocar Old Milwaukee.

Axel conduziu o casal até a espaçosa sala de estar, cujo tapete marfim felpudo parecia ser aspirado três vezes por dia. Os móveis confortáveis eram modulares, assim como a mente de Eric. Retângulos, cones, pirâmides e cilindros de cores primárias em tons vivos, todos com tiras de velcro, podiam ser agrupados de diversas formas. Era fácil imaginar Eric resolvendo teoremas geométricos ali, na infância, ou montando seu próprio cubo mágico com a mobília. A mãe de Eric gerenciava uma galeria de arte, e pelas paredes espalhavam-se telas originais que também poderiam passar por diagramas matemáticos ou passatempos de revista — impressionismo abstrato, triângulos, gravuras russas cujas frases em alfabeto cirílico desafiavam qualquer um ali a pronunciá-las, e grades brancas sobre fundo branco mais espirituosas do que belas. Embora a sala fosse salpicada de diversos tons, nem uma única almofada ou quadro era marrom.

Eric começou a montar uma cadeira para si. Willy empoleirou-se num simples cubo, uma má escolha. Não podia se recostar; já nervosa, agora literalmente não teria onde se apoiar.

— Então, me ponha a par das novidades, meu filho — pediu Axel, em um trono de braços grandes. — O que aconteceu em Toronto?

— Ah, eu ganhei — disse Eric. Deixou a cerveja pingar, estava determinado a pôr a garrafa inteira dentro do copo. Quando a última gota tremeu na borda do gargalo, fez uma expressão vitoriosa.

Axe anuiu vigorosamente.

— Ótimo, ótimo. Não me surpreende. — O pai de Eric muitas vezes omitia o sujeito de tais orações, como se a sua centralidade fosse uma obviedade gramatical.

— Não foi um torneio importante — Eric divagou. — Uns trocados, uns pontinhos computados.

— Ele foi impressionante — acrescentou Willy. — E a dificuldade foi bem maior do que está deixando transparecer. — Na Walnut Street, ela se sentira grata quando Eric a defendera, mas na rua 74 seu apoio parecia raso, supérfluo.

— Vitória é vitória — declarou Axe. — É um hábito, e fico feliz que você o tenha adquirido bem cedo. A gente tem que admitir — Axe gesticulou com

seu copo de vodca com tônica —, esse garoto pega uma raquete aos 18 anos de idade e dois anos depois está na equipe de tênis de Princeton.

— Impressionante — disse Willy.

— Só fico chateado comigo mesmo por ele não ter começado quando era moleque. Talvez agora ele já estivesse competindo em pé de igualdade com o Agassi. Quando você aprendeu a jogar, Willy?

— Aos 4. Mas só comecei a levar a sério aos…

— E qual é a sua posição no ranking?

— 386.

Eric se intrometeu:

— Deve subir este mês, já que a Willy entrou no…

— Trezentos e oitenta e seis — o número parecia bem comprido.

A sra. Oberdorf apareceu com uma bandeja de canapés cujos triângulos de salmão, enfeites de azeitonas pretas e tiras de nabo reiteravam as gravuras russas. Era dela que Eric tinha herdado a aparência: era alta, magra e imponente, com as maçãs do rosto proeminentes e o mesmo nariz altivo e anguloso. Alma Oberdorf se vestia com uma simplicidade que custa caro. Seus modos eram contidos, a voz, um murmúrio. Ao se curvar em direção ao primogênito e beijar-lhe a testa, brincou que ele havia perdido mais cabelo — a primeira insinuação da tarde de que o noivo de Willy tinha algum defeito.

— Willy, fico tão contente por Eric ter com quem jogar — disse Alma, de bom humor, e Willy aceitou um sanduíche.

— Sua mãe está preparando outra vez aquele mingau de polenta para o jantar — suspirou Axel. — Eu tentei convencê-la de que pamonha é comida de caipira, mas não dá para lutar contra o exibicionismo nova-iorquino.

— A receita é do Union Square Cafe. — Pela tranquilidade empedernida de sua resposta, a sra. Oberdorf devia estar acostumada a defender seu terreno, embora talvez também não conquistasse nenhum. — E é apenas um acompanhamento, querido. — Distraída, ela escapuliu da sala.

Quando Axe começou a exaltar a reputação do filho como "Rick, o Seboso" no time de basquete de Trinity, Eric o interrompeu, impaciente:

— Pai, presta atenção! Willy *já gosta de mim*. Mas talvez deixe de gostar, se você não parar com isso.

Eric se esforçou para que Willy voltasse a ser o tema da conversa. Recitou que ela tinha sido a número 3 do ranking de juniores em Nova Jersey mesmo só tendo permissão para jogar nos estados de Nova York, Nova Jersey e Connecticut; que fora a número 1 da equipe de tênis do segundo ano na Universidade de Connecticut; que recentemente havia chegado à semifinal no Norfolk Masters, que valia muito mais pontos computados do que seu satélite desprezível em Toronto. Apesar de lisonjeada, Willy ficou confusa em relação aos motivos pelos quais Eric se sentia instigado a soltar essa torrente de estatísticas. Eles deviam estar se conhecendo, mas Eric podia muito bem ter levado uma cópia do currículo dela, como se estivesse se candidatando para um emprego.

— Seu pai é seu treinador, Willy? — No bar, Axel encheu o copo de vodca com mais tônica.

— Willy treina com Max Upchurch, um dos melhores — intercedeu Eric, esforçando-se para acrescentar: — Eles são muito… próximos. Willy é a grande esperança dele para os anos 1990.

— Então o que seu pai faz?

— É professor de inglês — Willy se apressou em responder por si mesma. — Diretor do departamento.

— Rutgers?

As bochechas de Willy esquentaram.

— Bloomfield College. Ele escreve romances e não liga muito para a parte acadêmica…

— Qual o nome dele?

— Chuck… Charles Novinsky.

Axe esfregou o queixo.

— Não sei dizer se eu já… O que ele publicou?

Willy afundou no assento tanto quanto o cubo sem encosto permitia.

— Um livro. O senhor não deve ter ouvido falar dele. Mas é muito bom. Foi subestimado na época.

— Nunca conheci um professor que não tivesse três romances escondidos numa gaveta. Pelo menos seu pai conseguiu publicar um deles.

Willy endireitou os ombros.

— Bom, acho meu pai um escritor muito talentoso. Mas o senhor sabe como é, nem todo mundo pode ficar famoso.

— Sim — Axel sorriu; seus dentes eram pequenos e perfeitos. — A labuta de inúmeros homens dignos de louvores não é recompensada, não é? — complementou, em tom grandiloquente. O floreio não condizia com seu estilo nem servia ao sentimento. Ele ergueu sua vodca-tônica. — Aos que não são valorizados.

Willy não bebeu um gole sequer de seu vinho.

* * *

ANTES DO JANTAR, ERIC levou Willy para conhecer o apartamento dúplex. Ao mostrar seu antigo quarto, ela se espantou com as paredes nuas e as superfícies vazias. A mãe dele tinha limpado todos os seus rastros?

— Não, sempre mantive as coisas organizadas e simples — explicou ele.

Mas a verdadeira explicação só surgiu quando entraram na suíte máster. Ao longo de uma das paredes do quarto, todos os prêmios que Eric ganhara na vida estavam dispostos com destaque: os boletins só com notas máximas, o trabalho de Grupo de Leitura Avançada do primário, as capas com estrelas douradas dos ensaios sobre Ronald Reagan que apresentara em Trinity, uma carta de agradecimento do Comitê Republicano Nacional, diversas fitas azuis conquistadas nas pistas de corrida, oito cartas consecutivas do reitor, anunciando-o como um dos melhores alunos de Princeton, o certificado Phi Beta Kappa com uma chave dourada pendente e um diploma *summa cum laude* de bacharel em matemática recém-emoldurado. Junto à mesma parede, havia uma mesa entupida de troféus. Willy fitou inquieta a exposição. Lembrou-se de católicos devotos que guardavam cartões com novenas, velas, crucifixos e estátuas da Virgem Maria agrupados em um cantinho sagrado de suas casas. Não tinha dúvidas: aquilo era um santuário.

— O que tudo isso está fazendo no quarto dos seus pais? — perguntou, incrédula.

— Pessoalmente, tenho que agradecer que essas tralhas não estejam pregadas por toda aquela porcaria de sala de estar. — Eric parecia ao mesmo

tempo irritado e envergonhado, mas havia lhe mostrado a coleção de propósito. Se iam se casar, havia algo que queria que ela entendesse.

— Mas por que você não quis guardar esses prêmios no seu quarto?

— Eu quis, ou tentei. Eu colocava na minha escrivaninha, mas meu pai sempre roubava. Quando ele foi me ajudar a esvaziar meu quarto no alojamento, em maio, brigou comigo para que eu lhe desse as coisas de Princeton, sob a alegação de que foi ele quem pagou por elas. E no ensino médio, ele se intrometia tanto que eu comecei a jogar fora umas homenagens de merda. Não tinham utilidade. Aquelas fitas azuis de corrida? Ele catou no lixo, com casca de banana junto e tudo. Está vendo? — Eric apontou. — Esta aqui ainda tem marca de gordura.

— Você sempre foi assim, tão modesto?

— Não é modéstia; talvez seja o oposto, para falar a verdade. Não tenho interesse em nada do que já fiz. Estou sempre de olho no próximo obstáculo. Pergunte a qualquer cavalo o que acontece quando ele corre olhando para trás, dando-se os parabéns pelo sucesso ao saltar a última sebe. Isto é entulho, Wilhelm. É entulho velho, aliás. — Seu tom era de repulsa.

— Meu Deus, nem consigo imaginar meu pai…

— *Não* — Eric a cortou em voz baixa — fique com inveja assim tão rápido. Claro, estas tralhas estão no quarto do meu pai. Porque são dele. Não fique achando que ele estava se gabando de mim lá embaixo — Eric apontou para o chão. — Ele estava se gabando *dele mesmo*.

* * *

AO RETORNAREM AO PRIMEIRO andar, os três irmãos de Eric já estavam sentados à polida mesa de jantar de teca; os dois mais novos brigavam a respeito de qual seria o edifício mais alto do mundo.

— Errado! A Sears Tower! Mil quatrocentos e cinquenta e quatro andares…

— Isso é em *pés*, seu idiota. Você acha que o prédio chega à Lua?

— *Ninguém se importa* — interrompeu Eric. — Garotos? Esta é a Willy. Willy? Robert, Mark e Steven — ele apresentou, começando pelo mais novo.

Em termos gerais, eram todos atraentes, mas os dois mais velhos tinham o físico de Axel, baixos e atarracados. Talvez ainda não tivessem crescido tudo o que tinham para crescer, mas nenhum dos irmãos possuía a leveza interessante e a naturalidade segura de Eric. Os três se voltaram para Willy com expressões que mesclavam admiração e ressentimento. Então, Eric tinha levado mais uma garota bonita para casa. Grande surpresa.

O segundo mais velho, Steven, talvez fosse o mais feio e tinha cerca de 17 anos. Ele começou a interrogar Mark sobre quais cinco presidentes americanos haviam sido baleados, mas quando Axel chegou, enxugando as mãos, o pai deles assumiu o posto de árbitro.

— Começam com "G" — estimulou Axel.

— Sem pistas! — reclamou Steven. — Você nunca me ajuda!

— Garfunkel! — palpitou Mark.

Steven vaiou.

— Então todo mundo ouvia Simon e Garfield nos anos 1960?

Quando Alma serviu o primeiro prato, uma terrina de carne de veado, a atenção de Willy começou a vaguear. Mark tinha iniciado uma lista de todos os filmes em que Robert de Niro já havia atuado. Steven, aparentemente, sabia de cor tudo o que havia no gabinete de George Bush. Algo naquela brincadeira a incomodava. Na residência dos Oberdorf, todos os fatos estavam no mesmo nível. Não parecia fazer diferença se era ou não relevante saber em qual filme De Niro tinha interpretado o diabo, somente o fato de que Mark sabia que era em *Coração satânico* e Steven não. Quando o conhecimento tinha valor apenas como arma, todas as informações eram desprezíveis e substituíveis. Aquelas crianças atiravam fatos do mesmo jeito que crianças levadas atiravam comida.

Somente Robert, o menino esquelético e taciturno de 12 anos à cabeceira da mesa parara de competir assim que o pai apareceu. Depois de amassar sua comida, transformando-a em montinhos de bosta, ele trocou o jantar pelo notebook que estava sobre o colo.

— Meninos! — Axel chamou a família à ordem. — Gostaria de anunciar que o irmão de vocês, Eric, acabou de vencer um grande torneio canadense.

— Chega! — Eric desesperou-se. — Foi um torneiozinho de merda, e eu *já te disse* isso, pai!

Robert o adulou.

— Aposto que todas as meninas jogaram flores e fizeram xixi nas calças — murmurou o caçula. — Mal podemos esperar para saber de *tudo*.

— Caramba — disse Mark —, você ganhou o quê? Um milhão de dólares?

— Não ganhei nada — insistiu Eric. — Não é preciso nem estar no ranking para participar, a competição estava infestada de amadores, e com o que eu ganhei não daria para comprar nem uma cópia do "Microsoft Golf " para o Robert.

Mas os protestos de Eric se derramaram sobre os irmãos feito chuva. Willy supôs que a humildade o deixava um pouquinho mais irritante.

— Minha equipe de debate ganhou a primeira rodada contra Dalton, pai — Steven levantou a voz.

— Recebi de volta meu trabalho sobre *Os bons companheiros* — intrometeu-se Mark. — Meu professor de cinema me deu um A+! — O "+" tinha o tinido metálico de um ornamento.

Embora durante o rebuliço inicial Willy não conseguisse discernir muito bem um irmão de outro, agora percebia que seus interesses eram cuidadosamente distintos: tênis, política, cinema e jogos de computador. Cada filho habitava um nicho próprio, como animais no zoológico, que deviam ser separados por cercas para que não devorassem uns aos outros.

Alma apresentou o prato principal, que, para a surpresa de Willy, era lombo recheado. Eric tinha dito que sua família era absolutamente secular, mas servir carne de porco era sê-lo de uma forma ostensiva. À exceção de Robert, os modos das crianças à mesa eram impecáveis, assim como os de Eric. Alma reabasteceu os copos de San Pellegrino dos filhos e, com discrição, apontou para um pedacinho de comida no queixo de Mark. Ele o limpou enquanto lançava um olhar conspiratório de gratidão para a mãe. Ela é a verdadeira família, pensou Willy. A pessoa que recolhe os cacos quando um daqueles modelos de perfeição arrasta os pés pela casa depois de ser, que Deus nos proteja, rejeitado para interpretar o protagonista na peça da escola.

Willy estava sentada ao lado de Steven, que talvez tivesse adquirido sua ambição de se tornar político dos fascínios descartados de Eric, como um casaco que o irmão mais novo herda do mais velho. Quando ela perguntou se isso significava cursar uma faculdade de direito, ele não foi claro, como se já sentisse a pressão de ter que ser admitido em Harvard. Ele voltou a falar da vitória no debate daquela tarde, explicando os detalhes num tom de voz alto o

bastante para que o pai pudesse ouvi-lo. Contudo, embora Steven exaltasse a própria eloquência, nunca chegou a mencionar qual era o tema do debate. E mais, em meio à sua vanglória, ela detectou uma taxa muito mais alta de alívio do que satisfação. Willy já tinha visto isso em tenistas: com pavor suficiente de levar uma surra, a vitória se transforma em "não levei ovos na cara desta vez"; o triunfo se converte na sensação de que se escapou por um triz, mais um adiamento do que um prêmio. A mudança era fatal. Qualquer derrota que se adia em vez de ser impedida adquire toda a inevitabilidade que lhe é concedida. Pode até chegar a um ponto em que, só para encerrar logo a história, você recebe sua ruína de braços abertos, como uma velha amiga.

Examinando o futuro marido do lado oposto da mesa, Willy buscou sinais de que o desprezo sumário de Axel pelos fracassados, a aparente falta de interesse por dificuldades ou justificativas, tivesse sido herdada pelo noivo. Apesar da força dos traços, havia certa suavidade no rosto de Eric, ao contrário das feições de seu pai, cujos contornos redondos e joviais eram pontuados por um espasmo impiedoso e impaciente em torno da boca. Axe fomentava um darwinismo que só uma vida de sucesso fácil poderia bancar. Willy especulou que se sair bem poderia fazer mal à pessoa, caso isso resultasse naquele desdém insensível pelos perdedores. Por mais que Eric parecesse não ter se abalado com tal criação, ele raramente decepcionara o pai. Mark, em comparação, tinha os trejeitos de um menino que não conseguira ser o primeiro clarinetista da orquestra e os tiques furtivos de um mentiroso. Embora até agora a fragilidade lhe parecesse uma injustiça universal, Willy ansiou pelo dia em que o pai robusto e de peito inflado daqueles garotos envelhecesse. Pela intolerância severa à fraqueza a que havia submetido sua própria família, Axel merecia a velhice.

— Se está saindo de troféu na mão — Willy escutou Axel dizer a Eric —, você deve ter endurecido esse seu coração mole. Você me deixou preocupado com aquele negócio da corrida.

— Aquilo foi no colégio, e eu gostaria muito que você esquecesse essa história — disse Eric.

— Olha só — Robert murmurou na direção de Willy. — Meu irmão não só é o Magic Johnson, o Albert Einstein e o Andre Fagassi juntos em uma única pessoa, como também é o Manhattan Gandhi.

Axel pôs Willy a par do que acontecera.

— Na noite anterior a um encontro importante de corredores, esse cara aí começa a mancar por causa de uma torção. Enrola o tornozelo com uma faixa ortopédica; chega a arrumar uma muleta. No dia seguinte à corrida, vejo o babaca dando voltas no ginásio de Trinity. Faixa na arquibancada, muleta no chão. Segurei ele pela gola e disse: deixa essa fantasia aí, garoto, você me deve algumas explicações. Pensei que ele tinha se acovardado. Achei que estava com medo de perder. Alma o pôs contra a parede e conseguiu a resposta. O melhor amigo dele, qual era o nome…

— Yossi Brenner — Eric ajudou, entediado.

— *Yossi* estava competindo na mesma corrida. Eric tinha certeza de que conseguiria vencer o cara, mas não queria que ele se sentisse inferior. Fingiu uma lesão. Entregou a prova de mão beijada. Precisei dizer ao Eric, você não está fazendo nenhum favor ao cara. Se não for você a vencê-lo, vai ser outra pessoa.

Eric suspirou.

— Ele venceu, pai. E a fita teve muito mais valor para ele do que teria para mim. Eu só corria para melhorar no basquete.

— Sempre achei que o gesto do Eric de sair da competição por um amigo foi tão gentil — declarou Alma, em voz baixa.

— Foi um doce — concedeu Axel. — Mas sinto muito em dizer, há pouco espaço para caridade no caminho que o Eric está tomando. Que *todos* vocês, meninos, estão tomando — acrescentou, como se acabasse de lembrar que tinha mais três filhos.

O olhar de Willy cruzou com o de Eric.

— Eu não me preocuparia com o ímpeto competitivo do Eric. Para realmente dar essa satisfação ao amigo, ele teria de ter participado da corrida e ficado para trás. É óbvio que ele não aguentaria fazer isso. Meio-termo: tornozelo torcido. E ainda ganha a corrida na cabeça dele.

Eric comentou com o pai:

— Eu falei que ela é esperta.

Alma ofereceu mais polenta a Willy, e Axel segurou a travessa.

— A Willy não quer repetir, Alma. Ela tem de ficar de olho no peso.

— Na verdade, sr. Oberdorf, passei três horas batendo bola hoje e estou morta de fome. Adoraria repetir a polenta, que, aliás, está deliciosa — Willy

levantou o prato e trocou sorrisos com a anfitriã.

— Você poderia me explicar por que tantas tenistas são *gordas*? — Axel disse, assentindo para o prato dela. — Capriati é grandalhona. Seles é uma vaca. Até a Sanchez-Vicario é troncuda.

— Bem — Willy saboreou a polenta. — Os patrocinadores fazem pressão para que a tenista seja sexy. Às vezes essa pressão é um tiro que sai pela culatra e elas acabam com transtornos alimentares. Mas não somos pagas para sermos modelos.

— Claro que não — concordou Axel, com entusiasmo. — Mas um rosto bonito como o seu certamente ilumina o jogo. Não há nada de errado em ser bonita, não é? E deve ajudar na velocidade, manter o peso baixo.

Willy decidiu ser cordata.

— A agilidade da Martina realmente melhorou quando ela perdeu uns quilos.

— Mas o lesbianismo é uma pena — Axel refletiu inocentemente. — Quer dizer, tenho uma mentalidade bastante liberal, mas nunca achei que Martina e Billy Jean faziam muito bem à reputação do jogo. Nem todos os fãs são *tolerantes* como nós.

— O lesbianismo na Associação Mundial Feminina de Tênis Profissional foi muito exagerado na imprensa — Willy fez uma pausa, enfiando a língua entre os molares para evitar trincar os dentes.

— Aposto que a Willy não é sapatão, pai — disse Mark, erguendo as sobrancelhas. — Pergunte ao Eric.

— Então, Willy, quando você joga contra o Eric aqui — perguntou Axel, curvando-se para a frente —, quem ganha?

Os garotos haviam se calado, e, sem que houvesse outro prato para ser servido imediatamente, parecia que Willy seria a sobremesa.

— Ela me vence facilmente, pai — afirmou Eric.

Axel indicou o fato de que registrara a informação ignorando-a.

— Deve ser difícil — compadeceu-se Axel — batalhar numa profissão com um número como 386.

A voz de Willy se ergueu apesar de ela ter tentado evitar que isso acontecesse.

— É cruel sequer ter uma posição no ranking!

— Não precisa se exaltar — Axel acalmou a convidada. — Só estou demonstrando empatia pela frustração de ser relativamente desconhecida.

— Não quero ser rude, mas quantas pessoas já ouviram falar em Axel Oberdorf?

— Metade dos cirurgiões vasculares do país — Axel disse com rispidez.

— Exatamente. Eu também já fui notada pelos meus pares.

— Claro que foi — bramiu Axel. — Com um monte de experiência em torneios, já que meu filho me falou que você tem 23 anos. Mas eu venho me perguntando: não é uma idade bem madura para o tênis feminino de hoje em dia?

— Pai — interrompeu Eric —, fico feliz por Willy ter 23. Não gostaria de me casar com uma toupeira de 13.

— Como é, filho?

— Eu disse que a mulher que você está insultando vai ser minha *esposa*.

A garrafa de champanhe subsequente não ajudou a pressão sanguínea de Willy a voltar ao normal.

* * *

ALIVIADOS POR ESTAREM OUTRA vez a sós, Eric e Willy trocaram impressões enquanto atravessavam a cidade dentro do ônibus. Quase valia a pena se submeter a uma noite daquelas pelo prazer de dissecá-la depois.

— Sem dúvida você impôs um padrão alto para seus irmãos — Willy arriscou.

— Na verdade, não — alegou Eric. — Tenho um diploma universitário, grandes coisas: sou o mais velho. Participei de alguns times na escola; tenho um histórico acadêmico decente. Agora estou na margem mais distante de uma carreira que é um tiro no escuro. O que há de tão intimidador?

— É que eles parecem, sei lá, cautelosos. Você é muito próximo deles?

— Como poderia ser? — explodiu Eric, e a mendiga no banco RESERVADO AOS DEFICIENTES ergueu os olhos. — O Steven é um cara legal demais para simplesmente me desprezar, então ele só me deprime. O Mark é meio doido, mas daqui a pouco isso passa; ele é ardiloso, está sempre procurando um jeito

mais fácil de conseguir as coisas. Ele tem certeza de que eu aprendi alguma espécie de truque, e quer que eu divida meu segredo com ele. Ele vai ficar com muita raiva quando descobrir que o "segredo" é trabalhar duro. Quanto ao Robert, ele me acha um caretão puxa-saco e bajulador. Meu Deus, ele deve ter razão.

— Você não é exatamente o James Dean — concordou Willy.

— Não vou estragar minha vida só para me rebelar contra o antipático do meu pai. Às vezes eu até me pergunto se não é isso mesmo o que ele quer. Se ele não está me tentando a ser um zé-ninguém e assim mostrar que eu sou homem de verdade.

— É uma pena — suspirou Willy. — Seria bem proveitoso para aqueles garotos ter um irmão mais velho.

— Meu pai cuidou disso. Caramba, não os culpo por terem rancor de mim. Se eu fosse um deles, com aquela porra de exposição no quarto do meu pai? Eu mandaria matar meu irmão santificado. Ele nunca quis que nós quatro formássemos alianças, possivelmente contra ele. Dividir para reinar, este é o lema dele, um sempre querendo esganar o outro. E claro que ele conseguiu. Você reparou que ele te perguntou quem ganha quando nós jogamos juntos? Ele está tentando semear discórdia entre nós, colocar um contra o outro.

— Sabe, aquela história do seu amigo Yossi me surpreendeu. Para ser franca, nunca imaginei você renunciando a algum tipo de competição.

— Bem — admitiu Eric —, a história verdadeira é um pouco mais complicada.

Ele puxou o cordão para sinalizar que desceriam no ponto seguinte e sugeriu que caminhassem desde a rua 86.

— Yossi foi meu melhor amigo durante uns anos — Eric continuou, subindo a Broadway. — Sempre fomos rivais. No final, eu passei a achar que o problema era todo dele, mas àquela altura eu estava sempre à frente, então era fácil me sentir superior. Talvez, se fosse o contrário, eu também tivesse sido uma mala sem alça: a gente nunca se dá conta de que está sendo "competitivo" quando está vencendo. No entanto, a situação ficou muito cansativa: quem está ficando mais alto, quem conseguia dormir com as garotas mais desejadas. Só faltava botar para fora e medir com uma régua, entende? Uma banalidade, relembrando o passado, mas na época meus dias não eram lá *muito felizes*. Eu tinha entrado na lista de melhores alunos enquanto o Yossi ficou de fora por

causa de 0,15 na média geral, e ele passou dias de cara amarrada, soltando farpas para cima de mim e fazendo questão de passar o tempo na escadaria com os vagabundos maconheiros.

De mãos nos bolsos, as pernas compridas balançando, Eric ergueu os olhos para o céu claro de outono. Willy teria pensado que ele era tremendamente popular, mas percebia agora que Eric, até pouco tempo atrás, não tinha com quem conversar.

— Então, quando o Yossi *teve* de participar da corrida, quase saí da equipe — prosseguiu Eric, dando passos mais largos. — Mas eu precisava melhorar meu condicionamento para o basquete. O clima na equipe de corrida naquele ano era de briga, meio sórdido. Todo mundo mencionava o tempo que tinha feito durante as conversas, e mentia, claro, para deixar os outros nervosos, pensando que estavam lentos. Yossi e eu estávamos treinando para os 800 metros. É uma distância complicada… longa o bastante para exigir passos ritmados, mas curta o bastante para também exigir uma arrancada. Eu sabia qual era o melhor tempo do Yossi, já que ele estava sempre puxando esse assunto; e eu sabia do meu, que eu não contava a ninguém. E o meu era alguns segundos melhor que o dele.

"Aquela corrida de que meu pai falou sem parar não era importante… um encontro de duas escolas, embora isso só tornasse a coisa ainda mais intensa. Nós dávamos mais atenção a competições entre colegas de equipe do que aos grandes encontros estaduais. De todo modo, o truque do tornozelo torcido foi resultado de um nojo que me deu no último instante. Quando me imaginei deixando o Yossi para trás, comendo poeira, eu vi o olhar homicida, tenebroso, cruel que ele me lançaria depois que a gente esfriasse. Eu pensei 'Deixa para ele'. Talvez eu já estivesse de saco cheio do Yossi e ponto final."

— Você não acha que estava sendo legal?

— Condescendente, talvez. Ou então eu estava só exausto. Olha, você me entendeu direitinho quando falou aquilo. Se eu fosse *legal*, teria deixado que ele me vencesse na corrida. E você tinha razão: eu posso optar por sair, mas não por perder. Acho que não sou capaz de perder para ninguém — Eric pareceu melancólico, como se sua própria natureza o deprimisse.

"Além disso — ele continuou, os sapatos de cordovão se arrastando na calçada —, eu me sentiria mais orgulhoso de mim mesmo sem o epílogo. Depois da competição, o Yossi falou tanto dos 800 metros, como se estivesse

contente por ter me vencido, para variar, que acabei lhe contando que fingi a lesão e entreguei a corrida a ele."

— Como ele reagiu?

Eric deu de ombros.

— Ele me chamou de imbecil… o que eu *era* mesmo… e disse que ele teria ganhado de qualquer jeito. Mas eu acabei com as ilusões dele. Ele nunca mais se vangloriou por causa da corrida. Sei que fui um idiota, mas eu era um garoto.

Como as porções sutis da mãe não lhe bastavam, Eric parou em uma barraca de legumes e comprou algumas frutas.

— O que aconteceu com a amizade? — indagou Willy.

— Morreu rápido depois daquele dedo na ferida — confidenciou Eric, ao engolir uma banana enquanto continuava a subir a Broadway. — Não senti falta dele. Sempre fazendo comparações, quem conseguiu isso, quem conseguiu aquilo, era um horror. Você nunca se torna um amigo de verdade. E esse tipo de jogo só é divertido enquanto os dois competem em pé de igualdade. Por exemplo, quando nos conhecemos, nós disputávamos quem terminava primeiro as palavras cruzadas do *Times*, e era pau a pau. Mas, no último ano, eu me obrigava a recorrer apenas às dicas da horizontal, enquanto ele também usava as verticais. Mesmo assim, eu o vencia por um quadrante. Eu fazia com que ele se sentisse um merda. Ele me deixava encabulado. Que bem isso podia nos fazer?

Inexplicavelmente, Willy achou a história preocupante, e mudou de assunto.

— Você acha que sua família ficou tão feliz quanto fingiu estar, pelo nosso casamento?

— A minha mãe, com certeza. Ela gostou de você… ela iria gostar nem que fosse só por ter enfrentado meu pai. É claro que você deve ter reparado que meus irmãos ficaram roxos de medo. Meu pai vai usar a ocasião para fazer um estardalhaço a meu respeito e, diante da comparação, eles vão se sentir uns vermes. Meu pai? Já que ele próprio não pode se casar comigo, acho que ele vai se acostumar com a ideia.

— Ele pulou na jugular de todas as garotas que você levou para casa?

— Não, você foi a primeira mulher com quem eu apareci que ele provocou desse jeito. Eu sinto muitíssimo. E fiquei impressionado: você lidou muito bem com a situação, ficou de cabeça fria. A questão é que ele testa as pessoas.

Para ele, te levar a sério é te confrontar. Tenho certeza de que não pareceu um elogio, mas você devia ficar lisonjeada. Ele te viu como uma rival e achou que você aguentaria.

— Mas como ele pôde fazer piada do fato de que a *minha* posição no ranking é 386 — Willy tentava compreender —, se a *sua* posição é 927?

— Por que você acha que ele ficou tão irritado contigo? Você me fez parecer um fracasso.

— Eric, você acabou de começar…

— É isso o que ele está dizendo para ele mesmo. Aos brados. Ele está nervoso com essa coisa de tênis.

— Você não está?

— Não muito.

— Por que *não*?

Eric lhe jogou uma maçã.

— Sabe qual é a primeira coisa que se aprende em cima da corda bamba? *Não olhe para baixo*.

Sete

DEPOIS QUE OS ALUNOS BARULHENTOS DO SWEETSPOT saíram para jantar, a sala de musculação ficou em silêncio, exceto pelo rangido do aparelho de puxada por trás e pelo silvo abreviado de Willy ao soltar o ar por entre os dentes. Parado atrás dela, Max projetava uma sombra na parede em frente a eles.

— Você está tombando para a direita — ele observou, fatigado.

Willy largou a barra, que balançou sobre sua cabeça. Descansava trinta segundos entre uma série e outra — tempo suficiente para uma única frase.

— Meu ombro direito é três vezes mais forte que o esquerdo; tombar é inevitável.

Frase errada.

— Já que é *impossível* seguir meus conselhos, vou te deixar em paz.

A sombra se deslocou, aumentou e desapareceu.

— Espere! Veja se não é melhor assim.

Willy segurou as empunhaduras escorregadias e abaixou a cabeça. De olhos fechados, a posição era a de uma devota.

— Sim. Agora está reta — a voz dele se arrastava. Quando Willy resistia ao treinamento, ele se zangava; quando fazia o que mandava, ele se entristecia. Vá entender. A sombra tornou a se expandir. A maçaneta estalou.

— Max, precisamos conversar — Willy secou as mãos no short, fazendo um movimento circular com os ombros. O esquerdo doía. Ela se virou em direção ao supino inclinado, que estava ajustado com dois quilos a mais do que o que ela costumava levantar. Mexer nos pesos causaria um barulho insuportável, então ela os deixou como estavam. Acomodando as costas no apoio acolchoado, agarrou as alças de espuma.

Max continuava junto à porta. Não estava curvado; nunca ficava curvado. No entanto, havia uma tranquilidade sobrenatural nele que era quase fatal. Já tinha visto isso em outros treinadores. Todos assumiam uma atitude de "já

estive no seu lugar", como uma alma que reencarnasse vezes demais. Talvez essa transcendência de quem já viu de tudo não fosse algo a se invejar. Max parecia de fato um homem que não tinha mais nada a provar, e ela não entendia o que alguém fazia da vida se não provar alguma coisa a alguém.

Agora, de frente para ele, braços abertos, sua postura era franca. Teve a impressão de que ele ainda gostava de olhar para seus seios.

— Max, eu vou me casar.

A frase levou muito menos que trinta segundos para ser dita. Como o rosto de Max permanecia inalterado, Willy se perguntou se o medo que teve dessa conversa ao longo do último mês não era mera arrogância e se, na verdade, ele não estava nem aí.

— Underwood? — indagou Max, friamente.

— Oberdorf. Eu tinha entendido errado. Mas é a mesma pessoa.

— Boa ideia, aprender o sobrenome dele, já que vai passar a usá-lo.

— Vou continuar Novinsky.

— Então, você já pensou bem nisso.

— Não tenho pensado em quase nada além disso.

Max transferiu o peso da perna esquerda para a direita, como se estivesse em dúvida entre Willy e a porta.

— Deve ser uma grande distração — ele transferiu o peso de volta. — O satélite New Freedom é na semana que vem.

Willy ergueu os braços. Neste exercício, a assimetria de sua força ficava nítida. O braço direito se esticava completamente; o esquerdo tremia, tentando acompanhar. A disparidade era mais um lembrete de que, ao se concentrar somente em uma meta, aperfeiçoara uma única habilidade à custa da inépcia em muitas outras áreas.

Willy declarou, entre uma respiração e outra:

— Não faço nada… além de… pensar em tênis… desde os 5 anos.

— E veja onde isso te levou.

As placas de metal retiniram.

— Não muito longe.

— Te deixou preparada. Os próximos dois anos serão sua grande alavancada. Acho esquisito o momento que você escolheu para esse negócio de casamento.

— Casamento não é um negócio.

— É, sim — retrucou ele. — E vai afetar os seus negócios; e pode afetar os meus…

Max, que parecia ter se decidido a permanecer na sala, sentou-se no banco para elevação das pernas, a três aparelhos de distância, torcendo a toalha de Willy.

— Será que você já parou para pensar que me sinto sozinha? — indagou Willy. — No vestiário, nenhuma das meninas fala comigo…

— Bom sinal. Se elas são simpáticas, é porque não te veem como uma ameaça.

— Bom, talvez… me faça bem… ter uma mão… para segurar… talvez… uma tenista feliz… seja uma tenista… melhor — a barra fez um estampido ao ser colocada no suporte.

Max olhou-a de soslaio.

— Sabe, não consigo pensar em nenhum tenista *feliz*.

Willy passou o dedo indicador pelo cabo do aparelho, os cotovelos fracos junto à cintura. Seu corpo queimava da cintura para cima.

— Quando eu era criança, o tênis era um êxtase.

— O que quer dizer que agora não é mais.

— Quando passo dois ou três dias longe das quadras ainda arranco os cabelos.

— Quando foi a última vez que você passou *três dias* sem jogar?

Ela abriu um sorriso.

— Sei lá, há uns cinco anos?

— Tênis adulto não tem a ver com êxtase — Max ousou uma definição, enrolando a toalha até transformá-la em uma corda. — Encarar sua própria natureza no dia a dia não dá paz de espírito a ninguém.

— Nada disso… explica por que… eu não devo… me casar…

O peito dela estremecia; o braço esquerdo tremia tanto que a vibração fazia sua mandíbula tremer. Era peso demais, mas isso não a impediria de fazer as 12 repetições sob o escrutínio de Max.

— Não fale levantando tanto peso, Will. O que eu estou querendo dizer é que já é muito duro lutar contra os demônios que existem na sua própria cabeça sem ter de conviver com os problemas de outra pessoa.

Com um suspiro contido, Willy se forçou a largar os pesos no suporte. Tomou fôlego. Na verdade, estava um pouco enjoada.

— Eric não tem problemas — declarou ela. — Ele tem certeza de que vai se sair muito bem. E de que eu também vou me sair muito bem.

Max encarou-a.

— Alguns meses atrás, uma mão para segurar era a última coisa que você queria.

— A *sua* mão! — Max estava com sua toalha, portanto ela enxugou o rosto na blusa. — A mão do meu *treinador*.

— Garanto — prosseguiu ele, naquele tom de voz terrivelmente calmo que remetia Willy a seu pai — que se você aparecesse na minha frente e dissesse que encontrou um garoto legal, que não bate em você e que tem alguma noção da dedicação que sua carreira exige… um cara decente, que cuidasse de sua própria fábrica de ração ou qualquer coisa assim e que fosse leal e ficasse em casa esperando você voltar de Tóquio… eu te desejaria toda a sorte do mundo.

— Eric é legal e não bate em mim e entende melhor do que ninguém quais são as exigências da minha carreira, já que essa também é a carreira dele. Então, quando vou ouvir os votos de felicidades?

Max chicoteou o banco de vinil do aparelho em que estava com a toalha de Willy.

— Você está sendo burra *de propósito*! — o comedimento na voz dele havia terminado. Willy gostou do fato de que ao menos estavam tendo uma conversa franca desde aquela maldita manhã do "Está frio, volta para a cama", em que ela acabou por deixar a cama dele para sempre.

Willy ajustou a tábua de abdominal num ângulo difícil, batendo os ganchos na prancha. Ela encolheu os tornozelos debaixo do suporte acolchoado e pousou os dedos sobre as têmporas e os polegares sob o queixo. Ao levantar o tronco, os cotovelos se deslocavam para a frente, protegendo-lhe os seios. Embora Willy fizesse abdominais desse tipo dia sim, dia não, havia uma insinuação nos braços recolhidos, as mãos tampando os ouvidos, de que não queria escutar o que Max tinha a dizer.

Max estava junto à tábua, atormentando-a.

— Você é a única garota treinada por mim que percebe como uma carreira de sucesso no tênis é um milagre de Deus. Metade dessas pobres coitadas acredita piamente que vai cruzar meu portão e logo depois assinar um

contrato de 3 milhões de dólares por ano com a Evian. Você não é tão retardada assim. É por isso que fico chocado com a sua falta de imaginação.

— Não tenho ideia do que você está falando — com os músculos da barriga contraídos, a voz de Willy saiu estridente.

— Você sempre teve um jeito cético, Will. Não é do seu feitio confiar tanto.

— No Eric? — ela resfolegou.

— Em *você mesma*.

— Confiar em si mesmo é o resumo do tênis — ela deixou o corpo cair e a cabeça descansar.

— Só quando ele é excelente.

O sangue que lhe subia à cabeça deixou Willy zonza. Ela se levantou para apertar a cinta de tornozelo e abaixou a cabeça.

— *Ele é jogador de tênis, Will.*

Ela tornou a tampar os ouvidos com as mãos, dobrou os joelhos e retomou os abdominais.

— Não é uma maravilha? — grunhiu ela. — E ele é bom.

— Pior ainda.

Willy completava os abdominais lentamente, de olhos fechados, mas ainda assim Max ficava junto a seu cotovelo, perturbando-a, como a encarnação de tudo o que não desejava ponderar. Estava feliz e o ineditismo dessa sensação estapeava o resto de sua vida, num ato de censura. Willy nunca se considerara infeliz. Mas agora descobria que sua juventude fora árida; nunca tivera namorados, nem mesmo durante o ensino médio. Todos os homens achavam que ela era metida, ou que estava concentrada em algo que não lhes dizia respeito, e realmente não dizia. Enfim tinha um homem gentil, ágil, esguio e atraente, e seu sono nunca tinha sido tão bom quanto agora, o que por si só era um luxo, e não mais uma obrigação laboriosa da qual não podia prescindir. Tinha apenas 23 anos, mas já estava exausta; para haver perseverança é necessário haver trégua. E ali estava Max, transformando sua única salvação em um obstáculo.

Willy rolou para fora da tábua e passou para as barras paralelas. Depois de estender os braços ao longo do aparelho e segurar o ferro, ficou de frente para Max, de queixo erguido, disposta a fazer dele seu inimigo caso a alternativa fosse voltar a uma vida que, se antes era palatável, agora só parecia pobre.

— No mínimo — disse ela, sem alterar o tom de voz. — Encontrei um excelente parceiro de raquetadas que a gente não tem de pagar.

— Então, um marido é só um complemento barato a seu *entourage* — insinuou Max, mordaz, com as mãos no quadril de suas calças de moletom. — Uma economia.

Willy recuou um pouquinho.

— Podemos malhar juntos, correr juntos…

— É mesmo — Max agarrou a barra, chegando perto do ouvido dela. Sua bochecha roçou o cabelo de Willy. Não ousava se aproximar tanto desde maio. — Que outras imagens paradisíacas você tem de uma vida juntos, no mesmo esporte?

— Podemos participar dos mesmos torneios…

— No circuito de torneios satélites, existe um punhado de eventos mistos. E, ainda assim, sua posição no ranking é menos da metade da posição dele, e o Oberdwarf não vai entrar nas mesmas competições. Além disso, você não pretende *continuar* nos satélites, não é? — Max falava com uma pronúncia calculada, como se a interlocutora fosse uma criança ou uma idiota. — O plano não é juntar pontos suficientes dentro de um ou dois anos e chegar ao circuito de torneios internacionais da Associação Feminina Mundial de Tênis?

— É claro.

— E o Oberdork, ele quer participar dos torneios da ATP?

— Obviamente…

— Você já contou, sem levar em consideração o Grand Slam, quantos torneios internacionais convidam homens e mulheres para competir no mesmo lugar, na mesma época? *Dois*. Imagino que você vai contar os dias até eles.

— Esperava que você me parabenizasse, mas eu já deveria saber.

— Só estou sendo prático. — Uma das palavras preferidas do pai dela. — Vamos analisar as possibilidades uma por uma, está bem? — Max levantou o dedo indicador de uma das mãos com o indicador da outra. — Um: os dois fazem um sucesso esplêndido. Top 200, talvez melhor que isso. Portanto vocês pegam a estrada, estradas *diferentes*, o ano inteiro, à exceção de dezembro. Feliz Natal. Enquanto isso, ambos terão diversos casos, de Munique a Tel Aviv, já que só assim vocês vão sentir alguma coisa da cintura para baixo. Depois de 15 anos, você vai se aposentar e ficar com o estranho careca com joelho ruim e

problemas de coluna, que você logo vai voltar a chamar de "Underwood" porque não vai mais se lembrar do nome dele.

— Já chamo de "Underwood" — protestou Willy. — É uma piada.

— Que fofura — disse Max, levantando o dedo médio. — Mas vamos dar uma espiada no que há por trás da Cortina Número Dois. Digamos, já que tênis é tênis, que os dois caiam de bunda no chão. Oberklutz nunca consegue acertar sua esquerda cruzada no melhor lado da quadra. Você volta a investir contra uma rede que não consegue cobrir…

— Eu consigo sim…

— Cale a boca. Então, os dois são uns fracassados, perambulam pela faixa dos 700 melhores, em que vocês não conseguem se sustentar, assim como acontece com quase todo mundo neste esporte. Talvez vocês se deem bem por um tempo porque a tristeza adora companhia etc. Mas aposto que, depois de um ou dois anos, incapazes de esganar o mundo com essas mãos furiosas e tensas, vocês vão pular no pescoço um do outro.

— Esse panorama completo é um belo presente de casamento, Max. Não me deixe esquecer de te mandar um cartão de agradecimento…

— Mas vamos dar uma olhada atrás da *terceira* cortina — ele a interrompeu, levantando o dedo seguinte. As articulações de Max eram extremamente flexíveis, e aquela curvatura era tão obtusa que dava calafrios. — Will entra nos torneios. Underwood tragicamente fica aquém das expectativas. Mas de certa forma é uma sorte, não é? Porque assim seu parceiro barato de raquetadas fica livre para te acompanhar mundo afora… agendando quadras para você treinar, massageando seus ombros e equilibrando o saldo da sua conta bancária, que não para de crescer. Devo continuar?

— Não, obrigada — disse ela friamente.

— Perdão, deixei alguma alternativa de fora? — ele balançou o mindinho.

— Já basta — Willy deu meia-volta e se dirigiu à esteira, cujo zumbido felizmente abafaria o monólogo malicioso do treinador. Começou com um trote leve, mas mesmo depois de passar de oito a 12 quilômetros por hora, sua corrida não a afastou nem um metro de Max, nem do que ele estava dizendo.

Os solavancos de seus passos faziam a voz de Willy sair aos sopros.

— Há diversos casais de tenistas nos torneios.

Max cruzou os braços.

— Me diga um.

— Chris Evert e John Lloyd.

— Divorciados — declarou, impassível. — E qual o principal motivo da fama do John Lloyd?

Seu rubor foi encoberto pela vermelhidão natural por ela ter aumentado ainda mais o ritmo da esteira.

— Ser casado com Chris Evert — admitiu ela. — Mas durante algum tempo eles formaram um belo par!

— Desde quando você integra algum par, Will? Você não consegue nem jogar em dupla. Você compete com a menina que está do seu lado da rede.

— Não sou apaixonada pela mulher que está do meu lado da rede — ela arfou.

Max olhou-a com desprezo.

— E eu achava que você gostava de música clássica, de literatura de verdade. Do jeito que você está falando, parece que anda ouvindo só os hits do momento e lendo romances de banca de jornal: *meu amor*, *meu amor, meu amor*. Agora você acha que o amor é capaz de tudo? Eu me recuso a acreditar que a paixonite por um boa-pinta cheio de tesão transformou seu cérebro em mingau.

— Liz e Peter Smylie! — aumentou a velocidade.

— Liz chegou a 36. Peter abandonou.

A máquina passou do ronco ao ganido. A 16 quilômetros por hora, o peso de seus tênis e a rouquidão de seus arquejos tornaram necessário que Max berrasse:

— Você esqueceu que eu te conheço muito bem! Você competiria com uma mosca se achasse que ela estava tentando subir paredes mais rápido que você. Tudo no mundo é uma competição. Uma ótima qualidade numa atleta. Não em uma *esposa*.

Ela apertou o botão que parava a esteira.

— Ninguém está pedindo que *você* se case comigo!

A máquina havia parado abruptamente; Max a segurou quando Willy tombou para a frente. Manteve a mão em seu braço. Com a esteira em silêncio, ele falou em voz baixa.

— Me faça um favor. Visualize esse futuro glorioso que você vai ter. Veja se ele não inclui o Underboy carregando suas malas até o Kennedy e programando seu serviço despertador em dez línguas diferentes. Quando a sua carreira decolar e ele ainda estiver na casa dos 900 melhores, você acha que ele vai ser humilde e ficar atrás da linha lateral, te incentivando? Porque, Will, minha amiga, se você está doida por um garoto depois de anos sendo a Miss Gélida, aposto cada centavo que tenho que ele é *igualzinho a você*.

— Isso é tão terrível assim?

— É — disse Max, deixando a mão cair junto ao corpo —, um desastre.

* * *

O SATÉLITE NEW FREEDOM era sediado na desorganizada cidade de Worcester, Massachusetts, onde o hotel bege e ocre de Willy lembrava a sala de estar de seus pais. Embora uma competição patrocinada por absorventes causasse constrangimento, a WTA não chegava aos pés da ATP em termos de prosperidade, e não podia ser exigente em relação a patrocinadores. A WTA ainda não tinha se livrado do hábito — os cigarros Virginia Slims — mesmo com os frequentes cartazes que eram empunhados em piquetes do lado de fora dos locais onde aconteciam os jogos do torneio Slims: A VIDA DAS MULHERES ESTÁ VIRANDO FUMAÇA ou A ASSOCIAÇÃO FEMININA JÁ CHEGOU LONGE: AGORA, SEPARE-SE DOS SLIMS. Se comparada a uma marca de cigarro, uma defensora da higiene feminina era um presente de Deus.

Mas Willy teria participado mesmo que o torneio fosse patrocinado por um fabricante de armas ou de pornografia infantil. O New Freedom pagava apenas 8 mil dólares à vencedora, mas contrabalançava o prêmio mirrado com pontos computados. Além disso, pontos eram dinheiro; eram melhores que dinheiro.

A quinzena transcorreu como Max havia previsto: o satélite de Worcester não tinha equivalente masculino; se tivesse, o ranking de Eric o eliminaria. Portanto, Eric estava em Oklahoma, competindo no Jox All-Comers. Jox pagava uma lástima em todos os aspectos, mas Eric não podia se dar ao luxo de ignorar nenhum torneio que desse pontos. Willy não tinha como pagar uma passagem para a cidade de Oklahoma para aplaudi-lo durante as duas primeiras

rodadas, e, até que ela começasse a embolsar prêmios substanciais em dinheiro, esta seria a restrição fiscal padrão. Seus sonhos iniciais de que um incentivaria o outro por todos os cantos do globo começavam a anuviar.

Até a coincidência do Jox e do New Freedom, eles haviam conseguido passar uma quantidade ilusória de tempo juntos. Nos três meses anteriores, por acaso, os torneios de ambos foram escalonados, e no esbanjamento impulsivo de início de namoro, um sempre viajava para assistir às partidas do outro. Doce mas irresponsável, a sociedade da admiração mútua não tinha como durar.

O súbito isolamento em Worcester rebaixou Willy à vida de solteira que se tornara oca e apática. No trem, chegou a se virar um pouco para compartilhar um pedacinho do jornal com o banco vazio. O tempo bocejava entre o check-in e o jantar. A comida também era marrom. Mais tempo bocejava entre o jantar e a hora de dormir. Por fim, Willy se deitou, entediada e desperta, perplexa com o fato de que um dia havia conseguido dormir sem antes transar.

A ideia de permitir que os próprios dedos vagassem até ali embaixo era repugnante. Não só o pensamento se apresentava como traição, como qualquer tipo de sexo sem Eric não poderia mais ser qualificado como sexo, na nova concepção que Willy tinha do termo. Para Willy, nem mesmo a palavra "foder" podia funcionar sintaticamente como verbo intransitivo. Esta era a diferença: Eric sempre fazia sexo com *ela*. Em seus encontros anteriores, daria na mesma se Willy atirasse um pedaço de fígado de Portnoy* para o parceiro e se levantasse para ler um livro. Na verdade, se tivesse feito isso de vez em quando, teria se divertido mais. Mas era normal que Eric a evocasse em tom de urgência, "Willy? Willy!" para lembrá-la de que ele sabia que ela estava ali. Ele nunca gritava "Ah, meu amor!" como um atleta da universidade fizera um dia e ela percebera, na mesma hora, que ele o fazia para todas as garotas que levava para a cama. Além disso, com os homens anteriores a operação toda se tornara tão complicada do ponto de vista físico — primeiro ele fazia sexo oral nela, depois ela fazia sexo oral nele e depois eles tentavam posições exóticas. Mas Eric não demonstrava interesse em trocar favores feito vizinhos nervosos, que pegavam xícaras de açúcar emprestadas para devolver no dia seguinte. Em vez de se embrenhar em um elaborado macramê de membros, o corpo de ambos parecia derreter. Quando Willy fechava os olhos e abria as pernas, o que Eric penetrava era a sua cabeça.

Portanto, no quarto de hotel em Worcester, Willy fechou os olhos e deixou que os perímetros de seu corpo sangrassem no ambiente, até que as paredes se dissolvessem e seus dedos se aventurassem não por suas partes baixas e sim pelas fronteiras que separavam os estados. Atravessando o país escurecido, Willy tirou os braços dos lençóis frios e os esticou até Oklahoma, tateando até achar a mão de Eric. Esquentando-a com sua mão, ela dormiu.

* * *

O TÊNIS, COMO SEMPRE, fez com que Willy voltasse a si. Max enviara Desmond em um trem matutino para aquecê-la. Naquela tarde, ao amarrar os sapatos no vestiário do Worcester State, o puxão do cadarço apertado empurrou Willy de volta a quem ela era e o que ela era, o que para Willy era a mesma coisa.

A adversária de Willy, Robin Lascombe, finalmente havia parado de se queixar do pai dedicado, mas passara a enumerar os itens de sua dieta só de proteínas, incluindo uma lista extensa de mercadorias contrabandeadas que há muito lhe davam saudades, como pizza de calabresa e barras de chocolate gelado. Willy escondeu o sorriso que se insinuava alongando as panturrilhas. Com cerca de 17 anos, Robin era nova, mas de um jeito trágico — uma jovem volúvel, amistosa demais. Talvez Max tivesse razão ao dizer que ser adulto ainda era uma vantagem. Caso não fosse tão absorto, o rosto da menina talvez fosse bonito. Mas todos os contornos encantadores eram enevoados pelo medo, que obscureciam suas bochechas assim como o vapor bafeja da pista de decolagem quente depois de um aguaceiro. Uma abundância de pintas salpicava-lhe o rosto feito respingos de lama. Com um traço inexpressivo se derramando no outro, seu rosto era um animal morto no meio da estrada, flácido e desossado. As feições da própria Willy eram marcadas; o nariz se cortava em uma ponte reta, o queixo era pontudo, as faces salientes, a testa se talhava em uma protuberância regular; até seus olhos tinham gumes, luzes verticais piscando feito chanfraduras. Ao se olhar no espelho da pia, Willy concluiu que se dependesse apenas de sua aparência, poderia cortar as jogadas daquela menina como uma faca fatia um patê.

Willy enfiou os últimos fios de cabelo debaixo da bandana cor de carmim que ganhara de Eric, puxou o elástico da calcinha para prendê-la de um jeito

confortável sob as nádegas e arrumou o vestido simples, branco e sem mangas de tenista para que não marcasse o sutiã esportivo. Atados com elástico, os seios ficavam sólidos e imóveis: era como voltar aos 10 anos, ou ser um garoto. Averiguou duas vezes se sua bolsa estava equipada com quatro raquetes, toalha, água e um suéter — no frio cortante de outubro, o perigo era ficar encalorada e suada e depois sentir frio durante os intervalos. Quando pôs a bolsa no ombro e se dirigiu ao pequeno estádio, Robin foi atrás e berrou:

— Boa sorte! — Willy revirou os olhos.

Willy dispôs os apetrechos em uma cadeira dobrável, posicionada na linha lateral como se para enfatizar que dali para a frente ela estava sozinha. Na primeira rodada de um torneio pouco conhecido, a plateia era parca e dispersa, mas Willy nunca dependera de fãs para ficar acesa. Estava triste porque Max só poderia ir para lá depois das quartas; estava mais triste ainda porque Eric estava em Oklahoma. Mas Willy fazia sua oferenda não aos compradores de ingresso ou aos simpatizantes, e sim ao próprio Tênis — uma abstração, mas com toda a presença intangível e a observação silenciosa de Deus.

Mesmo no aquecimento, Robin jogava a bola para fora, depois sorria para um brutamontes na primeira fila.

— *Muda essa bunda mole de posição, Rob!* — ele latia, ou: — *Antecipa a jogada!*

O sorriso de Robin só fazia ficar mais aberto e mais repugnante.

Willy ganhou o sorteio e praticamente tudo o que veio depois. Lascombe começou vacilante e prosseguiu se desintegrando completamente. Alguns lances que ela errava só seriam perdidos com esforço; era esticar a raquete e a bola teria voltado quicando, mas Lascombe parecia mais concentrada em sair do caminho. Havia algo quase erótico no jeito como deixava o flanco vulnerável de seu lado de backhand nu e desprotegido, sempre com aquele sorriso grato enervante. Era preciso se concentrar para não sentir pena dela, mas Willy sabia que piedade era a morte. Simpatize com o adversário e, antes que você perceba, ele estará com pena de você.

Somente ao retornar ao vestiário Willy se permitiu examinar Robin Lascombe com um olhar generoso. Estava sentada de pernas abertas, a saia subia negligentemente e expunha um hematoma envelhecido, ocre, grande como uma mão. A princípio, Willy pensou que a garota estava brincando de ligar os pontos com as pintinhas do rosto, até que se deu conta de que a boca e os dedos de Lascombe estavam cobertos de chocolate derretido.

* * *

AO TELEFONE COM ERIC, naquela noite, Willy narrou a partida, e o êxtase da vitória ainda não tinha passado.

— A plateia estava muito entediada, se levantando para comprar refrigerante. Quase me senti culpada.

Estranhamente, Eric não reagia. Quando acabou de despejar sua vitória, a conversa ficou canhestra; o silêncio era sucedido por ambos falando ao mesmo tempo.

— Desculpe — ela se lembrou. — Seu jogo de quartas era hoje. Como foi?

— Hum, 6-4, 6-7, 6-3.

— Então foram três sets, mas não é ruim.

— Não para o John Reilly. Eu fiz o 4 e o 3.

Dizer que ficou chocada seria forte demais, mas ficou surpresa. Eric havia entrado em três torneios pouco importantes desde que ela o conhecera e ganhara dois troféus; Jox era o mais fraco deles. Como era fora de mão, muito fácil de entrar e tinha pouco a oferecer, a chave só poderia ser fácil.

— O que deu errado?

— É aquele backhand cruzado… muito aberto.

— Tire um pouco da força.

— Eu não *quero* tirar um pouco da força — disse ele, irritadiço. — Sem ritmo não dá certo. Vou trabalhar nisso.

— *Nós* vamos trabalhar nisso — ela se ofereceu.

— Certo — a voz dele estava entrecortada. — Não tem sentido eu ficar perambulando pela cidade de Oklahoma a esta altura, então por que não me arrastar até Worcester? Pegar o final do seu torneio.

— Um parceiro de raquetadas seria uma mão na roda.

— E um boleiro também, tenho certeza.

O tom dele era tão amargo que ela lhe deu a opção de retirar o que dissera.

— O que foi que você disse?

Um suspiro longo e vagaroso soprou no ouvido de Willy com um ruído baixinho.

— Que estou com saudade, Wilhelm.

— Eu também estou com saudade… — estava prestes a chamá-lo de Underwood, mas pensou melhor. — E não preciso só de um parceiro de raquetadas. Preciso de um parceiro.

Ela estava encerrando o telefonema quando ouviu um bramido do outro lado da linha.

— Ei! Fico contente por você ter ganhado, Willy. Continue assim — uma firmeza estranha marcava seu tom, uma ênfase excessiva.

Naquela noite não teve problemas para dormir sozinha. Era claro que a derrota de Eric no Jox a entristecia, portanto era esquisito que o infortúnio dele tivesse feito com que uma calmaria tépida se arrastasse em seu peito. Talvez a tristeza fosse assim.

* * *

AO SE ENCONTRAR COM Eric no hotel, ela percebeu certa tensão, evidenciada pela vivacidade forçada de sua parte e a concisão da parte dele. Tinham passado apenas duas semanas sem a companhia um do outro, porém Eric beijava com uma língua alienígena e os dentes dos dois batiam. Quando fizeram amor, não pareceu seguro fazer piadas. No começo, ele não encaixava nela, como se nesse ínterim seus corpos tivessem desenvolvido um acanhamento em relação às suas formas interligáveis. Precisaram do dia seguinte inteiro para encontrar as brincadeiras lúcidas e naturais que antes da separação pareciam fáceis como respirar.

Eric menosprezou o All-Comers, tratando-o como algo insignificante. Podia encaixotar e enterrar a decepção a seis palmos do chão, perfeitamente ciente de que se a deixasse ao ar livre, em sua cabeça, ela começaria a feder. Sempre que os resultados não se enquadravam na visão ascendente que tinha de si, o evento, e não a visão, tinha de sumir. Mas certos aspectos de Eric eram obscuros. Willy estava em dúvida se ele tinha de fato deixado a derrota de lado ou apenas parecia tê-lo feito. À exceção do backhand esquisito, Eric fazia tudo direito; se sua despreocupação era um fingimento, ele fingia com perfeição.

Como prometido, Max foi de carro assistir às quartas, mas a coreografia era embaraçosa. Eric insistia em alongar os tendões da perna de Willy: não deixaria que o treinador olhasse de soslaio para a região entre as pernas da

noiva. Quando Max lhe passou informações sobre as deficiências da adversária e Eric deu sua contribuição com o que percebera ao espionar o treino inimigo, Max o contradisse, declarando que o que Eric tinha visto foi uma aberração e que, na verdade, o voleio de backhand da garota era extraordinário. Willy saiu sem ter noção se deveria tentar a passada no forehand ou no backhand e decidiu-se pelo lob.

No final das contas, foi uma boa escolha, e, para comemorar a vitória de Willy nas quartas, os três jantaram juntos no hotel. Um pesadelo; nunca mais. Max expressou uma compaixão agressiva pela derrota de Eric em Oklahoma e, com uma agilidade digna de um Joãozinho que vai espalhando migalhas de pão, passou a mencionar os nomes de antigos jogadores federados que chegaram ao top 10. Eric agiu com uma educação pétrea e negou-se a mencionar que seus pais tinham sido grandes amigos de Ted Tinling. Em certos jogos, a melhor vitória era se recusar a jogar.

Na manhã seguinte à vitória nas semifinais, Willy estava batendo bola com Eric na quadra de treino quando Max atravessou a linha de fundo da quadra de Eric com a raquete desencapada e parou na área dele enquanto Eric recolhia uma bola perto da cerca. Por um instante, Eric ficou confuso. Max empunhou a raquete para pegar a bola. Eric não a entregou. Em vez de fazê-lo, aconselhou por cima da rede:

— Willy, talvez seja melhor subir à rede até antes…

— Se você subir à rede cedo demais, você acaba perdendo o controle — interrompeu Max. — O posicionamento numa subida à rede é tudo…

— Eu não estava falando de meio-voleio, Upchurch…

— Willy, venha aqui! — Era o comando taciturno de um cão que recebe uma ordem de se sentar. Willy se aproximou. Max não costumava gritar, e não gritou naquele momento. — Você pode foder com ele. Pode até se casar com ele. Mas se ele também vai ser seu treinador, é melhor você me avisar logo.

— É claro que não, ele só…

— Tudo bem. Hoje é a final. Pode valer só 8 mil dólares, mas 1.600 são meus. Você precisa muito dos pontos. Se você precisa dos pontos, então eu também preciso dos pontos. Então tire esse cara desta quadra.

— Eric, talvez seja melhor…

Eric fechou o zíper da capa da raquete, com gestos rápidos e firmes. Max berrou para ele:

— Já ouviu aquele ditado sobre "um pouco, dois bom e três é demais"?

* * *

ERIC TINHA RAZÃO: TÊNIS era igual a sexo. E, em geral, eram as vezes em que era péssimo que ficavam na memória. Depois que uma competição atingia seu clímax inebriante, um confronto bem-sucedido se tornava difuso; tudo o que restava era o placar. A estranheza, as ligações perdidas e o parceiro errado na hora errada duravam mais tempo, esburacando a memória ponto a ponto, com a precisão de um desenho feito por uma criança com furos de alfinete ao ser examinado contra a luz. Evocando os pontos altos de seu ano como tenista, Willy via apenas as bolas curtas que ficaram na rede, os break points que não conseguiu recuperar, as investidas que a fizeram se esparramar no chão. Independentemente do número de troféus que acumulara, as fotografias do ano catalogavam um desastre. Era como se não valesse a pena preservar nada que dissesse respeito à competência; como se a memória existisse somente com a finalidade de torturá-la.

Como resultado, assim que a raquete de Willy executou o overhead que lhe garantiu a vitória na final do New Freedom, o jogo que deixou para trás se transformou em estatística. Apertando as mãos da adversária e virando-se para a sua cadeira, Willy buscou no crepúsculo uma imagem posterior do match point, antes que ela desvanecesse para sempre. Devia ter sido gratificante, mas ela não tinha mais como ter certeza. Quanto ao sexo, talvez fosse isso o que fazia as pessoas quererem mais: quando era bom, não dava para guardá-lo.

Enxugando-se com a toalha e apertando mãos que se projetavam da arquibancada, ela viu Max caminhando devagar em sua direção, com um sutil esboço de sorriso. Mas quando Willy procurou na primeira fileira, nada de Eric. Embora a cadeira dele estivesse vazia, ele não tinha ido ficar ao seu lado.

Enquanto isso, Max passava o elástico das calças de moletom por cima de seus tênis.

— Max, essa calça fica ridícula com o vestido.

— Você vai ficar resfriada.

Depois de embrulhada, com a saia se sobrepondo à calça cinza, viu Eric emergir de uma das saídas do estádio e se desculpar por obrigar os vizinhos a

se levantarem dos assentos para que pudesse chegar ao seu lugar. A trilha sonora piegas de *Carruagens de fogo* já fazia seu *PAM-pam-pam*-ping pelos alto-falantes, e não havia tempo de trocar nenhuma palavra antes de andar feito uma pata até o microfone e aceitar o troféu de vidro lapidado.

Com o braço em torno da taça, segurou a saia com a mão livre e fez uma reverência.

— Sei que vocês já não devem aguentar mais as jogadoras agradecendo aos treinadores e aos noivos — começou —, mas vou ter de arcar com as consequências se não agradecer aos dois.

A plateia deu risadinhas. Públicos norte-americanos eram facilmente manipulados pelas mãos de qualquer vencedor; era óbvio que podia falar o que quisesse.

— Pelo menos vou lhes poupar do agradecimento habitual ao meu pai por seu apoio — prosseguiu Willy, sua voz ecoando nas arquibancadas —, já que há anos ele deseja que eu me torne uma auditora pública. — [*Uh-uh-uh.*] — Mas acima de tudo, quero agradecer a todo mundo por ter vindo a um torneio satélite. Todos nós gostamos de ver os astros, mas os tenistas do top 10 têm que partir de algum lugar, não é?

Ela ergueu o punho no ar e eles aplaudiram.

* * *

— ONDE VOCÊ *ESTAVA*? — Willy exclamou quando finalmente retornaram ao quarto de hotel. — No fim da partida, procurei por todos os lados. Você sumiu.

— Tive de ir fazer xixi — declarou Eric, atirando a jaqueta de couro em cima da cama.

— No *último game*? — Não tinham tempo para brigar. A festa de encerramento do torneio seria dali a meia hora, e a vencedora era obrigada a ser pontual. Às pressas, Willy tirou a calça de moletom, e ela ficou presa no tênis.

— Não seria o último game se você tivesse perdido — Eric justificou, reprimindo a impaciência, arremessando peças de roupas. — Estava 5-3 no

segundo set, você caiu em 0-30, e com uma quebra a Patterson recuperaria o serviço. Passei uma hora adiando a ida ao banheiro, e estava quase mijando nas calças.

— Se você conseguiu esperar uma hora, poderia ter esperado mais cinco minutos — rosnou Willy, lutando para tirar o casaco de moletom. — Você não se levantaria da cadeira logo antes do match point do *Edberg*.

— Eu não estava vendo o Edberg, estava?

— O que você está querendo dizer com isso?

— Todo aquele "eu vou entrar para o top 10"…

— Eu não falei isso…

— Passou um pouco do ponto.

Suas bochechas ardiam. Willy passou os braços em cima dos seios despidos.

— A plateia espera entusiasmo. Assim como a WTA.

— Eu vim até aqui para te ver jogar. — Eric vestiu a calça preta, fechando o zíper com um jeito cerimonioso e em seguida pôs o cinto de couro. — Durante uma semana, a única coisa que fiz foi aproveitar alguns jogos sem compromisso com os fracassados da cidade. E agora você está pegando no meu pé por mal conseguir chegar ao banheiro masculino…

— Desculpe. — Willy esticou o braço para tocar o braço dele através da camisa branca engomada, deixando os seios à mostra. Os poucos centímetros que os separavam pareciam intransponíveis. O relógio de viagem dela estremecia como se cada segundo exigisse um esforço maior que o anterior, e o ar do decadente quarto marrom se tornou palpável. Não estava acostumada a achar tão difícil tocar em Eric; o fato de ter de forçar a própria mão foi chocante. — Agradeço por você estar aqui — acrescentou, segurando com força a manga da camisa dele e empregando a mesma ênfase peculiar que Eric usara ao salientar "Fico contente por você ter ganhado" quando estava em Oklahoma. — Muito grata. Você me deixa inspirada. Talvez seja por isso que eu tenha me saído melhor que… Quer dizer, eu tive alguém para me incentivar. Gosto de me sair bem para você. E então você perdeu o último game. Fiquei decepcionada, só isso.

Eric não pôs os braços em volta dela, mas ao menos não recuou. Seus movimentos rangiam assim como os dela, como se as articulações de ambos precisassem de óleo. Por que uma simples conversa se tornara tão trabalhosa?

— Estou fazendo o melhor que posso — disse ele, em tom decidido — para te apoiar de todas as formas possíveis. Às vezes eu tenho de *cuidar da minha própria vida*, como dizem por aí. Tudo bem? — Terminada a discussão exaustiva, ele se afastou.

— Você não fica contente por ser importante para mim que você assista ao jogo? — indagou Willy com cuidado.

Eric passou a gravata em volta do colarinho levantado.

— Encantado.

Willy passou o vestido de seda pela cabeça em silêncio. De um vermelho lascivo, esta era uma de suas roupas preferidas, mas, naquele instante, era ofuscante; parecia espalhafatoso, muito curto e exagerado, como se ela se achasse sexy. Abaixou a saia bruscamente, e lançou apenas um olhar improvisado para o espelho, para não ser vista se admirando. Willy vestia a meia-calça branca, alisando-a perna acima. Com Eric de costas, ela passou um dedo reverente sob a parte dura do músculo da panturrilha, e em seguida sentiu culpa. Balançou os cabelos, como se tentasse fazer com que uma peça deslocada que chacoalhava dentro de sua cabeça voltasse para o lugar. Não era assim que geralmente se sentia depois de ganhar um torneio. Não havia júbilo, tampouco alívio, e sua única reação à festa iminente era apreensão. Era quase como se, já que a vitória era apenas sua e não de Eric, ela tivesse vencido pela metade.

Na verdade, por um breve instante Willy desejou ter perdido aquele último overhead — ter perdido a final. Numa onda de arrependimento ao mesmo tempo estranha e enervante, Willy imaginou aquela noite de forma diferente, dizendo à WTA que engolisse a porcaria da festa e indo embora com Eric para esbanjar num jantar que servisse como prêmio de consolação, o qual nenhum dos dois podia pagar. Na comiseração mútua, talvez não se sentissem exatamente alegres, mas ao menos se sentiriam mais próximos.

Embora naquela mesma manhã tivessem cintilado feito barras de ouro, agora que os pontos do New Freedom estavam à mão, eles tiniam na palma de Willy como trocados. Seu impulso passageiro era desfazer-se deles. De pé, vestida com a meia-calça, sem conseguir tirar os olhos das costas de Eric, que ajeitava o paletó sobre os ombros largos, Willy levantou a mão como se fosse lhe dar um presente — um presente que faria muito mais diferença que uma frágil camiseta do Sweetspot. Mas os computadores não eram programados

dessa forma: não era só porque os pontos lhe pertenciam que poderia doá-los a quem quisesse. Willy tinha de ficar com eles, e talvez fosse o fato de serem intransferíveis o que os tornava insignificantes.

— Querido — sussurrou ao lado do futuro marido —, você não precisa ir à festa se não quiser.

— Eu nunca disse que não queria ir — disse ele com frieza, apertando o nó de Windsor em torno do pescoço mais do que parecia necessário.

— É só um coquetel barato da Associação para um torneio de segunda categoria. Sem dúvida vai ser uma chatice…

— O evento não é para celebrar sua conquista? — perguntou, impassível.

— De certa forma, mas é principalmente para deixar o patrocinador…

— Então minha presença é mais ou menos obrigatória, não é? Esperada? Por que eu não iria querer estar lá?

Ela deu de ombros e piou:

— Não há um porquê.

— Então está certo. Pegue seu casaco.

* * *

A FESTA DA VITÓRIA foi no grêmio estudantil, e os alunos do segundo ano se infiltraram de olho nas bebidas gratuitas. Os copos eram de plástico, o vinho era despejado de jarros de modo preocupante. Indiferente ao bufê ordinário, Willy se concentrava em zelar por Eric.

Ficou claro que não havia necessidade. Ele tinha um comportamento exemplar — exemplar demais. Era gracioso e escrupuloso. Enquanto os administradores da WTA, bronzeados e enrugados como uma ameixa, tagarelavam sobre a técnica de Willy, ele mantinha uma expressão respeitosa, porém vazia. Mas Willy o manteve preso a seu braço, acrescentando a cada conversa:

— *Eric* também é profissional.

— Verdade? — perguntou o representante do New Freedom, um homem; homens eram compelidos a se interessar por menstruações apenas quando havia dinheiro envolvido. — Qual é a sua posição no ranking?

Como a última competição de Eric também valia poucos pontos, ao menos seu mau desempenho em Oklahoma não fez com que perdesse terreno.

— 926 — a pronúncia de Eric era regular e neutra.

— Muito bem. Boa sorte, não vai ser fácil acompanhar esta pequena promessa. Não a deixe escapar de você.

— Não pretendo — declarou Eric com um sorriso distante.

Não conseguia entender muito bem, mas, no decorrer da noite, Eric manteve os braços junto ao corpo, bebeu um único copo de vinho e falou somente quando lhe dirigiam a palavra, tudo isso com a dispersão serena de um homem que tomava decisões.

---

* Alusão ao personagem Alexander Portnoy, do livro *O complexo de Portnoy*, de Philip Roth. (*N. do E.*)

Oito

— É CLARO QUE VOCÊ VAI SER convidado — prometeu Willy. — Fiquei preocupada com a possibilidade de que você não quisesse assistir.

— Eu ganho a vida como voyeur.

— Como é que você aguenta, Max? — ela se aventurou a perguntar. — Ficar olhando enquanto os outros jogam?

— Eu fico só com a parte boa. — Nos confins da biblioteca do Sweetspot, o charuto dele era insalubre. — Quando você vence, eu ganho créditos; se você perde, é fácil colocar alguém no seu lugar. Ganho muito dinheiro; meu risco é zero.

— É assim que encara seu trabalho?

— Cada vez mais.

Willy tinha vislumbrado um outro lado de Max naquelas poucas semanas da primavera — o lado que arriscaria a partida toda em uma única jogada na porta do alojamento dela; o lado que acertava a bola em seu ápice, alegrando-se em dar a cara a tapa, em vez de se resguardar fazendo apostas covardes através de procuração. Uma ínfima parte dessa coragem reluzia agora. Acomodado no canto de sempre, sob uma luminária que abraçava a poltrona, ele tinha um ar complacente e seguro, e ela viu de novo por que precisava se casar com Eric. Angústia lembrada e angústia imediata eram tão diferentes quanto vinho e água. Max, já aposentado, jamais a entenderia.

— Por que você não faz aqui? — ofereceu ele. — Economize seus centavinhos.

Ela teria se comovido, mas ele a olhou de um jeito petulante, enquanto batia as cinzas do charuto no cinzeiro. A oferta não custava nada a ele. Talvez o romance deles já se reduzisse a mais uma partida que ele acompanharia de longe.

— Você é muito gentil — disse ela formalmente.

— Use a biblioteca para a recepção. É pequena, mas você não tem muitos amigos.

— Quando eu teria tempo para eles?

— Você se arrepende disso?

— Não o bastante — ela levantou a bolsa de tenista. — Max? Você é meu amigo, não é?

— Eu sou seu treinador. Transformar uma relação como a nossa em algo pessoal é *desastroso*. Lembra? Foi a palavra que você usou.

* * *

ERIC FICOU APREENSIVO COM um casamento no Sweetspot: o empréstimo da escola por parte de Max irradiava um ar vingativo e obscuro. Mas Willy estava ainda mais apreensiva de pedir ao pai que gastasse com um salão de festas. Ao longo de sua infância, ele negara dinheiro para o ônibus e a hospedagem em hotéis baratos, forçando-a a poupar o que ganhava como baby-sitter para comprar uma raquete de reserva que ele considerava uma extravagância. Precisava preservar a impressão de que o pai era muquirana para evitar a ideia de que era rancoroso.

Em todo caso, nem uma sinagoga nem um altar metodista eram adequados para a cerimônia. Eric nunca tivera um solidéu; o templo na rua 74 promovia a ascensão na Terra. Willy foi criada na igreja da abstenção, em que o reino pertencia aos imaculados que se recusavam a participar. Embora os Novinsky concordassem com a fé da rejeição e os Oberdorf defendessem a fé dos que rejeitavam, a família deles se sentava em lados opostos do mesmo templo sagrado, e Willy ficava incomodada em qualquer um desses lados. Havia algo de assustador no modo como Axel se agarrava à escada de Nova York ao subi-la e chutava os aspirantes nos degraus mais baixos; havia algo de inconvincente nos resmungos de seu pai, lá embaixo, de braços cruzados.

No que concernia a eles, Eric e Willy haviam gravitado até santuários de estrutura austera: grandes capelas verdes ao ar livre expostas aos aviões em trânsito. Os mandamentos da bíblia deles nem sempre eram fáceis de se seguir, mas o catecismo era incisivo, a teologia era objetiva: não cometerás dupla falta; não questionarás as decisões da arbitragem. A religião era tanto brutal quanto

igualitária, e, se veneravam uma graça material concedida a um eleito, então ambos faziam parte do povo escolhido. Caso o casamento dos dois fosse abençoado em terreno sagrado, fazia pleno sentido que enunciassem seus votos em uma quadra de tênis.

Portanto, os dois se decidiram pelo Sweetspot e marcaram o evento para dezembro, a única época ociosa no calendário do tênis. Ao fazerem a lista de convidados, descobriram que Eric tinha muitos conhecidos, mas poucos amigos íntimos. Suas lealdades eram parcas, irrestritas e temporárias. Com a maioria de seus confidentes ou ele tinha cortado relações ou sido cortado — uma das controvertidas grandes amizades terminara em troca de socos. Eric persistia em todos os projetos que tinha com uma intensidade obsessiva e depois, de uma forma ou de outra, os concluía. (Era típico dele, por exemplo, pedir Willy em casamento sem fazer rodeios, e não sugerir que morassem juntos primeiro. Algo além de ultimato era piegas e incomodamente vago aos olhos de Eric.) Essa inclinação por encerramentos lhe era conveniente à carreira de tenista e ao ato de se casar menos do que ao matrimônio em si, com seu "para sempre" pouco delimitado e a ligeira nebulosidade em torno de qual seria exatamente o projeto depois do "sim".

Decidiram-se por um punhado de conhecidos, já que uma cerimônia sem quórum pareceria insignificante. Dessa forma, a maioria dos convidados eram tenistas — parceiros de raquetadas, ex-companheiros da equipe de Princeton e da Universidade de Connecticut, pessoas formadas no Sweetspot, cavalos do estábulo de Upchurch que Willy tolerava (Marcella Foussard, *não*); e todos eles invadiram Westbrook com óculos escuros Vuarnet. Por mais que a noiva e o noivo não tivessem convidado ninguém que desprezassem, até indivíduos benquistos podem ser revoltantes quando reunidos. Um convidado do casamento que viesse com seu Mazda Miata não era um problema; já um bocado de pessoas com carros vistosos era nojento.

Depois de se aquecerem com café na biblioteca, os convidados subiram a colina em grupo, com suas luvas e capuzes de pele, em direção à número sete, onde Willy e Eric aguardavam com um juiz de paz de Westbrook. De longe, Willy reconheceu as risadas estridentes e sonoras de atletas habituados a dar entrevistas. A tropa de corpos esguios se aproximou feito uma colagem móvel da *Vogue*. Arrastando-se, o único conglomerado desalinhado daquele exército de manequins era a família de Willy. O terno do pai estava amarrotado por

causa da subida da colina (por que só o dele?) e o cabelo estava desgrenhado para combinar com o capim a seus pés. O excesso de bijuterias da mãe era de partir o coração. Pela primeira vez, Willy ficou até agradecida por Gert ser tão simples. Os Novinsky eram os únicos convidados que pareciam gente.

Talvez fosse um pouco forçado, mas Willy gostou de se enfeitar para a cerimônia. O vestido sem manga com saia curta e larga reproduzia em cetim branco o vestido que usava em torneios. Para um evento ao ar livre em dezembro, encomendara um suéter de moahir pérola. Precisou de vários dias para achar os sapatos — saltos baixos, mas os bicos, amarrados com laços de fita, se fechavam ao estilo de um par de tênis.

Eric estava encostado no poste da rede com aquela compostura inacessível que todas as quadras de tênis incitavam nele. Ele deveria ter jogado na aristocrática era de ouro do esporte. Suas pernas compridas eram perfeitas para calças de flanela branca. Com seu suéter de tricô trançado de acabamento marrom e azul-marinho, o colarinho branco engomado emergindo da gola em V, Eric poderia ter saído direto de uma moldura em Forest Hills — Ellsworth Vines, 1930. Assim como os cavalheiros garbosos de outrora, penteou o cabelo para trás. Para completar o retrato, só faltava a raquete de madeira laminada.

Fazia frio, mas era adequado se casar num clima que os levasse para a cama. Os flocos de neve isolados que caíam na quadra lembravam as tardes dos invernos anteriores, quando Willy desafiava os limites da estação. Ao fim de muitas sessões de dezembro com Max, ela precisava arrancar o punho da raquete de seus dedos enrijecidos, assim como lhe tirariam uma raquete da mão fria quando ela morresse. O Sweetspot tinha quatro quadras cobertas, mas eram abafadas, isoladas e estéreis; não condiziam com o tênis. Até o momento em que a número sete era coberta com uma capa protetora para o inverno, Willy batia bola ao ar livre. Tênis, como o casamento, era "na alegria e na tristeza".

O juiz de paz apressou a cerimônia, batendo os pés para aquecê-los. Ao beijar Eric para selar os votos, Willy desafiou o clima assim como fizera ao treinar em dezembro. Apesar das condições adversas, provaria a Max que os gélidos fatores externos não seriam capazes de esfriar a paixão. Apesar das várias trocas de bolas soberbas que haviam escapado de sua memória no passado, desta vez estava determinada a manter o que era fugaz.

* * *

A MEMÓRIA DE WILLY dos acontecimentos subsequentes à recepção logo ficaria enfraquecida. Os Novinsky e os Oberdorf posicionaram-se em cantos opostos, como se a ascensão social ou a escassez de ambição fossem contagiosas. Max talvez tentasse fingir um ar de divertimento distante, mas sua civilidade era forçada. Ao final das festividades, estava de óculos, empoleirado na poltrona lendo psicologia esportiva com a indiferença pouco convincente de um adolescente inteligente que tem medo de dançar em um baile da escola.

Ao redor de Max havia uma biblioteca inteira de torções no pulso, forehands aprimorados e bronzeados de inverno. Willy ficou desconcertada por ter se aferrado com tanta obstinação a seu lugar naquele terreno baldio. Da mesma forma, nos despojos de pequenos sanduíches e na maré lenta de champanhe, muitas vezes seus olhos tinham de boiar em direção a Eric para se recordar do que aquele oceano de bate-papos, mais um murmúrio de coquetel que parecia muito com as tristes celebrações de vitória, como aquela do New Freedom, devia marcar. Normalmente, o jogo era o prêmio; o troféu era zombaria. Desta vez, o jogo fora incidental. O troféu era uma vida inteira.

Mas uma lembrança permaneceria nítida. Com os olhos brilhando, a mão áspera roçando a fita onde estavam as alianças, o juiz de paz entoou "eu os declaro marido e mulher": na própria união, Eric e Willy estavam em lados opostos da rede.

* * *

O PERÍODO DE TRANQUILIDADE dos meses seguintes evocava a bola no auge do lançamento: estável, serena, equilibrada. Embora em seu ápice o repouso da bola pareça eterno, o momento em si implica ascensão e queda. Em nenhum momento Willy se colocou à parte e sussurrou "Esta é a época de felicidade", mas talvez uma das coisas que definem as épocas de felicidade seja o fato de que nunca são rotuladas como tal antes de chegarem ao fim.

Eric se mudou oficialmente para o apartamento de Willy na rua 112, o que já vinha fazendo, um par de meia de cada vez, havia cinco meses. Com ou sem

casamento, ela respirou fundo quando a privacidade de sua caixa de correio foi invadida por um homem com cópia da chave. As frágeis fechaduras que até ali a protegiam de qualquer outra pessoa tinham sido avariadas. Manusear a correspondência dela e entrar pela porta sem que ela o esperasse eram provas materiais de que agora Eric a conhecia bem o bastante para intuir qualquer coisa da qual ela pudesse tentar excluí-lo. Eric tinha as chaves da própria Willy.

Como convinha a ambos, o organizado quarto e sala de Willy era preparado para partidas apressadas, chegadas no meio da noite e, entre umas e outras, semanas de abandono. O freezer geralmente estocava uma dúzia de lasanhas congeladas e um pote comido até a metade de Häagen-Dazs coberto de crostas de gelo. Depois de chegar à casa e encontrar várias cebolas apodrecidas e batatas murchas, parecendo testículos, Willy aprendeu a guarnecer a despensa apenas com umas poucas latas de atum. E depois de ter limpado inúmeros destroços pretos dos parapeitos das janelas, ela se desfez das plantas secas, ficando apenas com um cacto, capaz de sobreviver à negligência. Bulboso, com surtos de crescimento errático devido à irrigação irregular, os caroços espinhosos e disformes alertavam Willy para os riscos do casamento itinerante ao exibir as deformidades pontiagudas desenvolvidas quando a ternura é muito esporádica.

Os emblemas da ausência intermitente se tornavam pungentes nas noites em que Willy ficava sozinha. Levianamente, pegava um pacote da cesta transbordante de amendoins distribuídos nos voos da US Airways, escolhia um dos diversos xampus do Sheraton e um dos sabonetes do Hilton que havia no chuveiro e se regalava com alguma bebida do enorme estoque de miniaturas oferecidas pelas companhias aéreas. Embora ambos gostassem de ordem, quando Eric estava na estrada Willy sentia falta das camisetas suadas dele, das meias rotas e suportes atléticos canelados que secavam na haste da cortina do banheiro. Tinha saudades dos trainings umedecidos cobrindo o aquecedor sibilante, o bolor efervescente permeando o apartamento feito pão saído do forno. Adiava a hora de mexer na cama; embora a coberta branca e grande outrora convidasse apenas ao sono profundo e virtuoso do esgotamento físico, os lençóis que agora escondia se encrespavam com uma agitação mais deliciosa. Inquieta, Willy ficava no corredor e enrolava com melancolia as cordas de pular do marido em espirais perfeitas, parando para cheirar os

punhos revestidos com uma proteção de material emborrachado, fedidos por causa de sua transpiração. Quando dava sorte, eles ainda estavam úmidos.

No mínimo, a presença de Eric não era intrusiva o bastante. O pelo mutante de sua sobrancelha, grudado na parede com fita adesiva, continuava a ser sua única contribuição à colagem no quarto dela: polaroides de Willy e sua raquete Davis Imperial sobre os ombros do pai, recortes de páginas de esportes dos jornais, convites para a reunião anual do Sweetspot. Ele fez objeções quanto a misturar os troféus que ela deixava sobre a cômoda com os dele. Estava satisfeito com os dois quadros anteriores a ele que alegravam a sala de estar: um pôster encantador resgatado do New Jersey Classic, de sua primeira vitória num torneio satélite, em 1990; e uma reprodução vivaz e alegre do Museu de Arte Moderna. A pintura retratava um esportista dos animados anos 1890 saltando para fora do quadro com uma bola na mão. O traje de banho com listras vermelhas e amarelas parecia um macacão de dormir e o bigode com pontas recurvadas estava fora de foco. Embora, na verdade, o atleta segurasse uma bola de vôlei, a desinibição cômica do personagem e sua exuberância despreocupada capturavam a explosão irrestrita de pura alegria que Willy associava exclusivamente à quadra de tênis.

Afora ocupar todos os espaços livres pendurando roupas de esporte para secar, Eric contribuiu na decoração do apartamento ajudando a encher a pouco convencional mesa de centro de Willy, pela qual nutria uma afeição excessiva. Ela havia colado as peças com as próprias mãos: uma caixa grande de acrílico cuja tampa tinha um furo de sete centímetros de circunferência no meio. Jogadas pelo buraco nos últimos dois anos, as bolas de tênis gastas se aglomeravam contra as laterais da caixa marrom de saibro, violeta dos frutos de Riverside ou cinza das tardes em que começava a chover e Willy não conseguia parar de jogar. Pouco a pouco, as bolas descartadas se amontoavam coloridas por trás do plástico, feito grãos de uma fotografia absurdamente ampliada.

Em suma, o espaço de Willy mal fora invadido. Eric passava mais que a metade de cada mês fora, e parte do tempo em que ele estava em casa a própria Willy estava viajando. Portanto, o estranhamento e a reaproximação de Worcester tornaram-se rotina e Willy não esperava mais reconhecer completamente o rosto de Eric assim que ele entrava pela porta. Em meio às constantes viagens de avião, ela nunca alcançou a clássica familiaridade blasé

de uma esposa em relação ao semblante do marido, o que equivalia a simplesmente não enxergá-lo mais. Ao procurar um estímulo para reavivar a memória, muitas vezes descobria um aspecto novo que normalmente passaria despercebido — um fio novo saltando da sobrancelha, o primeiro sinalzinho de pés de galinha, as manchas arroxeadas em volta dos olhos, que anunciavam que pegara o último voo noturno de Houston tarde da noite a fim de, para variar, passar o dia seguinte a seu lado. Ambos se organizavam para que nada impedisse esses reencontros. No Flor de Maionese, Eric comia dois pratos de arroz frito e mais a metade do prato dela, e ambos contavam os resultados de suas incursões por lugares longínquos.

O ano de 1993 começava a se consolidar como um ano bem-sucedido, apesar de também ter sido o mais árduo para Willy. Pois para qualquer talento nato chega uma hora em que nada mais vem de graça. Willy havia saqueado sua herança na adolescência. Aos 20 anos, não podia mais depender somente do talento. Num primeiro momento, o fato de que de repente tinha de se esforçar para melhorar foi assustador, mas talvez se apoiar só na habilidade fosse uma trapaça.

Além do mais, à medida que diminuía a distância entre sua posição no ranking e o top 10, o custo de cada degrau ia aumentando. Eric explicara o cálculo: ao se aproximar de um marco, era preciso o dobro de empenho para se conquistar metade do ganho. Subir da quase 400ª posição no ranking para a 355ª depois do New Freedom já havia sido bem extenuante, mas pular do 355º para o 321º lugar no mesmo número de meses mostrou-se debilitante.

Era inevitável que a competição ficasse cada vez mais acirrada. Willy não era a única mulher no circuito doméstico determinada a participar de torneios internacionais. Do ponto de vista técnico, era possível chegar ao Kennedy Airport estando no top 500, mas do ponto de vista financeiro era proibitivo para quem estava na parte de baixo do ranking. Max se recusava a mandá-la para a Argentina só para enfrentar os torneios de classificação. Ela teria de conseguir entrar na chave principal por meio da pontuação e ser capaz de recuperar o investimento com o dinheiro do prêmio. Para que Max financiasse a viagem ao exterior, ela precisava estar no top 200. Apesar da idade, da angústia e da impaciência, Willy achava a condição justa. Max tinha razão: não era amigo dela, mas seu treinador, e era um empresário.

Enquanto Willy já não podia mais se aproveitar do "algo especial" que deixara o pai de quatro quando tinha 10 anos, Eric avançava rapidamente em seu trem da alegria genético. Seu jogo parecia se aprimorar sozinho. Pessoas cujo dom natural viceja só com a aptidão são incapazes de entender, assim como Willy não entendia durante o ensino médio, os que não conseguem desenvolver novas habilidades como se fossem unhas. Além disso, o atleta que já acabou de explorar as jazidas de seu dom tem uma atitude preguiçosa, marcada pelo progresso diligente e meticuloso, como se escalasse um penhasco sem fissuras que o ajudassem na subida; os precoces descobrem saliências no penhasco para em um único dia fazer avanços de tirar o fôlego. Era mais bonito não precisar se esforçar, e ela se preocupava com a possibilidade de Eric achar patéticos seus monótonos treinos de subida à rede que se estendiam por duas horas.

Eric apareceu em um desses treinos em Forest Hills (onde, para a consternação silenciosa de Willy, seu pai também dera um jeito de lhe arrumar um título de sócio), com a ideia excêntrica de "melhorar" o lob cruzado dele. Caminhou até a linha de fundo e acenou para Willy, pedindo que ela lhe lançasse bolas de backhand. Depois de três ou quatro movimentos experimentais que, desde o primeiro instante, mostraram seu instinto magnífico, e de acrescentar um toque de topspin, assim como um cozinheiro adiciona uma pitada de sal à comida, ele imediatamente plantou o lob no canto diametralmente oposto. A jogada lhe tomou dez minutos, não a manhã inteira, muito menos os dois anos seguintes. Eric voava nas asas da inspiração, e, em comparação, Willy deve ter parecido confinada à terra, como se ele pudesse subir em seu jatinho particular enquanto a esposa pegava o ônibus.

Consequentemente, enquanto Willy suava para subir da 355ª para a 321ª posição, nos mesmos seis meses Eric cortava caminho da 926ª para a 708ª. A aberração do Jox All-Comers não se repetiu, e, em breve, Eric receberia convites para participar de torneios melhores, cujos pontos eram mais dignos de nota, sem precisar se submeter a torneios de classificação. Embora houvesse certa suntuosidade na forma como o marido ia dominando o jogo, Willy não conseguia evitar a sensação de que seu desenvolvimento também era um pouco terrível. Ela sofria da crescente ambivalência de ver um filhotinho fofo com patas enormes e desajeitadas se tornar, em uma semana, um cão robusto, monstruoso.

Embora as partidas "casuais" entre os dois fossem cada vez mais raras, no verão de 1993 ele ainda não tinha vencido a esposa ágil e astuta. No entanto, sempre precisavam de três sets; tiebreaks eram frequentes; games chegavam a iguais. As táticas que ela era obrigada a adotar eram diabólicas. Pior ainda: passara a contar demais com os erros não forçados de Eric, que agora minguavam. Ele estava finalmente arrochando o backhand cruzado, e, quando este entrava na quadra, era impossível rebatê-lo. Francamente, ele já estava fungando no pescoço dela. Quanto mais perto Eric chegava de se tornar uma perturbação, mais crucial era para Willy protelar a derrota. Sem dúvida havia algo mais importante que seu orgulho em jogo. Pois no tênis não existe igualdade. Desde o começo do casamento as partidas de um contra o outro deixaram de ser divertidas. Quando Willy se preparava para jogar contra o marido, sentia um incômodo se formando sob as costelas, como se tivesse levado um soco.

Ela sempre se sentira à vontade em começar do zero. Graças às amarras de sua deplorável família, sobressaía mais quando menos se esperava; prosperava ao ser contrariada. O fato de que ultimamente ninguém tentava segurá-la era desestabilizador, como se quisesse arrombar uma porta trancada que de repente alguém abria do outro lado. A dificuldade estava em se concentrar: as oportunidades eram numerosas e indefinidas. Sentia falta de ter o pai como arqui-inimigo, e às vezes era acometida pela sensação de desnorteamento de uma vítima de agorafobia no meio de um estádio de futebol, ansiando por um armário.

O que explicava o torcicolo de tanto olhar para Eric por cima do ombro. Quando o objetivo é ultrapassar, a mudança é uma amiga; quando se visa proteger a posição na liderança, a mudança é intrinsecamente desagradável. Só o que podia acontecer ao primeiro lugar do ranking mundial era se tornar o segundo. Quem está no encalço de algo é otimista e destemido, nada tem a perder; quem está na liderança é naturalmente conservador e paranoico.

Um casamento não deve ser uma corrida. Isso não impedia que o fosse. "Ele é só o 708", Willy murmurava a caminho do LaGuardia. Mas, durante o mesmo percurso de táxi, Willy calculava que Eric tinha subido 218 posições nos mesmos seis meses em que ela se arrastara para subir 34. Se continuasse assim, em dois anos Eric estaria na tevê e Willy estaria ajustando o controle vertical do aparelho.

* * *

ENQUANTO ISSO, O MARIDO espontaneamente a superava em tudo que não deveria ter relevância. Quando se refugiavam no quintal de Walnut Street, todas as ferraduras que Eric atirava derrubavam as de Willy, tirando-a do jogo. Quando jogavam sinuca em Houston Street, Willy passava a noite esfregando giz no taco. Quando jogavam boliche em Nova Jersey, as bolas de Willy caíam nas canaletas, enquanto o cartão de pontuação de Eric ficava cheio de "X".

Portanto, em uma noite especial de junho, Willy propôs que ficassem em casa jogando palavras cruzadas, pois neste jogo sempre massacrara a irmã. Desde a primeira rodada Eric pegou todas as letras de maior valor, enquanto Willy ficou encalhada com montes de vogais.

— Estou segurando isso há meia hora — admitiu Eric quando só tinha três tijolinhos chacoalhando na sacola. — Fiquei com medo de ficar empacado — ele pôs o único "Z" no lugar. — *Zwieback*.

— O que é *isso*?

— Um tipo de torrada horrorosa… Então, são 28 pontos; acrescentando os dois bônus de "triplo valor da palavra": 174.

— Está brincando, o quê…?

— Vezes seis, é claro. E também usei todas as sete letras, o que dá um bônus de cinquenta… — Um homem formado em matemática demorando a somar era puro sadismo: — 224.

— Você quer dizer que agora o seu *total* na partida é 224.

— Não, isso é só o total desta jogada.

Ela derrubou o tabuleiro da mesa de centro.

Eric não tinha terminado de arrumar com precisão absoluta as letras de *zwieback*; ele pôs as mãos no colo. Sua expressão de júbilo infantil demorou alguns segundos a se dissipar.

— Willy. É só um jogo.

Ela arquejava mais do que o esforço de arremessar peças de plástico merecia.

— Tem *alguma coisa* em que você não seja bom?

A pausa de Eric já dizia tudo.

— Idiomas — afirmou depois de um tempo.

— Já tentou aprender algum?

— Cumpri os requisitos para obter meu diploma — de bruços, procurava consoantes embaixo do sofá. — Dois anos de alemão.

— Mas você tirava "A".

— E daí? Assisti a um monte de filmes de guerra.

A réplica serviu apenas para convencê-la de que, caso tivesse interesse em chinês ou em grego antigo, ele também teria sido um mago da filologia. Ao que parecia, só o que determinava a habilidade de Eric era sua predileção por uma área específica. Há muito tempo Willy tinha a vaga noção de que existiam pessoas assim, mas nunca imaginou que dividiria a cama com uma delas. De perto, a facilidade grotesca era tão desumana que ficou tentada a ver o marido como alguém que nascera não com algo a mais, e sim com algo a menos.

— Você preferiria — indagou ele, do chão — que eu fosse uma porcaria em palavras cruzadas?

Esta era fácil.

— Sim!

Ao olhar para cima, ele a examinou criticamente.

— Mas assim o jogo seria medíocre.

— E eu ganharia.

— Derrotando alguém que é uma porcaria? Não entendo que prazer você teria nisso.

— Seria um prazer te vencer em *alguma coisa*.

— Você me vence no tênis. Que é o que nós dois fazemos, ou melhor, é o que um de nós dois faz para se sustentar. — O fato de as partidas de tênis que se arrastavam até o tiebreak serem sua única opção de manter-se em pé de igualdade era um consolo pouco satisfatório. — E mesmo se eu te vencesse no tênis — ele acrescentou, talvez se lembrando do último placar, de 7-4, 4-6, 7-6 —, isso teria alguma importância?

Eric podia até ter se graduado *summa cum laude*, mas sua pergunta revelava uma espécie de estupidez.

— Será que você não consegue imaginar como você se sentiria caso *eu* me sobressaísse em tudo e não você? — implorou Willy. — Se eu fosse capaz de ler mais rápido e correr mais rápido e somar mais rápido? Se eu tivesse

estudado em uma das melhores universidades do país e você tivesse entrado em uma faculdade qualquer só por causa de uma bolsa para esportes?

Uma peça havia caído pelo buraco da mesa de centro; Eric puxou a tampa para tirá-la do meio das bolas.

— Nesse caso, eu simplesmente teria orgulho de você.

— E neste caso? — perguntou ela em voz baixa. — Com uma mulher que é podre em tudo? Eric, o que você vê em mim?

— Que coisas são essas em que você é podre, Wilhelm? — Eric colocou o acrílico no lugar e se juntou a ela no sofá, passando o braço em torno de seus ombros. Willy se arqueou, as mãos espremidas entre os joelhos.

— Aquele seu computador — disse ela. — A única coisa que eu consigo nele é mensagens de erro… Não sei programar o videocassete… A conta do meu talão de cheques nunca bate… *Eu* nunca lembro em que ano Bill Tilden foi flagrado molestando menininhos…

— Em que anos — corrigiu Eric: não conseguia evitar. — Ele foi preso duas vezes.

— Está vendo! E só no Dia de São Nunca que eu vou conseguir fazer 224 em uma única jogada de palavras cruzadas!

Eric a beijou na testa.

— E, se um dia você conseguisse, eu iria até a janela e jogaria o tabuleiro no rio Hudson.

Era esta a concessão que ela esperava, e recompensou-o com um longo beijo.

— Estou com fome — murmurou ele. — Tem *zwieback* nesta casa?

De brincadeira, Willy deu uma pancadinha no peito dele, mas o golpe foi mais forte do que pretendia. Com os olhos faiscando, Eric puxou o braço esquerdo de Willy em direção às costas. Levantou seu pulso numa altura que a fez berrar mais de surpresa do que de dor. Por um instante, ela ficou indefesa. Com uma torção ela se desvencilhou, mas ele deve ter deixado que ela o fizesse. Willy deu-lhe um soco na barriga, mas o golpe foi cuidadosamente calibrado só para tirar-lhe um pouco do fôlego.

Eric avançou em cima dela e os dois se atracaram no chão. Já tinham feito isso antes. Gostavam de brigar. Sempre era ao mesmo tempo sério e não; afora um ou outro arranhão e inchaço, ninguém se machucava. Eric segurou os

pulsos de Willy, prendendo as panturrilhas dela com os pés. Ela arrastou as pernas, libertando-as, e forçou os joelhos contra o peito de Eric, balançando-se para usar o peso dele a seu favor. Ao caírem de lado, Eric esticou a mão para garantir que ela não batesse a cabeça na mesa.

Os joelhos de Willy estavam contra seus cotovelos, mas os braços de Eric eram compridos o bastante para que ele conseguisse tirar-lhe a blusa. Willy usou as mãos, que estavam livres, para agarrar as laterais da camiseta dele e, quando ele a derrubou de novo, ela o segurou. Como planejara, Eric só podia escapar se deixasse que ela tirasse sua camiseta. Mais um jogo familiar: quem conseguiria tirar as roupas do outro primeiro, e agora que Eric estava de torso nu Willy já estava na frente. Uma mistura divertida e incansável de luta profissional e strip poker, a brincadeira nunca descambava para simulação de estupro.

Num piscar de olhos, Eric estava de pé, com as mãos na bainha das calças de Willy, ela com as costas e a cabeça no chão. O jeans era tão justo que na hora de tirá-lo Eric começou a arrastá-la pelo tapete feito uma carreta puxando o arado. A tração difícil devia-se a algumas peças de palavras cruzadas patinando sob as costas nuas de Willy. Embora mais tarde provavelmente seus ombros fossem ostentar queimaduras por causa do tapete, ela gargalhava. Cair na risada era fatal, e no fim das contas apenas o fato de Eric não estar de cueca a mantinha na liderança, com uma peça de roupa de vantagem.

Ofegantes, suados e só de meias, a luta chegou ao fim numa agarração imóvel, tensa, com um de frente para o outro, ambos fazendo força. Willy sentia que ele estava duro sob sua barriga. Por um instante, contudo, o resto do corpo de Eric relaxou, e ela aproveitou para lhe arrancar a meia. Ela balançou a peça, triunfante, diante dos olhos do marido.

— Sua vaca — Eric disse com carinho. Nesta disputa, ambos saíram vitoriosos. — Coloca o diafragma — recomendou.

Um minuto depois, quando ela saiu do banheiro, Eric ainda estava deitado no chão da sala de estar, que evidentemente preferia à cama. Willy se esparramou no peito dele e se deram as mãos. Eric tentou forçar os pulsos de Willy para trás; ela resistiu. Ele fez mais pressão; ela ficou firme.

— Nossa, você é forte — disse ele com admiração, apesar de olhar para além da curva dos braços dela, como se os músculos de verdade não tivessem importância.

Mas Willy não gostava deste duelo em que ele fazia sua vontade. Na hora que quisesse, ele poderia torcer seus pulsos e fazê-la admitir sua derrota. Enquanto isso, ela tentava com todas as forças, mas os pulsos dele não mexiam nem um milímetro. Com as mãos tremendo, ela correu os olhos pelo torso esguio, maravilhosamente proporcional do marido. Claro que ele não seria grande coisa como homem se não fosse o mais forte. Ainda assim, não era justo. Willy assumiria a liderança em qualquer briga ruidosa, mas este empate era um fingimento, e ela relaxou as mãos.

Eric deslizou o pau para dentro dela, mas a batalha ainda não estava encerrada. Ao longo dos vinte minutos seguintes, eles jogaram Quem Está Por Cima, outra luta em que até o perdedor saía ganhando. Quando passaram a rolar de um lado para o outro com ainda mais energia, Eric usou a superioridade de sua força. Quando terminaram — com Willy embaixo — ela se levantou, cambaleante, para recolher suas roupas, num estado de total esgotamento, passando as mãos pelas costas dela para tirar as peças de palavras cruzadas que tinham ficado grudadas. Willy jamais admitiria, mas depois de toda aquela brincadeira abrutalhada continuava meio aborrecida com os 224 pontos.

Nove

WILLY APRENDERA SOBRE A RELATIVIDADE do sucesso com os pais, que apesar da aparente resignação à obscuridade tinham se estabelecido como pessoas notáveis em meio à escória. No Bloomfield College, Chuck Novinsky ficava muito acima do corpo discente apenas pelo uso perfeito de orações subordinadas. Nunca procurara um emprego que lhe desse mais prestígio. Um colosso dentre anões não tinha motivação para buscar outros gigantes.

Do mesmo modo, a opção da mãe por se tornar consultora nutricional no Golden Autumn talvez tivesse sido astuciosa. Todos os dias, a mãe de Willy confirmava a futilidade da ambição, destinada a calar tantos murmúrios e bobagens. O que quer as pessoas sob seus cuidados tivessem conquistado agora estava codificado pela senilidade, reduzido a fragmentos confusos de dias melhores de que mal se lembravam e aos quais seus supervisores escutavam com uma tolerância desatenta. Na visita que fizera ao Golden Autumn, Willy quase não conseguia respirar de tanta opressão, mas a mãe absorvia o ar rançoso, medicinal, como se lhe desse forças e, com ligeireza, caminhava estalando os saltos do sapato pelos corredores reluzentes do asilo, sorrindo e cumprimentando idosos de maxilares frouxos. No nivelamento engendrado pela velhice, a mãe parecia encontrar sua vingança.

Talvez ela não conseguisse fazer um *grand jeté*, mas era capaz de controlar o intestino; o pai não dava entrevistas eloquentes à *Paris Review*, mas sua regência verbal era impecável. A própria profissão de Willy determinava que ela era boa o suficiente para ser melhor do que a garota que estava atrás dela no ranking, mas fraca o bastante para ficar atrás da garota à sua frente. Importância era uma questão de contexto.

Antes do casamento, junto a outros jogadores ambiciosos do Sweetspot, Willy se considerava, de forma razoável, uma atleta disciplinada e focada. Desde o dia 14 de dezembro de 1992, o contexto mudou. Pois quando Eric corria, não percorria 6,5 quilômetros, e sim 9,5, e em menos tempo; Eric

preferia se levantar não às 7 horas, mas às 6; e, quando viajava, levava uma corda de pular, com a qual chicoteava mais de um andar abaixo do seu no hotel em que estivesse hospedado.

Se Willy era focada, Eric era um fanático. Seu material de leitura consistia em biografias de tenistas, história do tênis e as revistas *Tennis*, *Racquet* e *Serve and Volley*. Quando voltava do LaGuardia, a bagagem de mão estava recheada de jornais *Austin Star* e *Plain-Dealer*, de Cleveland, dobrados na página de esportes. Quando se ausentava, o videocassete deles era programado para gravar os canais ESPN e USA, e a ideia que ele tinha de descanso era passar a noite em casa rebobinando as fitas e fazendo anotações sobre as partidas do torneio Indian Wells. Na hora de alugar um filme, Eric não levava para casa *Noites violentas no Brooklyn*, e sim a final de Wimbledon de 1980, entre McEnroe e Borg, cujos pontos, um a um, ele revia sem parar. Nesse contexto, portanto, da noite para o dia, Willy Novinsky — que na verdade gostaria de ver *Noites violentas no Brooklyn* — poderia se considerar, de forma razoável, uma preguiçosa, cuja atitude em relação ao tênis era superficial, débil.

A proximidade do fanatismo a empurrou em duas direções. Por um lado, no momento em que Eric afastou as cobertas e se levantou quando as luzes lá fora ainda tinham o tom de café velho, cheio de creme, Willy sentiu-se inclinada a refestelar-se na cama, entristecida, até o meio-dia. Por outro, ficou tentada a programar seu despertador para uma hora de escuridão total e completar 60 minutos de exercícios enquanto Eric cochilava. Após oscilar entre resistência e triunfalismo, ela marchou num ritmo um pouco mais rápido e fez um esforço marcial para se manter à altura do marido. Também passou a se levantar na versão nova-iorquina de canto do galo (quando os caminhões de lixo bocejavam), a correr 9,5 quilômetros em vez de 6,5 e a pular corda.

* * *

O PRESENTE DE CASAMENTO de Axel tinha sido um título familiar no Halmilton Jordan Indoor Racquet Club, ao qual Willy passara a acompanhar o marido no meio da tarde, quando ambos estavam na cidade. Eric agendara um treino regular de sessenta minutos numa quadra de squash, uma área cercada que, ele lhe garantira, era grande o bastante para os dois. Pular corda juntos lhes daria a

oportunidade de passar um precioso tempo extra no mesmo ambiente, e Willy presumira que o ato de saltitar fosse tão maçante para Eric que ele apreciaria sua companhia. No entanto, na primeira vez em que Willy o acompanhou, em junho, ela descobriu que o tedioso *tu-dum-tu-dum* de sua imaginação exigia certos retoques.

Nas primeiras centenas, ele pulou no quadrado de saque da esquerda até que o tubo fino de plástico preto estivesse se agitando feito uma batedeira. Ao acelerar, o chiado se elevava a um assobio estridente e os calcanhares dele davam a impressão de pairar, imóveis, a oito centímetros do chão.

Eric lhe emprestara uma Everlast de couro, em que dera uns nós para que a corda se adequasse à sua altura; o fato de que ao longo dos meses seguintes ela tenha continuado filando a corda dele em vez de investir em uma própria era um lembrete de que o regime de exercícios em si era emprestado. Ela se posicionou no quadrado oposto, as cordas de ambos açoitando a quadra em uníssono. Mas Willy ficou bem para trás depois dos primeiros 250 saltos. Enquanto desenrolava a corda de suas meias, a altura do gemido do chicote de Eric continuava a subir.

Já aquecido, Eric ziguezagueava pela quadra nas pontas dos pés, como uma ágil agulha de uma máquina de costura elétrica com características especiais. Em seguida, fazia uma série de tesouras, suas longas pernas esticadas como lâminas, o short de lycra que usava para treinar se movimentando feito espadas chanfradas. Em meio ao lento *tu-dum*, *tu-dum*, Willy olhava com desconfiança enquanto Eric batia os calcanhares no ar, várias vezes, como se tivesse acabado de ganhar na loteria. Depois ele passou a se agachar sobre uma perna, esticando a outra, feito um cossaco russo. Quando ele cruzou os braços acima da cabeça e para trás, *s-swip*, *s-swip*, com as laçadas se fechando e se abrindo em uma serpente ininterrupta, a Everlast de Willy bateu em suas canelas mais uma vez.

Willy semicerrou os olhos. Ela voltou a se posicionar em seu quadrado, tomou impulso e cruzou os braços.

Ptuac.

Estava claro que precisava de outra tentativa. Willy pegou ritmo, tentando abafar o *uoo-ooo-BAM*, *uoo-ooo-BAM* dos saltos duplos de Eric contando em silêncio: *…6, 7, 8, 9 e cruza*!

Ptuac. A corda se enrolou na perna esquerda, fazendo o punho de madeira soltar-se de sua mão e provocar um ruído surdo ao cair no chão.

Apesar do barulho, Eric não vacilou, prosseguindo com a série mista de saltos duplos, cruzadas de braços, saltos cossacos e batidas de calcanhares. Atrás da parede preta transparente da quadra de squash, um grupinho de sócios do clube se reuniu para observá-lo.

Recolhendo a corda do chão, Willy analisou o marido. Seus lábios estavam entreabertos. Quase fechados, os olhos miravam um ponto no espaço. As pupilas não estavam exatamente frias: talvez uma concentração tão pura se qualificasse como um tipo de emoção. O único sinal de esforço era um vinco entre os olhos, como se um dedo divino invisível lhe tocasse a testa. Enquanto o chicote preto criava um halo oval em volta de seu corpo, ele parecia abençoado. Tinha a impressão de que nunca vira expressão tão tranquila no rosto dele, tão afetuosa ou tão atenta — mas toda aquela reflexão convergia para dentro. Estava imune aos resmungos exasperados que ela soltava quando a corda se enrolava em seus dedos. Willy contemplou a parte de Eric que se preocupava com Eric, e era enervante perceber aquela graça satisfeita, orgulhosa, longe de seus braços. Antes disso, Willy se entregava à ficção de que, na sua ausência, Eric não era o mesmo.

Ssee-ou-sseee-ou, *ta-hoo-ta-hoo*, *PAFT*. Eric enrolou a corda nos punhos, enxugou o rosto suado na camiseta e se virou para Willy como se ela tivesse acabado de chegar.

— Oito mil? — perguntou ela.

Ele deu de ombros.

— O de sempre.

Willy tinha feito apenas seis mil no mesmo tempo.

— Você não errou *nenhuma vez*, não é?

— Eu erro, em alguns treinos — ele se defendeu.

— O quê, uma vez? Em oito mil?

— Tem algo de *errado* nisso, Willy? Não tenho permissão?

— Não fale besteira. Toma, é sua — ela lhe entregou a corda com desgosto.

— Você só precisa praticar! — berrou ele atrás dela. — Eu faço isso há anos!

* * *

WILLY, PORÉM, NÃO SE resignava facilmente diante dos defeitos, tampouco reconhecia a superioridade com tanta tranquilidade. No decorrer do verão, nos intervalos entre os torneios, ela ia com o marido à abafada quadra de squash e, uma a uma, passou a dominar as variações que ele fazia. Aprendeu o zigue-zague e o exercício da tesoura; se aprimorou em termos de agilidade e consistência. Mas assim que pegou o jeito do salto duplo, o Ligeirinho passou para o salto triplo.

Embora pular corda tivesse se tornado um ato mais lúcido para ela, jamais alcançou a perfeição zen do marido. A alegação de Eric de que errava, sim, "em alguns treinos" provou-se verdadeira apenas no sentido mais estrito. Uma ou duas vezes por mês, os estalos daquela dança ritualística eram interrompidos abruptamente. Apesar dos tropeços dele a encherem de uma alegria breve e maligna, os erros também serviam para lembrá-la da raridade com que aconteciam. Ademais, em meio ao erro, ele permanecia tão imperturbável, suas pupilas cravadas num ponto fixo no espaço, os lábios separados de um jeito angelical, que, quando ele retomava como se nada tivesse acontecido, era como se realmente nada tivesse acontecido.

Em novembro, Willy exigia a mesma destreza ininterrupta de si, recusando-se a perdoar os poucos deslizes que atrapalhavam sua série de exercícios com regularidade. Como resultado, as sessões de pular corda eram cada vez mais envenenadas pelas explosões de ira dela. Enquanto Eric fazia sua polca polonesa, Willy pontuava a série se repreendendo:

— Trapalhona! Idiota! Sua preguiçosa imbecil, desajeitada!

No início, as interjeições eram murmuradas, mas foram se tornando mais sonoras à medida que seu temperamento piorava, sua sincronia se desmoronava e Eric evoluía num paralelismo mágico mais dançante e barroco:

— Pano de chão! Sua montanha de merda fumegante, imprestável, fedorenta!

Perdigotos respingavam no chão; uma dor pungente atingiu-a entre os olhos; manchas vermelhas surgiram em seu campo de visão, salpicando as paredes. No dia em que Eric dominou a arte de pular corda girando-a para trás, Willy pensou que a quadra de squash, com sua pintura branquíssima e

suas demarcações vermelhas, daria um excelente cenário para um massacre da serra elétrica.

Quando a sessão felizmente chegou ao fim, o suor descia pelas têmporas e Willy estava encharcada de vergonha. Secretamente, contemplava seus acessos de raiva, perturbada pelo lugar sombrio e pegajoso de sua mente que eles lhe revelaram.

Portanto, na primeira semana de dezembro, Willy experimentou agendar uma quadra de squash só para si. O ar parecia mais fresco. O cubículo parecia mais limpo, simples, ao passo que, ao lado de Eric, as marcas de bola em forma de espermatozoide sobre a linha de fundo pareciam serpentear e se rastejar. Willy se lembrou de que nunca havia nutrido nenhuma vontade de se tornar um prodígio em pular corda — que sua habilidade em tal exercício não tinha absolutamente nenhuma importância para ela.

Poupada dos voos da imaginação de Eric, readquiriu certa regularidade hesitante. Depois de completar os oito mil de praxe, Willy fitou a corda molenga com uma expressão confusa. Seu desempenho não lhe traria prêmios, mas não estava com vontade de se chamar de babaca. Sem muito interesse, Willy tentou o pulo com braços cruzados. Depois de algumas tentativas fracassadas, deu de ombros e enrolou a Everlast em torno dos punhos. Não conseguia fazer o de braços cruzados. Grande coisa.

Fortalecida pela revelação de que não havia nada demais em pular corda, Willy acompanhou Eric até o Jordan, na rua 86, caminhando com passos leves. Com o espírito pacificado, começou a pular em uníssono com o marido. Sentiu um arrependimento blasé ao descobrir que, acompanhada, ela não completava facilmente os primeiros quinhentos sem se atrapalhar. Decidida, a cada erro Willy posicionava a corda atrás dos calcanhares, respirava fundo e recitava em silêncio: *não tem importância*.

A serenidade jovial se manteve durante o primeiro milhar, até que Eric começou o passo ao estilo cossaco. As pontas dos pés dele surgindo no canto de seus olhos dispararam algo em sua mente; sua Everlast deu uma pancada no chão e parou.

— Merda!

A crítica escapara; não tinha a intenção de xingar; não diria mais nada. Retomou, mas quando Eric iniciou um foxtrote, a respiração de Willy ficou mais difícil, um ponto específico abaixo de sua caixa torácica começou a

queimar. Apesar de treinar o olhar para que não desviasse da parede à sua frente, Willy não conseguia esquivar-se da mensagem que rufava pelas tábuas do assoalho: *ele nunca erra*.

Ao contrário de certa pessoa. Virando-se, Willy se obrigou a ficar de frente para ele como um castigo extra por ter se atrapalhado três vezes na última centena. Ela se forçaria a encarar a verdadeira agilidade a fim de se sentir ainda mais detestável.

Os músculos de Eric se mexiam como se um pianista fantasma executasse arpejos em suas coxas. Sob as luzes intensas da quadra de squash, sombras riscavam-no entre os tendões dos antebraços. O cabelo estava molhado e cheio, mas caía sobre sua cabeça com o desalinho inspirado de um gênio. Embora sempre fosse impressionante pulando corda, agora Eric emanava uma beleza mais ameaçadora: a torturantemente primorosa boa aparência de um homem que lhe é negado.

Não se discute que ela o possuía de um certo modo; Eric era seu marido. Contudo, esta era uma parte de Eric que era dele e somente dele, que de fato ela não poderia ter. Pois bem: ao menos no que dizia respeito à reputação, as mulheres de gerações passadas obtinham prestígio por meio do esposo, adotando as realizações dele como realizações delas mesmas. Mas enquanto Eric dava continuidade a uma série de trezentos pulos consecutivos cruzando as mãos — agora o totem de suas próprias limitações —, Willy não entendia como a graciosidade habilidosa e sobre-humana do marido seria alguma espécie de condecoração a si própria.

Enquanto isso, uma plateia maior que a de hábito havia se reunido nas arquibancadas da parte traseira e na galeria superior. Sob observação, a própria Willy abandonou quaisquer truques. Pareceria apenas uma aprendiz lutando com os detalhes que se passavam dentro de sua cabeça, esforçando-se para fazer imitações medíocres do mestre, que já havia iniciado sua confabulação mais magnífica: a série mista, combinando golpes de valsa, passos de polca, escorregadelas de dança folclórica irlandesa e giros para trás e para a frente, culminando em dez triplos consecutivos.

A esta altura, os espectadores explodiram em aplausos espontâneos, e todos os vasos sanguíneos da cabeça de Willy inflaram, irrompendo de tanta repugnância.

Enquanto algumas pessoas especulam, com a tranquilidade divertida que acompanha uma taça de vinho após o jantar, que a aversão ao próprio amante é simplesmente devoção ao avesso, Willy não via a mínima similaridade entre essa antipatia melancólica e a onda de adoração vertiginosa e afetuosa. Não havia utilidade em existir uma palavra para amor se seu sinônimo era ódio. E era um ódio que nunca tinha sentido antes, um ódio que desafiava sua crença de que já havia odiado alguém de verdade, fosse um adversário ameaçador ou indigno, fosse Marcella Foussard. Odiava a hipocrisia de suas roupas suadas, odiava seu corpo perfeito de um modo adulador, odiava sua teatralidade exibicionista arrogante elevada à máxima potência só porque vários pseudoesportistas insignificantes observavam-no feito idiotas. Numa maré crescente de anátemas, odiava seu discurso pedante sobre quem vencera o Italiano de 1963, sua pose de "olhem para mim, eu sou tão dedicado" diante dos vídeos de torneios, com bloco e caneta na mão, sua superioridade risonha ao mostrar aquelas peças que formavam *zwieback* assim que teve a sorte de pegar um "Z" e, mais do que tudo, odiava a presunção vaidosa e afetada de menino rico de que só por ter se dignado a segurar uma raquete de tênis aos 18 anos poderia entrar facilmente no panteão de sua profissão enquanto ela dava duro desde os 5.

Eric estava esfriando o corpo com pulos simples, o assoalho de seu lado da quadra estava salpicado de gotas escuras de transpiração. Apesar de alguns espectadores terem ido embora, o espetáculo não estava exatamente encerrado.

Aquele empanzinamento de ira não fez milagre para a disposição de Willy.

— Que porra de inferno filho da puta! — berrou ela, atrapalhando-se mais uma vez.

— Willy — Eric disse baixinho, finalmente quebrando seu código de silêncio. — As pessoas podem ouvir. Olha a língua.

— Cuide você da sua. — A réplica não era inteligente, nem sequer fazia sentido; mas a primeira coisa que some durante um momento de raiva é a razão.

Eric lhe deu as costas, como se quisesse desautorizá-la.

Willy havia começado a girar a corda o mais rápido que podia. Quando a corda se contorceu ao arranhar seus calcanhares, açoitou-lhe os antebraços,

deixando longas marcas vermelhas logo acima do relógio. Na chicotada de improviso sentia um deleite vingativo, quase erótico.

— Idiota! — Nem Willy sabia se estava se referindo a Eric ou a si mesma. Não conseguia mais girar a corda um punhado de vezes sem tropeçar, e a cada erro crasso a corda flagelava seu braço esquerdo, que ostentava riscas rosadas e começava a inchar. — Lixo! Inútil!

Com o toque de Eric em seu ombro, Willy deu um salto para trás.

— Ei — ele adotou o tom falso de voz da razão de um médico encurralando um doente mental, ou um policial persuadindo um suicida a descer do parapeito. — Vamos parar por hoje, hein?

— Não fiz meus oito mil. Não posso ir para casa sem completar meus oito mil, não é? — Willy ofegava.

Eric lançou um olhar furtivo para a parede traseira de vidro. Os espectadores haviam recuado para a arquibancada, e olhavam de esguelha para a quadra de squash como se não estivessem de fato observando. Alguns se entreolhavam com um prazer cúmplice, trocando incredulidades sussurradas. *Bem, eles que se danem*.

— Você está preocupado com a possibilidade de que eu esteja dando um espetáculo. Não foi o que você acabou de fazer? Um espetáculo?

— Willy, isso é autoflagelação… não serve para nada.

— O quê? Eu devia ser igual a você? Dar tapinhas nas costas em mim mesma, o tempo todo, por ser uma atleta gloriosa?

— Sim.

— Então essa é a resposta. Ser uma imbecil presunçosa.

— Sim.

De repente ela ficou em desvantagem.

— Porque a vida é melhor assim — acrescentou ele. — E funciona. — Eric tirou a Everlast que lhe pertencia das mãos dela.

Foram para casa a pé, calados. Eric pendurou as roupas encharcadas sobre os aquecedores e saiu para dar umas raquetadas. Ao voltar, naquela noite, Willy teve vontade de pedir desculpas, mas não conseguiu superar alguma coisa que a impedia de dizer as palavras.

Eric, por outro lado, estava resolvido.

— Willy, você falou que pula corda melhor quando está sozinha, não foi?

Willy lutava contra um pote de molho para espaguete. Não estava com ânimo de pedir a Eric que o abrisse.

— De certa forma.

— Por que a gente não agenda sessões separadas, então? Minha companhia não parece te fazer bem.

— Você não precisa fingir que está defendendo meus interesses. Você quer a sua serenidade de volta, não quer? Ficar imerso em seus pensamentos complacentes e alegres?

— A bem da verdade, quero sim.

A tampa não se mexia.

— Ok. — Ela já tinha falhado diante de vários desafios naquele dia, e deixou o pote de lado.

Willy se aconchegou no sofá para folhear a revista *Tennis*. O braço esquerdo ardia; algumas chicotadas tinham cortado a pele. Balançando os pés, chutou a caixa de palavras cruzadas, que tinha sido empurrada para debaixo do sofá após o *zwieback* e permanecido ali desde então. Nenhum dos dois voltara a sugerir o jogo.

Ele tinha razão, óbvio: precisavam pular corda em horários diferentes. O comportamento dela naquele dia tinha sido pavoroso, ele não devia ter a obrigação de aguentar isso, e de fato se saíra melhor sozinha. Uma era se encerrava. Em todo caso, nunca tinha sido uma grande diversão pular corda juntos. Já não era sem tempo, ela supôs. Então, por que a proposta de Eric a deprimia?

A resposta para os acessos de raiva de Willy durante as partidas de palavras cruzadas era não jogar mais. A resposta para a rivalidade na arte de pular corda era se separarem. As duas atividades em si eram banais, dispensáveis. Mas Willy se questionava se o que dava a exata dimensão do casamento dos dois não era menos a natureza de seus problemas que o remédio que escolhiam, e tais soluções eram agourentas.

Dez

— Acho que não... não, terça-feira é meu aniversário de casamento, mas não é este o problema. Eu só acho que a gente chegou ao fim da linha, John. Se não é mais competitivo, não tem razão de ser. Eu tenho alguns outros nomes se você… Sim, eles são meus "descartados", se você insiste em… Alô? — Eric pôs o telefone no gancho. — O imbecil desligou na minha cara.

O apartamento era pequeno: Willy não teve como não escutar a conversa.

— Dá para botar a culpa nele? Eu pensava que John Lance fosse seu amigo.

— Ele não era meu amigo, era um parceiro de jogo. Você devia saber a diferença.

Bem, ela sabia. O bate-papo decorativo que precedia o jogo, sobre casos amorosos ou sobre o clima, camuflava o caráter utilitário da "amizade" esportiva. Além de uma cerveja após a partida, tolerável somente se o placar não fosse muito discrepante, parceiros de jogo raramente eram convidados a participar de seu círculo social. Pois parceiros de jogo se desgastam. Mas Willy nunca tinha visto alguém consumir tantos parceiros em tão pouco tempo quanto o próprio marido. Ele os mastigava e os cuspia, ingerindo bocados de estratégias ou técnicas ao longo do caminho, assim como comia a carne do frango e deixava os ossos.

— Por que não dá a desculpa de que você vai viajar? — sugeriu Willy. — Qualquer coisa menos "Você joga mal, não me ligue mais".

— Ele perceberia que é uma desculpa. Eu dei duas surras nele no último jogo. John nunca vai subir no ranking, nunca vai ultrapassar o top 700.

— Você estava entre os 700 seis meses atrás. Por que essa frescura toda agora?

— Porque estou tentando ficar entre os 400 até o começo do ano que vem — Eric explicou com impaciência. — *Você* não suporta parceiros de quem ganha fácil.

— Tem algo abominável em dizer na cara da pessoa que ela já não é boa o suficiente para você.

— Esse esporte é brutal.

— O que traz à tona um lado seu que me deixa nervosa.

— Você deveria ficar nervosa se por um altruísmo insensato eu continuasse a jogar contra tenistas inferiores e paralisasse o meu progresso.

— E se o John melhorasse? — ela o pressionou. — Jogos melhoram e pioram. Um dia ele pode te ultrapassar.

Eric bufou.

— Nunca vai acontecer.

Nunca aconteceu. Eric ainda não tinha sido ultrapassado por nenhum adversário que já tivesse dominado. Em nenhum empreendimento seu marido tinha vivenciado uma estagnação, muito menos uma regressão: a perspectiva de regredir era tão absurda para ele quanto a ideia de um dia acordar cinco centímetros mais baixo. Willy estava neste jogo há mais tempo, e ela conhecia o horror breve e atemorizante de ver o próprio ranking tomar a direção errada por um ou dois meses. Havia dividido o banco do vestiário com muitas garotas para quem o tempo já havia passado, tenistas que outrora estiveram no top 200 e que agora perambulavam, desnorteadas, pelo terreno árido do top 800. Todas elas tinham uma expressão característica de perplexidade e abatimento, como vítimas de um acidente em estado de choque. Especialmente para os norte-americanos, para quem a definição da vida era uma sequência de avanços, a reviravolta desafiava alguma lei da física que até aquele ponto era imutável — como se o próprio tempo estivesse regredindo. O retrocesso era uma traição, deixando de herança a confiança abalada dos sobreviventes de um terremoto, para os quais a solidez da própria terra passava a ser duvidosa. Mas o chão sob os pés de Eric nunca tinha se movido: o ponteiro de segundos de seu relógio girava em sentido horário, sem cessar. Embora sua inocência lhe desse poder, ela também lhe conferia certa frieza.

— Então eu tirei um cara sem talento da minha lista — persistiu Eric. — Por que isso perturba *você*?

— Talvez seu plano seja trocar de mulheres desse mesmo jeito — disse ela de um jeito seco. Ele riu, mas a intenção dela não era fazer graça.

Eric levantou a mulher pelas axilas, esticando os braços até que seus cabelos platinados, esvoaçantes, roçassem o teto.

— Eu *uso* parceiros de jogo. Eu *amo* você.

* * *

WILLY SUPÔS QUE ISSO fizesse dela uma pessoa de sorte: era oficialmente o alvo de todo o ardor de Eric. Ele não estava muito interessado em amizades: desde o casamento, não mantinha contato com o rapaz com quem antes dividia o apartamento, e nunca demonstrara entusiasmo em relação a jantares com amigos ou a convidar alguém para tomar um drinque no apartamento deles. Se ela marcava algum evento social, ele se irritava: Eric era possessivo com a esposa e parcimonioso com as noites dos dois. Era um absolutista e valorizava a eficiência. Resolvera suas necessidades emocionais como se fosse uma de suas equações. Havia, obviamente, sua família, a quem ele dava a devida atenção, mas os Oberdorf ficavam guardados em um compartimento próprio e recebiam a afeição mais geral, mais vaga, determinada pelo sangue. Eric investia toda a sua paixão na esposa, como se gastasse as economias da vida inteira em uma única ação.

A falta de diversidade no portfólio emocional de Eric, embora não fosse exatamente um fardo, era uma responsabilidade. Eric não tinha nenhum outro grande amor. Para o marido, o tênis conservava seu aspecto clínico, e nunca o descontrolava com a montanha-russa tempestuosa de arrebatamento e devastação que para Willy servia de romance paralelo. Apesar de às vezes se aborrecer com ela, Willy tinha certeza de que ele nunca tinha sido incensado pela antipatia furiosa que a tragara ao pular corda. A lembrança daquele ódio ainda ardia, um segredo feio que ela jurara guardar para si. Caso Eric tivesse entrado nas chamas de sua mente naquele momento, teria queimado seu coração.

Assim como muitos homens, Eric só respeitava quem o rejeitava. Depois de lutar violentamente para obter a primazia, seu interesse minguava, ele se tornava sarcástico e impaciente quando adversários derrotados ligavam; irritadiço quando os encontros que marcara com eles se aproximavam; até que, por fim, amassava seus números de telefone e os jogava no lixo. Eric gostava de espreitar quadras de tênis em busca de opções, talentos que ainda não tinham sido arruinados, assim como rondara o Riverside antes de avançar

sobre a futura esposa. A cada um ou dois meses ele voltava desses safáris segurando um novo número de telefone, ostentando o sorriso de um gato que carrega um rato vivo na boca e com o qual planejava brincar antes de matar.

Enquanto Eric proclamava a genialidade de sua nova aquisição, Willy rangia os dentes. Daria no mesmo se ele tivesse babado diante das pernas sensuais e seios empinados de outra mulher. O fato de que os inúmeros adversários de treino do marido eram homens só fazia Willy espumar de ciúme. Apenas homens podiam dar a Eric o ritmo que ele desejava; apenas homens podiam sacar bolas a 190 quilômetros por hora. Willy não tinha como competir.

Com seu apetite voraz por carne fresca, Eric e Willy se enfrentavam somente a cada seis semanas. Como há meses o derrotava por pouco, no decorrer do outono Willy foi acometida pela crescente preocupação de que tal infrequência fosse o adiamento de uma sentença.

* * *

NO PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DE casamento dos dois, contudo, Eric limpou a agenda para uma partida cerimonial. Dezembro impunha uma disputa em ambiente coberto, no Jordan. Ao caminhar até o poste da rede no mesmo horário do dia em que se casaram, as mãos de Willy zuniam com o tremor que em geral sinalizava o começo de uma final muito importante. Quando arrancou a tampa, um aroma de borracha foi emitido pela lata de bolas Wilson. Habitualmente o perfume da ocasião, nesta tarde o cheiro era temperado por um toque ácido.

O mesmo aroma ácido e pungente emanava das roupas novas de Eric, recém-saídas do embrulho — o short de lycra, o short de algodão que usava por cima e a blusa esportiva larga e de grife eram todos pretos. Como Willy estava usando seu vestido de torneio branco, prevalecia a estética ocidental clássica. Uma bandana preta triangular escondia as entradas na testa dele, o único defeito físico de Eric. Quando sorria, seus dentes, sob as luzes artificiais, reluziam como pequenas facas.

Durante o aquecimento, em vez da troca de bolas para dar ritmo às raquetadas dos dois, Eric sempre mandava a bola para longe. Se Willy iniciava o ponto com um simples forehand do meio da quadra, Eric golpeava para que

ela patinasse pelo corredor, e Willy se arrastava para chegar na bola. Ele acelerava o giro da raquete para o serviço, embora Willy mal tivesse chegado ao lugar para receber o saque.

Inclinando-se para a frente para receber a bola, rodopiando a raquete, balançando de um lado para o outro, Eric exibia os olhos brilhantes, os músculos tencionados e a boca salpicada de saliva de um cão de caça de olho numa lebre. Willy quicou a bola, sem entender por que tinha a impressão de que algo estava errado. O lançamento foi um pouco baixo, e, quando acertou a bola em seu ápice, Willy reconheceu a sensação, a mesma que a afligia rotineiramente quando o ônibus número 66 se aproximava de Montclair.

Ela sentiu que foi insuficiente.

A dupla falta dela foi um mau agouro. Eric trotou até o lado da vantagem, de novo olhou para a frente de um jeito malicioso, fazendo malabarismos com a raquete. Ele *a quebrou* no primeiro game, e, naquele dia, essa expressão foi ressonante.

— Você tem que mascar chiclete? — Willy rogou na primeira troca de lados.

— Eu sempre masco chiclete — retrucou Eric.

— É detestável.

— É assim que deve ser — ele fez uma bola e a estourou com um prazer que geralmente se sente ao estourar a bola dos outros.

O problema dela originou-se no bate-bola de aquecimento, que Eric encerrou depois de cinco minutos. Eric era capaz de mudar de jogo como de uma estação de rádio. Mas as raquetadas de Willy não cantavam instantaneamente. Até uma melodia amadurecer em seu corpo, a raquete lhe parecia pesada, distante.

Eric estava tão ansioso para punir a bola, legando-a ao esquecimento, que as longas trocas de bola eram raras. A brevidade das trocas de bola dos primeiros games foi desprovida de musicalidade. Willy perdeu o primeiro set por 4-6 antes de sentir que o objeto em sua mão era uma raquete e não uma pá.

Nos intervalos entre os sets, enxugavam-se com uma toalha.

— Claro que você *sabe* que eu preciso de 15 minutos para entrar de verdade no jogo — declarou ela. — Eu cheguei a te dizer isso.

— Não precisava — disse Eric. — Eu já tinha visto. Depois de um quarto de hora, seu rendimento é cinco vezes melhor.

— No mercado de ações, você seria preso — alfinetou ela, afastando-se para fazer o saque. — Isso se chama "informação privilegiada".

— Isso se chama casamento!

No segundo set, o famoso relaxamento de Eric resultou em uma guinada em direção ao sarcasmo. Ao saracotear para frente e para trás para rebater, ele não tinha pressa. Sua postura geralmente ereta era comprometida por uma corcova arrogante. Pegando as bolas, girava a Wilson com a ponta do aro, e, entre um lance e outro, puxava as cordas, torcendo-as, como se precisasse de uma distração extra para se divertir. Estourando bolas de chiclete na linha de fundo, parecia mais um arruaceiro que um tenista profissional.

Apesar de Eric seguir a política habitual de não abrir a boca, houve um novo desdobramento: toda vez que perdia um lance, independentemente do esforço que fizesse, ele ria — como se perder um golpe tão bobo fosse hilariante.

A testa de Willy começou a latejar com uma dor de cabeça reveladora. No mundo dos esportes, a raiva tem os mesmos riscos que a energia nuclear: antes que a fúria crescente se expressasse em seu rosto, ela teve de se armar e canalizá-la. Mas não importava o peso que imprimia nos lances, pois não passaria dos 49 quilos. Eric estava acostumado a enfrentar homens: não existia força que o intimidasse. Willy podia bater na bola com intensidade, mas a intensidade era feminina. Em termos masculinos, sua velocidade era no máximo respeitável.

Era essencial não ceder à tentação de entrar no jogo dele; ela jamais conseguiria subjugá-lo. Portanto, Willy passou à fusão nuclear a frio. Apesar de gratificante no momento de fritar a bola, a única satisfação duradoura era a vitória. Aos 4-4, ela tornou a diminuir a voltagem, apostando em porcentagens, preferindo fazer pressão a destruir.

Embora esse empreendimento astuto tivesse incitado múltiplas gargalhadas no marido, ela ainda não conseguia fazer mais que manter o serviço, e assim foi também no decorrer do tiebreak. Ansiosa com o olho por olho que poderia durar dali até o dia do juízo final ao custo de 35 dólares por hora, Willy enxergou a oportunidade e fez sua manobra. Em vez de fazer um backhand e mandar um lob para perto da linha, como seria mais garantido, Willy correu para dar um forehand e fazer um overhead às avessas. Isso deixava o resto da

quadra à disposição; se ele se arrastasse e conseguisse rebatê-la, ela estaria morta. Max teria ficado roxo.

Da forma como as coisas transcorreram, o overhead passou a um centímetro da fita, como era necessário, e arranhou a linha. Eric não estava nem perto, e sim na linha de fundo, mascando chiclete, arrumando a bandana preta num ângulo elegante. Ele nem ao menos segurava a raquete — encostada no joelho.

— *Touché* — disse com um sorriso indulgente, como se ela tivesse acabado de fazer alguma coisa fofa.

* * *

TALVEZ NÃO SEJA COINCIDÊNCIA haver três sets nas partidas de tênis mais dinâmicas e três atos nas peças teatrais clássicas. Em cada set se conclui um subdrama distinto, cujos detalhes complexos podem distrair o espectador da história como um todo. Por essa razão, o triunfo de Willy ao vencer o segundo set foi logo eliminado na mais breve das interrupções, após a qual os jogadores tomaram seus lugares. Dramaticamente, em 1-1 é impossível prever se o segundo set representa uma maré virada ou uma pista falsa.

Nos dois primeiros sets, o que enfureceu Willy foi o aparente divertimento de Eric — a indiferença audaciosa, a falta de comprometimento ao pegar na bola, o tipo de postura arrojada e despreocupada que a maioria das pessoas só conseguia assumir com um cigarro. No terceiro, o que a espantou foi o empenho dele. Eric se despiu da fantasia de "não estou nem aí, porra" e revelou o esforço espetacular que estava fazendo. Deu um salto de 60 centímetros para cortar um excelente lob; em nenhum momento supôs que o voleio dela fosse fechado demais para ser rebatido, e claramente correu o risco de se lesionar em algumas das bolas que levantou na direção oposta, o que foi inevitável em suas incríveis recuperações. Disparando para fazer as passadas, jogava-se de corpo inteiro como se salvasse um bebê desobediente de um ônibus em movimento. Obviamente queria que ele se empenhasse: a falta de dedicação era uma ofensa. Mas de certa forma estava indo longe demais; ele não lhe deixava nada; estava até disposto a se machucar, se fosse isso o que lhe custaria para arrebatar um único ponto das garras de Willy. Francamente, em

nenhum dos torneios em que o vira jogar, Eric se esforçara tanto quanto ao tentar intimidar a própria esposa no aniversário de casamento dos dois.

E ele decorou seu jogo como se fosse um poema. Independentemente do lance que ela fizesse, ele parecia saber exatamente que rumo a bola tomaria antes que se afastasse da raquete dela. Até quando ela mirava de forma a surpreendê-lo, ele parecia uma criança sorrateira que bisbilhotara os presentes de Natal e não conseguia fingir satisfação ao abri-los pela segunda vez.

Pior ainda, o tempo todo, Willy reconhecia seus próprios golpes secretos, revisados e renovados. Claro que ela não era *dona* da deixada com efeito slice que passava por cima da fita por um triz, feito um atleta de salto em altura que passa arrastando as costas na barra. Contudo, Willy se sentia roubada quando Eric reproduzia sua marca registrada, e não só a reproduzia como a aprimorava, assim como os japoneses com os carros americanos: um dos slices de Eric tinha tanto underspin que a bola deu uma cambalhota e foi parar em sua própria quadra. Eric colocara em prática todas as dicas úteis que ela tinha dado no último ano, e Willy se ressentia do modo cleptomaníaco com que ele *usou* seus conselhos. Quando se conheceram, o jogo dele era desconexo; agora que dividira seus segredos profissionais, e que eles foram usados contra ela, Willy os queria de volta. Usurpar indiscriminadamente tantas jogadas marcadas com seu monograma era tão indecoroso quanto vestir as roupas dela.

Um ano antes, os golpes de Eric eram potentes, mas as estratégias eram previsíveis. Agora, entre explosivos lances masculinos, ele furtivamente introduzia a destreza feminina das curtinhas impetuosas, spins neuróticos e improvisos de última hora, nos momentos em que, por convenção, era prerrogativa das mulheres mudarem de ideia. No entanto, esses truques femininos eram corrompidos pelos músculos. O resultado era um jogo em que se vislumbrava certa ambiguidade sexual, como um operário que tivesse uns maneirismos efeminados incongruentes, cujos amigos não conseguiam concluir se era gay.

Willy não conseguia sequer se consolar com o fato de que seu próprio jogo desmoronava ao ser enfrentado. Eric golpeava tão bem a bola que a erguia junto. Apesar de suas táticas serem cada vez mais defensivas, ainda eram muito eficazes. Em vez de se aborrecer consigo mesma, na parte essencial do set, aos 2-3, Willy ponderou que talvez estivesse jogando, à toa, o melhor tênis de sua vida.

O melhor não era bom o bastante.

Diferentemente dos games curtos do primeiro set, agora os pontos eram demorados: todos os games chegavam a iguais. Mas a raiva de Willy se esgotara. Por mais que tentasse, não podia menosprezá-lo. Era fácil detestar um fanfarrão que pulava corda, pois pular corda era uma idiotice. Mas como fã de um belo jogo de tênis, Willy não tinha como desprezar um artista das quadras. Seu marido enérgico, moreno, só parecia ainda mais perfeito, e sua beleza era mortífera.

Aos 4-2, os braços de Willy amoleceram. Eric sacou em direção ao lado de vantagem de sua quadra. Ela não fingiu avançar até a bola, em vez disso permitiu que o ace dele explodisse esplendidamente sem tocar nas cordas da raquete dela. Ela sorriu, admitindo fracamente com a voz trêmula:

— Excelente saque.

Este e o último game eram uma homenagem. Se Eric queria sua alma, ele a teria, embora ela temesse, acima de tudo, que fosse isso o que ele desejava: sua dignidade, feito um cordeiro num altar. No match point ela lançou uma bola fácil, que ele poderia rebater para sua grande glória, e ficou observando, como num sacrifício, quando a bola bateu contra o overhead do marido. Hipnotizada, não percebeu que ela vinha como um foguete em sua direção até ser atingida nos seios.

Ele correu para perto dela.

— Você está bem?

— Desde quando você se preocupa com como eu estou?

— Querida… — ele tocou-lhe a face.

Ela o afastou.

— Feliz?

Eric deu de ombros.

— Não, pode falar. Você está *feliz*? Você conseguiu o que queria. Você venceu. No nosso aniversário de casamento. Ganhou o dia?

— Meu bem, você vem me dando surras há mais de um ano. E alguém tem de vencer, não é?

Em sua cabeça, Willy não vinha lhe "dando surras": ela não ganhou nada além de adiamentos. Willy enfiou a raquete na capa; o zíper emperrou. Não

estava furiosa: estava pesarosa. Algo além de uma partida de tênis havia se perdido.

— Parabéns — murmurou ela. — Ninguém pode dizer que você não jogou de corpo e alma.

Ele tocou a manga da camiseta dela.

— Você não fica contente porque eu vejo o fato de levar a melhor sobre você de vez em quando como uma façanha?

"De vez em quando" era falsa modéstia. Nenhum de seus outros parceiros tinha voltado a vencê-lo depois de perder para ele. Eric garantiria que ela nunca mais o derrotasse.

Enquanto ela soltava a bandana num gesto fúnebre, Eric imprensou-a:

— Você não iria querer que eu *deixasse* você ganhar, ou iria?

— É claro que não — respondeu ela bruscamente, mas uma certa mágoa e feminilidade dentro dela sussurravam, sibilando, *Sim*.

Onze

— O TÊNIS PARA VOCÊ — BRADOU Max, a voz ecoava na quadra fechada e vazia — não é um esporte para ficar assistindo da arquibancada.

— Eu não teria chegado na bola — contestou Willy.

— Não, plantada na linha de fundo que nem um arbusto de azálea. Você está desperdiçando o meu tempo. Você veio aqui para quê? Fazer compras de Natal?

Aqueles poucos dias eram uma janela de oportunidade — o semestre encerrado, os alunos em casa para as festas, Max disponível. Durante o ano anterior Willy passara menos dias no Sweetspot do que desde que ela e Max se conheceram. O treinador se tornara indiferente. Ao se casar, ela havia se descartado.

— Podemos sair para jantar? — implorou ela junto ao poste da rede.

Ele a encarou e deu a impressão de ter detectado algo de estranho.

— Essa porcaria aqui está fechada. Então as opções são o Boot of the Med ou um sanduíche na minha casa. Mas a sra. Undershorts pode ficar nervosa com isso.

— Já te falei, eu mantive meu sobrenome.

— Hoje, só o que interessa é o que você manteve.

— Max, meu ano foi bom.

— É isso que eu não entendo. Você deveria estar preparada para o circuito mundial dentro de seis meses. Com a minha bênção, para não mencionar o meu dinheiro. Então, por que você fica tremendo no fundo da quadra feito gelatina?

Ela guardou a explicação para a hora do vinho, de que precisava mais do que nunca.

— Você não se sente sozinho nesta época do ano? — perguntou educadamente enquanto pisavam o gramado coberto de neve. — Você deve

sentir saudade da família.

— Já te contei sobre minha família. Você esqueceu.

Willy enrubesceu.

— Agora eu estou me lembrando.

O bate-papo dos que terminam uma relação tende a flutuar e se dispersar como um monte de plumas.

— Meus parentes me detestam. O mundo todo adora uma pessoa vitoriosa, menos sua própria família. Você devia saber disso.

— Eles iriam gostar mais de nós se fracassássemos?

— Não, as únicas opções são eles rangerem os dentes por causa do seu sucesso ou a pena maliciosa por causa da sua derrocada. Pode escolher.

— Você não acredita muito na humanidade, não é?

— Eu sempre acreditei muito em você.

Era tão raro Max falar de coração que Willy deu uma olhada nele para se certificar de que não estava sendo sarcástico.

* * *

NO BOOT OF THE Med, Willy detalhou lance por lance a partida de aniversário de casamento ocorrida no dia anterior.

— Só isso? Ele é homem, Will. É incrível que você tenha conseguido adiar a vitória dele por tanto tempo.

— Você sempre diz que não é coincidência que as pessoas que dão desculpas são exatamente as que precisam delas.

— Ele é uns trinta centímetros mais alto que você! E o Oberdork jamais teria chance no circuito se não fosse capaz de bater uma menina. Você devia estar aliviada por ele.

Willy enrolou o espaguete no garfo. Quando um fio estava enrolado, os outros caíam.

— Outros homens já ganharam de você — cutucou Max, amassando seu espaguete até ficar do tamanho de larvas. — E você não apareceu no dia seguinte segurando a raquete que nem um peixe morto e ficou olhando eu bater bola com um par de binóculos.

— É diferente.

— Você achou que outros parceiros de treinos podiam te vencer, mas não seu próprio marido. Cuja virilidade eu presumo que você tenha experimentado em primeira mão.

— Eu sei que uma hora ele me venceria, mas a dinâmica… — Willy mergulhou um mexilhão no molho marinara. — Me dar uma sova deu tanta satisfação a ele.

— Você não curtia derrotá-lo?

— Na verdade, não. Ganhar só me enchia de maus pressentimentos. Eu me sentia na obrigação de manter o ritmo, e eu sabia que isso não era possível. Ontem ele tentou *tanto*, Max… ele me magoou.

Max a examinou com a expressão preocupada e analítica de um médico que recebera resultados desconcertantes do laboratório.

— Talvez vocês não devam mais jogar juntos.

— Você bem que gostaria, não é? — retrucou ela.

— Eu gostaria sim — avaliou ele —, se isso significar que seu jogo de tênis não vai ser completamente estragado, que você não vai ficar ressentida e envergonhada só porque não conseguiu vencer um troféu doméstico e pessoal que não pagaria nem dez centavos a cada um de vocês, nem se você ganhasse. O que não vai acontecer. É raro eu recomendar que você se resigne diante de algum obstáculo, mas dessa vez é melhor. Se concentrar em ser capaz de derrotar um doberman é como se propor como meta de longo prazo a desenvolver um pau.

* * *

OS DESGASTANTES FESTEJOS FAMILIARES estavam concluídos. Por ironia, Willy comprou para Eric um exemplar de *Aprenda tênis em um fim de semana*, e Eric deu à esposa uma corda de pular. Entre o Natal e o Ano-Novo, os montes de parceiros de tênis de ambos haviam deixado a cidade, e Willy só voltaria ao Sweetspot depois do Réveillon. A única opção de um era o outro. Pouco tempo antes, Willy não conseguiria imaginar maldição mais agradável; agora, se preparava para ir ao Jordan como quem vai para a forca.

Em quadra, Eric parecia preocupado; sua testa franzia ao beijar as têmporas da mulher. Seria a última vez que veria esse caráter solícito durante aquele período, pois, assim que ele pusesse os pés na linha de fundo, se transformaria. Willy disse a si mesma que não devia se ressentir disso, que aquele Eric alternativo era o que ganhava torneios, e que, sem um Hyde, aquele Jekyll e sua generosidade natural se destruiriam no circuito profissional.

Entretanto, era inquietante encará-lo e ver sua boca entortada pela avidez. A maneira como ele se inclinava e balançava como se estivesse amarrado indicava que a rede estava esticada entre os dois para sua própria proteção. Desta vez, ele deixou que ela se aquecesse o tempo que quisesse.

No decorrer do primeiro set, uma sensação totalmente inédita começou a rosnar em seu intestino: uma desconfiança similar à náusea. Mesmo quando lances fáceis vinham em sua direção ao longo da troca de bolas, antes do impacto ela era arrebatada pelo receio: *Como foi que rebati esses lances em todas as outras vezes? Não consigo lembrar!* A hesitação infinitesimal quase sempre fazia com que a bola caísse longe demais. Em 0-5, ela já estava questionando todos os seus instintos, e por isso começou a jogar de forma mais prudente, arremessando os lobs, investindo nos voleios e optando por lances garantidos e fracos que aterrissavam bem no meio da quadra de forma tão subserviente ao estilo "por favor, deixe eu te ajudar a ganhar o dia", que daria na mesma se ela tirasse a roupa. Já estava tão engajada na própria desgraça no fim de sua derrota no primeiro set, que o segundo tomou ares de um banquete de autodepreciação, numa farra bulímica.

Eric tratava as rebatidas débeis e rasas dela do modo abusivo que mereciam. Recém-cortado, seu cabelo reluzia como fogo negro. Willy repetia para si mesma que o instinto homicida fazia parte da natureza dele; que pedir a Eric que desistisse de massacrá-la era inútil, jogadas fáceis por compaixão eram tão absurdas quanto botar um antílope ferido diante de um leão e esperar que a fera virasse a cara. No entanto, olhava para o outro lado da rede e ficava confusa porque o homem com quem se casara era agora a causa de sua degradação. Quando a última cruzada estonteante de Eric passou zunindo ao largo de seu backhand, Willy ficou devastada demais para levantar a raquete.

À medida que a onda de adrenalina passava, o cabelo de Eric grudava em sua cabeça. Entretanto, enquanto as garras dele se retraíram e as pupilas

voltaram ao tamanho normal, os dois zeros em sets sucessivos continuavam a encará-la com olhos arregalados e críticos.

— Ei — Eric tocou no braço dela e Willy recuou como se fosse brasa. — Assim não me parece muito bom. Você faz com que eu me sinta um brutamontes.

— Você conseguiu o que queria — acusou ela. — A magia de Willy nas quadras se revelou uma ilusão. Fui desmascarada, da mesma forma que aconteceu com todas as outras pessoas que te enfrentaram. Mais uma parceira de treino descartável, totalmente desgastada. Que nem uma caixa de Kleenex.

— Não se pode ganhar o tempo todo — Eric disse bruscamente. — Faz parte do jogo. Veja isso como… — ele pareceu estar medindo as palavras, e remendou — …como um bom jogo.

Willy abaixou a cabeça.

— Me desculpe. Fui infantil. Você jogou muitíssimo bem. Queria poder ter te oferecido uma partida melhor.

— Então você teve um dia ruim — Eric levantou-lhe o queixo. — Mas, da próxima vez, vamos só trocar bolas. Treinar umas jogadas. A gente pode se ajudar. Nada de partidas, por um tempo.

Ambos sabiam o que ele queria dizer: para sempre. Ambos sabiam também que uma simples troca de bolas era passível de acabar em agressão, que não estariam completamente desassociados da vitória e do fracasso, os bons lances e as bolas fracas, e, em consequência disso, os dois se veriam estranhamente ocupados nas semanas seguintes, impossibilitados de encontrar tempo para jogar juntos. Em fevereiro, teriam torneios para participar em estados diferentes… Quando não se sentia mais desafiado, Eric ficava entediado, e Willy não suportava a ideia de ser vista como maçante na quadra de tênis. Angustiada, certamente se recusaria a comparecer à festa de Réveillon dos Oberdorf naquela noite, arrastando-se até a cama, entristecida, antes da virada do ano.

— Então, é o seguinte — resumiu Willy em voz baixa. — Resoluções para 1994: não podemos jogar palavras cruzadas, nem ferradura, nem sinuca, nem ir ao boliche. Não podemos nem mesmo pular corda na mesma quadra de squash. E agora não podemos jogar tênis. O que nós vamos fazer juntos além de foder?

— Poderia ser pior — Eric apoiou a cabeça de Willy em seu peito, e ela chorou.

Para o desalento de Eric, Willy fez as malas para voltar ao Sweetspot no segundo dia de janeiro.

— Você está levando *dez* sutiãs de corrida — ele observou, mexendo na mala. — Quanto tempo você vai ficar?

— Talvez duas semanas — ela declarou em tom casual, empilhando camisetas. — Os funcionários da lavanderia da escola ainda não vão estar lá, então…

Eric franziu o rosto, preparando-se para enfrentar os ares de um inverno frio e cheio de ventanias.

— É bastante tempo — disse ele, depois de se calar por um momento. — Esta é a única época do ano…

— Esta é a única época do ano em que posso ter o Sweetspot todo para mim, e o Max também.

— Então não vai ter mais ninguém por lá? Só você e o Upchuck, alongando suas coxas, comendo em restaurantes mal iluminados?

— Imagino que a Marcella também esteja lá — observou ela, caminhando a passos largos até o closet. — Ela nunca perde uma chance de cair nas boas graças do Max.

— Por que você está levando esse vestido vermelho?

— Eric, não posso usar moletom o dia inteiro.

— Você usa quando está comigo.

Willy suspirou e jogou a seda vermelha na cama.

— Você se sentiria melhor se eu deixasse o vestido?

— Leva, eu não vou usá-lo — apesar do tom rude, Eric arrumou a seda amarrotada sobre a colcha com um jeito carinhoso, esticando vincos, tirando fiapos. — Pensei que você não competiria mais com a Marcella pelo posto de queridinha do Upchuck.

— Não preciso. O jogo dela é repugnante. Ela só vence porque enlouquece as adversárias e elas ficam tentadas a tomar alguma atitude impensada simplesmente para fazê-la parar de mandar bolas leves. Max prefere provocações e drives a atritos idiotas.

— Mas, Willy, duas semanas!

— Você viu meu jogo ontem. Está doente. Preciso de um médico.

— Então quem sabe — propôs ele, acanhado — eu não possa ir contigo.

Willy se alvoroçou, embalando um par de tênis num saco. O plástico fazia um ruído constante que encobria a fala dele.

— Wilhelm?

Meias.

— Não é uma boa ideia.

— Mas por quê…?

— Preciso me concentrar. Os próximos seis meses…

— Você quer ficar longe de mim, não é?

O comentário não combinava muito com ele. Eric era ótimo em não mexer em casa de marimbondo e, em geral, levava todas as explicações de Willy ao pé da letra. Não gostava de problemas. Esperava que o casamento fervesse, chiando no fogão, e, quando situações como jogar palavras cruzadas e pular corda e, agora, até jogar tênis entornavam o caldo, a solução dele era evitá-las. Para Eric a observação tinha sido um ato de coragem, e, em troca, ela deveria recompensá-lo com a honestidade.

— Quero sim. Por enquanto. Desde o nosso aniversário… ando perturbada. Você está fazendo muito mal ao meu jogo.

— Eu te conheço, Whilhelm. É a mesma coisa que dizer que estou fazendo muito mal a *você*.

— Querido, eu só preciso organizar as ideias — ela esticou a mão para tocar em um fio comprido da sobrancelha dele e ajeitá-la contra seu rosto.

Eric insistiu em levá-la até Penn Station, e, ao acenar da plataforma, não parecia elegante e firme, mas esquelético, para variar. Tufos de cabelo cortado caíam sobre as entradas de sua testa, em cachos solitários, desanimados. Ela precisou reunir todas as forças para não arrastá-lo porta adentro, pôr os braços em volta dele e sussurrar com veemência que fora uma completa idiota, que o tempo que teriam juntos era precioso demais para desperdiçarem e que era óbvio que ele tinha de acompanhá-la. Uma a uma, apagaria as rugas de preocupação de sua testa com as pontas dos dedos e se desculparia porque agora ele não tinha bagagem, mas poderiam comprar uma escova de dentes e uma ou duas camisetas em Old Saybrook. Eles iriam se esparramar numa cabine do trem e estenderiam os pés sobre os bancos de frente, a fim de

repelir estranhos, e fariam as palavras cruzadas do *Times* juntos. Ela admiraria a memória dele para os generais da Guerra de Secessão, uma das mãos rabiscando e a outra pousada na coxa do marido, para confortá-lo, ao longo da viagem.

No entanto, as extremidades de borracha da porta do trem se beijaram e Willy ficou exilada no vagão superaquecido. Correu para a janela e acenou para Eric, embora provavelmente o reflexo das luzes da estação deva ter ocultado sua mão. Quando o trem se aproximou do túnel, ela espremeu o rosto contra o vidro gelado e a condensação de seu hálito enevoou o último vislumbre do marido, que arrastava os pés em direção à escada rolante. Sua postura tinha uma pobreza incomum. O vagão escureceu, e, por um instante, Willy temeu a escuridão — uma espécie de escuridão adulta. Quando as luzes se acenderam hesitantemente, ela abriu o *New York Times* com indiferença na página das palavras cruzadas. Incapaz de solucionar imediatamente a primeira na vertical, fechou os olhos, afundou em sua independência cinzenta e pôs o jornal dobrado sobre o rosto.

* * *

A IDEIA ORIGINAL DE Willy era voltar aos velhos tempos, ela e Max contra o mundo. Mas, apesar das longas sessões que faziam para aprimorar seus golpes, as noites pareciam vazias. Quando saía para jantar com Max, a tagarela da Marcella Foussard muitas vezes ia junto. Mesmo depois que Marcella foi embora para um spa, as noites deles eram espaçosas, feito um casaco grande demais; as horas se passavam entre um lado e outro do jantar como mangas afastadas de suas mãos. Ao se preparar para dormir, os rituais de Willy eram rápidos demais, e ela era incomodada pela sensação de que se esquecera de alguma coisa.

Seu jogo, após tremores e suores como quem se livra de uma gripe, realmente retomou a segurança muscular. Mas, quando conseguia que uma passada veloz alcançasse uma das linhas laterais, Willy virava a cabeça como quem vai dizer "Você viu essa?", mas não havia ninguém.

Com Max, muitas vezes não tinha assunto. Vez por outra recorriam a atualidades; por mais sincera que fosse a decepção de Willy quanto ao desastre

da liderança de Hillary Clinton na reforma do sistema de saúde, papos de jornal entre amigos de longa data pareciam um ato desesperado. Dez dias após sua chegada, depois de um longo silêncio diante de um prato de lula cozida, Max enfim se aventurou:

— Como vocês estão se dando?

— A gente conseguiu não se esganar.

— Não sabia que a situação era tão ruim assim.

— Entre mim e a *Marcella*?

— Entre você e Underwood.

— Ah, meu Deus, não. Eric está indo muito bem — a voz de Willy ganhou uma cadência alegre. — Nas quartas do Mennon, em Detroit? Ele perdeu o primeiro set, estava em 1-5 no segundo. Mas você conhece o Eric, o Garoto da Reviravolta…

— Para falar a verdade, eu não conheço o *Eric*.

— E quem leva a culpa?

— Ninguém. Não tenho interesse no cara.

— Tenho muito orgulho dele — declamou ela, no tom monótono de quem recita a tabuada.

— Repito: como vocês estão se dando? Ainda estão passando por problemas?

— Eu não disse que estávamos passando por problemas.

— Não com todas as palavras.

* * *

PERTO DO FIM DE sua estada, Max jogou a própria raquete no chão, enfastiado.

— Não quero ouvir mais nem um pio!

— Do que você está falando?

— *Tudo* que eu te digo, é "*Eric* não faz desse jeito" ou "Este é um dos lances preferidos do *Eric*" ou "*Eric* detesta quando eu…" Pare de pensar no Underfuck!

— Não estou pensando!

— Escute o que você está falando, mulher! Porque eu só quero ouvir você falando de como *você* bate na bola, quais são os *seus* golpes preferidos, quais hábitos ruins deixam *você* louca de raiva.

Subitamente consciente, Willy ficou chocada ao descobrir a frequência com que se continha para não descrever o underspin de *Eric*. No jantar, absteve-se de mencionar que *Eric* teria devorado a massa que estava comendo. E, no final da noite, pediu licença para se recolher, sem dar nome aos bois, com a frase "Preciso dar um telefonema". Eliminar Eric de sua fala exigia constante vigilância e autocontrole. Antes de se casar, Willy vivia em um mundo cuja população era 1,5 — Max era o 0,5 e ao resumi-lo a uma extensão parcial e diminuta da própria ambição cortou pela raiz o romance entre os dois. Portanto, talvez a novidade de haver outra pessoa no universo dela ainda não tivesse esfriado. Em todo caso, tendo ou não acenado da plataforma, o marido acompanhara Willy até o Sweetspot, no final das contas.

* * *

TINHA ANSIADO TANTO POR revê-lo. No trem, sua cabeça estava a tal ponto infestada de imagens do reencontro agradável e tórrido, que Willy teve de reler a mesma página do romance que tinha nas mãos cerca de vinte vezes antes de deixá-lo de lado e ficar olhando pela janela, saudosa, mesmo ao atravessar o extenso túnel negro até Penn. Mas, quando atravessou a porta, Eric mal ergueu os olhos. Com o cotovelo apoiado no *Livro de normas da ATP* aberto, preenchia formulários que saíam pela impressora a jato de tinta. Não disse nem oi.

— O promotor de um torneio — murmurou ele em vez da saudação, alinhando a folha. — Bob Evanston? Viu nossa partida de aniversário. Parece que ficou impressionado.

— Com certeza não ficou impressionado *comigo*.

— Não ficou — ao levantar a cabeça, Eric parecia cansado e irritado com a diplomacia obrigatória. — Quero dizer, podia muito bem ter ficado, mas não fez nenhuma menção a isso. A questão é que tem um torneio pequeno da ATP em fevereiro, no Madison Square Garden. Eles botaram o Hans Sörle na cabeça de chave. Mas na última hora tiveram alguns cancelamentos, lesões. Evanston me ofereceu um convite especial para participar de um torneio.

— Sörle… ele está em… sei lá, 12º lugar, não é?

— Décimo. Ele está na porra do top 10.

Willy largou a bagagem.

— Quantos na chave?

— Trinta e dois. Em Nova York; despesas irrisórias.

— Desde quando você se preocupa com as despesas?

— Eu trabalho dentro de um certo orçamento, Willy.

— Mas como foi que *você* entrou numa chave de 32?

Eric respirou fundo.

— É uma espécie de torneio decorativo… como Mahwah, só que com alguns pontos em jogo. Para a plateia se sentir recompensada pelo dinheiro que pagou, é melhor de cinco sets. O agente do Sörle está tentando atrair patrocinadores; Sörle está caindo. E Evanston gostou do drama de ter um rival com uma classificação baixa no ranking. Falou que eu tenho de vencer só uma partida para recompensar como entretenimento. Essa é a oportunidade que eu estava esperando, Willy. Ficar rastejando de satélite em satélite é coisa de idiotas.

— Idiotas como eu.

— O fato de você ter chegado tão longe participando de torneios de segunda categoria obviamente conta a seu favor. — Ter de elogiá-la parecia uma provação. — Mas satélites são puro esforço. É mais eficaz derrotar um tenista do topo do ranking. Jesus, isso dá pontos feito um caça-níqueis cuspindo moedinhas, Willy. O problema é chegar a esses filhos da mãe. Agora o top 10 está ao alcance das mãos.

— Como assim? Você acha que vai *derrotar* Hans Sörle?

— Por que não?

Willy deu de ombros e arrastou a mala até o quarto.

— Imagino que você vai acabar descobrindo.

* * *

ATÉ ALI, ERIC EXALAVA uma calma sedutora no que dizia respeito aos torneios vindouros, o que devia tê-lo ajudado a vencer adversários que passavam a noite

anterior se revirando na cama. Ao longo de seis semanas, a serenidade desapareceu. Tinha dificuldades para dormir e Willy acordava e o encontrava com os pés presos no estrado da cama, se dobrando em abdominais curtos, desesperados. Antes uma lixeira humana, agora ele era seletivo e supersticioso quanto à própria dieta. Nunca sugeria treinos com a humilde esposa; para o período anterior ao Madison Square Garden, Eric escolheu parceiros de treino com o mesmo cuidado melindroso com que inspecionava as bistecas do D'Agostino em busca de qualquer indício de gordura.

Quando Willy partiu do LaGuardia para seu primeiro torneio inaugural de 1994, um com quadras de Har-Tru* em ginásio coberto, em Chicago, ficou aliviada por escapar da presunção que turvava o ar no apartamento dos dois e que ficava presa em sua garganta. Eric estava *com muita esperança*, uma coisa pela qual Willy sentia uma desaprovação genética. Mas ela já tinha recebido seu quinhão de pancadas, e talvez estivesse na hora de Eric levar uma rasteira. Faria com que ele continuasse humano.

Ao retornar de Chicago, Eric já tinha jogado sua primeira partida indoor do ano, em Paterson, Nova Jersey. O fato de o ranking dela agora ser 265 pareceu uma façanha boba quando Eric anunciou que a partir de Paterson ele entrara no top 400. Este era o *plano*, é claro, mas Willy estava meio cansada de tudo cooperar para que o projeto de Eric se realizasse. Onde estavam os famosos ossos do ofício que caracterizavam a vida de todo mundo? Além disso, ele provocava a mesma ilusão ótica de quando ela ia a Westbrook e seu trem viajava ao lado de outro Amtrak que seguia na mesma direção. Se o trem adjacente começava a andar mais rápido, causava a impressão de que seu trem estava andando para trás.

O grupo de competidores do Garden era heterogêneo, mas Eric era o maior azarão do páreo. Havia vários outros jogadores no top 75, contudo, e todos dariam muitos pontos computados de bônus a Eric se ele por acaso os ultrapassasse. Quando foi sorteado para enfrentar um deles na primeira rodada — o 54º do ranking —, Willy se compadeceu pelo fato de ser uma falta de sorte enfrentar um adversário tão difícil logo no início, o que poderia impedi-lo de jogar contra Sörle. O marido se desvencilhou de suas mãos consoladoras.

— Não seja ridícula — disse. — É uma grande sorte. Derrotar o 54º vai me dar pontos desde o começo.

— Mas você nunca jogou contra alguém do top 100. Você não tem ideia de quanto eles são bons.

— Willy, são só tenistas. Você às vezes dá a impressão de ser esperta, mas ainda acredita nessa porcaria de aura. Um arrivista carcamano chega ao topo do ranking e você é tomada por uma admiração messiânica. Você acha que jogar contra o 54º é alguma honra. Bom, dane-se. Eles são iguais a nós. Aonde você acha que a gente vai chegar? Ele devia se sentir honrado por jogar *contra mim*.

Willy deu um passo para trás: sempre que Eric se gabava desse jeito ela ficava dividida entre a admiração e o horror.

— Um pouquinho de humildade lhe faria bem, Eric. O orgulho…

— Um pouquinho de humildade é um veneno. Qual você acha que é o sentido desse jogo? É você quem alega que eu me concentro demais na técnica, e sempre frisa que o que torna o tênis fascinante é a personalidade. Você diz que a diferença entre os tenistas não está nos forehands e sim na cabeça deles. Tudo bem… você tem razão. Portanto, a última coisa que eu vou fazer é tremer nas bases quando entrar no Garden e falar com um sorriso abobado: "Obrigado, sr. Cinquenta e Quatro, por se curvar para me jogar a bola."

Se a arrogância de Eric era magnífica ou detestável não tinha importância. A questão era que funcionava. Ele conquistou seus pontos de bônus, podendo dispensar alguns jogos. O fato de que o 498º desnorteou o 54º causou uma onda de curiosidade na plateia. Estava claro que o marido de Willy tinha dado mais uma demonstração de tirar o fôlego. Pois o Eric Oberdorf que competia no Garden não era o mesmo atleta promissor mas ainda cheio de arestas a aparar com quem ela recentemente estivera em pé de igualdade. Não, esse Eric ela não se atreveria a desafiar.

Nas oitavas de final, ele fez picadinho do 87º em três sets consecutivos. As quartas foram até o quarto set, a semi até o quinto. Enquanto isso, Willy mal via o marido. Entre uma rodada e outra, ele treinava; depois das vitórias era levado pelo braço do bizarro Bob Evanston a jantares de comemoração. Ela poderia tê-lo acompanhado, mas as dores de cabeça eram genuínas. Só quando Eric entrava sorrateiramente à 1 hora da madrugada Willy punha as mãos no marido e, mesmo então, era exclusivamente em suas partes públicas.

Na noite seguinte à semi, Eric tirou o roupão e se enfiou sob os lençóis, onde Willy estava deitada, ainda acordada. Ela se virou e alisou seu tórax, fazendo cócegas na penugem de seu peito. Quando as pontas dos dedos de Willy roçaram seu mamilo esquerdo, Eric segurou-lhe a mão, apertando-a sobre a clavícula. Ela se desvencilhou e passou a palma da mão pela barriga dele, cujos músculos ficaram tensos ao seu toque.

— Willy — sussurrou ele. — Eu tenho que dormir.

— Uma hora ou outra — disse ela com malícia, descendo para fechar as mãos em volta de seu escroto, girando as glândulas feito bolas de gude em um saquinho. — Tem jeito melhor de cair no sono? Você sempre diz que dorme melhor depois, não é?

— Querida — censurou Eric. — Amanhã eu jogo contra o Sörle.

— A final é amanhã *de noite*. Você pode dormir até a hora que quiser — à medida que seus dedos percorriam o mastro, ele inflava como se enchido por uma bomba de bicicleta.

Eric agarrou-lhe pelo pulso e arrancou a mão de sua virilha.

— Para com isso! Chega!

Willy recuou, encolhendo-se como uma anêmona ao ser cutucada.

— Você nem sequer me beijou desde que esse torneio começou — murmurou ela, os joelhos apertados contra os seios. — E faz semanas que a gente não faz amor, desde antes de eu ir embora para o Sweetspot. O que há? Eu fiz alguma coisa? Você ainda está bravo porque eu viajei em janeiro? Você conheceu alguém enquanto eu estava fora?

Eric se deitou de costas e o suspiro controlado que soltou sugeriu que dentre outras coisas ele não estava com ânimo para riscar cada um dos itens daquela lista de inseguranças.

— Eu sei que ando distraído. Mas não acho que a gente deve transar antes da final.

Willy levantou a cabeça.

— Você acredita nessa porcaria? — perguntou, abismada. — Que você não pode deixar que seu precioso elixir de virilidade esgote suas forças?

Eric se apoiou nos cotovelos.

— Eu sei que provavelmente é uma história dos tempos da vovozinha…

— Melhor acreditar nos médicos! Eles dizem que sexo faz bem, que *dá* energia!

— Mas se há a mínima chance de que isso seja verdade… — Eric apelou. — Quem sabe as vovozinhas sabiam das coisas, e se isso faz alguma diferença…

— A *vovozinha* sempre fazia o que podia para se livrar da trepada — Willy se levantou da cama, arrancando a colcha de cima, e com ela fez uma capa sobre os ombros. — Mas caso isso faça *alguma diferença*, você pode dormir sozinho. Não quero me virar na cama e sem querer perturbar o descanso de Vossa Majestade.

Ela saiu do quarto arrastando a colcha. Eric pisou na coberta e disse:

— Para de ser infantil e volta para a cama.

— *Eu*, infantil? Você ouve uma superstição estúpida quando tem 7 anos e até hoje acredita nela.

— Eu sei que provavelmente é besteira, mas se pelo menos você pudesse tolerar um pouco…

— Eu tenho tolerado muito. Se isso te conforta, agora eu não deixaria você encostar nem um dedo em mim nem se estivesse com uma faca na minha garganta. Boa *noite* — ela puxou a colcha de sob seus pés e deixou Eric estatelado no corredor.

— Willy, caramba, você podia ter me machucado!

— Ah, que tragédia, cair com sua bunda milionária no chão — Willy andou sem pressa até o sofá.

Eric se recompôs e ficou parado, incerto sob o luar enevoado da janela do quarto. Seu pau se encolhera no frio, transformando-se em um nó desencantado de cartilagem azulada. Willy se acomodou no sofá. Movendo-se hesitantemente no corredor, Eric estava claramente dividido entre persuadi-la a ir para a cama, conversar sobre a questão e, sem dúvida nenhuma, trepar, para se reconciliarem, ou deixá-la com sua raiva e ao menos ter uma boa noite de sono antes de sua primeira partida contra um top 10. A indecisão durou poucos segundos. Não havia muito o que debater.

* * *

COMO SE O SUCESSO num esporte lucrativo já não fosse bom o bastante, os profissionais dos mais altos escalões muitas vezes contavam, em momentos de crise, com a "vitória pela reputação". Não era inédito um zé-ninguém como Eric explodir nas primeiras rodadas e depois decepcionar contra um dos jogadores consagrados do top 10, que podia muito bem estar em má forma e pronto para uma derrota. No entanto, a aura que cercava o ungido podia cegar o rival para a oportunidade que tinha nas mãos. Participar de uma hierarquia esportiva geralmente era endossá-la: ninguém queria subir uma escada cujos degraus eram diáfanos. No sangue suado para conquistá-los, os jogadores precisavam enxergar os pontos computados como um fardo, e, portanto, considerar os Eleitos pessoas abençoadas. Subalternos muitas vezes perdiam partidas de propósito em condescendência não só com a elite como também com o *status quo*, o que era melhor do que bagunçar a aritmética meticulosa do esporte. Ao se submeter à escada, a maioria dos tenistas acreditava nela, e era capaz de sacrificar a própria glória em nome da grande glória do universo organizado.

Eric não tinha tais escrúpulos. Não acreditava exatamente no tênis: tratava-se de um meio para a própria beatificação. Admitia sem rodeios para Willy que, diferentemente da esposa, ele não venerava o jogo. Aconteceu de ser bom no tênis; o que Eric venerava era aquilo em que ele era bom. A única religião de Eric era Eric. Era isso o que Willy achava magnífico e era isso o que Willy achava repugnante. O estalo ambivalente entre um polo e outro havia gerado a própria eletricidade de sua paixão; talvez Willy amasse o marido porque nunca conseguia decidir se o suportava.

E se Eric nem sequer honrava o deus absoluto do tênis, o esporte, menos ainda reverenciava sua manifestação mundana na forma do ranking da ATP. A última coisa de que sofreria era de excesso de respeito. Eric não ligava para tenistas em geral, e ficaria satisfeito em dinamitar o mito do top 10, relegando-o à vida após a morte. Pois embora a Associação produzisse muitos megalomaníacos, dobrar-se diante da "reputação" era, no fundo, um fracasso da vaidade.

Se Hans Sörle contava com um adversário empacado pelas inseguranças depois de Eric ganhar o primeiro set por 6-4, Sörle não fizera o dever de casa. O rosto de Eric não traía nenhum espasmo de incredulidade. Ao manter o serviço no decorrer de boa parte do segundo set, os olhos do tal garoto

chamado Oberdorf não brilhavam de nervosismo diante da plateia: o jogador que surgira do nada em momento algum se beliscou para verificar se não estava sonhando. E mesmo quando o novato de ranking 400 e alguma coisa foi posto em seu devido lugar, em 7-5, seus ombros não se curvaram em pose de "eu sabia que isso não iria durar". O maxilar ficara um pouco mais quadrado, só isso.

Willy se empertigava na primeira fila, enquanto Alma Oberdorf lhe dava pancadinhas na mão. Entre os pais angustiados do impressionante azarão, os três irmãos de Eric estavam sentados por ordem de nascimento e em posição de sentido, todos com peles rosadas, topetes molhados e cabelos recém-cortados. A etiqueta que pendia da manga de Robert denunciava que os casacos coloridos haviam sido comprados para o evento. Alma dobrou a gola do filho. Robert se contorceu e puxou o colarinho até o queixo como se fosse um valentão.

Axel se esticou para dar um tapa no cocuruto do menino de 12 anos.

— Quieto! — os três endireitaram a coluna.

Com o placar empatado, a cabeça de Willy voltou à época anterior ao casamento, quando observava o namorado jogar tênis. Era óbvio que o admirava; e Willy sendo Willy, não tinha se encantado apenas pelo sorriso torto ou pela reivindicação corajosa de todas as noites que ela tinha disponíveis. Algo em seu *jogo* havia captado sua atenção. Porém, nos velhos tempos, sua admiração não parecia lhe custar tanto. Ao escolher amá-lo, deleitara-se com a própria criação. Era quase como se o tivesse inventado.

Mas, no Garden, Willy não poderia ter desdito suas lisonjas nem se tentasse. Aquele amor era indefeso, era sugado de dentro dela num piscar de olhos. Eric não vicejava mais sob seu olhar benevolente como se fosse sua obra artística, mas brilhava sob os holofotes radiantes com uma claridade tão forte, distante, que era Willy quem se sentia inventada. Em meio a centenas de outros espectadores, Eric não precisava de seu par de pupilas para reavivá-lo. Na verdade, durante break points duplos, Willy lia os anúncios da Kodak nas arquibancadas mais altas, qualquer coisa menos deixar que seu olhar procurasse o rosto do marido, afinal a mãe lhe avisara para não olhar direto para o sol. Seguir sua graciosidade fluida pela quadra durante a partida inteira lhe dava um cansaço insuportável. Quanto mais admirada ficava com Oberdorf, menos impressionada ficava consigo mesma.

Nas garras desse desejo compulsivo Willy resistiu na mesma medida em que, antes do casamento, teria se rendido alegremente. Não estava mais se entregando, estava entregue. Tantas pessoas comuns se apaixonam e se casam; como conseguiam viver sem rancor, sem lutar contra o próprio ardor indefeso, sem mais um cheque em branco, e sim um débito mensal em suas contas? Eric estava usando as roupas pretas novas e Willy se abatia perante a beleza dele. Outrora orgulhosa de ser associada a um homem tão notável, agora se acovardava diante dos ombros ossudos dele, apertando a jaqueta em volta da cintura, cujas dobrinhas contrastavam com o lombo esguio que estava em quadra.

— Olha essa recuperação! — berrou Axel, rouco, para Steven, cutucando a coxa do garoto. — Eu não conseguiria tocar nessa bola nem com uma vassoura grudada na raquete!

Eu também não, pensou Willy. Este era o problema: todas as suas deferências deixavam para trás uma imagem negativa. Todas as trocas de bolas ecoavam no estádio, *eu nunca chegaria tão alto*, *eu nunca conseguiria correr tão rápido*, *eu nunca conseguiria bater na bola com tanta força*. Quando Eric interpelou o juiz de linha, Willy só pensou que ao enfrentar seu primeiro top 10 jamais teria o ímpeto corriqueiro de disparar réplicas delicadas. Qualquer adjetivo que pudesse atribuir ao marido levava a comparações — ele era *mais* talentoso, *mais* inteligente, *mais* atlético, pois não existe ninguém especialmente dotado sem que haja alguém para ser menos dotado. Foi por isso que Eric a escolhera no Riverside? Estaria procurando não uma companheira, e sim uma fã?

Axel se levantou de repente, batendo o punho contra o peito.

— Este é meu *garoto*!

Espantada com o rugido da multidão, Willy imediatamente olhou para o placar e descobriu que Eric ganhara o terceiro set. Agora que o marido precisava de só mais um set, ela não podia se dar ao luxo da atenção intermitente. Quando Eric quebrou o saque do adversário e Sörle devolveu a quebra, Willy deslizou até a ponta do banco, até que seus joelhos bateram na cerca à sua frente. Amassou o copo vazio de Coca e o restinho do líquido caiu em seu colo. Alma apertou o braço da nora e arriscou desviar a atenção do jogo para trocar um olhar solidário com Willy. Era óbvio que entendia que, para Willy, ver o marido à beira da aclamação era uma agonia. Imagine que triste não seria a noite se, depois de toda aquela escalada, chegando tão, mas

tão perto, ele fosse para casa após perder por um triz. Willy seria obrigada a cuidar de um gigante inconsolável, incapaz de moderar a decepção dele.

A plateia, que adorava um azarão e a possibilidade de uma decepção, suspirava e assobiava quando Eric marcava ponto; respirava fundo e gemia quando as cordas da rede tremiam e a bola pingava na quadra dele.

Willy pulou de susto ao sentir uma mão em seu ombro.

— É verdade que você é a esposa dele? — Quando Willy assentiu, a moça atrás dela acrescentou: — Você deve estar emocionada!

Willy era esposa de Eric, portanto devia estar emocionada. No entanto, sua respiração não estava em sincronia com a da plateia. Quando os Oberdorf suspiravam, Willy respirava bruscamente. Quando a multidão a seu redor tomava fôlego com um murmúrio abafado, o ar saía fácil do pulmão de Willy.

Eric já era suficientemente elegante dentre os 400 e 500 melhores. Caso perdesse naquela noite, recuperaria a autoestima em dez minutos. Mas se voltasse até a rua 112 vitorioso, se tornaria insuportável. A garota da fileira de trás poderia ir para casa com o próprio namorado, felizes fosse qual fosse o resultado daquele passatempo. Era Willy quem teria de conviver com as consequências daquela partida por meses a fio.

Willy torcia por Sörle.

---

* Espécie de saibro de cor cinzenta. (*N. do R.T.*)

Doze

DERROTAR O NÚMERO 10 NÃO FEZ DE Eric o número 9. Mas, em uma semana, ele pulou do 498º lugar para o 293º, o que no tênis equivalia a chegar do alto de uma montanha ao pico da próxima aproveitando uma oportunidade. Na 265ª posição, pela primeira vez Willy dividia o essencial primeiro dígito com o marido.

Depois do festejo obrigatório com os promotores do torneio e de um banquete opulento na casa dos Oberdorf, que convidaram todo o Upper East Side, Eric e Willy marcaram um jantar comemorativo só para os dois para dali a dois dias. Apesar de já ter comido bastante, Eric estava empolgado com os 50 mil dólares do primeiro lugar e propôs que fossem ao Lutèce. Uma noite no restaurante francês mais chique de Nova York era uma extravagância, portanto Willy conteve um resmungo quando Eric pediu que ela pegasse seu smoking e o encontrasse no Jordan depois da partida de treino dele. Como ela iria pegar um avião para a Flórida na manhã seguinte, tinha muito a fazer, e o tempo era curto.

Quando chegou com o traje do marido no braço, o jogo ainda não tinha terminado. Embora o Lutèce fosse rígido quanto à pontualidade, ele devia completar o set. Willy pigarreou ao se sentar numa cadeira, fechando a cara. Incrível. Mais uma partida a que a sra. Eric Oberdorf era obrigada a assistir. Ultimamente, o que ela não daria para vê-lo perder, nem que fosse apenas uma vez.

Ele perdeu.

Willy permaneceu sentada, imóvel, em choque. Fazia meses que não via o marido ser derrotado. Era como se uma fada tivesse lido seus pensamentos e realizado seu desejo. Ou talvez Eric tenha olhado nos olhos de sua mulher e ficado tão desanimado diante do que viu que estragou a partida.

Com o smoking ainda pendurado no braço, e sob o plástico aderente da lavanderia, a sua pele umedeceu, cheirando à angústia da culpa. Beijou o marido e lhe entregou a roupa.

— Você está se sentindo bem? A gente pode deixar para outra hora.

— Estou bem — ele disse sem pensar.

— Mas o jeito como você…

— Sei lá, alguma coisa murchou. O negócio todo pareceu… bobo, de repente. Ah. Vamos comer.

* * *

— NAS POUCAS VEZES em que perdeu — observou Willy —, você deu a entender que foi porque não se empenhou o suficiente. Em nenhum momento você admitiu estar enfrentando seus limites.

Eric tirou uma espinha de peixe do meio dos dentes.

— Talvez eu nunca tenha enfrentado limite algum. Pelo menos, não absolutos.

— Você teria, se fosse uma mulher.

— Não sou.

Abarrotado com frágeis peças de porcelana florida, o Lutèce era um péssimo lugar para uma briga. Willy cruzou os braços sobre o guardanapo de linho.

— Você alguma vez se imaginou como mulher?

— Nunca.

— Você acha que as mulheres são tão diferentes assim? Não partilhamos das mesmas emoções, das mesmas ambições?

— Talvez vocês tenham mais emoções.

Willy remexeu o pombo — uma escolha precipitada, mas a ideia de jantar no Lutèce e comer um dos pombos imundos que pareciam ratos e sujavam a biblioteca pública lhe atraiu pela agradável sensação de petulância.

— Então, digamos, eu te amo mais do que você me ama?

— Willy, a gente devia estar comemorando. Por que você tem de começar agora?

— Ué, a ideia de se ver como mulher te enoja?

— A ideia me parece ridícula!

Willy se afastou do prato. Pedir pombo foi um erro — miúdo, marrom e seco. A única forma de tirar carne daquela coisa mirrada era pegá-la com as mãos. Ao tentar fisgar o pombo no prato ela já tinha derramado molho de vinho do Porto em seu vestido preferido de seda vermelha. Não ousava admitir para Eric — o cardápio dela não tinha preços, então só Deus sabia quanto custava o prato —, mas teria se divertido mais, e com direito a uma comida mais substancial, no Flor de Maionese. Se era este o estilo que adotariam agora que ele era campeão, talvez ela preferisse que ele continuasse na batalha.

Willy olhou com inveja para a truta com molho de baunilha de Eric, um pedido mais inteligente, em seguida fitou o marido, elegante em seu smoking, e ponderou a linha tênue que separa ídolo e nêmesis. Por que, dentre todas as pessoas existentes, ela havia casado justamente com aquele prodígio do tênis que estudara em Princeton, dava saltos triplos ao pular corda, enterrava a bola na cesta e era um mago da matemática? Será que procurara a única pessoa no mundo que inevitavelmente faria com que ela sentisse que não tinha valor?

Ou será que se sentiria insuficiente com qualquer homem? Desde a infância, Willy se irritava por ser mulher, e para uma tenista o rancor era compreensível. Pois durante grande parte do século, o jogo feminino foi considerado uma atividade paralela fútil; até nos tempos atuais, o prêmio em dinheiro para as mulheres era pouco mais que a metade da quantia estabelecida para os homens. Além disso, quem não preferiria sacar a 190 quilômetros por hora em vez de a 140?

— Você gosta de cinema — Willy insistiu com o marido. — Os filmes o convidam a se imaginar na pele de outra pessoa por uma ou duas horas. Você não sai do cinema no meio porque esperar que você se identifique com alguém diferente de você é "ridículo". Então, por que eu lhe pedir para se imaginar como mulher é tão absurdo?

— Talvez não seja absurdo, mas é um beco sem saída. Mesmo que me imaginasse de vestido, eu não saberia dizer se essa imagem seria fiel. Já que não faço ideia de como é ser mulher.

— Você me acha tão estranha assim?

— Eu não acho que *você* é estranha.

Willy batucou com o garfo na toalha de mesa. Isso era verdade. Eric havia demonstrado que fizera pouco uso das mulheres de uma forma geral. Nunca tivera uma amiga íntima, tampouco uma parceira de jogo regular, antes de conhecer a esposa. Willy era a exceção e, portanto, um garoto honorífico.

De sua parte, ela sempre suspeitara de que tinha nascido no corpo errado ou nascido no corpo certo como castigo por não estar à altura do padrão masculino. E era por isso que a segurança presunçosa de Eric a respeito de seu sexo a enervava, embora fosse provável que qualquer mulher se ofendesse quando, diante da perspectiva de trocar de sexo, o marido fosse sarcástico. Por outro lado, caso Eric confidenciasse que estava "tentando entrar em contato com seu lado feminino", ela teria ânsias de vômito. O ultraje de Willy diante da autoconfiança aristocrática dele não era maior do que a cobiça que tinha por sentir a mesma coisa.

— Sabe — Willy mudou de assunto —, sua partida no Garden me irritou de novo com esse negócio de cachê. Aposto que o Sörle recebeu mais do que você, só por ter dado as caras, e foi você quem ganhou o torneio.

— Não estou reclamando.

— *Eu* estou reclamando. Se um cara do top 10 ganha uma grana preta só para ir até a linha de fundo, ele não tem motivação nenhuma para se empenhar. Pode simplesmente ficar parado e pegar o cheque.

Eric se afastou da truta, cuja espinha ele limpara com uma minúcia cirúrgica; ele e o pai tinham dons em comum.

— O orgulho — ele observou —, por si só, é a garantia.

— O problema é que a Regra dos Catorze incita a negligência.

Agora que os jogadores que podiam bancar os custos de participar de mais de 14 torneios por ano tinham a liberdade de eliminar maus desempenhos do cálculo de seus rankings, a afirmação de Willy não era controversa. Muitos tenistas célebres tinham sido acusados de aceitar um cachê e depois fingir que jogavam, já que a derrota não afetaria a classificação deles. No entanto, Eric não entrou nessa discussão.

— Sörle não tentou? — ele perguntou friamente.

— Bem, é claro que tentou!

— Você está dizendo que ele me deixou ganhar a partida? Pensei que eu tivesse jogado muito bem — os olhos de Eric estavam semicerrados.

— Não, não! Querido, não foi isso o que eu quis dizer!

— Tive a impressão de que foi exatamente isso o que você quis dizer.

— Meu amor! Eu só estava puxando papo! Pensei que já fosse hora de parar de te encher o saco com…

— Você é uma mulher eficiente — ele interrompeu. — Ou uma *pessoa*. O que quer que você seja. Nunca te vi simplesmente tentando puxar papo.

— *Por favor*, esqueça isso.

Ele não esqueceu.

* * *

WILLY SE COMPORTOU BEM nos meses seguintes, mas não gostava de pisar em ovos com o próprio marido. Assim como dava valor ao livre fluxo quando estava absorta no tênis, prezava o imediatismo das conversas dentro de casa. Em meio a cumprimentos forçados, lampejos instantaneamente disfarçados de "quem você pensa que é" e reconsiderações de comentários impulsivos para se certificar de que não eram maliciosos, o discurso doméstico de Willy estava marcado pelo mesmo atraso infinitesimal entre pensamento e ação que caracterizava tanto o tênis de segunda categoria quanto as conversas vazias e cuidadosas de um evento social. Falar com Eric estava se tornando, de uma forma deprimente, o mesmo que falar com qualquer outra pessoa.

Ela teve uma primavera produtiva. Tinha agendado praticamente toda a temporada, determinada a chegar ao fundamental número 200 que Max insistia que atingisse para apoiá-la no circuito internacional. Portanto o casal passou algumas noites luminosas de primavera animado com a vitória mútua, caminhando até o Flor de Maionese de mãos dadas com o espírito de equipe vencedora que impulsionara o início da relação dos dois.

Mas essa sensação de harmonia era passageira. Se as carreiras de ambos fossem trens paralelos, a locomotiva de Eric estaria gradualmente se aproximando dos vagões de Willy. Ele tinha chamado a atenção para si como o azarão que derrotara Hans Sörle. Promotores de torneios estavam *pedindo* a Eric que jogasse, enquanto Willy tinha de entrar com base apenas em seu ranking; também era convidado para competições de mais categoria do que suas estatísticas lhe permitiriam. Além disso, ao longo de 1994, Eric já estava ganhando bem mais dinheiro que a esposa, e não dependia mais de Axel. O

fato de que Willy se sustentara com suas vitórias enquanto Eric pedia ao pai o dinheiro do aluguel dera a ela um grau de superioridade moral que relutava em compartilhar.

De um modo geral, a primavera de 1994 reproduzia a sensação comum às corridas no Riverside Park. Avançando aos tropeços em meio a anoréxicas ofegantes e gordos sacolejantes, Willy de vez em quando ouvia um trote atrás de si. Em geral, uma dose de empenho bastava e o corredor que vinha se aproximando ficava para trás. Contudo, embora ultrapassasse a maioria dos corredores do parque, com 1,60 metro Willy não era veloz. Na corrida, assim como no tênis, aplicava uma pressão constante, regular, de olho na distância a percorrer. Admiradores a chamariam de implacável; detratores, de teimosa.

Portanto, embora Willy odiasse ser ultrapassada, isso acontecia. À medida que o trote atrás dela se tornava mais sonoro, ela se esforçava um pouco mais, forçando-se a olhar para frente. Mas o homem que surgia a seu lado — era sempre um homem — geralmente era bem mais alto e corria contra o próprio relógio. Às vezes o corredor acenava com cordialidade ao passar por ela, ou batia na palma de sua mão num cumprimento animado, mas o sorriso que Willy lhes retribuía era melancólico. Por mais que lutasse contra o impulso, ao seguir no encalço do homem, era quase impossível não deixar transparecer um pouco de decepção.

* * *

O DESAFIO CHEVROLET ACONTECIA no começo de junho, disputado entre o Rolland Garros e o Stella Artois. Agendado para o momento em que a atenção do público estava voltada para o esporte, o Chevy era o auge do calendário dos aspirantes, tendo ajudado a alçar dúzias de nomes a placares internacionais. Não só o torneio era projetado especificamente para que as promessas estourassem, como também era um dos poucos eventos do ano que a ATP e a WTA produziam em parceria. Convencionalmente, as associações eram distantes, senão antagonistas. Mas era difícil chamar atenção para um torneio que não tivesse jogadores do topo do ranking espalhados pela chave; somente bajulações conjuntas convenciam a ESPN a transmitir o Chevy, e exibir talentos desconhecidos.

No ano anterior, Eric não estava nem perto da classificação necessária para participar sem enfrentar as pré-qualifyings, mas sua escalada tinha sido tão veloz que naquele ano aceitaram-no na chave. Willy estava em dúvida quanto à qualificação de Eric. Seria bom participarem de um torneio juntos, para variar, tomar o mesmo trem até Washington. E, ao mesmo tempo, o Desafio era a joia da coroa dos satélites, a vitória no Chevy era praticamente uma garantia de libertação da exaustiva esteira que era o circuito inferior — maratonas de três semanas em troca de um punhado de pontos, feito moedas jogadas aos mendigos. Como estava no esporte há mais tempo, Willy sentia que devia ser a primeira a tentar a sorte no Desafio. O tênis, obviamente, recompensava a diligência apenas moderadamente e punia a velhice categoricamente. No entanto, Willy sempre achou que o Chevy estava esperando por ela, e com Eric também participando da chave de simples ela sentia-se oprimida.

Essa sensação foi de certa maneira aliviada pelo convite da *Slick Chick*, uma revista de luxo que estava fazendo uma matéria sobre o Desafio Chevrolet e que daria destaque a uma jogadora específica que, segundo a editora disse ao telefone, "fosse uma figura emblemática da próxima geração de atletas e que representasse os valores da revista". Quanto aos "valores" da revista, Max Upchurch dera aos redatores a dica de que Willy Novinsky não só iria bem no torneio, como era, *humm*, "apresentável". Várias mulheres com classificações melhores foram descartadas, a editora declarou com desânimo, por serem muito "robustas, masculinizadas ou sem graça".

Portanto, Willy seria uma boba se estivesse esperando um perfil sério, mas atenção era atenção, e aspirantes tinham de aceitar o que aparecesse. Um artigo favorável, por mais que fosse repugnante, seria um acréscimo instigante em seu portfólio caso Willy adquirisse prestígio suficiente para buscar o patrocínio de marcas de absorventes. Porém, foi um pouco irritante quando a jornalista foi até o apartamento deles e gorjeou no gravador a respeito da fofura da mesa de centro cheia de bolas descartadas. A moça não tinha interesse no jogo de Willy; interrogou-a sobre dicas de dieta e cortes de cabelo. Era difícil imaginar que, se Eric um dia fosse entrevistado, seria pressionado a dar suas opiniões sobre os trajes do ano no mundo do tênis.

Um fotógrafo chegou uma hora depois. Trazia uma mala com uma seleção de vestidos de festa repletos de paetês, bem como um estojo de maquiagem abarrotado de potes de gororobas rosa e marrons. Willy presumira que ele

fosse querer fotos dela em ação, na quadra, e lavara um vestido simples que usava em torneios para a ocasião. Não foi uma boa pedida. Indefesa, se sujeitou a ser esquadrinhada, empoada e enfeitada. Em geral, ela usava pouca maquiagem, e no final desse estorvo o espelho revelou uma estranha insípida e vampiresca. Os vestidos eram compridos demais e precisaram ser ajustados com alfinetes; o fotógrafo não gostou de seus ombros musculosos e insistiu que ela os cobrisse com um xale. Quando a arrastaram até o Boat Basin para fazer fotos ao ar livre, Willy implorou ao homem que pelo menos tirasse retratos com as quadras de saibro ao fundo. Em vez disso, fez com que ela posasse numa postura desleixada, apoiada no parapeito, a George Washington Bridge formando uma tiara atrás de seu penteado volumoso, entupido de musse.

Ser preparada, pintada e arrumada era humilhante, mas ainda assim dava um gostinho da fama, uma inspiração para que um dia fizesse sucesso o bastante para dizer àqueles pedantes convencidos exatamente onde podiam enfiar a escovinha do rímel. Afinal, a única coisa pior do que ser convidada para ser assunto de uma matéria de quatro páginas numa revista era *não* ser convidada para ser assunto de uma matéria de quatro páginas numa revista.

Willy ainda estava limpando os restos de sombra azul em volta dos olhos naquela noite quando Eric chegou em casa depois de mais uma das partidas da ATP Challenger Series, disputada na Filadélfia. A cabeça erguida após largar as malas o entregava.

— Você venceu.

— Venci. Olha só, fiz umas contas no trem.

— Quando você *não* está fazendo umas contas?

— É só uma estimativa, é claro, pois os números dependem do desempenho dos rivais; você e sua amiguinha Marcella estão pau a pau. Mas me parece que quando ganhar o Chevy você vai chegar lá, Willy… ao 200!

— O Chevy não é moleza, Underwood. É o troféu mais cobiçado do circuito inferior.

— E daí? Quem você não é capaz de derrotar ali? Mas isso é melhor ainda, Wilhelm. Se eu ganhar a chave de simples em Washington? *Eu* fico em 200. Não é ótimo? Você e eu, empatados. Daria muita publicidade, também: marido e mulher ganham o Chevy juntos e entram para o primeiro time com rankings idênticos. Barcelona, Tóquio, aí vamos nós!

— Você não está botando o carro adiante dos bois? A gente ainda nem passou da primeira rodada.

Enquanto Eric exaltava a atitude positiva, Willy não admitia que havia chegado aos mesmos números por si só. Só que ela não tivera a mesma reação festiva diante da aritmética. Algo nos dígitos perfeitamente iguais lhe parecera improvável. Agora que estava tão perto do que desejara a vida inteira, o estômago de Willy não roncava de fome, mas se apertava com um medo viscoso e indigesto.

* * *

APESAR DE TER GANHADO a final do Chevy com seu desapego habitual, ele se arriscara feito um louco: dezenas de lances mal arranhavam o finzinho da linha, com um juiz menos escrupuloso o placar teria tomado outro rumo. Ao analisar o marido, da primeira fila, naquela noite, Willy enfim vislumbrou seu segredo: *ele não se importava muito*. O jogo de Eric era alheio a ele: tênis era algo que ele jogava, mas não quem ele era. Tinha a vantagem de qualquer jogador de pôquer que blefasse com facilidade no decorrer da rodada, pois, enquanto apostadores como Willy botavam a própria alma na mesa, para Eric as fichas não passavam de plástico.

Tremendo ao pôr o confiável vestido branco de torneio para a própria final, na tarde seguinte, Willy se viu essencialmente incapaz de se valer da indiferença de Eric. Agora, Eric era o número 200; tinha, 14 horas antes, ultrapassado a esposa no ranking, e as próximas duas horas determinariam se ela o acompanharia. Era impossível convencer-se de que não importava.

Por um acaso poético, a última adversária de Willy era Marcella Foussard. Marcella era petulante demais para se vestir nos vestiários disponíveis, e se enfeitara no hotel. Apareceu somente para retocar o batom vermelho. Robusta e saudável, devia ter gastado uma hora arrumando os caracóis de seu cabelo vermelho de farmácia dentro da bandana de seda pêssego. Nos últimos seis meses Marcella perdera parte da gordura da infância passando fome, e agora sugava as bochechas dominada pela impressão errônea de que uma estrutura óssea descarnada finalmente emergiria de seu rosto de pirulito. Mais magra,

sim, contudo Marcella teria de aguentar aquelas coxas grossas pelo resto da vida.

— Pois não é que o seu maridinho ganhou a simples, Wilhemena! — arrulhou Marcella. — Ele está se saindo muitíssimo bem, não é? No começo, achei ele um pouco esquisito, sabe? Meio ossudo. Mas nos últimos tempos ele parece ter ficado um pouco mais atraente, sabe? — Marcella sorriu. — Imagino que ele vá assistir. — Seus dentes estavam sujos de batom.

* * *

JOGAR CONTRA MARCELLA ERA uma sorte, de certo modo: Willy não enfrentaria surpresas, embora as duas raramente treinassem juntas no Sweetspot. Willy não a suportava. Achava o estilo de Marcella esteticamente deplorável. Se a falsa ruiva havia perdido uns quilos, seu jogo ainda era gordo: suas bolas altas lançadas com topspin quicavam na linha de fundo, monótonas e inflexíveis como o clima. A textura das raquetadas era úmida, disforme e macia; assim como enormes flocos de neve, derretiam ao bater no chão. Toda a energia de um ponto precisava ser produzida pela adversária, que muitas vezes achava tal função debilitante. Independentemente do ritmo que a pessoa desse à Marcella, ela o engolia, aparando os golpes com devoluções lânguidas e sem peso. No entanto, a colocação dela era execrável, e, embora desse a impressão de se mexer pela quadra com o tédio preguiçoso de um gato superalimentado, ela era alta e mais veloz do que aparentava.

Ao longo do primeiro set, Willy se ateve ao conselho de Max: resistir ao ímpeto de massacrar a bola de uma vez por todas. A aproximação de Marcella era insultante, e a vontade pavloviana que Willy tinha de estrangulá-la era perigosa. Rebata-as com leveza, Max dissera a respeito das bolas altas, sem dar nome aos bois. Jogadores que lançam bolas altas adoram rapidez, usam-na contra você. Não entre no jogo deles. Fique à espera. Só massacre a bola com todas as forças quando tiver certeza de que achou sua brecha. Antes disso, aguarde o momento certo.

A fidelidade a essa recomendação custou um autocontrole extraordinário, mas a estratégia funcionou. Lutar contra os próprios instintos ajudava na concentração. Willy venceu o primeiro set com a margem confortável de 6-3,

mas deve ter sido uma competição entediante de assistir. Da primeira fila, Eric levantava o dedão discretamente. Entendia o que ela estava fazendo: ele queria dizer "continue assim".

O segundo set começou quase bem demais. Quebrando Marcella no primeiro e no segundo games, em pouco tempo Willy já vencia por 4-0. Havia transformado sua tática em uma fórmula: pressionar, pressionar e pressionar, até conseguir uma bola um pouquinho mais rasa que as outras e lançar uma cruzada curta e violenta, que Marcella não aguentava nem quando conseguia prever; na melhor das hipóteses, seu golpe desesperado só pingava, e Willy subia à rede. Mas com o luxo de estar tão na dianteira, a mente de Willy começou a se desviar do jogo. Tão excessivamente à frente que na verdade era difícil prestar atenção. Esse tênis adocicado não agradava ao paladar de Willy, e se o esporte fosse sempre desse jeito, mole como um pudim ela teria optado por fazer carreira no squash.

Mais de uma vez, entre um ponto e outro, ela se virou para Eric e sorriu e isto foi um erro. Embora devesse saborear o fato de mergulhar o jogo pesado e grosseiro de Marcella dentro de seu próprio prato de sobremesa, ponto a ponto, Willy não estava se divertindo. Queria que a partida terminasse, e queria muito. Algo tinha saído do lugar em seu centro, como se uma chave de fenda tivesse apertado um parafuso.

Recebendo aos 4-0, Willy quebrou o saque outra vez, mas o game chegou a iguais. O game não deveria ter ido a iguais. O serviço de Marcella tinha efeito e colocação, mas não energia. Ninguém além de Willy pareceu se alarmar com a proximidade do quinto game. Uns poucos espectadores arrumavam as cestas de piquenique, presumindo que em 6-3 e 5-0 a partida estava praticamente terminada.

A chave de fenda deu outra volta. Willy balançou os braços, pulando na linha de fundo. Uma sombra misteriosa cruzou o rosto de Max. Eric tinha uma expressão terrivelmente encorajadora.

Quinze-zero, sim. Trinta-zero, *sim*! Mas Willy sabia que estava se apressando. Seu jogo era impaciente, e, na ânsia de encerrar o calvário, de se jogar nos braços de Eric, aliviada, no triplo match point Willy disparou contra o forehand obeso de Marcella, mas a bola seguiu para o fundo da quadra e avançou até a arquibancada. Qualquer conselho de seu treinador durante a partida, mesmo através de gestos, infringia as normas da WTA; Max estava

sentado, devidamente calado e imóvel, na primeira fila. Mesmo assim, a voz grave e irritada dele sussurrava na orelha de Willy: *Não é o começo da partida, você não tem tempo para ajustes. Faça pressão no backhand dela, retome a posição de expectativa e espere uma bola vir de bandeja, roçando a rede.* Mas Willy queria acabar com a partida, queria seu número 200, queria ir para a Europa, queria levantar a cabeça junto com o marido, mantê-lo perto de seu ranking assim como o mantinha apertado contra si na cama. Curvando-se, açoitou a bola de cruzada, com o mesmo ângulo curto e exato com que pescara tantos pontos naquele set.

O que foi pescado foi o lance de Willy. Chegara tarde demais para jogar seu peso para frente. No entanto, não tinha motivo para se exasperar. Ainda tinha dois match points. Sem problema. Moleza.

Mas havia um problema. Willy sempre avançava sobre a bola errada, batendo com força demais devido à ansiedade de acabar logo. Willy não queria ganhar, e sim já ter ganhado. Iguais.

Vantagem contra.

Game.

Idiota, louca. Três match points seguidos doados à caridade. Bom, deixa a Marcella ficar com um game. Quem sabe assim ela não dorme melhor, conseguiu tirar um game de mim. Agora vamos acabar com essa retardada presunçosa.

Em 5-2, alguns dos espectadores que haviam recolhido seus pertences voltaram a se sentar. O fato de Marcella estar se aguentando era uma espécie de cuspe corajoso na cara do inevitável que as plateias sempre admiravam. E olhe só isso! Imagine quebrar o saque pela segunda vez estando tão atrás!

Mas 5-3 não era muito atrás. Pois a aritmética do tênis é traiçoeira. Jogadores que estão muitíssimo à frente caem em apenas um game. Em 5-2, as probabilidades do adversário acossado se recuperar parecem risíveis. Em 5-3, para-se de rir.

Uma dor de cabeça, já conhecida das sessões de pular corda, beliscou os olhos de Willy.

— Idiota — ela murmurou baixinho, em vez do habitual "Mantenha-se alerta".

Willy só precisava de mais um game, mas deixar que três match points lhe escapassem por entre os dedos irritaram-na e continuavam a irritá-la. Se a máxima de Eric era "Não olhe para baixo", a de Max era "Não olhe para trás".

— Nunca chore pelo leite derramado — ele sempre dizia. — Deixe para lá. Não sei quanto a outras coisas da vida, mas no tênis o arrependimento te destrói.

Porém, Willy estava banhada em leite derramado e azedava rapidamente naquela tarde quente de junho. Sua transpiração tinha o cheiro rançoso e repugnante de iogurte.

O semblante do treinador, geralmente impassível, tinha passado de sério a cadavérico. Uma ruga de preocupação marcava a testa de Eric, em quem as câmeras de televisão davam close, esfomeadas. A própria Willy poderia ter feito o comentário: *estamos vendo o campeão de simples do Chevy, mostrando perplexidade por sua esposa deixar que uma perua que joga feito uma destrambelhada consiga uma vantagem do tamanho de Dakota do Norte*…

Em 5-4, Willy foi obrigada a se perguntar qual era o problema, mas se perguntou tarde demais. Havia abandonado sua estratégia. Não estava mais aguardando. Tentava esmurrar cada um dos golpes débeis que Marcella dava da linha de fundo, arrastá-los e esbofeteá-los com as surras que mereciam, mas Willy estava jogando sua frustração na bola. *Perdi o controle*, admitiu. Mas quando se admite a falta de controle, já se está — obviamente — fora de controle. O que foi perdido não é substancial e sim automático, o próprio meio pelo qual um fim como "controle" pode ser atingido. Em tal estado, era tão absurdo que Willy exigisse de si que "se recompusesse" quanto seria insistir em tentar pescar um peixe de novo depois que a vara inteira tinha caído no mar.

Na troca de lados, mais narração da ESPN na cabeça de Willy: *Oberdorf já está esboçando seu itinerário pela Europa e promete que de vez em quando telefonará para casa, onde a esposa estará tricotando faixas de pulso para o marido usar no circuito*…

Após perder o segundo set em 5-7, Willy entrou em estado de choque. Seria impossível estar mais à frente do que esteve sem ganhar imediatamente. A vitória estava no seu colo, um presente a ser desembrulhado, e agora o céu rosnava de insatisfação, por algum milagre sombrio, ela e Marcella estavam num empate de merda. Ninguém no estádio se preparava para ir embora.

Entre os sets, um trovão soou, e, apesar de a chuva ter sido breve, a tropa de meninos que passava o rodo e jogava jatos de ar quente na quadra levou meia hora para fazer o serviço. O atraso deu a Willy uma quantidade letal de tempo para pensar, e a Marcella a oportunidade de trocar de roupa. Quando

Foussard saltou na linha de fundo de saia tutti-frutti e bandana limão nova, o ar estava mais fresco, quase frio. A pose de Marcella para as câmeras revelava que havia limpado o batom dos dentes, e parecia que estavam iniciando outra partida.

* * *

— WILLY, ACHO QUE nem é preciso dizer que você pensou que já estava com a partida ganha?

O microfone foi enfiado na cara de Willy de um jeito agressivo e ela recuou como se fosse um revólver carregado.

— Se em algum momento pensei isso, foi um erro meu. Só acaba quando… — ela engoliu em seco — e por aí vai.

— Willy, você é casada com Eric Oberdorf, que derrotou o número 10, Hans Sörle, no começo deste ano, e conquistou o título de campeão de simples do Chevy ontem à noite… praticamente sem fazer esforços, ao que pareceu. Como você se sente com este golpe?

Como ela se sentia? Fitou com ar de incredulidade para o repórter da ESPN, mas a televisão hipnotiza a ponto de arrancar discursos vazios por mera formalidade.

— Estou muito feliz por meu marido, e só sinto muito por não ter conseguido fazer com que o troféu dele fosse a metade de um par de troféus. Teria sido… romântico.

— É provável que você viaje com ele, ou você vai continuar aprimorando seu próprio jogo?

— Eu acho — outra vez engoliu em seco — que a esta altura o Eric já sabe muito bem como fazer as próprias malas. Esta velha garota aqui ainda tem muito o que jogar — o que era uma forma de afirmar que ainda estava viva.

— Então você diria que teve um bloqueio?

— Bloqueio? — Willy repetiu, a voz engasgada. — Marcella tem um jogo astucioso, que engana: ela lhe deixa esgotada. Acho que no meio da partida ela começou a jogar muito, muito bem e eu gostaria de cumprimentá-la pelo desempenho impressionante que teve, principalmente tendo se recuperado

quando estava tão para trás. Eu dei tudo, mas ela levou a melhor sobre mim desta vez.

— Você não acredita que teve um bloqueio?

— Às vezes — ela gaguejou, o olhar dardejando o crachá do repórter —, sr. Dawson, os deuses mudam de lado.

Em resposta ao olhar suplicante de Willy, Dawson agradeceu e foi estender a mão para a vencedora. Os últimos cinco minutos haviam sido os mais adultos da vida de Willy. Diante de milhões de espectadores, ela não chorou.

Treze

WILLY INSISTIU EM ACOMPANHAR ERIC À RECEPÇÃO dos campeões, embora até mesmo Max, para o desalento de Marcella, tivesse fugido da festa. Max alegou que não estava se sentindo bem; realmente não parecia bem. Eric foi cercado pela multidão. Desacompanhada, Willy bebeu demais, e suas alegres tiradas autodepreciativas mascaravam uma autodepreciação mais cruel e um tanto assustadora. Os convidados ficaram muito gratos. Discussões a respeito de sua verdadeira devastação teriam sido *incômodas*. O papo tenso e truncado logo mudava de *que pena, a sua final* para assuntos neutros como a probabilidade de Monica Seles voltar a jogar depois de ter sido esfaqueada. Não há dúvida de que os *sim, meu marido não é incrível?* e *sim, eu tenho grandes esperanças a respeito dele* de Willy eram tão enervantes quanto obrigatórios.

Já no quarto deles, no Marriott, Willy desabou na cama como se tivesse passado a noite inteira prendendo a respiração.

— Meu Deus, eu podia ter feito picadinho daquela vaca.

— Então por que não fez? — Eric quis saber. — Quer definição melhor do que você *podia ter feito* do que o que você realmente *fez*?

Willy tinha passado a noite ansiosa pelo momento em que finalmente estariam a sós, e agora Eric agia com tanta insensibilidade quanto o repórter da ESPN.

— Você nunca vê nenhuma discrepância entre a sua habilidade e a qualidade do seu jogo durante uma partida? — ela se defendeu.

— Se vejo, não deveria. Se você diferencia um do outro, o que você "podia" ter feito é imensurável. Você é capaz do que você faz de fato. Se a habilidade é finita, mensurável, ela é a mesma coisa que o desempenho.

— Então, se a Marcella me derrota, ela é melhor do que eu. Ponto final. — Willy queria que sua enunciação soasse ridícula. Não soou.

— A Marcella é melhor até que você prove o contrário dentro da quadra. Não na sua cabeça. Nem na minha.

— Você está sendo um imbecil — acusou Willy, de cara amarrada. — Você sabe que a Marcella joga que nem um marshmallow. Ela não ganhou, fui eu que perdi. Tive um dia ruim…

— Seus dias ruins também são seus dias — Eric interrompeu, austero. — Eles contam. Não entendo por que você quer que eu te coloque para cima. Você é tão boa quanto o seu desempenho. Trata-se de um esporte. É externo. Estas são a força e a limitação dele. Concordo que há uma mentira nisso. Mas também há uma mentira oculta. Você sabe muito bem como aqueles que só sabem falar, e ficam de braços cruzados, se sentindo *valiosas* e cheias de *potencial*, na verdade, são uns merdas.

— O que aconteceu hoje foi uma bizarrice, um ultraje! Por que você não pode concordar? Por que não pode ter confiança em mim?

Eric puxou Willy pelo pulso, para que ela se sentasse.

— Eu confio em você, e é por isso que não vou me entregar a essa análise pós-partida. Sim, foi uma bizarrice, mas aconteceu. Algo deu errado. Se concentre em descobrir o que foi. Passar a mão na sua cabeça e dizer que você é muitíssimo mais talentosa do que a Marcella não vai ajudar em nada. Porque, droga, se ela te dá uma surra uma vez, duas vezes, por mais baratos que sejam os truques dela, você *não* é melhor. Só existe uma maneira de provar o contrário. Derrotá-la.

Willy afundou de novo no travesseiro.

— Eu estava derrotando — observou, chateada.

— Willy, estava 5-0, 40-0! — Eric explodiu. — O que foi que aconteceu?

Cruzando os braços sobre o peito de um jeito lúgubre, Willy anunciou para o teto:

— Eu estava com medo.

Apesar de ser uma explicação simples, era plausível. No esporte, o medo, por si só, era capaz de dar vida ao pavor. Parecia improvável que Willy pudesse desperdiçar uma liderança tão ampla. Contudo, só de pensar na possibilidade, ela transformou o inimaginável em realidade. Como só precisava de um ponto em três, e de apenas um game, que deveria ter ganhado ao longo do caminho, mesmo que apenas por força do hábito, o grau de terror deve ter sido monstruoso.

— Do que você *poderia* sentir medo, com aquele placar? — Eric indagou, incrédulo.

— Não quero que você me deixe — a voz de Willy, geralmente um contralto encorpado, estava fraca.

— Eu não te deixaria por causa de uma partida de tênis!

— Não é isso o que eu quero dizer. Você vai participar do circuito da ATP…

— Que é parte do negócio: discutimos isso antes de nos casarmos. Você também viaja para jogar em um monte de torneios. Eu também não gosto da separação, e em breve isso vai acabar e nós…

— Não. Você vai me deixar para trás. Vai ficar famoso. Se você sair muito na frente, vai estar a quilômetros de distância ainda que estejamos no mesmo quarto.

— Bobagem — desdenhou Eric. — Além disso, você perdeu uma partida. Você pode recuperar os pontos neste verão, no Tanqueray, por exemplo…

— Então você concorda. Para nós ficarmos juntos, juntos de verdade, eu preciso ficar pau a pau com você no ranking.

— Não foi isso que eu falei.

— Sua resposta para se tais e tais coisas acontecerem é dizer que elas não vão acontecer — Willy declarou para o lustre. — Você está nervoso com a possibilidade de eu ter razão.

— Willy, nesse tempo todo em que estamos juntos, seu ranking sempre foi muito melhor que o meu. Esse quadro só se inverteu há 24 horas e você já está perdendo as estribeiras. É óbvio que a gente consegue lidar com o fato de não estarmos exatamente empatados, porque é com isso que a gente *vem* lidando.

— Você sabia que estava me alcançando — o tom de Willy agora era monocórdio e factual. — Do ponto de vista psicológico, é como comparar maçãs e laranjas, partir de trás e superar *versus* começar na frente e ser ultrapassado. Você sabe disso por causa do tênis. Você está sendo obtuso de propósito.

— Você bem que poderia, durante um mês, experimentar o que é estar no meu lugar depois de eu ter passado dois anos fazendo papel de coadjuvante para você.

— Você está misturando as coisas — disse Willy, exausta. — Você deve estar confuso. — Como se fosse para provar um raciocínio, o telefone tocou e ambos pularam.

Willy atendeu.

— Não, não está muito tarde… Sim, entendo os seus motivos… Bom, sem dúvida ela vai ser perfeita… Não, aquela coisa toda não é a minha praia, de qualquer jeito. Não me importo. Sim. Tchau.

Willy equilibrou o fone em dois dedos e o deixou cair com descaso sobre o gancho.

— Era da *Slick Chick*. A editora falou que se nós dois tivéssemos ganhado o Chevy teria dado uma bela matéria. Mas da forma que foi, as leitoras ficariam "desconfortáveis"… um conto de fadas despedaçado, sabe? Então ela ficou de papo com a Marcella na festa. Vão fazer uma matéria sobre a Foussard.

— Willy, sinto muito.

Ela se esquivou de seus braços.

— Era uma idiotice, de qualquer modo. Fiquei parecendo uma prostituta.

— Querida… — Eric permaneceu a seu lado, impotente; pela primeira vez na vida, Willy lamentou não ser fumante. — O que eu disse antes… eu só quis dizer que seu jogo é tão bom quanto as suas jogadas. Não quis dizer que é você.

— Não entendo a distinção.

— Eu te amo, meu bem. Não ligo se você ganha torneios.

— Isso é amor? Minha carreira não importa?

— Só importa para mim porque importa para você. Se isso te ajuda… Eu vou ao Tanqueray. Para te apoiar.

— Você vai estar na Europa.

— Eu volto.

Ela não teve coragem de lhe dizer que sua presença na lateral da quadra era como criptonita.

* * *

QUANDO ERIC PARTIU PARA a Suíça, Willy correu para o Sweetspot a fim de treinar intensamente para o Tanqueray, em julho. O prêmio oferecia menos que a metade dos pontos que poderia ter ganhado no Chevrolet, mas Willy precisava da vitória como se fosse uma droga.

Nos treinos, ela tremia. Não acreditava mais que as bolas que lançava cairiam onde ela queria que caíssem e, imagine só, elas não caíam. Max chamava essa carência de fé destinada a se concretizar de "Síndrome de Sininho" — em *Peter Pan*, a menos que as crianças acreditassem em fadas, Sininho morreria. Ao colocar o tênis e o sobrenatural no mesmo nível, a expressão que ele inventara evocava os sonhos recorrentes em que Willy voava, sonhos aos quais era propensa e de que era partidária. Porém, ultimamente, quando planava sobre cordilheiras de braços abertos, de repente lhe ocorria que as pessoas não voam. Nesse exato momento de apreensão, seu corpo despencava e Willy acordava de supetão, o coração acelerado e o lençol úmido. Se a fatalidade de chegar ao chão em sonhos de queda parecia um mito, sem dúvida, em seu sentido metafórico, chegar ao chão seria uma espécie de morte.

A desconfiança cancerosa era intermitente, e se autoprocriava. A hesitação gerava lances fracos, que geravam mais hesitação, que geravam mais lances fracos. Muitas vezes, a única forma de quebrar o ciclo era desistir, uma solução impraticável durante uma partida.

Como Willy mesma admitia, seu jogo tinha altos e baixos. Quando estava em boa forma, um ponto fluía que nem água; quando estava mal, não só o ponto, como toda a atmosfera, se tornava instável, e avançar pelo corredor da quadra era como caminhar dentro de uma piscina. Os deuses do tênis eram caprichosos, suas dádivas eram concedidas e logo em seguida retiradas. Mas essa última invasão de dúvida era mais parecida com a falha humana de Tomé do que com a negligência divina. Ao sentir a hesitação dela, após uma sessão de treino especialmente atroz, na mesma noite, Max sentou-se com Willy na biblioteca e, por incrível que pareça, regalou-a com histórias de odontologia.

— Meus dentes são bons — ele começou. — Quando criança, nunca tive cárie. Até os 29 anos, quando fiquei mortificado ao descobrir que precisava de uma obturação.

"Perguntei ao meu dentista por que isso tinha acontecido depois de tanto tempo? Ele explicou que os molares se formam em pedaços que crescem

juntos para criar um dente sólido. No meu caso, os pedaços nunca se juntaram de verdade. A minha vida inteira, um buraquinho ficou à espera, escondido. Até que um restinho de comida invadiu esse buraco e o dente se deteriorou."

— Imagino que esta seja uma de suas parábolas, e não uma lição sobre a importância do fio dental — indagou Willy, numa atitude tolerante.

— Nunca treinei uma mulher que não fosse cheia de buracos — Max declarou. — Às vezes, os blocos que faltam estão escancarados, e a pobre coitada não consegue nem pentear o cabelo sem se debulhar em lágrimas. Mas você… a princípio, achei que tinha encontrado uma mulher cujo ego não era um queijo suíço. Agora me pergunto se você não é que nem o meu molar… sem buracos por fora, mas, bem lá no meio, tem um vazio.

— Se as mulheres são "cheias de buracos", por que treiná-las?

— Eu teria sido um bom dentista. E, poxa, os buracos não são culpa delas. A maioria das meninas já teve de aguentar muito chumbo grosso aos 5 anos de idade.

— Do jeito que você fala, parece que está treinando atletas das Paraolimpíadas — resmungou Willy. — Então, qual é a solução? Para o meu "vazio"?

— Bom, no fundo, é uma questão de pai, mas a esta altura o Chuck não vai mudar muito. Você o afastou. Você afastou todo mundo, até a mim — Max ofereceu-se como voluntário, alegremente. — Esse tem sido o seu segredo. Continue nos rechaçando, portanto. E fortaleça seu esmalte com o flúor da vitória — Max juntou as mãos sobre a barriga, num gesto de plenitude literária.

Já havia se passado muito tempo desde que o fato de Willy voltar para o próprio quarto no alojamento ser um momento nitidamente doloroso para um ou para o outro, e ela se levantou da cadeira sem cerimônia.

— Se um homem tivesse sido esfaqueado por um fã de seu adversário — ela postulou —, não de uma forma horrenda, mas sim desconcertante, ele abandonaria o esporte?

— Não — afirmou Max. — Duvido que um homem ficaria "traumatizado". Acho que ficaria *bravo*.

— Então, a Monica Seles também tem um buraco. O que é um consolo indireto.

— Will — ele chamou quando ela já tinha lhe virado as costas —, não gosto de dizer "bem que eu te avisei". Mas você sabe qual "restinho de comida" é o catalisador do seu declínio, não sabe? Quem se embrenhou no buraco do seu dente feito casca de pipoca?

— Isso é mentira — retrucou Willy antes de bater a porta. — Você adora dizer que me avisou.

* * *

CONFORME PROMETERA, ERIC VOLTOU para assistir ao Tanqueray depois de seu torneio em Zurique, no qual chegou às oitavas de final — desempenho respeitável para um novato no circuito. Para voltar em julho, Eric teve de sacrificar a investida seguinte pela Europa. Estar em posição mais alta no ranking o tornara mais amável. A magnanimidade é, até certo ponto, um exercício daquilo com que a pessoa pode arcar; com algumas exceções tocantes, os ricos dão presentes mais extravagantes que os pobres. Por mais que o gesto a comovesse, Willy lhe invejava o luxo da generosidade. Que legal ser legal.

O Tanqueray acontecia em New Haven, embora qualquer cidade do circuito se resumisse à sua etiqueta de preço — quanto custava ir até lá, quanto custava a estada. Para Willy, New Haven não tinha nada a ver com uma importante universidade da Ivy League, com o notório problema das drogas ou com o curioso e revitalizado centro da cidade. Tinha a ver com pouco gasto — ficava a uma hora de trem de Nova York. Ou então, significava simplesmente a derrocada. Embora com a pouca profundidade de campo, o troféu estava pronto para ser colhido, vencer o Tanqueray conferia menos prestígio que perder as finais do Chevrolet.

Quando a primeira rodada de Willy começou, ninguém na arquibancada perceberia nada de errado. Ah, parecia funesto, jogar naquele estádio enorme de Yale diante de uma plateia tão pequena; e talvez uma partida entre a 223 e a 522 que chegasse até o terceiro set fosse algo inesperado, mas não inédito. Eric sorria da lateral da quadra, socando o ar quando Willy marcava um ponto. Mas a própria Willy não parava de ouvir aquele eco profundo e oco dentro dos ouvidos, como se alguém batucasse um barril de óleo vazio.

É verdade que no tênis deve-se tomar decisões o tempo todo, já que a maioria dos lances pode ser rebatida em várias direções sagazes. Era necessário calcular diversas variáveis ao mesmo tempo: quais eram os pontos fracos do adversário; como configurações similares haviam sido enfrentadas até aquele momento da partida e, portanto, o que o rival estaria esperando de você; a capacidade que se tem de lidar com as prováveis reações. No entanto, o bom jogador batia na bola com a ilusão de que não havia tomado decisão alguma. Compactadas numa fração de segundo, toda essa geometria, memória de jogo e espionagem se condensavam em intuição, em instinto espontâneo.

Mas, na primeira rodada do Tanqueray, Willy estava pensando demais. A incerteza incipiente do verão, a ponderação na tomada de decisões, estavam de volta. Logo antes do impacto da bola, ela poderia ter anotado todas as alternativas que tinha no papel.

Estava 3-4 no terceiro set, a adversária sacando. O game passou a ser de Willy, até que, aos 15-40, ela se confrontou com um break point vital.

Willy avançou, subindo à rede. Seu primeiro voleio foi passível de rebate, mas o lob da adversária foi fraco. Willy poderia correr para trás e bater na bola depois que ela quicasse e assim ser levada à linha de fundo, ou golpeá-la do meio da quadra e voltar à rede. Willy optou pelo overhead, que era mais agressivo. Mantendo o olhar na bola, deu alguns passos para trás para se posicionar.

Mas então ela se lembrou de que voleios do meio da quadra são intrinsecamente arriscados, e um giro começava a fazer com que a bola rumasse para a sua direita, o que ela não havia previsto. Talvez fosse melhor rebater depois de quicar. Sem ter se decidido por uma ou outra linha de ação, Willy ficou literalmente dividida entre duas direções: o torso voltado para a linha de fundo, enquanto os pés dançavam para frente, para o golpe.

Seu grito ainda reverberava pelo Yale Stadium quando Willy percebeu que estava esparramada na quadra. O joelho direito estava torcido numa posição implausível, como um desenho de modelo vivo de um estudante inepto. Não tinha nenhuma lembrança dos últimos segundos; não entendeu como caíra na quadra, até que uma segunda onda de dor irrompeu por sua perna, oceânica e sedativa.

— Willy, meu bem, não se mexa — disse uma voz conhecida. Sua visão estava prejudicada com manchas, e as fileiras da arquibancada ondulavam; não

conseguiu distinguir o rosto. — Não tente se levantar. Espere o médico. Aqui, segura a minha mão. Isso mesmo. Aperta com força. Fique parada. Vai ficar tudo bem.

Engraçado como as pessoas sempre dizem isso. Nem fazem ideia se vai ficar tudo bem.

A aliança de ouro estava quente sob seus dedos. Apertou a aliança dele com mais força, como se corresse o risco de cair.

— Eric? — ela sussurrou. — Eu fiz a jogada?

— Claro que sim. Foi impressionante.

Antes de apagar, percebeu que ele estava mentindo.

* * *

WILLY SÓ ENTENDEU QUE passaria por uma cirurgia depois que ela já tinha terminado. Grogue por causa da anestesia, esforçou-se para se apoiar nos cotovelos quando o 3-4 no primeiro set lhe veio à cabeça. Uma quebra, ela não fez uma quebra? Por um instante estava pronta para sacar e fazer o match point, até que surgiu um rasgo na narrativa, como se alguém tivesse arrancado a página. Ainda não estava claro o que havia acontecido. Que algo tinha acontecido, não havia dúvida, e também não havia dúvida de que era algo ruim. Ao absorver a realidade de seu leito de hospital — as roupas de cama duras e ásperas, o travesseiro achatado, a intensidade das lâmpadas fluorescentes que fazia até as enfermeiras parecerem doentes —, Willy foi atacada por uma ignorância primitiva ao estilo de um desastre da Guerra de Secessão. A perna direita… não conseguia senti-la! Quando levantou o lençol, que alívio ver que a perna, apesar da atadura no joelho, ainda estava ali.

Caso tivesse sido capaz de manter esse tipo de gratidão ingênua — seu corpo estava inteiro, estava sã, estava viva —, os meses seguintes teriam transcorrido de forma bem mais suave. Mas a gratidão ingênua era própria das expectativas ingênuas. Doentes terminais podiam festejar mais um dia de sobrevivência, mesmo que da maneira mais débil. Para uma tenista jovem e ambiciosa que de repente se via incapaz de se arrastar até o banheiro sem a ajuda de uma bengala, a gratidão era uma coisa fugaz.

Ao ver que estava no Yale Medical Center e não avançando para a segunda rodada, Willy atordoou-se num caleidoscópio emocional; era impossível manter uma sensação por mais de um instante. Uma fúria roxa rivalizava com o cinza opaco da letargia e da tristeza. Breves lampejos prateados de determinação iluminavam o ambiente, mas logo davam lugar ao ódio negro em relação a qualquer pessoa que passasse diante de seus olhos caminhando alegremente sobre duas pernas pela ala do hospital. Em alguns momentos, o panorama ficava limpo, numa negação total, alva, aniquilante. Em outros, Willy era coberta por uma sensação suave, bege, tolerável — o torpor paciente de quando se espera um ônibus no frio. No entanto, aos poucos, o miasma atrás de seus olhos adquiria um tom amarelo feio, sulfúrico, e, por alguns minutos, Willy não conseguia mexer nem um dedo por causa do pavor total e absoluto que sentia.

Quando o cirurgião-ortopedista foi à cabeceira da cama para conversar, Willy não o interrompeu. Ateve-se ao termo "ligamento cruciforme", com sua aura semântica de relevância. Tentava prestar atenção, mas havia apenas uma pergunta que desejava fazer.

— Doutor — Willy disse com a voz rouca —, eu vou… — considerou a possibilidade de deixar a questão para depois, mas nesse caso ela não conseguiria dormir. — Eu vou poder jogar tênis?

— Ah, um pouquinho de esporte por lazer, pegando leve…

— Não, doutor, eu jogo como profissão. Posso voltar?

O rapaz inspirou o ar, como se pudesse sentir o cheiro de seu destino no vento.

— Ah — supôs o cirurgião —, provavelmente.

— *Provavelmente!* O que isso quer dizer?

— Quer dizer que provavelmente — repetiu, aborrecido. — A medicina não é uma ciência exata: todos os corpos são diferentes. Uma das coisas instigantes de ser médico…

Essa não era a hora de explorar o fascínio do cirurgião pelo próprio trabalho.

— Será que o senhor não pode ser mais específico? Por exemplo, quais são as chances?

— Genericamente, com esse tipo de lesão? Entre cinquenta e sessenta por cento — ele cravou, dando de ombros. — Mas as chances, numa base

individual, são irrelevantes. Tenho esperança em sua recuperação, mas isso depende de como você vai reagir à fisioterapia. Você pode sentir pontadas pelo resto da vida e seu joelho direito sempre será um ponto fraco. Você vai precisar ser cuidadosa.

— Eu cheguei aqui sendo *cuidadosa* — murmurou.

— Se você fortalecer os músculos em volta do joelho, talvez volte ao normal ou fique quase normal.

Willy ficou de estômago embrulhado. A distinção entre "normal" e "quase normal" poderia facilmente ser a diferença entre as classificações 215 e 902 no ranking.

— Vou lhe dizer uma coisa — ele declarou, afastando-se da cama. — Se você tivesse rompido totalmente o ligamento cruciforme, ficaria fora do jogo para sempre.

Depois de administrar mais uma dose de *gratidão ingênua*, ele a deixou a rolar os dados.

* * *

WILLY HAVIA SIDO UMA péssima metodista e, portanto, suas preces eram feitas a uma presença de cuja existência ela não tinha certeza, com o sentimentalismo mudo instintivo de um cão latindo para a lua. *Por favor, por favor, se eu voltar a jogar eu vou*… Não sabia muito bem o que estava prometendo, nem para quem. Se estava jurando nunca mais ver o tênis como sua prerrogativa, era inteligente demais para acreditar nisso. Se lhe permitissem voltar às quadras, em cinco minutos Willy veria o esporte como prerrogativa, irritando-se quando um voleio caísse muito aberto. Mas talvez fosse da própria irritação, da luta em busca da jogada perfeita que nenhum jogador obtinha, que ela fosse sentir mais saudade.

O juramento sensato era confiar. A dúvida por si só a confinara à cama. Mas agora esta mesma dúvida se materializava, outro monstro suscitado por sua imaginação para estorvar o mundo. Ser "cuidadosa" significava que não poderia mais confiar no joelho direito. Nesse sentido, o castigo era adequado. Quando Eric chegou para o horário de visita, Willy já se convencera de que ela merecia aquilo.

O marido trazia iguarias, para as quais Willy não tinha apetite, e era avessa à ideia de engordar através da comilança sedentária e enfadonha dos acamados. Embora não tivesse nem um dia que estava deitada ali, já sentia os músculos se decompondo, virando geleia.

— O médico disse que você vai ficar bem — Eric murmurou, acariciando-lhe a face.

— Não foi o que ele falou *para mim* — disse Willy.

— Ele falou que as porcentagens estão a seu favor. Poxa, você está em ótima forma e com a saúde perfeita. Aposto que vai sarar que nem naqueles filmes em time-lapse. — Eric afofou as roupas de cama, mas desviou o olhar quando o lençol a descobriu, evitando o vislumbre do joelho enfaixado. Apesar da atitude de "vamos lá, campeã", os fios errantes de suas sobrancelhas estavam esticados, em estado de alarme. Os cabelos estavam sujos e opacos, provavelmente Eric não tinha tomado banho ou dormido.

Mais doces e escolhidas com o mesmo cuidado que os chocolates Godiva que trouxera de presente eram as histórias de recuperações miraculosas após lesões, que ele devia ter passado a noite em claro pesquisando. Mas para cada Pat Cash e Thomas Muster, Willy podia citar um Peter McNamara, que também se virara para caçar um lob, também rompera os ligamentos do joelho e, desde então, se qualificava para pouco mais que vender sorvete em Flushing Meadow.

— A recuperação depende muito da atitude — Eric afirmou, enquanto lhe servia um copo do suco de uva que ela não queria.

— Talvez dependa — concordou Willy. — Pior ainda. Minha atitude já é uma porcaria.

— Wilhelm, esse estrago aconteceu ontem, é claro que você está deprimida. Mas, depois, a recuperação é cinquenta por cento temperamento.

— É isso que me preocupa.

— A mim, não preocupa. — Para um homem despreocupado, a testa de Eric estava terrivelmente enrugada, dobrada entre os olhos feito uma sanfona. — Você é a mulher mais perseverante que eu conheci na vida.

— Foi o temperamento que me pôs nessa — resmungou Willy. — Quem hesita está perdido.

— Você está falando besteira. É o sedativo.

— Me faltou graciosidade.

— Ei — Eric separou os fiozinhos pálidos de suas têmporas —, você acha que nunca aconteceu de eu ser inábil em quadra?

— Eu nunca vi. Você sabe quando quer fazer um voleio e você faz o voleio. Você não torce a mão e muda de ideia e cai de bunda, parecendo um pretzel.

Eric rodou na cadeira e passou os dedos pelo cabelo.

— Willy, tenho certeza de que você acha que é humildade. Então você machucou o joelho porque cometeu *um erro*. Tudo o que acontece a você, foi você quem fez. Isso não é humildade, é arrogância. Existe uma coisa chamada acidente, algo que foge a seu controle. Este país anda tão litigioso e secular que qualquer desastre tem de ser culpa de algum pobre coitado. Mas nem sempre esse é o caso. Existe uma coisa chamada falta de sorte.

— E ter sorte? — Willy cutucou delicadamente. — Você está se saindo bem porque tem sorte?

Os passos de Eric em torno da cama se encurtaram.

— Não tive azar. Talvez dê na mesma.

— Tenho certeza de que você não atribui seus sucessos à sorte — insistiu Willy — ou a um pé de coelho gasto. Você faz por merecer o que alcança. Seguindo esta lógica, eu tive o que merecia.

— Por algum motivo *bizarro*, essa forma de pensar faz com que você se sinta melhor — discursou Eric. Quando o volume de sua voz aumentou, o visitante da cama ao lado fechou a cortina. — Pensei que o ultrarracional fosse eu, mas, na verdade, é você. Tudo tem de estar em ordem: recompensas adequadas e sobremesas justas. Nada é aleatório, nada foge ao convencional. Essa espécie de rigidez tipo "um, dois, três" não serve para compreender o mundo, porque não faz sentido. Mas por enquanto eu vou deixar por isso mesmo. Como se este calvário já não bastasse, além de tudo você deve levar a culpa! Como se já não doesse o bastante, você tem de ficar nervosa com relação a sua carreira! Mas sofra se tiver de sofrer, se chicoteie se isso te dá alguma satisfação masoquista, flageladora. Meu Deus! — Tinha voltado a andar de um lado para o outro. Ela percebeu que não era nesse estado de espírito que ele gostaria de ir embora do hospital.

Willy estendeu a mão.

— Me beija.

Ele o fez e se aninhou em seu pescoço:

— Eu sinto muito.

Willy se afastou, perplexa. Era a primeira vez que o via chorar.

Quatorze

— MAX? — WILLY SOLTOU, COM O rosto contorcido e a respiração rasa. — Você não acha que eu estava procurando uma saída, não é? Que no fundo eu queria um descanso ou desistir?

— Por quê? — Observando-a nas barras paralelas, Max estava por perto, com a mão próxima aos ombros de Willy. Estava se esforçando para não ajudá-la. — Você está me dizendo que quer desistir? — Sempre que ela o afligia, Max soava irritado.

— Não. — O suor escorria pelo pescoço; em meio à dor, fazia cócegas. — Mas talvez, de forma inconsciente…

Max revirou os olhos.

— Então, eu acho que as estradas interestaduais estão cheias de motoristas cujo *inconsciente* anseia por bater em reboques de trator.

Depois de ter percorrido a extensão das barras colocando alguns quilos sobre o joelho, Willy saltou até o aparelho para as pernas e se afundou em seu banco.

— Ah, Max. Este equipamento — ela fez um gesto, se referindo à sala de ginástica, que desde julho estava apinhada — alugado para mim; o fisioterapeuta três vezes por semana; seu tempo, durante o curso de verão… tudo isso porque eu fui uma trapalhona.

— Minha filha, essa compulsão por ver aquele tombo como culpa sua…

— Eu estava indecisa!

— O que você quer de mim? — Max disparou. — Absolvição? Ou que eu concorde que você foi uma imbecil e uma desastrada? Está bom assim? Eu faço o que você preferir. Qualquer coisa para você *parar com isso*.

Willy puxou a tira elástica para olhar as cicatrizes, ainda rosadas, e depois a soltou, fazendo-a estalar contra a pele frouxa.

— Eu quero saber o que você realmente acha.

— Tem oito anos que treino você. Nunca tive uma aluna mais veloz nem mais segura dos próprios passos. Até naquele bloqueio que você teve com a Marcella… que vai me assombrar até o dia em que eu morrer… você não foi *inepta*. Não, você foi ágil o bastante, sempre ia na bola, e talvez eu nunca tenha visto você bater na bola com mais força do que naquele dia… bem no meio da rede, como se você tivesse mirado ali. Portanto, em oito anos, você teve três segundos de confusão. Isso significa que você merece ficar fora do jogo por seis meses, aguentar essa recuperação horrenda e depois passar o inverno treinando de novo, enquanto seu ranking cai, chegando a um número que precisa de notação científica para caber numa única folha de papel? Aposto que você acha que as pessoas que furtam lojas deviam ir para a cadeira elétrica.

— Obrigada — ela disse, acanhada.

— Vê se cresce. — A irritação não era falsa.

* * *

ERIC TINHA SE OFERECIDO para ficar por perto — ou melhor, não exatamente. Na verdade, ele perguntara, envergonhado, com a expressão suplicante de uma criança que já fez o dever e pede para ir brincar:

— Devo ficar com você?

Já tinha sacrificado um torneio ao voltar para o desastroso Tanqueray e não seria justo que ela exigisse que ele segurasse sua mão a um custo tão alto para o ranking dele. Como sempre, Eric tinha de continuar na batalha para manter a classificação que, assim como uma corrida na esteira do Sweetspot, punia uma pausa com a expulsão do aparelho.

Quanto a Willy, talvez um computador compassivo deixasse em suspenso os rankings de tenistas em período de recuperação de uma lesão. Mas atletas desesperados poderiam facilmente dissimular a incapacidade de manter a posição: portanto as associações tinham de deixar o relógio correr, independentemente do que acontecesse. À medida que a temporada continuava, pontos eram retirados do nome dela, pois os computadores tabulavam a pontuação de forma cumulativa. A cada batida seu coração apertado assemelhava-se ao desalento de um funcionário leal, repentinamente

demitido, que assistisse às economias, outrora volumosas, minguando até serem zeradas.

Mas se Eric não se submeteria à ocupação monótona de puxar seu pé para esticar os ligamentos reatados, se ele se recusava a observá-la nas barras paralelas ao forçar a sola do pé contra a nádega até lágrimas lhe escorrerem pelas bochechas, então não tinha o direito de protestar quando ela aceitou o convite de Max para se recuperar no Sweetspot.

Max pareceu receber de bom grado a renovada dependência dela, em todos os aspectos, de suas instalações, desde o café da manhã até as ataduras limpas para o joelho. Ele levantava a cabeça ao ouvir o rangido das muletas dela na confusão de pisos encerados como se fizesse um esforço para escutar uma melodia agridoce, e depois se virava com alegria ao ouvir a batida de sua bengala ressoando nas varandas amplas da escola. Quando enfim ela não precisou mais de ajuda para conseguir se equilibrar ao caminhar pelo chão ladrilhado do alojamento, os olhos arregalados e os dedos esticados, a expressão dele foi digna de um Bob Cratchit diante de um Tiny Tim* reestabelecido. Max a orientava pessoalmente nos exercícios com uma paciência que lhe era atípica: era paciente *por* ela. Quando esgotou suas forças, ela perguntou por que ele se incomodava com uma "tenista" que não conseguia nem tocar os dedos dos pés, gracejando:

— Mas não se matam cavalos, não é?**

Max retrucou que não acreditava em obsolescência planejada. Se levava um aparelho de CD quebrado à assistência técnica, sem dúvida consertaria uma atleta.

Enquanto fazia progressos graduais, a camaradagem que normalmente cimentaria o elo entre marido e mulher foi crescendo entre treinador e atleta. Agora que Willy havia sido restituída à sua custódia, Max a cobria de uma solicitude reconfortante, como se o casamento dela fosse uma sofrida tentativa de rapto felizmente frustrada sobre a qual ele relutava em falar e, assim, relembrar o calvário pelo qual ela passara. Quando o telefone particular de Max tocou na biblioteca, ele lhe entregou o fone, encolhendo os ombros com cara de "você sabe quem", sem fazer comentários.

Embora Max sempre saísse para lhe dar privacidade, ele não precisava ter se incomodado. A regularidade aritmética dos telefonemas de Eric demonstrava

mais senso de obrigação do que impulso, e o que mais além de senso de obrigação levaria alguém a repetir tais conversas?

Eric vivia reclamando. Os motoristas dos ônibus dos jogadores não falavam inglês e não sabiam o caminho para o estádio. Quadras de treino eram agendadas para mais de um jogador no mesmo horário. Suas malas ficaram perdidas por dois dias, o avião atrasou três horas. Algum diretor de torneio desorganizado não fez nada além de andar feito um pato de quadra em quadra, espalhando cinzas de cigarro. Os motoristas dos carros de cortesia sempre fugiam para a piscina. A comida era muito temperada e cheia de frescuras, e ele sentia saudade do frango grelhado do Flor de Maionese. As privadas da Alemanha denunciavam uma espécie de perversão, as fezes caíam numa espécie de anteparo, ao fundo, como se devessem ser examinadas. Em qualquer lugar era infernal achar um canto para pular corda. Uma dor chata no braço direito talvez fosse o começo de uma tendinite…

As queixas de Eric se amontoavam, assim como a incredulidade de Willy. Lá estava ela, capengando pela roça de Connecticut feito Igor, o Corcunda de Notre-Dame, disposta a pouco mais que uma rodada tensa de um jogo de tabuleiro, e ele estava no circuito internacional da ATP, competindo com *o crème de la crème* do tênis, hospedando-se em hotéis chiques e pedindo torta floresta negra enquanto ela engolia mais um bife estorricado no refeitório. E ele ainda estava *reclamando*?

Enquanto Willy se queimava por dentro depois de mais uma sessão de lamúrias intercontinentais, Max chamou a atenção dela para como se sentiria caso Oberdwarf fizesse alarde da aventura maravilhosa que estava vivendo. E se ele se derramasse em elogios para os petiscos exóticos à mesa, os aposentos luxuosos, a vista espetacular dos Alpes que tinha de sua janela?

— Ele não quer que você pense que ele está se divertindo demais sem você. É uma tática matrimonial antiga. Eu me lamuriava o tempo todo para a minha mulher. Não que tenha funcionado. Ela sempre tinha certeza de que eu estava escondendo alguma coisa. Tenho que dar crédito àquela mulher, ela tinha razão.

— Então, ele está mentindo.

— Ah, não sei. Você aprendeu por experiência própria que a rotina de hotéis logo cansa.

— A de hotelzinho ruim cansa. Ele está na Europa.

— Não, todos eles cansam. Só tem uma coisa no circuito, isso se você for um verdadeiro McCoy, que não perde a graça. Que também é a única coisa, se meu palpite não estiver errado, que ele tem vergonha de discutir.

A intuição de Max era certeira. Eric se enforcava de uma forma ou de outra: se reclamava era ingrato; se ele se entusiasmava era metido a besta. Mas, se não havia vitória possível com Willy, ele compensava em quadra, e eram exatamente essas vitórias que ele abreviava ao telefone. Muitas vezes, quando Eric terminava de resmungar que a paella era gordurosa e cheia de casca de camarão, a ligação já tinha ficado muito cara para entrar em detalhes sobre a segunda rodada em Madri. E isso do homem que antes entrava no apartamento deles e descrevia, lance a lance, uma partida de treino casual. Além do mais, passou a menosprezar o próprio desempenho, embora antes do Chevrolet não tivesse uma única palavra desanimadora para gastar com seu jogo.

— Mas você *venceu*, não venceu? — uma vez Willy pressionou, exasperada.

— Por pouco.

— Qual foi o placar? — distraída, brincou com uma pontinha de pele da palma da mão direita.

— Hum… — ele fingiu não se lembrar direito. — 6-4, 7-5, algo assim.

— Sets seguidos. Isso não é passar raspando, Eric.

Era capaz de sentir o marido recuar do outro lado; o tom de acusação em sua voz era inequívoco. Sem dúvida quebrava a cabeça para entender o que tinha feito de errado desta vez. Na ausência de resposta, ou para evitá-la, ele mudou de assunto.

— Então, como você está aí no Sweetspot?

Vários outros pedacinhos de seus dedos e do dedão estavam descascando; a pele que saía era dura, grossa e amarelada.

— Ah, consegui abaixar a cabeça até o joelho ontem — informou secamente. — Motivo para estourar um champanhe.

— Querida, isso é maravilhoso!

— É — ela murmurou. — Formidável. Na semana que vem vou poder dar uma corrida leve. Mil e seiscentos metros, depois um banho de banheira. Caso você esteja se perguntando como é ter 85 anos, posso te dar uma amostra.

Ao lado do telefone, na mesa da biblioteca, ela havia amontoado uma pira de pedaços de pele, tudo o que restara dos calos adquiridos com o tênis.

* * *

NA VERDADE, ALGUNS DOS triunfos de Eric eram truncados. Estava competindo numa categoria mais alta do que a dos satélites nacionais, e sua escalada havia desacelerado, tornando-se mais trabalhosa. Porém, o programa estava nos trilhos; no fim de setembro, o ranking de Eric era 169, Willy tinha derrapado para 357. Não eram mais trens paralelos avançando em ritmos variados. A locomotiva de Willy tinha parado na estação para uma vistoria, enquanto o vagão do marido saíra ribombando em direção ao horizonte. Só lhe restava mancar até a beira da plataforma e acenar.

Estavam vivendo em mundos diferentes. Viajando, Eric acumulava uma bateria de imagens exóticas que o distinguia. Que delícia teria sido zombar juntos das cinzas de cigarro do diretor do torneio, mais tarde fazer referências às privadas alemãs e abafar as gargalhadas. Tantas piadas dependiam do "você deveria ter estado lá", só que Willy não estivera.

Com as conclusões insatisfatórias dos telefonemas, Willy se tornou pesarosa, e não somente pela própria situação. Eric tinha amado uma mulher que entendia totalmente as nuances de uma partida de tênis. Agora, com essa mesma alma gêmea ele se sentia forçado a engavetar, preterir e abreviar as narrativas importantes de sua vida. Foi só quando ele caiu na primeira rodada em Estocolmo que fez a concessão de contar a história completa, set a set. Quando confessou ter chegado às quartas no Bruxelas Classic, falou no tom furtivo, acanhado, de um homem que foi preso por atentado ao pudor em local público.

No início de outubro, Willy se viu prestes a desligar, depois de ter acumulado uma dívida enorme na conta de telefone ao tagarelar a respeito do quanto era bom que os alunos habituais estivessem de volta ao Sweetspot, em vez dos meninos do tipo "compre sua passagem para a glória" do curso de verão, em que qualquer preguiçoso endinheirado era aceito.

— Desculpe por essa chatice toda — ela se apressou. — Agora estou podendo correr de leve, e pego bastante peso para fortalecer os membros

superiores. Falo contigo daqui a alguns dias, certo?

— Willy… você não quer saber como me saí nas quartas de hoje?

— Ah, esqueci, como foi?

— Como assim você esqueceu? Falei para você ontem à noite, eu disse que as quartas eram esta tarde e que ligaria de noite para contar como foi a partida. Fiquei acordado até tarde, mesmo com um cansaço de cão, só para poder ligar para você depois do seu jantar.

— Desculpe, está bem? Mas a Bélgica parece tão longe daqui, meu joelho está me matando e as suas quartas não são exatamente o assunto principal na minha cabeça.

— Isso está claro — (respirando). — Depois de você passar por três rodadas — ele continuou —, eu jamais seria capaz de *esquecer* das suas quartas de final. Duvido que eu conseguisse pensar em qualquer outra coisa o dia inteiro.

— Isso porque eu colocar os pés numa quadra de tênis seria motivo de manchetes.

— Não, antes… E eu estou falando do Bruxelas Classic…

— Ou seja, não é um daqueles torneios ordinários dos quais eu participava — ela soltou antes que pudesse se conter.

— Esqueça, Willy.

— *Pois então?* Você venceu ou não?

— Você não está nem aí. — O sinal de linha soou numa altura anormal.

* * *

— TENTEI LIGAR DE volta — Willy declarou, ressentida. — Mas descobri que não tinha o nome do seu hotel.

Enquanto ainda sofria pela reprimenda dele ao bater o telefone, ela localizou um guia da Bélgica na biblioteca e telefonou para a lista de hotéis em busca de um que tivesse Oberdorf como hóspede. Atirando para o lado a autocrítica, sussurrando pedidos de desculpa veementes e promessas de que seria mais legal, Willy imaginou que a reconciliação subsequente seria calorosa, lacrimosa e contrita. Mas, depois de dez tentativas infrutíferas, se viu forçada a

desistir. Eric levara uma semana para telefonar de novo, e, nesse ínterim, Willy havia passado de atormentada e envergonhada a ríspida e zangada. Eric nunca tinha ficado tanto tempo incomunicável; o castigo implícito que lhe impunha tirava de Willy o peso de ter de castigar a si mesma.

— Então — ela continuou, num tom de voz carregado. — Você *venceu* nas quartas?

— Venci, mas você vai ficar feliz em saber que fui eliminado na semi.

— Eu nunca disse que fiquei feliz quando…

— Não foi necessário.

— Sinto muitíssimo, querido, por você ter chegado tão perto…

— Por favor, não se dê o trabalho, Willy; lágrimas de crocodilo não me convencem. Acho que você não tem como evitar essa… essa má vontade. Mas eu também não tenho como evitar a mágoa. E essa é… a nossa situação agora. Talvez no seu lugar eu… é difícil saber. Mas tudo vai se resolver entre nós quando você voltar a pôr os pés na estrada.

— *Se* eu voltar.

— Eu já te alertei sobre atitude.

— E eu já te alertei sobre a minha. — A linha falhou.

A conversa era hesitante, mas ao menos era um descanso da conversa fiada diversiva de hábito. Estava na hora de encararem o que estavam evitando.

— Você não tem ideia de como é — Willy prosseguiu com dificuldade — ter uma parte tão essencial do seu corpo em frangalhos. E viver com essa garantia morna de que você tem "cinquenta por cento" de chance de voltar a ter uma vida "quase" normal. Estou com medo, com raiva, eu odeio todo mundo. É claro que você foi generosamente incluído. Minha vida inteira está em jogo.

— Sou parte da sua vida. Não estou em jogo.

— Ah — Willy sussurrou com tristeza, a voz embargada —, está sim.

— Não…

— Olha só para a gente! — rogou Willy. — Pensa no quanto a gente conversava! Agora ou a gente briga ou finge… Não temos nada em comum…

— Talvez pareça assim, mas é temporário!

— Você está fazendo de novo a mesma coisa — ela alertou delicadamente. — A resposta para o que essa situação está fazendo com a gente é sempre

mudar a situação.

— É claro. Para começo de conversa, foram as circunstâncias que causaram nossas discussões.

— Não precisa ser tão diplomático, Underwood. Sou eu que estou pulando no seu pescoço. Você tem sido um anjo. É solícito, me incentiva e tem um nível de tolerância incrível.

— Não sei, não — ele objetou. — Se eu fosse mesmo um anjo, não estaria na Europa enquanto você passa por essa merda com o seu joelho. Mas quando você estiver bem de novo, a gente vai voltar a ser uma dupla.

— Eu fico me perguntando se algum dia já fomos uma dupla, Eric — ela declarou, melancólica. — Nenhum de nós faz esse tipo. Além do mais, e se meu joelho nunca se recuperar? Você vai ficar casado com uma rabugenta?

— Você não é rabugenta — ele mentiu. — Você está sentindo muita dor, em todos os sentidos, e me desculpe se não sou sempre solidário. Mas me sinto só aqui, Wilhelm. Claro, o tênis é ótimo, mas não tenho ninguém por perto torcendo por mim além de mim mesmo.

Willy se permitiu um gracejo.

— Já é uma grande torcida, se me lembro bem.

— Ah, sai dessa — ele retrucou de forma carinhosa. — Estou querendo dizer que preciso do seu apoio. Não tenho mais ninguém com quem conversar.

— Nem consigo mais me lembrar da sua aparência, Underwood — Willy admitiu. — Tenho uma fotografia, e, toda vez que penso em você, vejo o mesmo sorriso congelado. Não consigo me lembrar de você em movimento.

— Vou voltar logo — ele garantiu. — Mas antes tenho que ir para, hum… — Eric foi vago.

— O quê?

— América do Sul. Estou indo para Buenos Aires…

O espírito confidencial suave e ansioso de Willy voou pela janela.

— Ah, bom, não se esqueça de mandar uma carta. — As sílabas em seu palato soaram gélidas e precisas, feito uma faca batendo contra um prato.

— Mas sem dúvida nenhuma vou para casa para tirar uma folga.

— É, seria bom te ver antes do fim do ano — ela resumiu.

— Estou com saudade — declarou Eric, com sentimento.

Willy respondeu:

— Eu também — disse em tom monocórdio e rotineiro. Ele merecia mais.

* * *

COM TODA A FRANQUEZA, Willy tinha mais saudade de outra coisa que do marido, e esta coisa era o tênis. Sem isso, seus dias não tinham propósito. Assistia a muita televisão. Embora diligente nos exercícios que lhe eram permitidos, musculação, corridas lentas e alongamentos isotônicos incessantes, sentia o corpo irregular e inerte. Definhava como se ansiasse por um amante, mas Eric parecia ter fugido com o esporte, fazendo-lhe a corte numa lua de mel pela Europa.

Por fim, Max lhe entregou sua Pro-Kennex durante o café da manhã. A *gratidão ingênua* de Willy ao dar as mãos à melhor e mais antiga amiga sem dúvida logo seria substituída pela irritabilidade por estar enferrujada. Mas, muito mais que de uma vitória, Willy precisava recuperar a alegria puramente estética, a exuberância de uma menina de 10 anos nascida sob a penumbra turva e nada vantajosa de um parque público com o pai. Tênis, em seu Éden, fora concebido sem inimigos, com *parceiros* em vez de adversários, e quem a vencia não era um rival e sim uma fonte de conhecimento. Que pena, ponderou ironicamente, não ter se casado também aos 10 anos.

Ao longo do final do verão o sol brando a provocava pela janela da sala de musculação, sua estação preferida dissipava-se naquele ambiente abafado, a luz tardia e oblíqua do fim de tarde desperdiçada vendo comédias na televisão. A vida tem uma quantidade finita de verões, terrivelmente calculável. Ter cortado metade de um deles era uma perda que jamais poderia ser reparada, assim como o pedaço de um dedo. Agora que novembro se aproximava, a brisa fria mordia o ar; a quadra sete crepitava sob as folhas marrons. Max insistia que ela usasse malhas para aquecer o joelho, além de arrastar a odiada atadura apertada, de cor bege como a cinta de uma senhora de idade. Mas Willy não reclamava. Pegou o cabo gelado da raquete, apertou-a contra a bochecha e beijou-a.

No fundo, era mais maravilhoso que em suas lembranças. Pois não havia lembrança. Era por isso, como justificara Max, que o esporte nunca perdia a

graça. Assim como o amor ou a dor, o tênis só podia ser evocado por meio da repetição. Era necessário exercer para ter.

— Vá com calma! — repreendeu Max.

— Me manda uma bola difícil! Para de jogar para mim! — ela não conseguia parar de rir.

— Nada de ficar saltitando, sua boba! — ele gritou. — Olha o que você fez! — Willy se agachara e ficara imóvel, e se levantara devagar, trabalhando o joelho. Max correu até o fundo da quadra oposta e segundos depois já estava com o braço sob a axila dela.

— Max, não precisa ficar histérico. E daí que ainda está meio travado?

— Vá para dentro.

Ela o afastou.

— Até parece! Vá para a sua quadra!

Quando acabaram com as bolas de treino, as bolas vencedoras haviam se amontoado no lado de Max. Ela trotou para ajudá-lo a recolhê-las, jogou três na cesta e respirou fundo para ouvir o estalo aguçado e puro do ar em seus pulmões.

— Max, eu estou bem — anunciou, se inclinando ao lado dele. — Posso jogar!

Embora não tivesse feito nada parecido durante sua vida de casada, Willy não conseguiu evitar largar as bolas e se jogar nos braços de Max, assim como ele também não pôde evitar passá-los em volta de suas costas e levantá-la, girando-a sobre a quadra. Mesmo quando o círculo se completou e ele pôs sua *protégé* no chão com todo o cuidado, ele não a soltou, e ela não o soltou, até que ela beijou quem merecia ser beijado em vez da raquete ingrata e inanimada.

* * *

— QUERIDO, EU JOGUEI hoje! Estou tão feliz! — Era a primeira conversa entusiasmada entre os dois desde que Eric viajara para a Europa. A lembrança daquele abraço na quadra sete incomodava; no decorrer do telefonema, declarou seu amor por Eric três vezes.

E, pela primeira vez em quatro meses, falava sério. Adorava o marido, adorava o Sweetspot, é claro que adorava o treinador, pois adorava o mundo inteiro. Se isso significava que Eric tinha razão, que a solução para as angústias circunstanciais era a reparação circunstancial, uma correlação mais sombria obscurecia esta revelação, mas Willy não tinha ânimo para contemplá-la. Foi o próprio Eric quem afirmou que nenhum indivíduo era onipotente; que "existe uma coisa chamada acidente, algo que foge a seu controle", e, portanto, ser estimulada pela circunstância era continuar à sua mercê. Se os fatos podiam evocar o amor de Willy pelo marido, num capricho, também podiam botar esse amor para correr.

— Meu joelho — ela disse, ofegante — está forte como um touro.

* * *

"FORTE COMO UM TOURO" era um exagero que Willy resolveu perpetuar. Ao longo do bate-bola, recusara-se a dar atenção aos choques elétricos, lancinantes, que atravessavam suas coxas. Se não reconhecesse a dor, ela não existiria. Além disso, se mencionasse qualquer dor leve para Max, ele a levaria no colo para fora da quadra e a condenaria ao calabouço da sala de musculação por mais um mês. Traria de volta aquele fisioterapeuta taciturno, que a obrigaria a voltar a levantar pesos de 85 gramas e àqueles alongamentos detestáveis, intermináveis. E se desse um pio de receio ao falar com o marido, Eric ligaria de Buenos Aires para a linha particular de Max e criticaria o treinador por tirá-la da coleira antes da hora. Melhor guardar as pontadas para si.

Desde o Tanqueray, uma parte de seu corpo que até então se fundia numa pessoa como um todo passara a receber uma atenção especial e, portanto, tornara-se distinta, isolada, um conjunto de ligamentos complexos, cartilagem e osso cujas funções ela agora conhecia bem melhor do que desejava e cuja capacidade não poderia mais contar como certa. Definida, a articulação adquirira personalidade, vacilando entre lacaio e senhor, amigo e inimigo, mas, de qualquer forma, criava uma dessas relações venenosas que fazem parte da vida, queira-se ou não. O joelho tinha sido rebelde, mas a pena que havia recebido, como o próprio Max declarara, era desproporcional ao crime.

Enquanto o destino do joelho era incerto, Willy escutara as recomendações de seus consultores até os mínimos detalhes. Agora que o bloco truculento de cartilagem estava fora do tratamento intensivo, era hora de ser forte e parar de ser tão indulgente. Se de início o joelho pedia ternura, agora exigia disciplina, e não havia gritos de *Você está me machucando!* ou *Aiii!* ou *Não consigo!* que pudessem abrandar esse novo regime.

Na noite depois da primeira sessão de treino, Willy se sentou à escrivaninha de seu quarto no alojamento e desenvolveu uma programação diária de treinamento para as semanas seguintes:

12 mil pulos na corda (não 8!)
// 10 km na esteira, 11 km/h de aquecimento chegando a 14 km/h
2h de treino de golpes de fundo (Max vai parar depois de 1h)
1h de voleios
1h treinando saques
Circuito da sala de musculação dia sim, dia não: AUMENTAR KGS!

Embora os pontos de exclamação fossem estimulantes, doía segurar a caneta. Desde julho, suas mãos haviam adquirido a superfície macia, branca e lisa de uma debutante. Uma única hora em quadra lhe dera bolhas.

* * *

O FATO DE WILLY esperar que o júbilo típico de uma criança de 10 anos se dissipasse não fez com que sua rápida evaporação causasse menos desânimo. Em uma semana, Willy já estava enojada. Todos os seus golpes eram fracos e errava em sessenta centímetros a precisão do saque. A partir dos 5 anos de idade, nunca tinha passado quatro meses afastada das quadras, e agora entendia o porquê.

Além disso, é mais fácil fazer ouvidos moucos às lamúrias de um filho do que à petulância do próprio corpo. Pontadas no joelho sempre lhe causavam aquela fração essencial de um segundo de atraso. A determinação de Willy e seu entusiasmo estavam num grau recorde. A cabeça estava disposta; o corpo estava relutante. O acidente deixara seu legado de suspeita. Quando os

ligamentos estavam alongados e os músculos auxiliares aquecidos, a articulação parecia confiável, porém nunca poderia ter certeza absoluta quando transferia seu peso para a perna direita. Um sussurro de nervosismo, uma sensação feminina de fragilidade que talvez agora a acompanhasse por toda a vida.

A consternação de Willy pelo fato de sua posição no ranking estar em queda livre devorava suas entranhas. Adular Max não o convencera a deixá-la participar de um torneio em quadras fechadas antes que a temporada se encerrasse. Não podia fazer isso sem ele — não tinha dinheiro — e, francamente, seu jogo ainda não estava bom. Após seis meses de licença, Willy calculou que passaria de 214 em junho a 500 e poucos em janeiro. O desperdício, o injustificável desperdício, lhe dava vontade de vomitar. Em sua cabeça, os pontos eram como soldados: ela era o general que estava algemado enquanto os recrutas, um por um, eram capturados por tropas estrangeiras. Depois de ler o caderno de esportes, Willy o amassava em bolinhas.

Eric tinha chegado às quartas em Buenos Aires, fazendo seu ranking subir a 159. Naturalmente, não poderia perder a chance de participar do Campeonato Nacional em Quadra Coberta, em Nashville, em meados de novembro. As "férias" prometidas para depois da América do Sul se resumiram a: quando a temporada terminasse, ele voltaria para casa. Nesse meio-tempo, ela devia se consolar com o fato de que ao menos estavam no mesmo continente.

Tudo bem, então, ele a encontraria em dezembro, no Sweetspot. Se a fulgurante carreira dele tinha tal prioridade que ele não podia faltar a um torneio para ver a mulher — que foi ao inferno e voltou na ausência do marido —, então, só para variar, ele poderia encontrar com ela, ao menos uma vez. Quanto ao Natal, Willy não interromperia de forma alguma seu treinamento para celebrar um dia santo que para ela não tinha importância canônica, tampouco para visitar a família de Eric neurótica e propensa a quiz show. Menor ainda era a vontade de visitar os próprios parentes, todos com enormes esperanças de que 1995 fosse finalmente o ano em que a boba da Wilhemena viraria a página e embarcaria na vida de funcionária de banco, com sua pusilanimidade segura e seu salário ruim, mas estável. Então, Eric não gostava do Sweetspot: que pena. Ela não sairia correndo para Nova York para recolher os chinelos do marido. E se ele também não gostasse do fato de que ela e Max estavam se dando muitíssimo bem, azar o dele. Ele teria de ser, como Gert diria, *má-duro*.

Era no ritmo desses resmungos que Willy dava 12 mil pulos por dia numa quadra fechada, deserta, ou numa sala de recreação vazia. Mudava de lugar, pois apesar de Max não ter proibido o exercício, ela também não tinha pedido permissão. Willy concluiu que se não podia ultrapassar Eric nos truques pomposos podia ao menos superá-lo em resistência entorpecida, maquinal. A própria corda evocava Eric, e por uma hora e meia murmurava coisas para o marido. No entanto, devia ter precisado de um total de 150 mil pulos para reunir a coragem de anunciar seus planos natalinos quando ele a estivesse ouvindo.

— Você está tentando me dizer *alguma coisa* com isso? — Eric perguntou friamente, de Nashville.

— É fácil esquecer, mas na nossa relação ainda existem duas carreiras, e eu tenho que…

— Então é isso — ele interrompeu. — Agora eu estou entendendo… Será que você vai fazer o favor de me encontrar no nosso apartamento?

O sr. Serviço de Quarto, sr. Futuro Top Dez estava acostumado a conseguir o que queria.

— Eu preciso de treinamento intensivo antes de voltar ao combate. Não posso me dar ao luxo de pagar…

— Tenho muito dinheiro — ele se intrometeu, exausto. — O suficiente para você treinar no Jordan duas, três horas por dia.

— O dinheiro não é meu.

— Somos casados, pelo amor de Deus. O dinheiro é *nosso*, sua boba.

A ideia de separar as finanças tinha sido de Willy. Para Eric, mencionara a necessidade de calcular a parte de seus ganhos, depois de subtraídos os gastos, que cabia a Max; para si, citou a vaga convicção feminista de que uma mulher tinha de ter o próprio dinheiro.

— Não fui eu que ganhei — insistiu Willy. — Tive um contratempo, mas não perdi meu amor-próprio.

— Você pega dinheiro com o Max, mas não com o seu marido?

— Max e eu temos uma relação de negócios.

— Claro que sim.

Num silêncio pétreo, Willy não enfrentaria a acusação.

Eric reclamou:

— Vou ter que passar seis semanas espremido naquela cama de solteiro do seu quarto no alojamento?

— Você pode dormir em outro quarto, se você precisa de seu sono precioso — disse Willy, sem se abalar.

— Você está me ameaçando?

Ela se arrependeu do comentário, mas não o retiraria, portanto seguiu adiante, piorando tudo.

— Isso não é negociável. Preciso do meu treinador. Max significa Westbrook.

— Se você precisa do Upchuck mais do que de mim…

A situação já estava fugindo ao controle.

— Preciso de vocês dois, caramba. Faz cinco meses que você está fazendo o que bem entende. Você bem que podia fazer uma coisa por mim, para variar.

— Eu quero ir *para casa* — ele encerrou energicamente. Infelizmente, Willy entendia muito bem como ele se sentia.

---

* Personagens de *Um cântico de Natal* de Charles Dickens. (*N. do E.*)

** Referência ao livro de Horace McCoy, *Mas não se matam cavalos?*. (*N. do E.*)

Quinze

ERIC SEMICERROU OS OLHOS.

— Você está magra.

— O que você esperava? — Willy ergueu o queixo. — Que eu estivesse deitada o dia inteiro, me empanturrando de biscoito?

Tinham se beijado na plataforma da estação, os lábios fechados: Eric não gostava de demonstrações públicas.

— Por que você interpreta tudo o que digo como crítica? — ele perguntou com desânimo. — Estou preocupado, só isso. E você está pálida.

— Você não deve ter percebido lá da América do Sul, mas aqui estamos no inverno.

— Estava nevando em Nashville; eu já tinha percebido — ele foi andando atrás dela até o carro. — Willy, você está *mancando*.

— Me deram um atestado declarando que minha saúde está perfeita.

— Há pouco tempo?

Enquanto Eric a observava com desconfiança, Willy também avaliava o marido. Em meio aos passageiros pálidos do Amtrak, o bronzeado dele parecia incongruente. Ela não lembrava que ele tinha tantos nódulos, o pomo de adão, o nariz, as ondulações e protuberâncias da testa. Na fotografia a que recorria, ele sorria; mas as feições desse homem inquieto pareciam retorcidas feito uma toalha molhada.

A conversa no trajeto até Westbrook foi entrecortada; estavam habituados demais a falar por telefone. Novamente visível, Willy se sentia exposta. Ela o levou até seu quarto no alojamento e olhou o relógio, embora a última hora tivesse se arrastado tanto que quase acertou quantos minutos o ponteiro marcava.

— Preciso fazer meus exercícios — ela disse às pressas, junto à porta. — Acho que mais tarde a gente pode sair para jantar. — O "acho" roubava a

ânsia da proposta.

— Você tem que fazer exercícios agora?

— Eu sempre tenho. Na verdade, já estou atrasada.

— Existem exercícios e exercícios… — as sobrancelhas irregulares se ergueram. Groucho Marx.

Willy não estava sendo difícil; realmente não tinha entendido.

— Como?

— Não, quem come sou eu.

Ela não estava achando graça.

— Eu achei que a gente pudesse, hum… ficar um tempinho no seu quarto. Uma reaproximação — ele parecia constrangido. Casados havia quase dois anos, deviam poder ser francos sem desconforto.

— Eu vou me sentir culpada se não fizer minha série, e a gente vai ter bastante tempo, não é? — ela instigou um sorriso e ironizou: — Isto é, se você não tiver algum torneio para o qual queira se guardar.

— Me desculpe quanto a isso, Willy — respondeu com seriedade. — Eu decidi que essa ideia de abstinência era idiota.

— Ei, eu só estava brincando. — Willy ainda estava parada na porta.

— Vou dar um cochilo, então. Estou muito cansado.

— É — ela disse. — Você parece cansado.

— Willy? — ele chamou no momento em que ela pegava a corda de pular do esconderijo, debaixo de suas roupas íntimas. — Você está feliz em me ver, não está?

— É claro — ela declarou formalmente, e desapareceu no corredor.

* * *

WILLY DEU SORTE E achou uma quadra fechada livre: os alunos estavam estudando sem parar para as provas. Embora o piso de Har-Tru fosse complacente com o couro da corda, a parte central desta estava puída pelo uso. *Ta-dum, ta-dum*…

As fases de cada sessão enfadonha de pulos reproduziam os ritmos de uma sentença de prisão. O começo passava numa rapidez surpreendente, como

talvez os primeiros meses em San Quentin. O início do meio era o pior — a série já havia se tornado tirânica, uma predominância espantosa de servidão à continuidade. O meio do meio era quase tranquilo, sem a tentação da liberdade condicional à vista: as paredes de qualquer cela devem virar as paredes do mundo. O assassino vislumbra a liberdade. Em certos dias, durante o último milhar, Willy achava que gritaria: dizem que os condenados podem ter a impressão de que as últimas semanas no cárcere são mais longas do que toda a sentença até então.

Saltando no meio do meio, Willy percebeu um vulto junto à luz que indicava a saída. Eric, sem dúvida. Virando-se um pouco, manteve-se de costas para a porta, fingindo não ter visto ninguém. Ele não apareceu, espreitando-a das sombras. A fim de demonstrar que não era uma preguiçosa por não estar na estrada, Willy girou a corda numa sequência de tesouras, saltos com os calcanhares e saltos duplos.

— Muito impressionante.

A voz era grave e firme. Quando ela deu de ombros, desdenhando do timbre grave, a corda estalou contra seus tornozelos e parou.

— E quantos desses você faz por dia? — o vulto foi andando devagar até a luz.

— Ah — ela disse casualmente, enxugando uma gota de suor da têmpora —, alguns milhares. Você sabe…

— Não, não sei. Me diga. Quantos? — A voz era monocórdia, persuasiva, mas era também a voz que alguém usaria antes de desferir um golpe.

Willy dobrou a corda de qualquer jeito, como se estivesse desistindo.

— Varia…

— Não acredito em você. Você é escrava dos números. Rankings. Quilômetros por hora na esteira. Portanto eu acho que você faz o mesmo número *todos os dias*.

Sabia que deveria improvisar, mas Willy tinha orgulho de sua energia e não conseguiu.

— Doze — ela soltou.

— Imagino que você queira dizer não 1.200 e sim 12 mil?

Willy assentiu; ela estremecia.

— Agora, para quem é esse showzinho?

Max estendia a mão para pegar a corda. Caso Eric fizesse o mesmo gesto, Willy teria mantido a corda, indignada. Mas entregou a Everlast a Max. Talvez conseguisse outra em algum lugar da cidade.

Willy gesticulou para a quadra vazia.

— Não tem ninguém aqui.

— Não sejamos tão literais. Não é preciso que a plateia esteja fisicamente presente para que haja uma performance. Este teatro é para mim?

— Talvez, de certa forma…

Ele balançou a cabeça, entristecido.

— Acho que não. Acho que é para o Oberdick.

— Ele acabou de chegar!

— Nada disso. Ele nunca saiu — Max segurava a Everlast como se fosse um chicote. — O que você quer? Derrotá-lo?

A distância entre Willy e o marido no ranking era de 350 posições. A ideia de ultrapassar Eric em qualquer momento num futuro próximo era absurda.

— Me contentaria em ser tão boa quanto ele. Em não ficar para trás.

— Porra, você nem quer *derrotá-lo*?

Ela recuou.

— Acho que eu gostaria de impressioná-lo. Deixá-lo orgulhoso de mim. Então, talvez eu queira derrotá-lo… um pouquinho… — ela acrescentou pesarosamente: — Já que com o Eric, derrotá-lo e impressioná-lo são a mesma coisa.

Max estalou a corda no chão da quadra.

— Para começo de conversa, *por que* você acha que eu me encarreguei de você? — O barulho da corda ecoou, ressoando no teto abobadado. O tom regular se quebrara, e agora Max berrava. — O que te impulsionava quando a gente se conheceu? Você passava duas horas fazendo bons line drives para eu te levar para tomar refrigerante?

— Não, eu… — Willy se encolheu. — Eu gostava de treinar line drives.

— E eu te pagava refrigerante de qualquer forma — Max avançou em direção a ela, apertando a corda entre os punhos feito um garrote. Minha aprovação era um bônus, e não o que fazia você se esforçar. Eu pus você sob minhas asas porque você não dava a mínima para o que os outros pensavam do seu jogo. Independentemente do que eu exigisse de você, você exigia ainda

mais de si mesma. Você se satisfazia. E agora você é só mais uma garotinha que quer agradar o papai. Esse tipo de menina é o que mais tem por aí. Ele te destruiu, porra. Me dá uma puta vontade de chorar.

Willy virou-lhe as costas, correndo os dedos pela rede.

— Talvez eu esteja usando o Eric como medida de comparação. Mas eu também quero ficar em forma para a próxima temporada. Em plena forma. É tão terrível assim?

Max havia se aproximado; passou a corda em torno de sua cintura, apertando o laço ao pôr as mãos na barriga dela.

— Seu joelho está inchado — sussurrou junto ao cabelo de Willy. — Dá para ver, mesmo com a atadura. Pulando corda, você favorece a perna esquerda. Foi por isso que você fez isso escondido? Você sabia que eu ia reparar — ele beijou seu pescoço abaixado. Os punhos de madeira da Everlast balançaram contra as pernas dela. — Foi tão horrível — ele gemeu — quando você caiu. Sua perna torcida naquele ângulo nauseante. E eu nem pude correr para perto de você. Tive de me conter e deixar… — suspirou, e os fios de cabelo umedecidos da têmpora de Willy tremularam. — Depois, vendo você mancar… Não nos faça voltar a isso. Por favor, tenha cuidado.

Max se curvou, roçou a bochecha contra sua orelha e lhe deu um beijo sob o lóbulo. A pele devia estar salgada. Já que ela não o impediu, ele foi obrigado a se conter.

* * *

AO TOMAR BANHO, WILLY ligou a água no máximo para tirar o cheiro de Max da pele, deixando que a lembrança inquietante de suas investidas descesse pelo ralo. Preferiu ponderar a alegação de que sua fonte de inspiração havia se alterado. Mas será que não era humano, quando se ama alguém, querer a felicidade dessa pessoa ainda mais do que a própria? Era tão pavoroso ter se tornado menos egoísta?

Para um tenista essa mudança era fatal. Tenistas eram egoístas e os bons continuavam egoístas. Amantes eram uma cilada, uma válvula de escape; pulando corda para impressionar Eric, podia fugir das demandas mais severas das próprias expectativas. Era fácil demais encantar amantes: estavam

predispostos a serem encantados. Eric arrumaria desculpas por ela, a respeito do joelho, de estar sem prática, de ser mulher. Mas a própria pessoa não podia ser ludibriada com tanta facilidade.

Enxugando-se com a toalha, Willy notou que o joelho realmente estava inchado. Ao se curvar, seu corpo inteiro doía, assim como acontecia todos os dias, nos últimos tempos. No entanto, Willy ainda se penitenciava: ao ir encontrar Eric na estação de trem, perdera o treino de saques e tivera de correr apenas 6,5 km.

O argumento de Max era distorcido. Verdade: seu feitor de escravos particular agora tinha 1,90 metro, antebraços largos e ombros ossudos e adquirira um saque de 190 quilômetros por hora que faria com que o dela sempre parecesse fraco. Mas, quando ela dava um rosto a esse capataz, ele tinha os olhos de Willy.

* * *

NA SEMANA SEGUINTE, VIA Eric apenas à noite, entregando-se a corridas, pesos e exercícios de golpes de fundo durante o dia. Embora Max tivesse confiscado a corda, Willy pegava a de Eric emprestada e dava nós para diminuir seu tamanho, tomando o cuidado de confirmar que Max estava ocupado antes de ir, na ponta dos pés, até a sala de recreação, empurrar uma mesa contra a porta e ligar o rádio para abafar o som da corda estalando no chão. Apesar de tentar manter Eric e Max afastados, quando comiam no refeitório a presença dos dois era inevitável. É verdade que era íntima demais de Max; fazia piadas internas irresistíveis enquanto o marido engolia a refeição em silêncio. Talvez até flertasse um pouco, o que era uma crueldade, ou pior que isso. Mas Willy não conseguia mais esconder de Eric a intimidade que tinha com o treinador, assim como não conseguia esconder de Max o distanciamento entre ela e o marido. Era tão mais fácil conversar com Max.

Todas as noites ela e Eric faziam amor. Ele estava ávido, e jurava que tinha mantido o celibato durante o circuito. Willy acreditava piamente. Um absolutista, Eric casado = Eric fiel. Embora até a fidelidade rotineira fosse melhor que a traição, ela teria preferido admitir que ele havia lutado contra algum demônio por sua causa.

Willy ainda achava o marido atraente; depois de tanto tênis, o corpo dele estava firme, elegante e com uma magreza deliciosa. Mas ela estava tão cansada, se sentia tão pesada, que sentir algo da cintura para baixo exigia esforço. Ela tinha de se lembrar de ficar excitada. E independentemente do quanto ele fizesse pressão na cama estreita de solteiro, sua presença parecia indefinida, protelada, lacrada: era como foder por correspondência. O sussurro dele em seu ouvido sibilava, seus tons se atenuando como se filtrados por uma linha de telefone, e a evocação de seu nome ecoava melancolicamente como se fosse gritada para um cânion a dois quilômetros de distância. Quase adormecendo, ela se perguntava o que poderiam fazer para se aproximar, depois lembrava que a maioria dos casais se unia por meio do sexo e era isso o que tinham acabado de fazer.

Uma certa cautela em seu toque era novidade, e quando se curvavam para dormir de conchinha, ele lhe perguntava se o joelho dela estava confortável: os dedos dele estavam leves como plumas. Ela quase pediu, *Seja um pouco mais bruto comigo*, mas havia tanto tempo que estavam afastados que não queria que ele pensasse que naquele ínterim ela tinha feito algo pervertido.

Depois de cinco dias ele propôs, por que não umas trocas de bolas com o marido?

— Achei que você não quisesse mais bater bola comigo — ela deu de ombros. — Você entrou para o top 200. Eu escorreguei para o top 500. Você está fora do meu alcance.

Eric insistiu, mas na prática ele bateu bola com ela assim como a acariciava na cama. Era suave e prestativo demais. Longe de tentar derrotá-la, não rebatia as bolas boas que ela mandava, assentindo da linha de fundo e assobiando. Na verdade, os elogios profusos a magoavam. O fato de não ser mais capaz de lhe instigar a rivalidade era o maior insulto de todos.

— Será que você sequer se lembra da época — ela comentou secamente quando terminaram — em que *eu* dava conselhos a *você*?

— Você ainda dá, e são muito valiosos…

— Mentira, não posso te falar nada. Quer outro detalhe histórico ainda mais espantoso? — Willy mencionou sem pensar. — *Você* já teve inveja de *mim*.

— Quando?

— Não se faça de bobo. Quando você perdeu no Jox, na primeira rodada ou coisa assim, e você foi me ver ganhar no New Freedom? Você ficou

irritadíssimo naquela festa.

— Não fiquei — afirmou Eric. — Eu fiquei em segundo plano para você ficar com os holofotes, totalmente merecidos.

— Você achou que eu era uma babaca metida a besta!

— Não achei, não!

— Você se recusa a admitir que sentiu inveja?

— Willy, isso já tem dois anos; por que você está se exaltando? Que importância tem isso?

— Tem importância — ela rosnou. — Meu Deus, por que você não se candidata à canonização e pronto?

— Me desculpe, mas fiquei muito contente por você, não senti inveja.

Willy passou o resto do dia aborrecida. Eric tinha a tendência de reescrever o passado para que sua merda não fedesse. A bem da verdade, a lembrança de sua rigidez naquela festa, para não mencionar o fato de ter fugido para o banheiro durante o match point, havia se tornado estranhamente preciosa.

* * *

DEPOIS DE DUAS SEMANAS, em vez de apagar a luz e pegá-la nos braços, Eric se deitava com as mãos atrás da cabeça.

— Sinto que estou sobrando, Wilhelm. Amanhã eu pego o trem para Nova York.

— O que você tem em casa que não tem aqui? — ela perguntou, apoiada no cotovelo. — Quadras, pesos, vídeos, jogos…

— É, todos esses jogos que a gente tem jogado.

— …você nem precisa fazer sua comida.

— Quero comprar uns presentes de Hanukah para a minha família. Quero ver meu pai e agradecer pela ajuda que ele me deu. Até o tênis… depois de tanta coisa, com mais por vir, eu preciso de um descanso.

Era decente da parte dele não mencionar que, a propósito, sua esposa também andava fria, indiferente e hostil. Ele apagou a luz e virou para o outro lado da cama. Hesitante, Willy deslizou a mão pelo quadril dele.

— Que tal a gente simplesmente dormir esta noite, hein? — ele murmurou. — Você está sempre exausta. Descansa um pouco.

Ele deu um tapinha na mão dela e, de fato, ao ser liberada de algo que ela jamais vira como um dever conjugal, a mente de Willy se apagou e o corpo amoleceu antes que tivesse tempo de afastar a mão dos pelos pubianos do marido.

* * *

ERIC JÁ ESTAVA DE malas prontas antes do café da manhã, e após beber ruidosamente uma xícara de café ele ficou na varanda do refeitório ao lado das malas. Willy teve a sensatez de guardar certa distância dele, como se evitasse um campo magnético.

— Eu nem imagino — ele disse em tom monocórdio — que você considere a possibilidade de vir comigo.

Willy perambulou junto ao parapeito, desejando que ele tivesse elaborado a afirmação como pergunta: talvez assim tivesse sido mais fácil dizer sim. Mas ela havia tomado um rumo e agora parecia presa a ele.

— Não — ela disse com tristeza. — Acho que tenho de ficar… Posso te levar até a estação.

— Tem um ônibus saindo para levar os alunos até Old Saybrook daqui a dez minutos. Não quero que você perca uma hora de *treino*. Você jamais se perdoaria. E a mim, muito menos.

Ao se despedir de Eric com um abraço, ela fechou os dedos em torno do casaco dele como se fosse mais uma interna devastada do Sweetspot, abandonada naqueles degraus e deixada à mercê de estranhos. Só depois que o ônibus avançou pela rua e se distanciou a ponto de ser inútil acenar foi que ela se lembrou de que era 14 de dezembro e que não havia lhe desejado um feliz aniversário de casamento.

* * *

A ÂNSIA DE WILLY de se superar diminuiu um pouco no dia em que Eric partiu. Apesar de tê-lo convencido a deixar uma corda — ele não fazia ideia de que o exercício fora proibido —, o absurdo inerente ao ato de ficar pulando uma tira de couro balançante levou-a, mais de uma vez, a uma paralisação assombrada. Mortificada pela possibilidade de estar perdendo o ímpeto, cobrava três mil pulos extras como punição.

No jantar, com os alunos viajando por causa das festas, o refeitório ficava deserto. Em geral era uma luta para se fazer ouvir em meio à algazarra e aos tinidos, mas agora Willy sentia falta do clamor vibrante. Sentada ao lado de Eric, fora uma fonte de boas tiradas; agora não conseguia pensar em nada para dizer ao treinador.

— Você e o Undershorts — Max arriscou — não parecem muito próximos.

— A relação está meio tensa.

— Então talvez tenha sido melhor ele ir embora. A discórdia é uma distração.

— O problema — Willy retrucou bruscamente — é que não foi distração o suficiente.

Naquela noite Willy sonhou que estava atrasada para um torneio. Disse a Eric, que estava ao seu lado, *Não vou conseguir chegar lá se eu não correr*. Eric avisou, *Você não vai conseguir chegar lá, então relaxa*. Em todo caso, Willy correu: o estádio ficava a quilômetros de distância. Porém, quanto mais se esforçava, mais banal se tornava seu progresso. Estava praticamente correndo sem sair do lugar. Willy passou os dedos por suas coxas monumentais, que eram duras, sulcadas e imóveis. Os músculos estavam tão desenvolvidos que tinham virado pedra. Por fim, desistiu. Quando passou a caminhar, se moveu mais rápido do que correndo. Eric segurou-lhe a mão e o sombrio céu nublado deu lugar a uma explosão de raios de sol. Não conseguiria chegar ao torneio, mas de repente uma simples partida de tênis não tinha importância alguma. Willy riu, beijou a mão de Eric e propôs que pedissem frango grelhado.

* * *

NO NATAL, A ROTINA de Willy levou uma rasteira após um telefonema que dera para a família. Gert havia passado na última rodada de provas da certificação para se tornar uma auditora pública; segundo Gert, papai estava "vibrando". Eles foram até o telefone, um por um, para expressar a preocupação excessiva quanto ao joelho de Willy. O acordo de suplicar que ela reconsiderasse a profissão escolhida, agora que a previsão catastrófica do pai havia se concretizado, traía uma conferência pelas suas costas enquanto comiam torta de abóbora. Bom, eles que se danassem. Durante os minutos reanimadores de ira pós-telefonema, Willy se sentiu com 17 anos de idade.

Agora havia uma meta a atingir. Baseado em seu ranking antes da lesão, Max conseguira um convite especial para Willy em um evento de quadras cobertas em Providence, no final de janeiro. Entretanto, quando Max admitiu que Willy estava quase pronta para enfrentar um torneio depois do Ano-Novo, ele semicerrou os olhos e não louvou seu progresso nem demonstrou entusiasmo.

Em meados de janeiro, Willy já tinha relaxado quanto a checar o paradeiro de Max antes de pular corda. Ele era um homem robusto e quando a tira de couro bateu no chão em total dissonância com o rádio, de forma delatória, a mesa que bloqueava a porta da sala de recreação revelou-se um obstáculo inútil. Desta vez, ele não pediu a corda; arrancou-a de suas mãos, abriu a janela e atirou a Everlast no telhado coberto de neve da varanda. Devido à corrente de ar, Willy cruzou os braços e tremeu. Ultimamente, arrepiava-se facilmente, embora sempre tivesse sido resistente ao frio.

— Vem aqui — pegando-a pela gola como se pega um gato pelo cangote, Max arrastou-a escada abaixo, cruzou os ladrilhos gelados e entrou no posto de saúde vazio que ficava no prédio anexo. — Sobe na balança.

Willy obedeceu e levou um susto. Talvez o ponteiro estivesse emperrado.

— *Quarenta e quatro!* Que merda é essa? Você devia ter cinquenta! Me diga — Max voltou a segurá-la pela blusa —, você está vomitando? Eu te falei desde o início, nada de distúrbios alimentares, Will. Esse tipo de coisa me *entedia*.

Willy se desvencilhou e desceu da balança traiçoeira. Era óbvio que aquela balança estava mal regulada.

— Não vomito desde os 12 anos — disse com firmeza, ajeitando a gola esticada.

— Então você está perdendo tudo só pulando corda, não é? — Max provocou. — Por que é que eu vou pagar a viagem de um trapo para Providence?

— Meu jogo está ótimo, você mesmo disse.

— Mas você não está. Sua pele está parecendo mingau. Odeio mingau. Seu cabelo não tem brilho. Seus olhos estão embotados feito cocô de cachorro congelado. A gente vai ter que dispensar o convite, minha filha, eu não vou deixar você ir. Providence seria um desastre.

— Max, não! Eu tenho que ir! — Willy choramingou, sabendo muito bem que Max nunca fazia ameaças vazias, nunca mudava de ideia e nunca se comovia com petulância, promessas ou maldições. — Depois de eu ter me empenhado tanto! Depois de todos esses exercícios!

— *Eu* também me empenhei. Me custou muito tempo e dinheiro só para fazer esse seu joelho dobrar mais que seis graus e aguentar mais de 140 gramas. Não me dou esse trabalho todo só para levar um dos meus jogadores de volta para o hospital. Que porra é essa que você está tentando fazer, se matar?

Furiosa, Willy pegou uma toalha e esfregou o rosto.

— Tem dias em que essa ideia me atrai.

Max segurou-a pelos pulsos, forçando Willy a olhá-lo nos olhos.

— *Jamais* diga uma coisa dessas. Nem como piada.

Ela torceu os pulsos para se soltar.

— Não se preocupe. Não sou desse tipo.

— É, sim.

Willy bufou.

— Ah, tudo bem, talvez não com gilete — ele escarneceu. — Você provavelmente não vai gostar de ouvir isso, mas, quando encontrei contigo em Nevada, sua habilidade estava muito aquém do seu potencial. Mas eu te peguei mesmo assim pois o que você tinha era poder: uma obstinação, um fogo, uma determinação que são bem mais difíceis de achar do que forehands bonitos. Mas, Will, minha filha? Se você usar um bumerangue para fazer esse poder voltar na sua direção, ele *te arranca a cabeça*.

Dezesseis

NAS SEIS SEMANAS SEGUINTES, MESMO COM A volta dos outros alunos, Max não tirou os olhos de Willy. Nada de corda, nada de esteira, nada de corridas. Duas horas de treino, ponto final, após o qual ele obrigava a protegida magricela a comer à força, até que ela quase passasse mal. Enquanto isso, Max continuava inflexível quanto a Providence, que aconteceu e ficou para trás. O nome daquela cidade de Rhode Island, que significava "orientação divina", ecoaria para sempre, sugerindo que os deuses não mais guiavam Willy no rumo certo.

A recuperação do excesso de treinamento trouxe novos pesadelos. Fazia dois meses que ela não menstruava. Max remarcou sua primeira partida para que coincidisse com o retorno dos períodos menstruais de Willy.

Havia menstruações e menstruações. A mãe dela endossava a escola do "sorria e aguente", e nunca foi do feitio de Willy deitar na cama para sangrar. Claro, já havia jogado menstruada, se dopando com ibuprofeno. Mas, desta vez, era um recorde em seus rebeldes 14 anos de vida reprodutiva. Permanecer de pé para sacar era um esforço, e no terceiro game do primeiro set, Willy teve de pedir dispensa médica para correr para o vestiário. Foi embaraçoso explicar sua agonia ao juiz, mas o tampão estava encharcado e vazava na calcinha, e logo sujaria o vestido. Ela aproveitou o intervalo para esvaziar o intestino, liquefeito pelo ataque hormonal.

Cinco comprimidos de Advil não fizeram o mínimo efeito contra as cólicas: seu intestino estava vazio e com gases. Era *apenas* menstruação, Willy recitava, acreditando no que lhe fora ensinado: que, como todas as mulheres menstruavam (ou talvez porque eram as mulheres que menstruavam), a reclamação era banal. Ainda assim, essa ideia indicava que, se a mesma incapacidade frívola atacasse seu marido despreparado, ele daria entrada no hospital imediatamente.

A partida ainda estava apertada e foi a três sets, mas uma vertigem durante o tiebreak varreu Willy da primeira rodada feito a descarga de uma privada.

* * *

NA SEGUNDA TENTATIVA, WILLY estava jogando de maneira fantástica. Todos os espectadores que a abordaram depois concordavam, partilhando de seu ultraje. Como Willy estava numa maré boa, jogava todas as bolas na linha. Mas a diferença entre tênis excelente e tênis podre podia se resumir a um mísero centímetro. Os juízes são capazes de distinguir um do outro, já que a época em que se podia confiar no adversário para decidir o lance de forma justa em nome do espírito esportivo já passara havia muito tempo.

Mas talvez alguém tivesse passado ao juiz em questão uma nota de 100; talvez ele não gostasse de seu comportamento arrogante; talvez ele tivesse sede daquele poder insignificante e abusasse de sua influência por pura maldade. A única certeza era de que sempre que a bola lançada por ela chegava perto da linha o juiz gritava: '*Fora!*' Quando os backhands da adversária quicavam a centímetros de distância da linha, o árbitro atarracado indicava bola boa.

Willy tentou de tudo. Argumentar, se recusar a retomar o jogo — aprendera todas as táticas servindo como boleira de McEnroe. A rebeldia entrincheirou o homem: nervoso, ele retesou o queixo, que ficou parecendo um bolinho de polvilho. Ainda que sofresse injustiças com um silêncio estoico, ele também não abrandou suas decisões. Aquele cara de sapo não teria capacidade de acertar a bola nem se ela estivesse presa à sua raquete com um elástico.

Já que nem as vaias da plateia pouco numerosa envergonhavam o juiz, Willy precisou mirar para que a bola caísse nitidamente dentro da quadra, tendo de amansar seus pretensos golpes matadores a devoluções medíocres. Embora *soubesse* que o risco da situação não estava em perder pontos, mas em seu temperamento, certas informações permanecem hostilmente teóricas. Willy murmurou:

— Não deixe esse verme te atingir — mas foi em vão.

No terceiro set, já cansada de mimar a bola depois de ter estado no auge de sua forma no início do jogo, o juiz anunciou como bola fora um de seus lances super seguros. Foi o limite. Willy perdeu a cabeça e partiu para o ataque.

Ataque em todos os sentidos. O juiz sorria feito uma criança soltando pum. Quando, no final daquele ano, Jeff Tarango abandonasse o jogo em

Wimbledon por causa de decisões erradas por parte do juiz, Eric ficaria enojado e Willy teria um novo anti-herói.

* * *

TODAVIA, FOI SÓ QUANDO seu terceiro torneio estava se aproximando que Willy começou a se sentir completamente amaldiçoada. Ela e Max se permitiram chegar duas noites antes da partida em Ocala para que Willy se acostumasse ao sol escaldante da Flórida. Durante o jantar do primeiro dia, os lábios dela formigavam.

— Quer dizer que você vai ter herpes — ela rosnou diante do espelho do banheiro naquela noite. A erupção sempre parece maior para a própria pessoa do que para o resto do mundo, e passa.

Mas esta estava destinada a parecer gigantesca para o resto do mundo. Ao se revirar na cama, Willy não parava de lamber os lábios e de friccioná-los; estavam fervendo e coçavam muito. A área da irritação era tão grande que se perguntou se não teria comido alguma coisa a que fosse alérgica.

Ao lavar o rosto na manhã seguinte, Willy levantou a cabeça para se olhar no espelho e arfou. A boca inteira tinha explodido. Duas vesículas doloridas haviam invadido o queixo.

— Meu Deus.

— Ah, *Max* — choramingou Willy. — Fecha a porta!

Willy insistiu que pedissem o café da manhã no quarto. Max pegou a bandeja das mãos do funcionário do hotel enquanto ela se escondia no banheiro.

— Will, querida — ele entoou quando o rapaz se foi. — Você não tem como jogar tênis desse trono.

— Só dou as caras depois que você comprar maquiagem para mim.

Max atendeu seu pedido, mas mesmo maquiagem tem suas limitações, principalmente se aplicada a uma superfície com vida própria.

— Está parecendo um plástico bolha! — Willy berrou de frente para o espelho, do qual não conseguia se separar.

— Will, a gente tem de ir treinar.

— Não vou sair deste quarto.

— Amanhã você vai, menina.

Estava fora de questão tentar um cancelamento de última hora por causa de herpes. A WTA consideraria a indisposição ilegítima e lhe daria uma multa.

Desesperada, na manhã seguinte Willy passou cinco minutos avaliando o estrago. A esta altura, as vesículas estavam supurando. A maquiagem só piorou a situação. Resignada, Willy tirou a pintura derretida, pôs óculos escuros e se arrastou até o saguão. No ponto de táxi, um adolescente apontou:

— Ei, boca de DST! — e abafou o riso.

Infelizmente, não se pode jogar tênis com um saco enfiado na cabeça. Embora as bolhas doessem, não haveria razão técnica para que a cara de molho fervente dificultasse seu jogo. Mas, acima de tudo, o tênis pode medir a confiança, e Willy tinha zero.

Quando Willy apertou a mão da vencedora junto à rede, a garota sussurrou:

— Isso me aconteceu uma vez. Eu não conseguiria jogar nem frescobol. A única coisa que eu queria era ir para casa. Ouvi dizer que você é excelente. Espero que você tenha mais sorte quando isso aí passar.

Foi a coisa mais doce que uma adversária já lhe disse.

* * *

ENQUANTO ISSO? ERIC NÃO menstruava, Eric nunca tinha herpes, e se Eric tinha algum problema com os juízes era o fato de que caíam de amores por ele.

Não, Eric estava se divertindo mundo afora, juntando pontos em sua cesta feito uma criança achando ovos de Páscoa numa caçada para a qual já estava velho demais. Mas ambos concordaram que outro afastamento de cinco meses seria impossível. Calculando as despesas de sua última viagem, Eric determinou que, com o gasto que teve com a conta telefônica, ele poderia ter ido para casa duas vezes. Prometeu espaçar mais os torneios e diminuir a quantidade de participações por ano. Mais magnanimidade por parte do que tinha mais dinheiro, e Willy ansiava por pagar na mesma moeda.

Mas ela não precisava ser magnânima. Conseguia estar em casa o tempo todo. Ao organizar a agenda de torneios, era necessário decidir se deixaria

espaço para um possível sucesso. Satélites ocupavam até três semanas, e requeriam o mesmo tempo para a inscrição antecipada. Derrotada na primeira rodada, depois de um dia a pessoa ficava a ver navios. A outra opção era presumir que perderia no começo da competição e agendar dois torneios para a mesma época. Mas se o plano era perder não havia razão para se inscrever, para início de conversa. Portanto, como Willy deixava as três semanas de praxe entre um torneio e outro, depois da calamidade ela tinha boa parte do mês à disposição.

Apesar de sempre ter a possibilidade de ir para o Sweetspot e aprimorar suas devoluções, o treinamento não servia de substituto para o cronograma apertado de um artífice numa maré de sorte — em que se sai correndo da final para pegar as malas no hotel, se entra às pressas num táxi e se diz ao motorista para pôr o pé na tábua como fazem nos filmes, costura-se o caminho no aeroporto em meio aos outros passageiros, numa corrida para se chegar ofegando na sala de embarque com o avião já fechando as portas, e se afivela o cinto enquanto a altura do som das turbinas aumenta. Claro que era cansativo, claro que é de se ficar de saco cheio do café dos hotéis, que tinham cor de canja de galinha, mas Willy sentia falta da rotina; sentia falta até de reclamar da rotina. Pois, ultimamente, Willy fazia as malas (algo desconhecido) no dia anterior ao torneio e chegava no aeroporto uma hora antes da decolagem como todos os outros tolos que acreditavam no que a companhia aérea lhes dissera pelo telefone. E nunca ficava em um hotel por tempo suficiente para se importar com o café.

Passagens eram caras. Sempre que era eliminada mais cedo de um torneio, a reserva tinha de ser alterada e isso tinha um custo; agora, Willy estremecia ao pensar no que devia a Max Upchurch. Poderia tirar um dia para explorar o local, mas, quando perdia numa cidade, ela perdia a graça. Nesse caso, Willy ficava livre para brincar de dona de casa feliz se desejasse, mas na tarde em que saiu para comprar uma cortina nova já estava deprimida demais ao voltar para casa para enfiá-la no trilho.

Coincidindo com o regresso de Eric para um descanso no final de abril, um telefonema da revista *Tennis* não era de se desprezar. Willy não era especialista em publicidade; nem mesmo sua substituição na matéria da *Slick Chick* lhe partira o coração, a não ser pelo fato de que fora emblemático daquele bloqueio sem precedentes no Chevrolet. Mas a temporada havia sido tão

catastrófica até ali que Willy ficou aliviada de sequer aparecer na triagem dos editores, e concordou prontamente em dar uma entrevista.

— Por que você? — Eric perguntou, distraído, ao retroceder a gravação da final entre Borg e McEnroe, cuja imagem agora estava chuviscada devido às repetições constantes.

— Alguém se interessar por minha carreira virou algo tão surpreendente assim?

— Não seja tão sensível. Só estava imaginando qual será o tom.

— Não me disseram — Willy deu um sorriso amarelo. — Talvez estejam fazendo uma matéria sobre herpes e eu marquei algum recorde. — Depois de três semanas inteiras, as feridas ainda não haviam sarado totalmente, e cicatrizes escurecidas e tenebrosas marcavam seu queixo.

* * *

O JORNALISTA, JEREMY ROMAN, tinha cara de novato, era asseado e atlético.

— Você joga? — ela indagou, puxando conversa, enquanto o convidava a se sentar. Parecia cortês fazer perguntas ao entrevistador quando era ela o centro das atenções.

— Só como amador — ele fez um gesto de desdém. — Sou um picareta.

Ela percebeu que ele tinha orgulho de seu jogo.

— Esqueci. A maioria dos jogadores profissionais não saberia nem soletrar *t-ê-n-i-s*, muito menos escrever a respeito.

Roman gargalhou e Willy se acomodou no sofá, estendendo a panturrilha musculosa em cima da canela da outra perna. Estava usando um vestido simples e sapatilhas de couro colorido. Poderia ter aberto a porta de moletom, mas Willy, ainda se recuperando da "boca de DST", ficou contente por ter uma desculpa para se vestir bem. Além do mais, ele poderia querer tirar uma foto.

— Então, só para aquecer — o repórter começou, botando um gravador na mesa de centro e um bloco sobre o joelho. — Qual é o prato preferido do seu marido?

Willy apoiou a mão no joelho num ângulo elegante, afundando as costas nas almofadas.

— Frango grelhado e arroz frito.

Jeremy escreveu no bloco.

— Mas eu gosto mais de frango assado.

O jornalista não anotou nada.

— Isso é pertinente? — indagou Willy.

— Ah, é que a gente precisa dar um colorido. E quando vocês dois se conheceram?

— Tem quase três anos. No primeiro dia, o Eric, meu marido, me fez levitar, literalmente. Apesar de terem me avisado para não me casar com um tenista, é óbvio que não acatei o conselho.

Jeremy aumentou o volume do gravador.

— As pessoas que te aconselharam a não se casar com um tenista… até agora, tiveram razão?

Willy batucou o braço com os dedos. Não sabia muito bem o grau de honestidade que deveria ter com um repórter. A questão era duplamente difícil pois não tinha certeza de qual seria a resposta sincera.

— É claro que há tensões…

— Por exemplo?

Ela mordeu o lábio, mexendo com a última casquinha de herpes. Havia tensões que uma esposa leal não deveria mencionar. Como a *tensão* de que o filho da mãe estava quilômetros à frente dela no circuito. Porque supostamente a distância entre os dois continuaria a aumentar. Vamos lá, time. Um por todos e todos por um. O gosto de seu lábio salgou; ao tocar a área com um lencinho de papel, Willy se forçou a ficar de boca fechada.

— Nos vemos pouco.

— Só para constar, quantos anos vocês têm?

— O Eric é um ano mais novo que eu. Vou fazer 26 no mês que vem — declarou num tom firme. — Parece muito, eu sei. Mas não acho que o esporte esteja se beneficiando dessa moda de astros mais jovens. Eles não têm resistência emocional suficiente para aguentar o circuito. É preciso ter capacidade de se dedicar. Francamente, é preciso ter a coragem de fracassar. De sobreviver a lesões, épocas ruins e, ainda assim, continuar de pé. É

necessário ter coragem e determinação… para não falar em paciência… que a maioria dos adolescentes não tem. Se você olhar a história dos fenômenos mais jovens, vai ver que assim que deparam com a adversidade, eles desmoronam.

Willy presumiu que os rabiscos do repórter eram um lembrete para que transcrevesse esta parte da fita. Mas, ao se reacomodar no sofá, reparou que estava desenhando margaridas nas margens da folha.

Certo, talvez o gravador a incitasse a fazer um sermão. Mas será que podiam culpá-la por tagarelar depois de ter sido mandada para casa com o rabo entre as pernas em três torneios seguidos, sempre na primeira rodada? Aproveitar-se da atenção desse preguiçoso era irresistível. O ar já preenchia seus pulmões mais fartamente, os ombros se alinhavam, e, pela primeira vez em meses, se sentia bonita. Fazia quase um ano que ninguém enfiava um microfone na cara de Willy.

Depois de pintar o centro das margaridas, Roman percebeu que ela tinha acabado.

— Quando você soube do prêmio, como se sentiu?

— Prêmio? — Willy indagou, confusa.

Prêmio! Willy quebrou a cabeça tentando imaginar por que teria sido destacada justamente neste ano. Membro Patrocinado da WTA Mais Azarada Que Ainda Não Pulou da Ponte? Willy não se importava: aceitaria o prêmio.

— Revelação do Ano — disse Roman, com impaciência.

— *Revelação*, mas eu…

— Foi anunciado há seis semanas, e simplesmente não tivemos espaço para…

Willy estava começando o movimento de cruzar as pernas e voltou atrás.

— Ah — soltou com dificuldade. — O prêmio do Eric.

— Seu marido não te contou?

— É claro que contou — Willy garantiu ao jornalista, esperando que seu rosto não estivesse vermelho demais. — É que ele ganha tanta coisa ultimamente que é complicado ficar *a par* de tudo — Willy descruzou as pernas e cruzou os braços. — Você pode me dizer qual é o objetivo desta entrevista?

— Me desculpe, achei que tinha explicado pelo telefone. Fazemos dezenas de perfis, e eles acabam ficando meio monótonos. Então pensamos em usar outra perspectiva e desta vez entrevistar a esposa, saber o ponto de vista da mulher, entende? Por exemplo: quais são os estresses de ficar responsável pela fortaleza quando seu marido está na estrada? Quando ele volta, vocês saem para passear ou depois de todas aquelas refeições de hotel o que ele quer mesmo é uma comidinha caseira?

— Acho que é melhor você começar logo, sr. Roman. Tenho um jogo marcado para as 16h30 do outro lado da cidade.

— Olha, que detalhe legal. Você também joga tênis?

* * *

O JOGO ERA MENTIRA. Quando finalmente botou Jeremy Roman da porta para fora, Willy arrancou os belos sapatos dos pés e puxou os grampos do cabelo. No final das contas, Roman não quis foto alguma. Refestelando-se no sofá e amarrotando o vestido, Willy folheou o *New York Times* a esmo. A primeira parte exibia mais uma matéria sobre a primeira-dama. O projeto de reforma do sistema de saúde de Hillary havia sido engavetado. Muitos achavam que ela tinha feito um estrago. Os conselheiros da Casa Branca indicaram uma função mais silenciosa. A esposa do presidente agora só fazia algumas aparições modestas. Suas blusas novas se fechavam no queixo com um laçarote. Quando acompanhava o marido em suas viagens ao exterior, a sra. Clinton reunia mulherezinhas para tomar chá e comer sanduíches. Fazia discursos sobre questões femininas — creches e criação dos filhos. Hillary começara a escrever uma coluna no jornal, que fugia da política em nome de dicas domésticas. O *Times* reproduziu a receita predileta de biscoitos de aveia da primeira-dama. De olhos semicerrados e pretos como passas, Willy recortou-a.

* * *

A PORTA BATEU. DE cabelo ainda molhado do banho tomado no Jordan, Eric deu uma olhada na cozinha.

— Por que você está batendo panela?

— Para fazer o jantar.

— Para com isso. Vamos sair.

— Não posso me dar ao luxo de sair.

— Estou convidando — Eric tirou a panela do fogo e despejou a água na pia. — Que porcaria de comida semipronta é essa? Achei que a entrevista desta tarde fosse te animar.

— Claro, humilhação sempre me anima — Willy encheu a panela de água outra vez e foi à tábua de cortar para partir a cebola ao meio.

Não era muito habilidosa na cozinha nem nas melhores horas e, nessa noite, estava longe disso. A faca cortou a ponta de seu dedo. A cebola aberta ganhou um matiz rosa, mais escuro entre as camadas, onde o sangue corria para as extremidades. Droga. O sumo da cebola ardia muito, mas a lesão não foi grave e a última coisa que Willy queria era agitação por causa de um corte idiota. Esse tipo de piedade era barato, e nessa noite não estava nem um pouco disposta a deixar Eric impune assim tão facilmente.

— Com esse seu olhar, você não devia mexer com facas — Eric puxou-a para fora da cozinha. Ele não reparou no corte e fez com que ela se sentasse no sofá. — Agora me conta o que foi que aconteceu.

Ela não tinha coberto a ferida com um guardanapo, portanto o dedo continuou a sangrar, gotejando silenciosamente no estofado branco. Doía. Doía muito, na verdade, mas a sensação de latejamento penetrante e lancinante a cada vez que seu coração batia parecia conveniente.

— Por que você não me disse que ganhou o prêmio de Revelação do Ano da ATP?

— Ah, isso — Eric fez o mesmo gesto que Jeremy Roman fizera ao desdenhar da habilidade no tênis, sobre a qual o repórter se orgulhava em segredo. — É só uma coisa estatística. Qual jogador que é novo no circuito subiu mais rápido no ranking no último ano. O computador cuspiu meu nome. Não significa nada.

— Significa o bastante para a revista *Tennis* fazer um perfil seu. Da perspectiva da sua esposa, é claro. Para que ela arrulhasse e tagarelasse em seu nome.

Eric esfregou os olhos.

— Gente doida.

— *Por que você não me contou?* Eu fiz você se envergonhar das suas conquistas? Ou você está ganhando tantos prêmios que se esqueceu de alguns?

— Querida, eu sabia qual seria a sua reação.

Willy se levantou, deixando uma grande mancha na costura do sofá:

— E qual seria?

— Willy, a sua mão…!

— Dane-se a minha mão. Como eu reagiria?

— Deixa eu ver esse…

Com um movimento brusco, ela afastou a mão, salpicando a mesa de acrílico.

— *Como?*

— Você ficaria furiosa! Olha só para você agora!

— É, eu estou furiosa, porque cheguei bem perto de parecer uma completa imbecil. Eu cometi o ridículo de pensar que o jornalista queria falar de *mim*.

Eric se ocupou, pegando lenços de papel, estendendo-os em direção ao dedo.

— Típico — ela zombou. — Cuidar de um corte bobo em vez de perceber onde estou sangrando de verdade!

— Não faça melodrama!

— Isto é um *drama*, não um *melodrama*. Já ouviu falar? Não. Você quer empurrar tudo para debaixo do tapete. A sua solução para ter se tornado o talento do ano enquanto eu caio no esquecimento é não mencionar que você virou o talento do ano. Só não conte do prêmio para a Willy porque ela é tão espírito de porco e tão invejosa que vai surtar.

Ele atirou a bola de lenços na mesa.

— Só estou tentando manter a paz.

— A paz de quem? Quem de nós está em paz?

— Eu não sou, com toda a certeza.

— Não vejo por que não. O público te adora, você está ganhando dinheiro, você está viajando! Por que não está feliz?

— Porque você não está.

— Em outras palavras, eu estou arruinando a sua vida?

— Não, Willy, e me desculpe pela confusão da entrevista, mas a culpa não foi minha! E não tenho *culpa* de ter ganhado um prêmio, não é? De ser um bom tenista? Deveria me sentir um verme por isso, como se estivesse te fazendo algo terrível? Porque é assim que você faz com que eu me sinta: toda vez que ganho uma partida é como se eu estivesse ganhando para te ofender.

— Às vezes eu acho que é — ela disse baixinho.

— Você está falando besteira, Willy, e *por favor* faça alguma coisa a respeito desse corte, isso está me enlouquecendo.

Willy pôs o dedo na boca e chupou o sangue.

— O que você quer de mim? — ele berrou. — Quando eu for até a linha de fundo, o que vai te fazer feliz? Eu tenho de fazer alguma coisa, não posso ficar parado lá. Então, mesmo que eu administrasse minha vida profissional sempre de acordo com os seus caprichos, em consideração aos seus *sentimentos*, eu deveria fazer um ace ou jogar a bola contra a rede?

Uma resposta direta ("jogar a bola contra a rede") era inaceitável.

— Não seja ridículo.

— Se o meu ranking também cair, o seu não vai subir nem um ponto, vai?

— Eu só queria um pouco de solidariedade…

— Eu *sou* solidário. Ao que parece, isso não te faz muito bem.

Não fazia mesmo.

— O jornalista nem sabia que eu *jogava* tênis!

— E de quem é a culpa? Por que você não disse para ele?

— A culpa é minha. Minha culpa por ter virado um zero à esquerda. Minha culpa por estar em 696 no ranking. Você se sentir mal agora também é culpa minha. É tudo culpa minha. Você é perfeito, você é bondoso comigo, você se tornou um atleta brilhante, está tudo caminhando a seu favor, menos o seu terrível casamento. Sou provavelmente o único erro que você cometeu na vida.

— Meu bem, não. — Por fim ela deixou que ele embrulhasse seu dedo com os lenços de papel. — Nunca me arrependi de ter casado contigo.

— O que está acontecendo comigo? — ela soluçou. — Eu te amo, então por que eu não consigo demonstrar? Por que eu sou tão cruel contigo? A ponto de você nem me contar quando é premiado? E não te culpo por isso! Eu quero ficar feliz por você, mas não consigo! Você tem razão, eu fico furiosa, e isso é horrível, odeio isso. Você vem para casa e você venceu mais

uma partida importante e a raiva me sobe à garganta como se fosse uma azia. E depois eu me sinto uma imbecil, imbecil para mim mesma, amarga e feia e anormal. Como você *aguenta*?

Eric puxou-a para seus braços e murmurou:

— Eu sei que é difícil ficar feliz por mim quando você não está feliz por você mesma. E eu sei que você me ama, porque você demonstra sim, na maior parte do tempo. Mas eu entendo que, quando venho para casa, e as coisas foram bem para mim e ruins para você, bem, eu provavelmente te deixo preocupada com a sua situação. Sei que você se sente excluída. Quer dizer, não interessa o quanto eu tente te dizer que a vitória também é sua, você não acredita.

O peito de Willy tremeu.

— Você também não engoliria essa história de "a vitória também é sua" se a situação fosse inversa.

— Não — Eric admitiu com um sorriso, acariciando-lhe o cabelo —, é bem provável que não. Então imagino que você se sinta só. Mas você não está sozinha. E duvido que eu teria conseguido chegar tão longe sem a sua ajuda. Uma das coisas que me faz suportar a chatice da estrada é saber que vou voltar para casa e te encontrar. Se essa história de tênis não fosse algo em que estivéssemos juntos, talvez eu desistisse desse negócio exaustivo. Mas ao menos tente se lembrar de que quando eu ganho um torneio, ou um prêmio bobo da ATP, não estou fazendo isso *contra* você, ok? Eu quero tanto quanto você que o seu ranking sofra uma reviravolta.

— Por que eu não consigo mais ganhar? — Willy queixou-se com o rosto afundado na blusa dele. — Eu era ótima! Eu me sentia ótima! Agora eu me sinto uma lesma!

— Calma, calma — ele disse, acariciando a cabeça dela. — Você deu azar. É um tombo. Você vai sair dessa. É uma época difícil. Você vai ver, finalmente todas essas lutas vão te fortalecer. Você vai pensar neste ano e se orgulhar de não ter desistido. É só uma época difícil — ele sussurrou de novo. — Um tombo.

Como que para simbolizar a metáfora, Willy relaxou em seus braços.

Dezessete

UMA CARREIRA EM DECLÍNIO, AO CONTRÁRIO DA que está em ascensão, raramente oferece um evento catártico. O fracasso tende a ser marcado pelo que não acontece. É verdade que algumas vidas têm um divisor de águas: o dia em que o banqueiro é preso por desfalque, a terça-feira de novembro em que o político é derrotado no que seu partido concordara que seria sua última disputa por uma vaga no Senado. Porém, a carreira que afunda devagar, sem um cataclismo cuja ocorrência possa ser analisada por seu administrador, é muito mais comum. Decepções se acumulam — outra promoção negada, uma onda de currículos "arquivados", o amontoado poeirento de cartões dizendo que "recebemos muitas solicitações este ano", prêmios de distinção dados a estranhos ou (pior) para algum conhecido, que se não era detestado antes, agora é. Mas nenhuma catarse dá vazão a uma grande dor; em vez disso, diversas dores pequenas antecipam o momento da autoavaliação. A esperança sempre acena — um anúncio de emprego, uma competição que ainda não se tentou, um conselho de amigo, uma nova perspectiva ao acordar no sábado. *Apenas um contratempo*, uma voz sussurra. *Um período de espera, uma adversidade a ser superada*. Como Eric diria? *Um tombo*. Bingo, você já está com 70 anos.

No que diz respeito a profissões, o tênis oferecia mais momentos de autoavaliação do que a maioria. Além de encarar o resultado das próprias partidas, os jogadores iam e vinham numa hierarquia pública que mostrava quem era quem. Entretanto, os torneios não paravam de convidar. Um ano imaculado no computador incitava outra rodada. Soluções improvisadas atormentavam: uma raquete nova, corridas redobradas, inverter o enfoque da potência para a astúcia. Pelo menos até chegar aos 30, o autoengano era uma possibilidade.

Consequentemente, foi complicado para Willy Novinsky entender o próprio desespero. Carreiras têm propensão a morrer em câmera lenta, como um acidente de carro que se arrasta por décadas: o telefone nunca toca de

madrugada. Uma ambição frustrada tem todas as características de um caso de pessoas desaparecidas: nada é certeza, não há uma data a ser circulada no calendário para apontar quando a catástrofe aconteceu, existe apenas a ausência se prolongando, e a porta da frente permanece fechada. O fracasso é um longo não aparecer, uma festa surpresa em que o convidado de honra não dá as caras; um *Grandes esperanças* com renda desfiada e um bolo cheio de ratos. Quando Willy deveria esperar que a oportunidade batesse à porta? E depois de esperar tanto tempo, por que não um dia a mais, e mais outro?

Naturalmente, assim como na noite em que Willy cortou o dedo, havia cenas. A bem da verdade, tinham se tornado monótonas: lágrimas, súplicas, acusações, a corrida para o sofá com o cobertor na mão. Os tradicionais pedidos de Eric para voltar para a cama criaram um rastro enfadonho de sarcasmo. Pois o marido só sabia repetir chavões batidos e fracos que podiam ter sido plagiados de um livro infantil. Willy ridicularizava a recomendação de que "acreditasse em si mesma", chamando-a de insípida e simplista. Eric se encolhia no canto da cama com todas as cobertas, mas nenhum dos dois dormia.

Willy não o culpava por ficar de saco cheio. Ela sempre soava o mesmo alarme — *Estou afundando, isso está me matando, tudo o que me mata acaba matando nós dois*. Mas a outra opção era ser cúmplice da ficção de contentamento doméstico de Eric: eram um casal com duas carreiras, cada um tinha seus torneios, agendados com cuidado para que tirassem uma semana a cada seis a fim de arrastarem-se de mãos dadas, esfomeados, até o Flor de Maionese para comer frango grelhado. Na verdade, estavam pisando em ovos, como se o chão do apartamento na rua 112 fosse fino demais e pudesse desabar com passos muito pesados. Na primavera de 1996, a tomada do aparelho de som estava com mau contato. Eric estava ocupado demais para consertá-la, Willy apática demais. Toda vez que um dos dois pisava no fio ou perto dele, a música parava. Passaram a andar na ponta dos pés, literalmente, dentro da própria casa, com medo de que o tinido de normalidade fosse bruscamente interrompido.

* * *

— WILHELM, SIRVA OUTRA rodada de seu *deeelicioso* chá gelado para nós, hein? — Gary Sidewinder tinha o hábito de surrupiar seu apelido, empregando o "v" germânico e sua aura de falsa obediência, assim como fazia o marido de Willy.

Os dois homens estavam debatendo em volta da mesa de jantar, cercados pelo *Livro de Normas da ATP* e os formulários de inscrição, o telefone à mão para pesquisar o cronograma de mais uma companhia aérea naquela primavera. Sidewinder tinha colocado o copo sobre o tampo de madeira e a condensação criava um círculo branco na mesa. Para Willy, que recolocara o uísque com soda em cima do descanso de copo, o descuido era típico. Gary estava acostumado a que outras pessoas cuidassem dos detalhes. Era um intermediário, um cara habituado a delegar; em outras palavras, um parasita. Não fazia nada que Eric não pudesse fazer sozinho, afora incentivar a vaidade do marido.

O que Eric também era totalmente capaz de fomentar sozinho, mas, com um defensor insistente, o marido tinha a possibilidade da lendária modéstia. Humildade, bem como magnanimidade, era um luxo dos prósperos. Quando Willy assumia o mesmo ar despretensioso, dava a impressão de que tinha baixa autoestima.

— Não, você não quer ficar nesse hotel de terceira categoria — Sidewinder recomendou. — O Hilton de Tóquio é de primeira linha.

Gary Sidewinder era o agente de Eric. Vestia-se como Tom Wolfe: ternos brancos, gravata verde-mar, abotoaduras de jade e meias verde-mar, realçados por uma camisa amarelo-ovo de botões no colarinho, e aparecia à porta, com um chapéu-panamá. Porém, Sidewinder dependia de empregados: lavagem a seco, portadores que lhe entregariam o terno passado dentro de uma hora. Assim sendo, sua gravata estava respingada de molho de salada e o paletó branco bastante amarrotado. Parecia menos elegante do que nos tempos em que já tinha tido dinheiro e agora estava entregue à própria sorte. Como Gary sempre dava a impressão de que precisava de um banho, talvez não tivesse arrumado ninguém que fizesse o serviço.

— Por falar em acomodações, Seboso, você já pensou em sair deste lugarzinho? — Sidewinder aconselhava. — Este apartamento é apertado, parece coisa de estudante de pós-graduação. O tipo de lugar onde você espera

encontrar vinho e peixe frito na cozinha. Com o que você ganha, dava para se mudar para um prédio com porteiro lá pela altura da rua 80…

Willy nunca tivera um agente. Sim, ela entendia para que o Gary servia: para negociar com a ATP de quais torneios seu marido se dignaria a participar, pechinchar multas (como se Eric Oberdorf, nascido em berço de ouro, fosse capaz de algo censurável em quadra) e, claro, atrair patrocinadores. Gary era um instrumento dos interesses *familiares*.

— Preciso admitir: no verão passado, fiquei me perguntando se você não devia ter ido para os torneios do Grand Slam — declarou Gary. — Mas do jeito que seus pontos aumentaram até agora, acho que você tomou a decisão certa. Mesmo se tivesse se classificado raspando, os tenistas têm uma certa *postura* com os que entram por meio de qualifying. Isso te deixaria em desvantagem. Na minha opinião, boa parte do tênis é psicológica…

Dã, pensou Willy, esfregando manteiga no círculo branco sobre o móvel.

— Neste ano — o agente prosseguiu —, é só colher os frutos, meu caro. Se você chegar nas quartas do Italiano de novo, chega a 75. E aí, você já está dentro. E isso vai te ajudar a manter uma mentalidade positiva. Você precisa se cuidar nos torneios do Slam. Se afundar logo nas primeiras rodadas, daí em diante o evento vai ter um gosto ruim…

— Foi Willy quem me aconselhou a não ir para o Slam no ano passado — interrompeu Eric.

— Wilhelm é uma garota esperta.

— Willy sabe muito de tênis, Gary.

— Claro que sabe — Sidewinder murmurou.

— Pensei em escrever um livro — Willy ironizou a caminho da cozinha. — Uma continuação do Brad Gilbert: *Perdendo feio*. Trezentas dicas de como perder uma partida para a sua avó com paralisia cerebral.

— Crianças com paralisia cerebral dificilmente vivem o suficiente para se tornarem avós, querida! — Sidewinder gritou da sala. — A questão é *qual* torneio do Slam. — Já tinham discutido o assunto dezenas de vezes, mas Sidewinder adorava dizer *Slam*. — Você fica mais à vontade na quadra de cimento. A da Austrália agora é de saibro verde, mas isso já passou… e eu respeito, e respeito *mesmo*, você por ter tirado janeiro para se dedicar ao seu casamento. Além disso, é uma boa ideia começar uma carreira brilhante no seu próprio país. Não vejo outra opção. É o Aberto dos Estados Unidos ou nada.

Você fica com o verão inteiro para se preparar. Você deu uma pensada na ideia de contratar um treinador?

— Que nada — disse Eric. — Já tenho a minha mulher.

* * *

— ELE TEM ESSA pose de patrão porque ele te "descobriu" — Willy rosnou quando Gary foi embora. — Como se você não tivesse chegado a lugar nenhum antes de assinar com a Pro-Serve. Ele te diz onde se hospedar, o que comer, e enquanto isso me trata como uma empregada. É um sanguessuga e eu adoraria que você se livrasse dele.

— Eu sei que o Gary é meio puxa-saco…

— *Meio?*

— Mas sozinho eu nunca teria conseguido patrocinadores com o ranking que tenho.

— Com *o ranking que você tem* — Willy imitou, tirando os pratos do almoço da mesa. — Como se estar em 75 fosse uma vergonha. Odeio quando você se faz de coitadinho. Soa tão falso.

— Em 75, estou longe de distribuir autógrafos — Eric se apressou para ajudá-la com os pratos. — Foi o Gary que convenceu essas empresas a investir em alguém que ainda está indo em vez de investir em mais um cara que já foi e já está voltando. São patrocínios pequenos, mas são eles que forram o nosso cofre.

— Eles forram o *seu* cofre.

— Tudo bem, como você quiser. O dinheiro é todo meu, você não pode pegar nem um centavo. — A última tática de Eric era concordar.

Willy derramou o chá que Sidewinder não bebera dentro da pia.

— Gostaria que você não se depreciasse na frente dele — Eric murmurou.

— E você não faz charme se depreciando? Você "está longe de distribuir autógrafos"?

— Não, esse negócio de *Perdendo feio*. É diferente.

— Claro que é diferente. A minha depreciação é genuína e a sua humildade é uma fraude.

Eric ficou parado no vão da porta, absorvendo os desaforos da esposa feito uma esponja. O ano anterior lhe ensinara a praticar a tolerância passiva.

— O que você acha de tentar o Chevrolet de novo?

— Por que *você* participaria do Chevy?

— Estou falando de você, sua boba.

— Não, nem de um torneio para crianças feito o Chevy… do qual você não chegaria nem perto… a "boba" aqui não pode mais participar.

— Você podia jogar o qualifying — sugeriu Eric.

— Você não joga o qualifying nem para um Grand Slam!

— A ideia de que eu não participasse de nenhum deles no ano passado foi sua.

— O que provavelmente foi uma idiotice — disse Willy, arrumando a louça na máquina nova. — Se não fosse por mim, você poderia ter tomado a ATP de assalto um ano atrás. Poderia ter esnobado o Gary e suas agências de viagem porque estaria viajando por aí de jatinho particular.

— Besteira, você acertou na mosca. Melhor ir devagar, entender o nível abaixo do Grand Slam… o Alemão, o Italiano. E funcionou. Estou numa posição bem melhor este ano… Então, o que você me diz? Sobre o Chevy?

— Ah, por favor, pare de ser condescendente comigo! — ela quebrou o copo de chá gelado, mas agora podiam bancar centenas de outros para substituí-lo. — Meu ranking é 864! Eu sei disso, eu fico repetindo este número à noite como se estivesse contando carneirinhos. Mas eu não *era* uma pessoa sem importância: portanto eu entendo do assunto; sei arrumar minha agendinha sozinha. Eu gostaria que você parasse com essa merda de *boa vontade*.

— Quer dizer que é para eu tagarelar sobre os meus planos o tempo inteiro e ignorar a sua carreira?

— Que carreira?

— É impossível conversar quando você está desse jeito. Esquece — Eric recuou para a sala de estar e pôs um CD para tocar. (Apesar de Willy ter se virado com um toca-fitas por anos, agora eles tinham trezentos discos prateados.) Quando Willy pisou forte até a sala para recolher os últimos pratos do almoço, ela se atrapalhou com o fio de novo e o Sibelius parou de repente, no meio do acorde.

— Sério — Eric apelou pela última vez. — Seu conselho na primavera passada foi perfeito. A única coisa que eu teria conseguido nos torneios do Slam teria sido maus-tratos. Este ano nós vamos nos sair muito bem.

Nós vamos nos sair muito bem, não *vamos*? Mulheres devem ter predisposição genética para se esconder em cozinhas. Willy encostou a cabeça contra a bancada molhada. Claro que tinha convencido Eric a não derrubar os portões do All England no ano anterior. Mas não porque Eric não estava pronto. Willy não estava pronta. E a discussão demorada, exaustiva, não gerou nada além de adiamento. Willy ainda não estava pronta. Nunca estaria.

* * *

NA MANHÃ SEGUINTE WILLY foi acordada pelo toque estridente do telefone. Não colocava mais o despertador para as seis. Achava que não havia mais motivos para isso.

Enquanto tateava à procura do fone, o braço comprido de Eric segurou-a contra o colchão.

— Alô? Tudo bem, Gary… É um trocado, mas mal não faz. Pelo menos ganho uma viseira de graça. Obrigado.

Quando desligou, Willy resmungou com o fio se arrastando pelo rosto.

— Você já acha que é para você.

— E não era? — indagou Eric, se levantando. Era aficionado por fatos e os utilizava para se proteger de seus verdadeiros significados.

— Então põe o telefone do seu lado da cama — Willy rosnou, pegando o aparelho. — Você tem razão, é sempre para você. Outra empresa te oferecendo um contrato de bebidas isotônicas. O diretor de algum torneio acenando com um cachê… — ela deu um puxão no telefone e a tomada saltou da parede.

Eric pegou a tomada e a enfiou estoicamente no soquete.

— Você quebrou — ele anunciou sem perder a calma. — O plástico saiu.

— Compra outro. Você é rico — Willy recolheu suas roupas. Ultimamente se sentia desconfortável quando Eric a via nua.

— Não sou rico. Pela primeira vez estou ganhando o suficiente para viver. Isso não quer dizer que agora você pode destruir as coisas. Pelo menos dessa vez o que você quebrou não custa muito — ele repreendeu com um autocontrole paternal —, mas o conserto vai ser uma chatice.

— Não se preocupe, eu vou acabar cuidando disso. Assim como eu compro a comida, e passo o aspirador, e tiro o lixo, e limpo o banheiro…

— Eu já falei que a gente pode arrumar uma empregada.

— Você tem uma empregada!

A polaridade aumentava; sempre aumentava. Quanto mais maturidade circunspecta o marido reunia, mais infantil Willy se tornava. No mínimo, a consciência de que estava sendo pueril fazia com que ela o fosse ainda mais, usando da mesma estratégia de punição que empregava na quadra em seus momentos de maior perversão: jogando uma bola mais assustadora a fim de reprisar de modo adequado o erro que a precedera. Pois independentemente do quão enfastiado Eric ficasse com as injúrias mesquinhas e a hipersensibilidade de Willy, ela ficava mais enfastiada ainda consigo mesma. Já que o comportamento deplorável adicional parecia uma penitência justa para o comportamento deplorável, suas explosões tendiam a virar uma bola de neve.

Dando pancadas pelo apartamento, Willy concluiu que Gary tinha razão, o lugar tinha ficado apertado. O corredor tinha duas dúzias de raquetes espalhadas — todas, à exceção das três Pro-Kennex de Willy, eram presentes do patrocinador de Eric. O tempo da raquete da sorte, amada e estimada, ficara para trás — como a Davis Imperial, cujo folheado de madeira ela banhava com limão quando criança, enterrando o aro na prensa como uma neurótica assim que o jogo terminava. Antigamente, não existia "uma das minhas raquetes". Há pouco tempo, Willy se deparou com a Imperial surrada no sótão de Walnut Street e ela estava com uma aparência entristecida — outrora tão fiel, agora abandonada, feito um aliado do primário que é rejeitado quando você se torna popular no ginásio. A cabeça pequena e o misterioso coração compacto haviam ficado obsoletos de forma desproporcional ao seu tempo. Hoje em dia, a possibilidade de que Willy jogasse uma partida com a Imperial era igual a de entrar na quadra de charrete.

Mas os presentes de última geração de Eric eram impessoais e intercambiáveis. Ele era como um homem com amigos demais, que não notaria se um ou dois deles ficassem um ano sem telefonar. Willy poderia ter

surrupiado uma delas, mas o tamanho do cabo não era o seu, reforçando a consciência de que as recompensas do marido não tinham caído em suas mãos. As raquetes de Eric se reuniam a seus pés, implorando pelo privilégio de serem usadas, e ela passara a desdenhá-las como faria com seres humanos bajuladores.

Já fazia muito tempo que a mesa de centro de acrílico fora preenchida com bolas usadas, e o assoalho estava tomado por tubos de plástico. Eric trazia suas bolas descartadas para Willy, mas o ar de suas bolas rejeitadas era de mau gosto, como se fossem mulheres com quem passava a noite e depois jogava fora em troca de carne fresca.

E as roupas! Que saudade Willy sentia dos shorts puídos e das meias molengas penduradas sobre os aquecedores, do fedor dos pares de tênis baratos debaixo das cadeiras. Como adorava esfregar a bochecha nas suas camisetas de flanela "leve três, pague duas". Atualmente? Eric mandava as roupas para a lavanderia: malhas com golas e logotipos berrantes e as engenhosas redes nas axilas para facilitar a entrada de ar. Até Eric admitia que os modelos eram horríveis, mas era pago para vesti-los.

Willy despejou água fervida na cafeteira sem cuidado, espalhando água na mesa. Enquanto esperava o café ficar pronto, ela se retirou para arrumar a cama, deixando Eric entrincheirado atrás do *Times*. Ela lançou um olhar frio para a fileira empoeirada de troféus em cima de sua cômoda. Estavam organizados em ordem cronológica, da estatueta cromada desprezível do Campeonato do Montclair Country Club às pomposas taças, copas e cálices de cristal. Dois anos antes, Willy previa que acrescentaria uma terceira prateleira, mas as poucas adições recentes eram de miniaturas adquiridas por semis e quartas. Conquistas raquíticas couberam sem problemas no que restava da prateleira.

Ao se agachar para prender o lençol embaixo do colchão, um capricho evidente atiçou seu olhar.

Eric jamais construíra uma prateleira para exibir seus troféus. Ele os juntava em sua cômoda, em total desordem, embora fosse um homem organizado. O excesso já se acumulava no pé do móvel; Willy estava sujeita a tropeçar na bagunça do sucesso do marido.

— *Eric!*

Ele não se apressou.

— O que foi dessa vez? — perguntou, desconfiado, da porta.

— O que você fez com eles?

— Eles quem?

— Seus troféus. Eles ficavam espalhados e agora a sua cômoda só tem um pente.

Ele deu de ombros.

— Entulho demais.

— Você jogou fora?

— Devia ter jogado. Mas como você adora enfatizar, sou convencido demais para isso, então enfiei todos no closet.

Como se fosse para frisar sua preocupação restaurada com a organização, ele pegou um par de meias e pôs no cesto de roupa suja. Ela não entendia por que ele ainda se incomodava com a lavagem das roupas. Com diversas caixas fechadas de patrocinadores debaixo da cama, tinha peças novas em quantidade suficiente para usar uma vez e jogar fora, assim como bolas de tênis.

— Além disso — observou Eric, levando dois pares de tênis de gel e modelos *air pumps*, com listras fúcsia e azul-claro, para o closet —, esses troféus são espalhafatosos.

— Se você acha que são cafonas e pretensiosos, melhor eu guardar os meus também.

— Não, não faça isso! — Eric berrou quando ela esticou o braço para pegar o do Campeonato do Montclair Country Club e o atirar na cama. — Esses são históricos! — corrigiu-se logo em seguida: — Quer dizer, são preciosos.

— Por que são uma espécie em extinção?

— Porque são seus — Eric pôs a estatueta cromada de volta no lugar.

Lascas prateadas grudaram em suas mãos. Willy o empurrou para o lado e ficou na ponta dos pés, tateando o troféu do New Freedom com as pontas dos dedos. A taça bateu na cômoda e caiu no tapete.

— Você está sendo infantil!

— Estou sendo adulta, para variar — ela contrariou. — Por que deixar meus troféus expostos e os seus com os tênis? Todos aqueles tênis? Você é que está me tratando que nem criança, querendo exibir meus desenhos na porta da geladeira.

Derrotado, Eric autorizou:

— Guarde os seus também, então. Mas eu achava que você tinha orgulho deles.

— Eu tinha. Mas agora eles zombam de mim. Você tem razão, eles são históricos. Sou jovem demais para viver no passado.

Resoluta, Willy puxou duas taças para a frente e jogou-as no colchão. Provavelmente aflito por ver Willy esticando o pescoço, o marido de 1,90 metro pôs a mão em seu ombro e os tirou sozinho. De um jeito carinhoso, Eric enfileirou os prêmios em ordem sobre a cama, em seguida insistiu em cobrir cada um deles com papel e espremer as lembranças dentro das caixas de papelão que sobraram de uma remessa de camisetas. Enquanto ele os guardava, Willy olhou para o closet e seu coração se derreteu. Eric tinha jogado os próprios troféus, desembrulhados, em uma caixa sem tampa que estava caindo aos pedaços.

— Underwood? — ela chamou timidamente, jurando que prepararia um café fresco: quando ele terminasse, a cafeteira já teria esfriado. — Se você fosse casado com outra pessoa… por exemplo, uma dona de casa de verdade, ou uma empresária de área de seguros, ou uma jogadora muito bem-sucedida… você guardaria seus troféus desse jeito, como se fossem segredos sórdidos?

— É claro — ele afirmou com rispidez. — São vulgares.

— Então os meus também são…

Eric amassou um chumaço de papel e atirou a bolinha na cama.

— Eles não são tão *importantes* para mim quanto são para você! O tênis não é tão importante para mim. É uma coisa em que sou bom, mas que não *amo*. E daqui a pouco vou estar decrépito e não vou poder mais jogar profissionalmente, e então vou ter de fazer outra coisa, e *tudo bem*.

Willy olhou para as mãos.

— Que ironia, não é?

— Não, não é. Existe uma relação. Você quer demais ser campeã. É por isso que você empaca. Se você não desse tanta importância, talvez chegasse mais longe.

— A solução é a apatia?

— Não, mas uma dose de indiferença não faria nada mal. Alguns prazeres extracurriculares.

— Tipo o quê?

Eric segurou seus ombros e fez com que ela se virasse para ele.

— Tipo *eu*.

* * *

O DESTINO DUVIDOSO DE Willy podia ter transformado o marido em mais uma de suas angústias, mas também tinha alterado por completo a visão que tinha de si mesma. Características que outrora considerava estabelecidas, impermeáveis, se mostravam sujeitas às condições atmosféricas, como um chapéu debaixo da chuva. Revelava que aquela segurança que tinha, por exemplo, não era um traço intocável, mas sim um produto de acontecimentos animadores e, portanto, vulnerável ao desastre. Willy nunca tinha se considerado uma pessoa comedida, mas o enfraquecimento de sua voz era mensurável — a não ser quando gritava —, e assim se tornou comum que Eric tivesse que repetir "O quê?" nas ligações interurbanas. A tonalidade de sua fala teria sido transcrita musicalmente em um tom menor, e havia em suas afirmações uma hesitação que em qualquer outra mulher Willy acharia de uma obsequiosidade censurável. Sem dúvida, sempre se julgou cheia de energia, mas agora dormia muitas horas, como jamais dormira, e raramente conseguia reunir o vigor necessário para ir ao cinema. Se ele fizesse a proposta de irem ao cinema, em uma das semanas cheias de compromissos que Eric passava em casa, ela concordava no início do dia, mas, ao anoitecer, na hora de atravessar a porta, se esparramava na poltrona e alegava, honestamente, que estava cansada. Embora Willy antigamente se orgulhasse de seu cinismo, sempre fora, com relação a si própria e à beleza da vida em geral, uma otimista. Mas agora essa atitude amarga tinha se voltado para dentro, fazendo pichações nas paredes de sua cabeça. Enquanto antes esperava — talvez esperasse por ingenuidade, por estupidez — que por fim as coisas se ajeitassem, ultimamente tinha a crença inteligente no potencial de cada dia para catástrofes. Era um aprendizado indesejável. Daria um dente para voltar a ser uma idiota.

Vivendo com uma estranha, às vezes relembrava com carinho a Willy Desimpedida, assim como se recordaria de uma amiga de infância com quem perdera o contato — sua Davis Imperial. Por outro lado, estava desiludida com

a alegria de viver que a sósia exalara. O entusiasmo não era inerente a Willy, no final das contas, e sim uma mera consequência da ocasião. Melancólica, Willy imaginou o dinamismo que teria caso estivesse numa maré de vitórias — consumindo cadernos de esportes e revistas de tênis; dividindo fofocas sobre brigas com namorados em vestiários; disposta a provar comidas étnicas, ver peças polêmicas e entrar às escondidas nas piscinas dos hotéis que ficavam trancadas de madrugada. Agora, ainda que a garota travessa voltasse, Willy jamais tornaria a confiar nessa vivacidade. Olharia com receio seus passos leves, que poderiam facilmente ser atrapalhados por uma partida de tênis calamitosa. Na primavera de 1996, Willy foi obrigada a aceitar que a personalidade não era uma constante inexpugnável, mas sim o acúmulo misturado de massacres e estímulos, não apenas a causa, mas também a consequência. Até pessoas felizes eram vítimas, de certo modo.

Pois, se vistos como um todo, os bem-sucedidos eram alegres e olhavam o lado bom da situação, será que o temperamento despreocupado era mérito deles? Ora, tinha dias que Eric precisava *fingir* que estava de mau humor. Da mesma forma, era pura coincidência que os frustrados formassem um coletivo de misantropos, famosos pela abstenção veemente e arredia e o prazer sádico de destruir as ilusões dos outros? Vítimas de tortura testemunham que o partidário capaz de resistir a qualquer mutilação e manter a integridade é um mito de James Bond. Em algum momento, todo mártir cede. Ninguém escapa.

Enquanto isso, o mundo inteiro lá fora demonstrava uma subjetividade traiçoeira. Nem bom nem sinistro, nem insípido nem fascinante, nem luminoso nem sombrio, o universo externo não possuía qualidades inatas, e sim dependia tenebrosamente da textura de sua lente interna. O fato de que a baía do Riverside Park não iria ao menos continuar sendo um bosque tranquilo e sublime cheio de cães amistosos a aborrecia, pois a mesma passarela à margem do Hudson poderia se metamorfosear em uma pista lúgubre e suja, com cães imundos e hostis, o panorama horroroso e de uma simplicidade ofensiva de Nova Jersey. O Sweetspot também poderia sofrer uma reviravolta da noite para o dia, passando de um abrigo elegante de ripas de madeira a um reino elitista e polido para vagabundos mimados. Willy sentia-se mal por ter responsabilidade sobre a paisagem volúvel que existia tanto dentro quanto fora de sua mente; não havia opção. Assim como o marinheiro suspira pela terra firme, ela almejava algo inevitável e verdadeiro, inalterável de uma forma ou de

outra. Contudo, Willy se impressionava com a terrível descoberta de que até a cor de um poste de luz era suscetível a seu gênio asqueroso.

Em raras noites no Riverside Park, Willy lembrava-se de si mesma. Conseguia esquecer que seu ranking estava à beira da obscuridade, e a personalidade, maleável ou não, é, dentre outras coisas, um hábito. Mesmo que só por tê-lo feito tantas vezes no passado, Willy balançava a mão de Eric e brincava de encurralá-lo contra o parapeito à margem do rio, provocando com uma prolixidade lunática enquanto o sol retornava à sua vermelhidão suntuosa original e descia afavelmente sobre Hackensack. Dava para notar pela expressão de Eric que nesses crepúsculos ela voltava a ser bela, sua testa lisa, os músculos ao redor da boca relaxados, de modo que os cantos se erguiam naturalmente feito aves marinhas que voam de barcos que servem de morada, o cabelo solto, livre do austero elástico de náilon. Mas havia, aos olhos dele, um novo princípio — de gratidão, de tristeza, como se a visse de longe ou olhasse as fotografias juvenis de uma amante que havia se tornado intratável.

Talvez Willy também ficasse agradecida por essas tréguas, que atestavam a impossibilidade química do sofrimento ininterrupto. Claro que os vislumbres da mulher por quem se apaixonara devem ter dissuadido o marido de abreviar suas perdas e disparar em direção à porta. Mas, de certo modo, a ressuscitação era cruel — como uma laranja presenteada a um prisioneiro que logo voltaria a se alimentar de pão e água, ou a perversidade de uma remissão curta demais em um caso terminal.

O fato rudimentar da derrocada de Willy ofuscava suas motivações. Mas no vasto tempo livre à disposição dos rejeitados nas primeiras rodadas, era impossível não ponderar: o que tinha dado errado? Willy só podia supor que estava derrotando a si própria. No último ano, as adversárias mal precisaram levantar o dedo: Willy jogava de ambos os lados da rede. Toda a força que antes apontava para fora de si agora apontava na direção oposta, como nos desenhos do Pernalonga em que o bacamarte do Hortelino Troca-Letras está virado ao contrário e explode em sua cara. Por que entortaria o cano de sua própria arma de forma premeditada era outro mistério, mas uma carreira no tênis era curta demais para permitir o desnudamento da alma — assim como, sem dúvida, era a vida de qualquer um. Quando você a entendia, ela já estava encerrada. Portanto, Willy só podia tirar conclusões das estatísticas básicas:

estava prestes a completar 27 anos; estava em 864 no ranking. Portanto, sua carreira havia terminado.

No entanto, se a personalidade é até certo ponto um hábito, o mesmo pode ser dito sobre a ambição. Numa atitude maquinal, Willy continuava a fazer inscrições nos torneios desprezíveis que a aceitariam. Pegava o trem para o Sweetspot, seguia para o treino em meio ao torpor e corria dez quilômetros por dia em uma bruma anestesiante. A fé em si tinha todos os atributos da religião, e era igualmente suscetível a crises; Willy era uma sonâmbula em meio aos mecanismos da aspiração, assim como uma pessoa que frequentou a igreja a vida inteira continua a se levantar e se vestir nas manhãs de domingo muito tempo depois de ter deixado de crer em Deus. No mínimo, não sabia o que fazer com o dia. Desde a infância, seu objetivo era Flushing Meadow. Sem ter mapeado algum destino alternativo, Willy caminhava a passos morosos na mesma direção, feito um piloto que cai no deserto e não tem chance de alcançar a civilização antes que a água acabe, mas continua caminhando pelas dunas porque a alternativa impensável é se deitar debaixo do sol e esperar a morte.

Dezoito

EMBORA CIENTE DE QUE ESTAVA MUDANDO, EM dia nenhum Willy se olhava no espelho e se confrontava com a ogra, assim como uma mulher que está envelhecendo não se encara em uma manhã específica e diz: *estou velha*. É verdade que os sorrisos gratuitos dirigidos a lojistas e os elogios a parceiros de treino brotavam de forma menos espontânea nos lábios de Willy. Mas o ritmo abominavelmente gradual de sua transformação lhe dava tempo de se adaptar. A nova Willy achava que alguns dos incidentes banais que acontecerem com Eric durante aquele ano eram apenas esquisitos. A velha Willy os acharia sinistros.

Em janeiro, quando Eric teve a grandiosidade de desistir do Aberto da Austrália para *dedicar-se ao casamento* — uma expressão que colocava a relação dos dois no mesmo patamar que a tarefa de declarar o imposto de renda —, ele pediu que ela enviasse a inscrição para o Aberto de Estoril, em Portugal, quando saísse para comprar bagels naquela manhã. Willy enfiou o envelope no casaco e se arrastou pelo quarteirão até chegar na Broadway, onde ficava o Mama Joy's. Na esteira da nevasca de 1996, grandes montes de neve dominavam a calçada.

Talvez a extraordinária paisagem ártica fosse uma distração. Foi só quando a neve derreteu, congelou de novo e, em fevereiro, escureceu que Willy encontrou o envelope amassado ainda dentro do casaco. Rasgou a aba e descobriu que o prazo do Estoril já tinha passado. Nervosa, Willy enterrou o formulário no cesto de lixo do subsolo do prédio da rua 112. A competição portuguesa valia cem mil dólares.

— Houve uma coisa infernal — Eric falou em março, por interurbano. — Liguei para o Estoril hoje e eles nunca receberam minha inscrição.

— Que estranho — ela respondeu, sua pulsação acelerada. Será que ela já tinha chegado a esse ponto? Tinha esquecido a incumbência acidentalmente de propósito? — Talvez tenha sido algum problema com o correio.

— A ironia é que liguei para sair da competição. No início, eu queria treinar no saibro, mas Gary e eu estamos em dúvida a respeito de Roland Garros. Nesse meio-tempo, me ofereceram um convite especial em Key Biscayne… mais grana, mais pontos, quadra de cimento. Foi uma sorte a inscrição ter se perdido, porque a multa em caso de desistência na última hora em Portugal é exorbitante.

Willy sentiu uma pontada de dor. Key Biscayne era um dos dois campeonatos internacionais mistos que Max havia mencionado anos atrás, e agora não havia como ela e Eric participarem juntos.

— Que maravilha, querido — ela disse com a voz fraca. — Não tem como você perder.

E ele não perdeu. Foi principalmente graças a Key Biscayne que Eric subiu para 75.

* * *

O SEGUNDO INCIDENTE FOI menos ambíguo. Em abril, no dia em que Eric voltou para casa, arrastou-se porta adentro com um sucinto:

— Voltei.

Largando as bagagens, foi direto para a geladeira e fechou suas gavetas vazias com força.

— Willy! — ele vociferou diante do freezer. — Minhas roupas todas estão fedendo. Você pode pegar isso para lavar?

Altivo, saiu da cozinha e escolheu três raquetes, apoiando-as na ombreira da porta.

— Tenho um jogo-treino no final da tarde — anunciou. — Volto mais tarde para pegar minhas coisas. Minhas pernas estão me matando por causa daquelas porcarias de poltronas de classe econômica, e estou indo para o Jordan pular corda.

— Já vai? — Willy indagou, incrédula. — Não tem nem cinco minutos que você chegou em casa.

— E que *casa*, hein — ele se queixou, parado na porta. — Sabe, eu passei seis semanas na estrada. Eu volto e não tem nem um pedaço de pão para

almoçar, e este lugar está parecendo um chiqueiro.

A porta bateu. Nada de "como você está, querida", muito menos "vamos para o quarto para tirar o atraso". Voos transatlânticos abarrotados podiam até deixar Eric irritado, mas ser tratada como uma copeira lerda de hotel deixava Willy uma fera. Ela fitou a bolsa de couro surrado, desgastada pelas passagens por Londres, Frankfurt e Tóquio. Então ele pensava que ela tinha de mexer em suas roupas fedorentas? Pense melhor, gostosão.

No corredor, as raquetes de Eric a encaravam com expressões afetadas, aguardando o retorno do Mestre. Apesar das capas serem acolchoadas de maneira suntuosa, as mimadas Prince agora estavam à mercê da governanta. Willy sempre tratou as próprias raquetes com respeito, jamais quebrou uma delas contra o alambrado como Andre Agassi fizera com pelo menos quarenta raquetes por ano, na juventude. Mas Eric tinha comprado um alicate para trocar a tomada do aparelho de som e ainda não tivera tempo de consertá-la; parecia devassidão investir em uma ferramenta e jamais colocá-la em uso.

Ela abriu o zíper da Prince de cima; a raquete se escondeu. Enfiar as lâminas do alicate no ponto doce do encordoamento inspirava o mesmo júbilo homicida que fincar uma faca nas entranhas de um ser humano. Eram cordas caras. Com um corte o aro inteiro se encolhia. A princípio, o encordoamento permanecia intacto, como uma pessoa esfaqueada às vezes fica parada antes de tombar na calçada. Um minuto depois, no entanto, as cordas relaxavam, tremiam e cediam de forma sutil, feito a compostura do ferido de morte. Ela pôs a raquete de volta na capa e fechou o zíper.

Rapidamente, cortou as duas cúmplices e arrumou as raquetes exatamente como estavam antes.

— Dá para acreditar — disse Eric ao voltar da partida — que minhas três raquetes estavam com as cordas estouradas?

— Todas *as três*? — Willy estranhou.

— Pressurização do avião, mudança de temperatura…

— Imagino que você não tenha jogado com essas.

— Peguei uma emprestada com o Leonard. Na verdade, fiquei apaixonado pela Wilson dele. Na hora de renovar meu contrato de raquete, em agosto, vou pedir para o Gary tentar a Wilson.

Ela havia cedido ao vandalismo estúpido e infrutífero, mas o vandalismo era infrutífero por natureza, e pela primeira vez na vida Willy entendeu

plenamente os rapazes com perspectivas de vida sombrias que levavam tacos de beisebol a pontos de ônibus.

* * *

TALVEZ WILLY TIVESSE CEDIDO àquela atitude pervertida numa tentativa de sentir alguma coisa, nem que fosse culpa. Pois as frequentes surras no circuito haviam ameaçado sua percepção. Cores desvaneciam — as paisagens vistas pela janela do Amtrak pareciam bidimensionais e desbotadas, como os retratos de má qualidade pendurados nas paredes de hotéis baratos. O "Adágio para Cordas" de Samuel Barber, que antes a levava às lágrimas, agora soava estridente e raso — rabugento, autocomiserativo e lacrimoso. Quando ela despejava curry nas coxas de frango, Eric corria para beber água; Willy cobria a sua de molho de pimenta e não sentia gosto algum. Quando deixava o forno ligado, não percebia; a asfixia cinzenta do gás natural lembrava bem demais o cheiro que Willy sentia o tempo inteiro. Quanto ao sexo, demorava séculos para atingir o orgasmo. O prolongamento se tornara constrangedor. Eric era um amante paciente, mas paciência não é o que uma mulher, na cama, pretende impor.

Porém, era na quadra de tênis que essa insipidez ficava mais evidente. O tom verde da quadra de cimento já não lhe seduzia com a exuberância permeável de um prado ou de um oceano, mas parecia pintada e descascava com facilidade, revelando sua composição crua e cinzenta. Tinha a impressão de que as dimensões da quadra eram menores, feito a casa da infância que se visita quando adulto. As linhas do jogo outrora elegantes, brilhando em seu fascínio, agora pareciam de uma simplicidade insossa, como o desenho de um jogo de amarelinha de uma menina tola.

O único estímulo que sempre causava algum tipo de reação era Eric Oberdorf. Mas, apesar da rara correnteza de adoração autodestruidora, por si só nem sempre bem-vinda, Willy teve de admitir, à medida que o verão do primeiro Grand Slam de Eric se aproximava, que, se ela somasse todos os seus sentimentos pelo marido em determinado dia e tirasse uma média, o resultado seria negativo. Era assustador. Ao reconhecer o movimento singular, seguro, de seus passos a dois quarteirões de distância, há pouco tempo Willy desataria

a correr, de braços abertos. Agora, estava disposta a esperar, irritada com seu jeito insolente de andar. Até as pequenas coisas que antes a encantavam, como as quantidades enormes de comida que ele devorava, deixavam Willy à beira de um ataque de nervos; *ela* jamais conseguira comer todos aqueles carboidratos sem engordar. Lampejos de ódio dos quais se arrependia imediatamente eram uma coisa, mas aquele olhar raivoso inabalável dirigido ao homem que devia ser o amor de sua vida era barbaramente injusto, para ambos, e isso não poderia se prolongar por muito tempo.

Se aniversários de adultos serviam para alguma coisa, era para fazer um balanço. Neste marco de sua vida, em maio, Willy relutou em presenciar a segunda rodada de Eric no Torneio dos Campeões em Forest Hills e ficou em casa para remoer as alternativas que teria no futuro:

1. *A opção sra. Eric Oberdorf*:

Graciosamente, Willy joga a toalha e desiste da própria carreira, dedicando-se aos talentos mais prodigiosos do marido. Eric avança rapidamente e chega ao top 10. É procurado para dar apoio a presidentes, assediado para jogar partidas para ajudar instituições beneficentes e pago para emprestar o nome à "Obie", uma nova raquete Wilson. Quando o marido quebra o recorde de Björn Borg de vitórias consecutivas em Wimbledon, Eric grita para a plateia que jamais teria conseguido chegar ali sem o incentivo constante da esposa devotada. Willy fica radiante.

Durante os torneios, ela tenta ser útil nas pequenas coisas, desfazendo as malas em cada um dos hotéis, pedindo sanduíches, vetando telefonemas. Em outras temporadas, permanece na mansão que têm na Califórnia, pois os filhos precisam que um dos pais fique quieto no lugar de vez em quando. No que se refere a ela, às vezes participa de partidas amistosas de duplas com os vizinhos na quadra do quintal de Palo Alto, e depois faz pouco caso de seu desempenho vergonhoso e serve limonada. Mas nunca perde os torneios do Grand Slam, e quando fica tensa a câmera sempre a procura na arquibancada. Em casa, sentada no sofá, teria ensaiado os pulos de alegria diante do voleio final matador do marido no quinto set, dobrando os joelhos e olhando para o céu ao estilo de Brooke Shields.

2. *A solução ranzinza*:

Cortar as cordas da raquete de Eric vira café pequeno. Eric não guarda mais os troféus no closet; os carrega para o apartamento dos pais, onde são exibidos com toda a pompa, já que na última vez em que chegou ao apartamento deles com o cristal de Roland Garros a esposa o esmigalhou com uma marreta. O "acidente" foi constrangedor, pois o troféu é apenas emprestado ao vencedor do ano, e Eric teve de pagar para que outro fosse especialmente lapidado. Ele também aprende que não deve levar a esposa aos torneios, pois ela bebe e faz cenas terríveis no saguão dos hotéis. Mais de uma vez foi expulsa pelos seguranças da quadra por vaiar e atirar garrafas no próprio marido no honroso All England Club.

Willy só chega perto de bater numa bola de tênis quando chuta aquele treco maldito que ficou em seu caminho entre o armário do bar e a tevê. Gorda, desleixada, desbocada e fofoqueira, ela se torna uma séria desvantagem para a candidatura de Eric ao Senado após a aposentadoria. O fato de não terem filhos também não causa boa impressão, embora fosse pouca a possibilidade de que os tivessem. Eric evita a cama da mulher desde que Willy foi detida por anunciar uma falsa ameaça de bomba durante sua primeira final no Aberto dos Estados Unidos.

3. *A tática da esposa ausente*:

Já que tem amor-próprio demais para fazer papel de coadjuvante e estômago fraco demais para bebidas pesadas, Willy recua. Dorme entre dez e 12 horas por dia; seus sonhos são estranhos. Passa a ler romances passados no Taiti ou de ficção científica; ela abandonou o planeta. Sua vida interior é rica e meditativa, mas por fora, parece catatônica. É agradável, mas mansa; Eric tem de se repetir várias vezes até que a mulher responda: "O quê?" A carreira de Eric parece estar indo muito bem, mas Willy não seria capaz de dizer exatamente o quanto. Os resultados dele não lhe causam nem alegria nem mágoa: não são mais *relevantes*. Ela exumou a Davis Imperial do sótão dos pais e passa horas batendo bolas contra uma tábua, assim como fazia quando criança. Desistiu de adversários de carne e osso. Se não pode competir, não competirá, e já faz muitos anos que Willy não pensa em si com relação a outras pessoas.

Se Eric de fato quebrar o recorde de Björn Borg em Wimbledon ou apoiar candidatos à presidência, pode ostentar os brilhos da celebridade com sua

bênção. Willy renunciou aos holofotes. Só o que pede em troca é que a deixem em paz.

Come pouco ou nada, e seu corpo se tornou tão etéreo que qualquer dia desses será capaz de voar acordada. Não é que não tenha sentimentos, mas suas emoções são em tons pastel: estupefação, extravagância. Não tem com as pessoas nenhuma espécie de relação que não possa ter com objetos. Na cama, Willy é complacente: ele pode pôr as mãos onde bem entender. Se Eric perde ou ganha, ela murmura "Que bom, querido" ou "Que pena, querido" e, de vez em quando, se confunde quanto à reação adequada. Ela funciona e não parece ser um risco para si ou para os outros, mas escutou Eric no escritório, perguntando a psiquiatras se a esposa tinha perdido a cabeça. Na verdade, Willy não tinha perdido a cabeça, e, sim, rastejado para dentro dela, e gostava de viver ali.

* * *

— VOCÊ DEIXOU UMA opção de fora da lista. Tente incluir *Willy toma jeito*.

Então Eric tinha vencido em Forest Hills… exibia no rosto aquela expressão contente, revigorada.

Willy arrancou o envelope das mãos dele. No verso, com uma letra esmerada, a lista — *1) Willy se torna uma boa esposa*; *2) Willy se torna uma péssima esposa*; *3) Willy se torna um dos desaparecidos* — estava emoldurada ostensivamente com rabiscos grossos e irregulares. Não havia necessidade de três alternativas, todas se resumiam na mesma resposta: suicídio.

— Isto não é do seu interesse.

— Somos casados. O que acontece a você é do meu interesse. *A* você — ele murmurou, largando a bolsa esportiva no chão. — Este é o seu problema, você deixa que as coisas aconteçam *a* você.

— Todos os dias tenho um problema diferente — Willy amassou o envelope e atirou-o de longe na lata de lixo. Errou.

— Você é uma grande tenista — ele pegou o papel embolado do chão e atirou no lixo, a bola sibilou ao traçar um arco no ar —, seu desempenho está incrivelmente baixo, e o problema está todo na sua cabeça.

— E essa não é a lesão terminal máxima? — ela perguntou com calma. — Na cabeça?

— Willy, você mesma disse que a diferença entre os jogadores bons e os excelentes é a personalidade.

— Então meus defeitos são essenciais para a minha natureza — ela elucidou, sem rodeios. — *Personalidade* é a definição daquilo que você não tem como mudar.

Ele ergueu os braços.

— Você não *quer* mais que exista uma solução? Juro que às vezes eu acho que você gosta de ficar chafurdando desse jeito! Feito um porco na merda!

Eric estava ofegante; raramente se permitia insultá-la. O raro lampejo de raiva do marido deixou Willy livre para continuar apática. A contenção tinha um gosto bom; ela entendia como ele adquirira tal predileção. E ficava mais que feliz por Eric experimentar as vinhas da ira.

— É isso mesmo — ela disse em voz baixa, cruzando os braços. — Eu gosto de ser chata e infame; eu perco por diversão. A disparidade dos nossos desempenhos está destruindo nosso casamento, e eu também gosto disso.

— Nada está "destruindo nosso casamento"! Nós juramos que seria "na alegria e na tristeza". *Eu* falei sério.

Ah, a expressão já havia ecoado antes. Mas muito tempo atrás. Max tinha razão: no começo, Willy imaginava que ela teria as alegrias e Eric as tristezas. Tinha dedicado o dia a futuros fantasiosos, portanto seria conveniente reconhecer o que previra durante a cerimônia de casamento: Willy seria alçada às alturas. *Ela* participaria do circuito internacional, *ela* apoiaria candidatos à presidência, *ela* iria almoçar com seu agente. *Eric* serviria o chá.

Talvez a imagem tivesse sido odiosa, refletiu Willy, um *sra. Eric Oberdorf* ao contrário: sr. Willy Novinsky. Mas uma aspiração não era terrível. Em sua quimera original, Willy o confortava — e como ansiava pela oportunidade de acariciar-lhe a cabeça abaixada e servir um uísque puro para o companheiro inconsolável. Claro que não era exatamente o abatimento dele que ela queria, e sim ao menos uma chance de bancar a amiga para as horas de sofrimento, a boa mulher em cuja devoção ele poderia confiar quando o mundo lhe virasse as costas. Ele era um vencedor. Adoravam-no. Ela não era seu Rochedo de Gibraltar, mas uma pedra que ele carregava pendurada no pescoço. Willy não conseguia se lembrar de quando fora a última vez que o incentivara, que

animara Eric dizendo *Você é um grande tenista*, e criara estratégias para que a sorte dele virasse. Poderia muito bem se tornar a clássica companheira se, ao menos de vez em quando, pudesse ser a voz da confiança quando a dele o abandonasse, o travesseiro que o envolvesse na cama, relembrando (e mentindo) que havia outras coisas na vida além do tênis.

Era desgastante, sempre pensar uma coisa e ter de dizer outra.

— Na alegria e na tristeza? — ela repetiu, afundando no sofá. — Acho que eu esperava ficar com a alegria.

— E eu ficaria com a tristeza? — Eric permaneceu de pé. Sentar era se resignar àquela conversa.

— Eu deveria dizer que não, que eu queria que nos saíssemos igualmente bem. Mas a paridade é apenas a desigualdade esperando a hora de acontecer. — Willy confessou: — Sinceramente, eu preferiria ter mantido a vantagem.

— Quando nos conhecemos, você falou que eu era bom. Você devia ter confiado no próprio parecer. Por que justo você se casaria com um jogador de segunda categoria? Para ser mais preciso, por que você iria querer uma coisa dessas?

— Há poucos anos, eu imaginava desejar uma competição de verdade — doeu-lhe admitir, apoiando os pés na mesa de acrílico. — Agora eu acho que não sou tão generosa assim. Talvez eu me desse melhor com um marido que não fosse capaz de rebater uma bola nem se a vida dele dependesse disso.

— Mas a minha vida *depende* disso — ele retrucou. — Portanto eu não posso acreditar que você deseje o meu fracasso. Não de coração.

Era exatamente essa ingenuidade de Eric que Willy explorava todos os dias. Se pudesse visitar sua cabeça por dez segundos, ele morreria.

— Willy, eu gosto desta situação tanto quanto você — Eric reuniu os jornais energicamente. — Eu faço *qualquer coisa* para te ajudar a mudar isso.

Willy olhou para a janela. A bondade constante dele era uma tortura.

— Você é sempre um doce, e eu só consigo ser brutal.

A sintaxe era peculiar, mas a forma como Willy vivenciava o próprio casamento ultimamente parecia com a sensação de ganhar o papel de meia-irmã feia na peça da escola. E a única alternativa a ser horrível era mentir. Podia no máximo disfarçar sua inveja, mas não era capaz de anulá-la. Quando Eric levava mais um troféu para casa, onde ela o aguardava de mãos abanando, ela podia gritar *Muito bem!* ou *Eu te odeio!*, mas a diferença estaria somente no

que dissesse. Consertar a indignação instintiva em si — sentir generosidade em vez de agir com generosidade — estava além de suas forças. Seria tão fácil quanto cair em um lago e se recusar a se molhar.

Pois Willy jamais entendeu como alguém podia ser responsabilizado pelas próprias emoções. Pelo que podia perceber, as circunstâncias lhes deram cardápios diferentes, assim como o garçom do Lutèce. Em vez de não ter os preços, o de Willy listava pratos diferentes: ressentimento rançoso, consternação cartilaginosa e despeito espinhoso, todos com um gosto residual de remorso — uma espécie de pombo coletivo. Após engolir o orgulho, a única sobremesa que caberia a Willy seria torta de humildade. Já o cardápio de Eric catalogava a *haute cuisine* emocional: solicitude tenra, preocupação doce e generosidade com creme. De fato, ela se perguntava se o próprio Eric não se cansava daquela dieta principesca, não ficava empanturrado com a própria decência e lhe cobiçava os berros. Era um homem agressivo, complicado. Nobreza e tolerância desde a manhã até a noite deviam oprimi-lo como o espartilho de uma mulher.

— Esta situação também não é fácil para mim — Eric contestou, as mãos na cintura. — Eu também tenho problemas.

— Ah é? — Willy indagou com malícia. — Me diga um.

— Quando eu ganho, você sofre. Então de que me vale uma vitória? Como você acha que me senti em Forest Hills hoje, com a namorada do meu adversário torcendo na primeira fila? Onde você estava? E eu chego em casa e você nem pergunta se eu ganhei!

— É óbvio que você ganhou, Eric. As ondas de orgulho exalam de você como se fossem um perfume.

— Está vendo? — ele abanou os braços; aumentou o tom de voz. — Eu dei duro hoje e você acha que tenho que me desculpar. Além do mais, como eu posso sentir prazer porque meu jogo vai bem se você vai para a cama chorando?

— Eu pagaria para ter os seus problemas.

— Eles custariam caro, porque tenho um monte. Quanto mais alto é o meu ranking, mais as outras pessoas contam comigo. A pressão é enorme. Tenho que reproduzir sucessos mês após mês…

Willy gargalhou.

— Você parece a Monica Seles reclamando com os repórteres sobre a tirania dos fãs subservientes em restaurantes. Me diga com sinceridade: você trocaria de lugar comigo?

— Você afirma que quer ser "doce", mas quando te dou a chance de se solidarizar comigo, para variar, você não aproveita.

— *Responda*. Você trocaria de lugar?

Ele suspirou e refestelou-se a seu lado no sofá.

— Não.

Willy acariciou os pelos escuros e compridos que brotavam da mão de Eric.

— Você já parou para pensar como seria se fosse o contrário? Se eu estivesse viajando pelo mundo e ganhando rios de dinheiro enquanto você ficaria aqui sem fazer nada depois de ter sido ensacado em um satélite desprezível?

— Eu entendo que talvez eu me sentisse… meio excluído.

Ela analisou o rosto de Eric, incrédula. *Meio excluído?* Aquela declaração atenuada era uma recusa a fazer o que ela pedia, um pequeno favor no quadro global: tentar realmente imaginar como se sentiria no lugar dela. Entretanto, qualquer esforço neste sentido sempre parecia mero fingimento. Vencedores, antes de mais nada, não gostavam de se imaginar como algo além de vencedores. A recusa era uma superstição: *não olhe para baixo*. Além do mais, já que o triunfo enchia até o imbecil mais grosseiro de boa vontade, o vitorioso, ao visualizar superficialmente seu fracasso fictício, sempre imaginava uma magnanimidade similar diante da derrota. Na verdade, uma das fontes de atrito entre Willy e o marido era a suposição tácita de Eric de que seria melhor do que ela até na derrota.

Mas ele estava com razão. Um holograma de Eric, o Fiasco, se materializou com perfeição diante dela, na mesa de centro, e pouca semelhança tinha com sua raiva de arrancar os cabelos. Se a carreira dele tivesse sido um desastre total e a dela um sucesso evidente, Eric seria um cavalheiro. Quando ela ganhasse, ele lhe daria flores. As sensíveis felicitações nunca dariam a impressão de que ele era frio ou insincero. Em público, suas reverências perante a glória da esposa pareceriam galantes aos olhos dos outros. A atuação de Eric como seu defensor incondicional seria tão bem interpretada que ele mesmo acreditaria no próprio teatro. Somente um vazio generalizado

incomodaria de vez em quando, como se as portas de sua mente estivessem todas fechadas e trancadas e ele se visse no corredor.

De repente, ele se apaixonaria por outra — uma mulher bonita, mais jovem, com um jeito hesitante que, olha que pena, nunca tivesse segurado uma raquete na vida. (Ele estava ensinando-a a jogar. Se divertiam muito, agiam como bobos, embora ela mostrasse, infelizmente, pouca aptidão.) Eric chegaria para a esposa com remorso, perplexo, declarando que foi pego tão despercebido quanto ela, mas a coisa estava feita: pelas próprias costas, seu amor por Willy havia morrido. Desnorteado e injuriado, ele insinuaria pelo tom de voz que ele, e não ela, tinha sofrido uma traição. Descreveria o casamento despedaçado dos dois como um vaso derrubado por acidente, cujos pedacinhos desafiavam a cola. Disso ela tinha certeza: ao confessar seu desamor trágico, em nenhum momento o aviso incluiria o fato de que ela estava em terceiro lugar no ranking mundial e que valia milhões de dólares enquanto ele, que insistia em participar das contas da casa, trabalhava em meio período numa loja de materiais esportivos. Já que Eric não compreenderia sua fantasia, Willy teve de se conter para não exclamar, *Ora, seu saco de merda mentiroso!*

— Você pode ao menos admitir que estar em 864 no ranking enquanto eu estava em 75 prejudicou a nossa relação? — ela perguntou secamente.

— Não faz muito tempo que eu *estava* entre os 800 e você estava em…

— Você estava subindo e sabia disso. Eu? Eu estava em decadência. Eu já estou acabada.

Eric suspirou e balançou a cabeça.

— Quando nos conhecemos, nunca me passou pela cabeça que você fosse de desistir fácil.

— Desistir fácil era a última coisa que eu esperava de mim mesma — Willy concordou. — Mas não existe um ponto em que tentar de novo é se iludir? Seguir em frente só por seguir, em vez de lutar por um objetivo que você tenha esperança de alcançar? Não tem um tipo de perseverança que parece patética? Pelo amor de Deus, já tenho 27 anos.

— Você tem 26.

— Vinte e sete — ela corrigiu. — A partir de hoje.

Eric cobriu os olhos.

— Ai, meu Deus, Willy. Me desculpe. — Mas, quando abaixou as mãos, ficou claro que ele estava aliviado. Esquecer o aniversário dela era uma catástrofe com a qual ele podia lidar.

— Não se preocupe. Não estou com disposição para bolo — ela se reclinou no lado oposto do sofá.

— Você tem 27, não 85. E você ainda está no ranking…

— Continuar no ranking bastaria para você?

Eric se levantou de novo, apertando as têmporas com a palma das mãos.

— O que *bastaria* para você, Willy? Em qual colocação nós não teríamos mais esta merda de conversa?

— O que você quer ouvir? Que eu só me contentaria com o primeiro lugar? — ela perguntou jocosamente. — Que vou fazer das tripas coração até ganhar os quatro Grand Slams? É assim que um *vencedor* de verdade pensa, e se eu ficar feliz com o segundo lugar você vai dizer que é este o meu "problema"?

— Cala a boca e me responde. O décimo lugar seria aceitável, você pararia de fungar quando a gente fosse dormir? Vinte e cinco? Cinquenta? Cento e dez? Qual é o número, Willy? Em qual posição no ranking este apartamento voltaria a ser habitável?

Num ato de tolerância, ela ponderou a questão. Mesmo tão distante da possibilidade, Willy percebia como ter seu nome em meio ao topo do ranking poderia se tornar enfadonho: os contratos de roupas se tornariam uma maldição, pois teria que usar aqueles vestidos asquerosos; os agentes pouco confiáveis se tornariam uma chateação; os persistentes convites para participações em torneios logo perderiam a aura de lisonja e ela suspiraria na véspera de mais um voo de 12 horas para a Austrália. Talvez até começasse a jogar os troféus no closet. Em suma, o objetivo era um lixo; depois de alcançá-lo ela o desprezaria. Mas essa, de certo modo, era a verdadeira meta; para desdenhar a fama, era preciso ser famoso.

— Claro que eu gostaria de ser uma estrela — reconheceu Willy. — Mas qualquer posição no top 200 seria confortável. Contanto que eu ganhasse meu sustento fazendo o que amo.

— Então você só vai ficar em paz quando chegar ao top 200?

— Duzentos e cinquenta, então! — Uma ânsia de vômito já familiar começou a surgir.

— E se for 251? Ataques de raiva, acessos de choro?

— Qual é *o seu ponto*? — A postura serena de Willy começava a falhar.

— Duzentos e setenta e cinco, 350, qual é a diferença? Ninguém vai conseguir fazer com que você pare de *amar* o jogo. Ninguém impede os amadores de Riverside de *amar* o jogo, nem de jogá-lo.

— Você está falando besteira! — berrou Willy. — Não é a mesma coisa quando você é rebaixado. É impossível que um violinista sinta ao tocar dentro do quarto a mesma emoção que sente tocando no Carnegie Hall. Principalmente depois de ser despedido por ter desafinado.

— Se ele realmente se importa com a música? É claro que sente. Mas, apesar de todo o seu papo sobre "amar" tênis, Willy, eu não vejo muita afeição hoje em dia. Já te vi arrumando a bolsa para uma partida. Parece que você está a caminho da câmara de gás.

— Então este é mais um dos meus *problemas*, não é? — Willy estava com o pé em cima da mesa de acrílico, e com o outro ela a chutou. O tampo caiu sobre o tapete e centenas de bolas mortas se espalharam pela sala. Eric pôs a mesa no lugar e, uma por uma, jogou as bolas de volta com frieza.

Dezenove

A BUSCA REDOBRADA DE ERIC POR SOLUÇÕES mostrava que ele entendia a urgência da situação deles melhor do que Willy imaginava. A única saída que ele não tentou foi diminuir a disparidade de seus rankings se degenerando. Em julho, Eric subiu para o 58º lugar.

Mas voltava para casa no instante em que os espectadores juntavam os restos do piquenique. Nos intervalos, ele a treinava. Embora se recusasse a jogar partidas formais, nas longas sessões de trocas de bolas no Riverside, Eric tentava todos os caminhos, desde bajulações, intimidações e ofensas até lisonjas e aplausos — todos métodos já testados por Max. Embora, ao relaxar, Willy conseguisse voltar à consistência sagaz e intensa das encarnações de outrora, a competência durante o treino não era garantia de que, sob as condições de uma competição, ela não se agarraria ao seu pior inimigo. E mesmo estas récitas tinham um defeito imperceptível: o que Willy poderia dizer, mas não diria.

Rebaixando-se, Eric entrou com Willy num satélite de duplas mistas. Raciocinou que seria benéfico jogarem como aliados. Mas assim que seus pés tocaram na linha de fundo, Eric, o Atencioso, virou Eric, o Babaca. Ou dominava a quadra inteira, roubando bolas que caíam a menos de um metro do território da esposa, ou cobria a rede com tamanha eficiência que a bola nunca chegava ao fundo da quadra. Não confiava nela e era um jogador individual por natureza. Qualquer bola que viesse era sua por direito. No segundo set, as discussões eram tantas que o casal reunia uma multidão de espectadores menos fascinados com a rivalidade estupenda entre as duplas do que com as ofensas que Eric e Willy disparavam um contra o outro. Com Eric a seu lado, é claro que venceram, mas, por ter tocado na bola pouquíssimas vezes, Willy não viu a vitória como sua. Fingindo uma lesão, Eric se retirou do "time".

O projeto de união seguinte era participarem do mesmo torneio, para reviverem e reescreverem de modo mais favorável o Chevrolet. Mais uma vez, isso ditava que Eric deveria jogar abaixo de suas possibilidades, mas contanto que o torneio misto de chave pequena não interferisse em sua agenda, ele estava disposto a fazê-lo.

As partidas masculinas e femininas da primeira rodada foram jogadas simultaneamente, em quadras adjacentes. No meio do segundo set de Willy, que estava indo bem, um de seus aces instigou comemorações. O fato de sua partida estar atraindo atenção incitou Willy a bater com força na bola. Porém, a façanha seguinte não inspirou reação da plateia. Na metade de um ponto trivial, os assobios se intensificaram de novo. A trilha sonora e a imagem não estavam em sincronia, como se o jogo tivesse sido pessimamente dublado.

Desconcertada, Willy ergueu o rosto e viu a plateia de sua arquibancada de pé, entortando o pescoço para ver além da cerca verde às suas costas. Na troca de quadras, Willy murmurou para uma espectadora da primeira fila:

— Por que toda essa comoção?

— Não sei o que ele está fazendo aqui, mas tem um tenista do top 100 atrás de você. O nome dele é Over-sei-lá-o-quê. Ele é incrível! — a mulher sussurrou: — Espero que ainda tenha lugar na arquibancada. Boa sorte! — Acenando, ela passou para o outro lado da cerca.

Instantes depois, todos os espectadores que estavam na quadra de Willy tinham ido embora ou subido até o topo da arquibancada para conseguir uma visão melhor da partida de Oberdorf. Diminuída, Willy desperdiçou a vantagem que tinha. Mesmo com a esposa eliminada, Eric teve de jogar pelo resto daquele torneio sórdido, e isso o deixou aborrecido. Sem saber mais o que fazer, como presente de aniversário atrasado Eric mandou a esposa para um psicólogo esportivo.

* * *

— POR QUE VOCÊ quer jogar tênis profissionalmente?

— É só o que eu quero desde os 5 anos.

— Isso não é resposta… E você não precisa se deitar, a não ser que esteja cansada.

O psicólogo era estrábico. Quando a pupila esquerda se voltava para a janela por iniciativa própria, parecia ansiar pelo dia de verão e pelos jogos de beisebol no Central Park. Porém, só aquele olho tinha um gosto evidente por esportes, e ela se perguntou o que o teria levado a se especializar naquela área. De cintura rotunda e braços finos, o dr. Milton Edsel não parecia se entregar a nenhuma atividade mais vigorosa que croqué. Ela não conseguia descobrir de onde era seu sotaque; na verdade, seu inglês bem articulado parecia estrangeiro exatamente pela falta de sotaque. Imigrantes instruídos eram cautelosos com a língua que pegavam emprestada, assim como um livro da biblioteca que relutariam em estragar.

— Talvez haja uma atividade na vida de todos que expressa quem eles são… que *define* quem eles são — especulou Willy. — Talvez para algumas pessoas seja a dança ou a pintura; talvez seja só a reflexão. No meu caso, é o tênis. Na primeira vez que entrei em contato com uma bola, me senti em casa.

— Mas nada no que você descreve explica por que você tem de se sustentar jogando tênis. — A abordagem terapêutica dele, ela deduziu, era ser completamente obtuso.

— É o que o Eric diz — resmungou Willy. — Mas me explica uma coisa: estou te pagando para me convencer a abandonar minha profissão?

— Me preocupa que você diga que "é" o tênis. Talvez neste caso o esporte tenha uma importância excessiva.

— É o que o Eric diz — Willy rosnou de novo. — Ele acha que levo meu ranking para o lado pessoal. Que o vejo como se fosse minha classificação como pessoa.

— E é verdade?

Confusa, Willy também olhou pela janela.

— É. E não é — ela levantou a mão. — Sem sermão. A WTA me classifica a respeito de tudo o que eu gosto em mim mesma.

— Você gosta de si mesma?

— Não quando jogo mal.

— Por que você acha que joga mal?

— Por que não gosto de mim mesma? — ela postulou com sarcasmo. — Belo círculo vicioso, mas não é só isso.

— Seu ranking já foi…?

— Duzentos e catorze. Meu treinador alega que eu devia ter continuado a subir; que eu tinha capacidade de ser bem lucrativa. Mas ultimamente o Max me descreve no passado.

— O que você acha que aconteceu?

— O Eric aconteceu.

— Você menciona seu marido com frequência.

— É o que o Max diz.

— Os outros estão sempre te dizendo alguma coisa. Eu quero saber o que você pensa. Por que você está aqui?

— Porque meu ranking é um escândalo. Eu treino, eu jogo muito bem; eu começo uma partida, e eu empesteio o ambiente. Há dois anos que meu jogo é um lixo.

— Você gosta de falar mal de si mesma. Sua voz… há nela certa alegria.

— Autodestruição é um dos únicos prazeres que me resta — resmungou Willy. — Sei que não faz sentido, mas entreguei a afeição que eu tinha por mim mesma a outra pessoa.

— Você quer dizer que se apaixonou?

— É a maneira mais convencional de descrever isso — ela grunhiu. — Sofri uma lesão terrível no joelho há dois anos. Tem gente que acha que foi aí que meu problema começou. *Eu* acho que começou no torneio anterior, o Chevrolet. Foi no dia em que meu marido me ultrapassou numericamente. Ambos fomos para a final. Ele ganhou. Depois disso, eu tive um bloqueio. Um bloqueio no qual você nem acreditaria.

Enfim, Edsel abriu um sorriso.

— Não se esqueça de qual é a minha área. Eu acreditaria, sim.

— Fiquei tão grata quando me casei. Eu praticamente nunca tive namorado, e estava me sentindo sozinha. Meu treinador… — ela decidiu pular esta parte. — Digamos que eu queria que meu treinador agisse como meu treinador. Que ele amasse o meu *jogo*.

— Você também queria que seu marido amasse o seu jogo? Já que, pelo que você diz, sra. Novinsky, você é seu jogo?

— Acho que sim. E agora eu o decepcionei.

— Ele te disse isso?

— Não, eu… tudo bem, eu decepcionei a mim mesma. Ele fala que não importa se eu ganho ou não, que ele *me ama por aquilo que sou*…

— Você fala num tom sarcástico.

— Estou sendo sarcástica. O que eu sou sem o que eu faço? Não sou quem eu era quando estava vencendo, dr. Edsel. Eu virei uma merda completa. E parece loucura, mas me sinto traída.

— Por você mesma?

— Pelo *Eric*. Ficava feliz de ter um homem que entendia meu tipo de vida, mas não esperava um companheiro que, quando comparado a mim, me faria parecer um cocô.

— Talvez eu não tenha compreendido. Você acredita que, se o seu marido perdesse as partidas dele, sua classificação melhoraria? Vocês dois estão em rankings diferentes — Edsel tornava a se utilizar da idiotice beligerante.

— Como evitar que eu me compare com o tenista com quem eu divido a cama? E olha, o Eric é incrível. Quando nos conhecemos as jogadas dele eram horríveis, ele mal conseguia manter a bola dentro da quadra. Mais ou menos um ano depois, eu estava morando com um McEnroe. Ou, se me dá licença, um Stefan Edberg — ela acrescentou secamente: — O Eric acha que o McEnroe era grosseiro.

— Você me disse que ele é o número 58. Não é nenhum McEnroe. Você exagera a habilidade de seu marido?

— Talvez. Um pouco.

— Deixando de lado o fato de que ele é homem e bate na bola com mais força, você acha que o talento dele é muito maior que o seu?

Willy se empertigou na cadeira e levantou a cabeça.

— Não. Não, não acho. Se eu conseguisse superar minha loucura, teria pelo menos tanto talento quanto ele.

— Você compreende que não importa. A capacidade dele não tem nada a ver com a sua.

— Sim, *racionalmente*, faz todo o sentido — Willy estava começando a se zangar.

— Mas o que há de errado em ser racional?

— Dr. Edsel, você não entende! Eu passei a desprezar meu marido! E não é justo! Ele faz tudo o que pode por mim! Ele é um homem íntegro!

— Entendo. Então não só ele é um John McEnroe, como também é um exemplo em outros aspectos. Talvez eu deva conhecer esse marido. Acho que nunca conheci alguém tão perfeito.

— Pare de me ridicularizar. Ele pode não ser perfeito, mas não merece a pessoa que eu me tornei. Odeio o Eric, odeio a mim mesma, eu odeio até…

— Prossiga.

— O tênis — Willy abaixou a cabeça. — Talvez seja por isso que eu esteja sendo castigada.

— Você usou a voz passiva.

— Parece algo que meu pai diria.

— Você gosta do seu pai?

— Ele é um homem frustrado. Quer que as filhas também sejam frustradas. Imagino que essa seja a versão doentia que ele tem de intimidade.

— Da mesma forma como você quer que seu marido fique frustrado contigo. Por que você não consegue imaginar uma relação em que os dois sejam bem-sucedidos?

— Bela fantasia, mas não serve de nada. Você tem alguma noção de como é ver a pessoa com quem você vive conseguir *tudo* o que você deseja? Dinheiro, troféus, aplausos, um futuro… enquanto eu me afundo em dívidas. Como você se sentiria se fosse exonerado, ou seja lá o que acontece a vocês, enquanto sua esposa vai para o consultório todos os dias e ganha algumas centenas de milhares por ano como terapeuta esportiva?

— Sortudo. Nosso financiamento da casa própria ficaria em dia.

— Mas você se sentiria homem?

— Você gostaria de se sentir homem?

— Claro que sim. Toda mulher que é boa no que faz gostaria.

— Eu acho — ele sorriu pela segunda vez — que você é uma ótima jogadora.

— É o que o Eric diz — ela resmungou. — Só que os elogios dele me soam condescendentes. Parecem ofensas.

— E as ofensas dele devem soar como ofensas. Portanto, tudo que sai da boca de seu marido te ofende.

— Nossa, não deve ser delicioso ser casado comigo?

— Seu pai te pressionou muito?

Willy bufou.

— Meu pai não me pressionou nem um pouco. Quando eu era nova, isso me deixava com raiva, e meu objetivo era provar que ele me subestimava. Agora me pergunto se ele não plantou uma semente de dúvida que virou uma árvore na minha cabeça. Hera venenosa.

— Hera venenosa é um arbusto.

— Agora você está falando que nem o Eric. Ele é tão pedante.

— É a primeira coisa negativa que você diz a respeito de seu marido. E se você o "odeia", deve pensar coisas horríveis sobre ele com certa frequência.

Willy esfregou a testa.

— Eric não tem culpa de ser um prodígio no tênis. Quando penso coisas cruéis a respeito dele, sinto vergonha. De qualquer forma, eu sou a culpada por minha derrocada no ranking. A única coisa que o Eric fez foi se casar comigo.

— Você fica assustada porque em algum momento não vai poder mais jogar tênis profissionalmente?

— Claro. Daqui a uns meses eu posso simplesmente sair do ranking, o que para mim significa desaparecer do mundo.

— Você disse que sofreu uma lesão grave há dois anos. E se o acidente tivesse sido pior? Já que você "é" o tênis? E se você nunca mais pudesse jogar? Como você teria lidado com isso?

— Mas não foi pior — ela declarou, exaltada. — Eu estou bem.

— Tenho certeza de que está — Edsel disse para tranquilizá-la. Embora olhasse para o próprio colo, mantendo o decoro, o olho esquerdo girou para encará-la, como se fosse capaz de enxergar coisas que o olho bom não veria. — Mas ainda que coloquemos sua carreira nos trilhos outra vez, você vai se deparar com essa muralha daqui a poucos anos.

— Tenho consciência de que a aposentadoria precoce no tênis é inevitável, e abandonar o circuito seria difícil para mim mesmo na melhor das circunstâncias. Eu só quero deixar essa parte da minha vida para trás *com* alguma coisa, entende? Tênis é a única coisa que me interessa. Se eu fizesse papel de boba nesse campo, eu preferiria… morrer — ela virou o rosto, constrangida.

O terapeuta manteve a serenidade.

— Literalmente?

— *Alguns* dias. Você me acha infantil — como Edsel não enfrentou a acusação, Willy fechou a cara. — Eu sou infantil. Saber disso não me torna nem dez minutos mais madura.

— Tênis é a "única" coisa que te interessa. Você não se interessa também por seu marido?

— Sim — ela respondeu com impaciência —, mas não vou me sujeitar ao casamento sob hipótese alguma, então talvez eu não me interesse o bastante por ele. Quando nos conhecemos, pensei que o Eric serviria de alívio para as pressões do circuito. Agora não é só a minha carreira que está em jogo quando entro em quadra, mas também o meu casamento. Ele não é um porto seguro; é uma pressão a mais para que eu prove minhas habilidades. Foi por isso que eu tive o bloqueio no Chevrolet. Pode parecer que não, já que hoje em dia eu sou uma desgraça, mas sou uma mulher orgulhosa, dr. Edsel. Não faço o gênero de dona de casa. Detesto cozinhar e fazer faxina, e a perspectiva de virar uma idiota servil enquanto meu marido fica famoso me deixa com ânsia de vômito.

O olho vesgo de Edsel vagou em sua direção e para variar as duas pupilas ficaram em sincronia. Naquele olhar coeso brilhou uma afeição embrionária.

— Deixa eu ver se entendi direito. Seu apreço por si mesma depende do tênis, já que você "é" o tênis…

— Gostaria que você parasse de repetir isso. Soa ridículo.

— É mesmo? — ele perguntou inocentemente e puxou o dedo seguinte. — Seu casamento está em jogo… está na linha de fundo. Sua relação com seu treinador depende, pressuponho, de seu desempenho?

Willy ergueu o queixo.

— É uma relação profissional.

O olho vesgo se voltou para ela de novo.

— E você não é próxima de sua família? Ou melhor, você só é capaz de suportar a expectativa deles por sua queda quando você já demonstrou que não é um fracasso?

Ela entrara ali jurando que manteria a dignidade por meio da discrição, mas Walnut Street vinha povoando seus pensamentos.

— Minha irmã, Gert, passou os últimos dois anos esfregando as mãos que nem uma criança gananciosa prestes a receber uma herança. Parece que o fato

de que a arrogante aqui caiu de bunda a redime de sua existência ajuizada. Minha mãe está esperando que eu rasteje de volta para o útero, que é o lugar que me cabe, ou melhor: que eu dê logo entrada no Golden Autumn e babe pelos corredores para que ela possa enxugar meu queixo e me dar ervilha amassada de colherzinha. Meu pai… me criou à própria imagem, e ficou horrorizado quando reconheceu a própria credulidade na minha. Desde então ele pisa nela em vez de pisar na dele mesmo. Como *você* se sentiria se tivesse de entrar neste ninho de ratos com um ranking de 902?

Edsel ainda estava com os dedos que usara para enumerar *você mesma*, *seu casamento*, *seu treinador* e *sua família* empurrados para trás com o indicador da mão oposta.

— Você tem poucos amigos?

— O tênis exige muito, eu…

— Sem amigos — Edsel avaliou os dedos com o olho bom. — O que mais te resta?

— Qual é o sentido disso?

— Tudo na sua vida, segundo você, depende do seu sucesso no tênis. Em suma, não só o seu bloqueio em um torneio específico não me surpreende como fico bobo de que você sequer consiga passar a bola por cima da rede.

Willy encarou o psicólogo; não sabia o que pensar dele.

— Você está zombando de mim?

— Você zomba tanto de si mesma que é só o que enxerga por todos os lados — Edsel enfiou o lápis na espiral de seu caderno. — Sua situação não é incomum. De um modo geral, as mulheres são mais emotivas que os homens no campo dos esportes. Isto é ao mesmo tempo uma força e uma fraqueza. Na verdade, forças muitas vezes se convertem em fraquezas, e precisamos ver se as suas podem ser revertidas ao que eram antes. A autocrítica te ajudou a estabelecer padrões elevados para si mesma, mas agora o chicote está fora de controle e te arrancando a pele. Comparar-se com os outros serviu de estímulo no passado, mas agora faz com que você se sinta imprestável. E talvez uma parte de você queira ver Eric como seu superior. Em todo caso, homens não gostam de ser ofuscados, nem nos anos 1990. Quando amamos alguém sentimos uma vontade torturante de fazer o que a pessoa deseja. Talvez você esteja perdendo de propósito, como um favor ao seu marido, você não acha?

— Não sou altruísta, dr. Edsel. Acho essa teoria completamente inacreditável.

— Foi uma ideia à toa. Ou talvez você esteja sofrendo um curto-circuito. Todos os tenistas são seus inimigos; seu marido é seu amigo; seu marido é tenista. Não encaixa. Entendo muito bem como sua mente poderia pegar fogo.

— Será que o Eric — Willy batucou os dedos no sofá — teve um papel nisso?

— Claro que teve, mas em que sentido você está falando?

— Eu me questiono se ele teria chegado tão longe se eu não tivesse aparecido. Se eu não o inspirei a me derrotar.

— Essa pessoa que você está descrevendo não é nenhum modelo de virtude, mas sim um homem sanguinário, competitivo e até mesmo destrutivo.

— Sim — ela disse alegremente. — Igual à esposa dele.

— Vou te passar uma tarefa — anunciou Edsel, deixando o caderno de lado. — Quero que você jogue por lazer. Você deve ter feito isso quando era criança. Foi uma época boa?

— A melhor.

— Tente se lembrar de como você se sentia naquela época. A vibração das cordas da raquete em suas mãos. Quando você jogar a bola para fora, curta tê-la jogado para fora. Pois você acha que se sente "em casa" dentro de quadra hoje em dia?

— Pelo contrário, me sinto banida.

— Vá para *casa* — ordenou dr. Edsel, e Willy se levantou para ir embora.

Ele tocou no braço de Willy quando ela se dirigia à porta.

— Acho que você tem que decidir por que está vindo aqui. Você quer salvar sua carreira ou seu casamento?

— A esta altura? Se eu salvo um, salvo o outro.

— Talvez você deva tentar *descasar* os dois.

— *Descasar* é uma palavra agourenta, dr. Edsel.

— E se eu lhe dissesse que você não vai conseguir salvar sua carreira no tênis sem desmanchar seu casamento?

Willy empalideceu.

— Talvez eu procure outro terapeuta.

— Não se assuste: foi uma pergunta hipotética. Por enquanto, vá jogar por diversão. Se você não estiver se divertindo, pare e tente outro dia.

Willy seguiu pelo corredor.

— Sra. Novinsky — ele disse baixinho, junto à porta. — Você está mancando.

* * *

— WILLY, O QUE houve? Meu bem, você está chorando!

Willy separou as mãos, que lhe cobriam a boca.

— Eu fiz… — ela parou para tomar fôlego; o ar chiou.

— Devagar — Eric pegou um Kleenex.

Willy permaneceu de olhos fechados, e como a cegueira não lhe garantiu privacidade suficiente, ela virou o rosto para a parede. Precisava se concentrar para conseguir falar, e sua pronúncia foi precisa, assim como a de Milton Edsel.

— Eu fiz minha "tarefa". Fui ao Riverside para *me divertir*.

— Você não parece ter feito seu dever de casa direito.

— Joguei contra o Randy, lembra dele?

— Aquele dos cordões dourados? Que não joga nada, e é só garganta.

Willy gemeu:

— Eu perdi.

— Você está brincando. — Eric marcou outra sessão.

* * *

— VIVEMOS NUMA CULTURA de celebridades. Mas poucos alcançam a fama. Como você acha que tantos anônimos conseguem administrar isso?

— Não tenho a mínima ideia — Willy já havia ponderado sobre a questão. — Toda essa *administração* me deixa desconcertada. Edsel, você está tentando me convencer a desistir de novo?

— Talvez você tenha que se permitir desistir para seguir em frente. Se você continuar equiparando fracasso à morte… a morte de tudo que importa para você, a morte de seu casamento… essa ideia vai apavorá-la e levá-la ao bloqueio. De alguma forma, um monte de outras tenistas se adapta a uma vida que ficou, muitas vezes, desesperadamente aquém de seus objetivos. Nem todas elas se tornam esposas robóticas ou suicidas, tampouco se divorciam.

— Você está falando igual a minha mãe: "Não tenha muitas esperanças."

— Tenha esperanças, mas não ponha tanto em risco.

— Arriscar tudo era o que caracterizava meu jogo. Sempre me entreguei de corpo e alma. Meus pais se protegem esperando o fracasso… eles, digamos, fracassam por antecipação, como se isso suavizasse o golpe. O que não é verdade. Já te contei sobre o jantar que eles fizeram para mim quando ainda estava no colégio? Quando entrei para as finais do New Jersey Classic e meus pais não puderam ir?

— Não puderam ou não quiseram?

— Eles sempre davam uma desculpa. Reuniões de departamento, alguém que teve uma parada cardíaca no asilo. Simplesmente nunca alteravam a rotina deles. Mas prometeram que a gente "comemoraria" naquela noite. Bom, eu venci. Entrei em casa cheia de gás, sabe? E minha mãe estava servindo o jantar. Um ensopado de atum insosso com um macarrão molenga e creme de espinafre. Banana e manjar de sobremesa. Fiquei *péssima*.

— O que você esperava?

— Filé! Champanhe! Bolo! Era um jantar de *vitória*!

— Como seus pais iriam saber que você tinha vencido?

— Esta é a questão, Edsel. Minha mãe preparou a mesma comida que ela serve no asilo: sem gosto, sem cor e reconfortante. Ela fez um jantar de *consolação*. Então tive um acesso de raiva e ela chorou. Independentemente de quantos troféus levasse para casa, eles sempre preparavam o lenço para quando eu chegasse em lágrimas… Por que você está sorrindo?

— Porque você consegue enxergar a derrota até num ensopado.

— Vá direto ao ponto e diga: eu sou doida.

O olho desgarrado apontou para o teto, mas o bom tentou consolá-la.

— Talvez sua mãe só conseguisse demonstrar quanto te amava através do conforto. É difícil se sentir próximo dos vitoriosos. Eles não parecem precisar

de simpatia.

— É solitário estar no topo? — Willy indagou com petulância. — Pergunte ao Eric.

— Vamos voltar à sua tarefa. Você achou que seria fácil, certo?

— Ah, eu simplesmente aproveitei mais uma oportunidade de fracassar em alguma coisa. Nem consigo me divertir.

— Eu falei para você parar se começasse a ficar chateada.

— Eu estava no meio da partida, Edsel. O que eu podia fazer? Falar para o Randy: "Me desculpe, mas estou começando a me odiar e meu psicólogo disse que eu tenho de parar?" Dá um tempo.

O olho vesgo afundou, apontando para a bochecha, entristecido.

— Você costuma se descrever usando termos que fazem sua situação parecer cômica. Mas não te vejo rir.

— É cômico! Edsel, eu leio o jornal. O primeiro caderno inteiro, genocídio no mundo muçulmano, africanos matando uns aos outros. Essas pessoas têm problemas *de verdade*. E enquanto isso eu me debulho em lágrimas porque não ganho um torneio de tênis. Minha carreira não é nada diante desse quadro global, não tem relevância nem para o jogo. Outras mulheres com bons slices de backhand vão tomar o meu lugar. Eu penduro as raquetes? Grandes coisas.

— Pôr sua situação em perspectiva não parece animá-la.

— Detesto autocomiseração — Willy resmungou. — O que só faz com que eu sinta ainda mais pena de mim mesma.

— Quando uma moça tenta com todas as forças obter o que mais deseja e suas aspirações são frustradas, você não acha que a história dela também é um pouco triste?

— Não sei — admitiu Willy, as mãos atrás da cabeça. — Em todos os romances que leio, o herói prevalece. Ele enfrenta obstáculos, é claro, senão não haveria livro. Mas no final é sempre *Rocky*. Ninguém escreve sobre as pessoas que ficam para trás. Então continuo esperando um dia virar a página da minha própria vida e ver que no último capítulo tudo acaba bem.

Edsel se levantou e revirou as prateleiras, voltando com um exemplar surrado de *Judas, o obscuro*.

— Leia uns livros antigos — ele recomendou. — A era atual não combina com seu estado de espírito.

— Thomas Hardy? Meu pai adora.

— É — Edsel sorriu. — Eu já imaginava.

* * *

AS SESSÕES COM EDSEL não remediaram a ansiedade de Willy, e sim levaram-na ao ápice. Em meados de julho ela participava do New Jersey Classic, sediado no velho terreno de Newark onde competira quando era júnior. Talvez isso a tenha irritado tanto. Afinal, era humilhante passar pelo qualifying se já tinha vencido o torneio seis anos antes.

Ninguém dava atenção às partidas de qualificação, mais um motivo para a dificuldade de se concentrar sem interrupção. Enquanto tenistas tagarelas passeavam pelas arquibancadas, Willy perdeu no tiebreak do terceiro set, por 15-13. Ela arremessou a raquete no microfone, quase acertou o juiz, e o som do aro batendo contra a rede foi amplificado pelos alto-falantes e pareceu uma pequena explosão nuclear. Advertida por "conduta grosseira", Willy teria ganhado uma falta se já não tivesse perdido. Eric estava presente para dar apoio moral, o que foi uma lástima. Ele ficou branco como giz e não lhe dirigiu a palavra durante a viagem de trem de volta para casa.

Tudo bem. Sim, ela tinha perdido a cabeça. Sim, ou até certo ponto, ela se arrependia. Sim, foi feio atirar a raquete no juiz, gritar palavrões em público, e sim, ela sabia que Eric ligava para as aparências.

Mas não estava simplesmente *arrependida*. Antes daquela época difícil, Willy pensava pouco na gestalt brutalmente desagradável do *bom perdedor*. Os vencedores, claro, deviam ser gentis, mas a cortesia caía no círculo do campeão assim como o maná do céu. A gentileza da própria Willy após o triunfo — enaltecendo a luta justa, a maestria da adversária — só contribuíra para a sua glória; quanto maior o adversário, mais nobre o campeão. E veja: depois de provar sua superioridade como atleta, provava também ser generosa! A cortesia era sempre sincera; Willy só poderia ser grata a uma antagonista que cooperara tanto entregando o último ponto. Era tão fácil amar o inimigo quando ele fora derrotado que *bom vencedor* nem é uma expressão oportuna.

Mas o que era arrancado do vencido? Ele não poderia chorar, xingar ou fugir. Enquanto campeões poderiam se entregar ao instinto — à generosidade

irrestrita e ao entusiasmo —, o derrotado era obrigado a conter todos os seus impulsos. Perder, afundar em uma onda de desalento e ódio de si próprio, já não era (era) ruim o suficiente? Não, uma segunda submissão aguardava após o jogo. Willy fora compelida a fazê-lo no Chevrolet: comentar a genialidade daquela vaca gorda enquanto elucidava as próprias deficiências, prestando homenagem à última pessoa na face da terra a quem tinha vontade de elogiar. Forçar os derrotados a demonstrar uma generosidade genuína — isto é, generosidade a certo custo — era como pedir aos necessitados uma boa doação para a caridade. O *bom perdedor* é um mentiroso que mostra consideração, que disfarça bem suas verdadeiras emoções e, portanto, poupa a todos do dissabor físico de suas cólicas intestinais, das obscenidades que lhe passam pela cabeça, dos espasmos em seu coração. Que custo teria para Eric e para aquele punhado de espectadores perdoar uma breve demonstração de ressentimento e umas poucas e merecidas imprecações?

A cortesia exigida do derrotado era uma paródia para os derrotados que existiam por todos os cantos, que mereciam tanto a emancipação quanto os que viviam confinados à cadeira de rodas ou os obesos. Como Edsel frisara, o mundo estava cheio de perdedores. Quantos indivíduos promissores galgavam o ápice de suas profissões? A grande maioria afundava, então, por que não havia um porta-voz para os profissionais de segunda categoria, os segundos colocados, os penúltimos, a horda abatida? Ninguém defenderia seu direito de arremessar a raquete? Ao longo da viagem de volta, Willy sabia que devia se desculpar. Sua recusa era um manifesto político.

* * *

— VOCÊ SÓ SE interessa pela maneira como me comporto — disse Willy, jogando blusas dentro da mala. — Não importa como me sinto, contanto que eu não te envergonhe. Eu não consegui ganhar *cinco match points*, dois dos quais eu desperdicei com dupla falta. Que ser humano normal não *gritaria*?

— Qualquer adulto maduro com um pouquinho de autocontrole. — Era uma diferença antiga, insolúvel: Willy dava valor à sinceridade, Eric ao decoro. — Você me preocupa, Willy. Vivendo com a cabeça fora de órbita desse jeito. Você nunca tinha ataques em público.

— O que você sabe sobre a derrota? Você não tem noção de como me sinto! — ela declarou em meio a uma avalanche de meias. O número de vezes por ano que Willy e Eric se viam arrumando malas dava à relação uma textura tumultuosa, como se estivessem sempre fugindo, às pressas, para a "casa da mamãe".

— Parece que o Edsel não está te fazendo muito bem. Quem sabe não é melhor a gente procurar outra pessoa.

— Típica solução americana. Buscar *ajuda*. E se o analgésico não estiver fazendo efeito, muda de marca. Bom, se isso te interessa, o Edsel é *racional* demais. "Então seu marido está prestes a participar do Aberto dos Estados Unidos e você não consegue passar do qualifying de um satélite; *por que* isso deveria ter relevância? Por que não ficar *feliz* por ele? E um montão de gente é um fiasco no que faz, o que te torna tão especial assim? Bem-vinda ao clube!"

— Certo. E o que o Upchuck fala, então? Pois *imagino* que é para lá que você está indo.

— Ao menos ele entende…

— Aquele sujeitinho asqueroso não está dividindo sua agonia. Ele vê que a gente está com problemas e está dando pulos de alegria. Já que obviamente você vai para o Wetspot e abre o seu coração. Mas ele não dá a mínima para a sua carreira!

— Então quem dá?

— *Eu* dou!

— Quem foi que investiu nela, literalmente? O Max!

— Mas *o que* ele está comprando? — Eric esbravejou. — Ele está pagando pelo seu corpo, Willy. Pronto para dar o bote…

— Você não consegue acreditar que alguém ficaria do meu lado por me achar talentosa?

— Willy, você está em 924 no ranking, ele investiu milhares de dólares em você nos últimos dois anos e ainda paga seu plano de saúde, financia as passagens de avião e sua hospedagem nos hotéis, isso sem falar que ele te deixa usar a academia dele…

— Escola.

— *Escola*, com acesso permanente a um quarto no alojamento que ele poderia dar a algum cliente mais jovem e mais lucrativo.

— Por que você está fazendo isso? Não sou um desastre grande o suficiente? Você ainda tem que me destruir um pouco mais com suas próprias mãos?

— Porque estou cansado de ser conivente com uma piada feita totalmente às *minhas* custas. Ele está me fazendo de bobo, Willy. Não tenho de ficar quieto, aguentando essa humilhação, só porque você está enfrentando dificuldades. *Por que* ele gastaria toda essa grana com você? Quando ele é o treinador mais famoso na Costa Leste e pode escolher um dos jogadores do top 200, que recompensaria a atenção dele com dinheiro? A esta altura, *como* você planeja ressarcir o cara?

— Obrigada — disse Willy, fechando a mala. — Não só sou um zero à esquerda, um buraco negro que engole dinheiro, como também sou uma piranha.

— Você está é *vulnerável*. Ele vê que você está fraca, que você e eu brigamos muito e que se outro homem enfiar a mão debaixo da sua blusa você vai se sentir desejada. Mas *eu* desejo você. Isso tem de bastar. Estou avisando: não dou a mínima se você está em 5.007 no ranking. Mas pode me chamar de antiquado, não vou ser feito de corno. Tive um monte de oportunidades na estrada e te poupei dos detalhes porque eu nunca, jamais considerei a hipótese de pular a cerca. Então eu volto para cá e você nem é capaz de enxergar quais são as verdadeiras intenções daquele velho nojento de Connecticut. É impossível não me perguntar em quais cantadas mentirosas você não cairia.

— Você está enganado, totalmente enganado… O que você está fazendo?

— Só checando uma coisa — ele estava revirando o armário debaixo da pia, onde Willy guardava o diafragma.

* * *

QUANDO WILLY ENTROU na biblioteca, estava tarde, as luzes estavam apagadas. Pressupôs que Max já tivesse encerrado o dia, mas viu a luz fraca da salinha de vídeo refletida nas prateleiras da parede oposta. Willy caminhou devagar, tomando o cuidado de não esbarrar nas mesas de leitura, e encontrou Max sentado diante da tela, o uísque na mesa ao lado e o controle remoto na mão. Parou atrás dele para assistir ao vídeo: tênis.

— Ela é fantástica — comentou Willy. Ele não tinha se mexido desde que ela entrara ali, mas não tomou um susto quando ela falou.

— Não é? — concordou Max, ainda concentrado na fita. — Graciosa, ágil, inventiva. E linda. Pequena mas totalmente proporcional. Que fogo essa mulher tem.

— Nova aquisição?

— Antiga. Mas uma de minhas melhores — Max se virou e ergueu a sobrancelha ao ver que o brilho do aparelho distorcia as feições dela. Abriu a boca, admirado. — Você realmente não está se reconhecendo, não é?

— Essa sou *eu*?

Max riu.

— Você está mal. Está com ciúme de si mesma — ele apertou o botão de pausa; o rosto de Willy congelou numa careta. Max rebobinou e reprisou o ponto. — New Freedom; levei a câmera. Você estava quilômetros à frente das adversárias. Elas não chegavam nem a seus pés.

— Eu também não chego mais aos meus pés, não consigo nem amarrar meu tênis.

— Ainda bem que existe o velcro. Aceita uma bebida?

— Claro.

— O que a traz aqui a esta hora? — Max acendeu o abajur do canto habitual e destrancou o armário de bebidas.

— Está tudo bem? Está feliz em me ver?

— Estou — ele aproveitou a oportunidade para tocar de leve em seu pescoço. A mão dele estava quente.

— Me saí mal.

— Qualifying do New Jersey? — ele lhe entregou uma dose de uísque do tamanho de um suco de maçã.

— Tiebreak longo; uma devolução sem peso que eu devia ter batido com força — ela deu de ombros, acostumada a abreviar desastres demorados. — Eu quis dizer que me *comportei* mal. Tentei decapitar o juiz com a raquete. Meu linguajar foi pouco educado. Eric ficou furioso. Faz diferença?

— Sempre achei seu temperamento magnífico. Pena que perdi essa — ele bateu seu copo contra o dela num brinde, e ambos se estatelaram nas poltronas perpendiculares.

— Max… — Willy umedeceu a borda do copo e passou o dedo pela circunferência. — Por que não sinto que estou competindo contigo?

— Minha época já passou.

— Você ainda consegue me fazer correr de um lado para o outro da quadra mesmo ficando parado. Por que você não me deixa com raiva?

— Resposta simples? Você não é apaixonada por mim — ele declarou com frieza. — Resposta complexa? — Max prosseguiu, já que ela não se apressou em corrigi-lo. — Temos uma hierarquia. Sou seu professor. Hierarquias mantêm a paz. Por que você acha que o índice de divórcios cresceu? O sistema antigo funcionava. Casamentos não eram relações de igual para igual porque a batalha estava ganha antes de sequer começar. Se você fosse uma esposa como a sua mãe, que diz "sim" para tudo, o Oberachiever jamais te irritaria. Você simplesmente ficaria grata pelos palpites bondosos dele. — Antes que Willy pudesse protestar, Max levantou a mão. — Pena que você não pode agir assim.

— Não entendo. Segundo você, se o Eric não me derrotasse, eu não o respeitaria. Ele me derrotando, eu não respeito a mim mesma. Como é que duas pessoas podem…?

— Em geral, elas não podem — Max declarou alegremente. — Só existem duas opções, Will: lutar ou se submeter. Você não se rende e ele ainda te derrota? — Max sorriu. — Talvez você acabe matando-o.

Willy se contorceu.

— Algum tempo atrás eu li uma matéria sobre o casamento de dois engenheiros. O marido foi demitido e não conseguia achar emprego. A mulher atuava numa área menos especializada e ganhava muito dinheiro. Foi o que ele fez, ele a matou. Contei essa história para a Marcella e para aquela turma, no vestiário. Todas mulheres. Elas simpatizaram com o cara. Mas na mesma conversa elas esperavam que eu estivesse morrendo de alegria pela carreira meteórica do Eric, e não com desejos homicidas. Como é que pode?

— Nada mudou — afirmou Max, enchendo o copo dela. — A subserviência da esposa ao marido ainda é considerada a regra. O contrário é *anormal*.

— Como foi que você conseguiu ficar dez anos casado? Você era famoso.

— O truque das laranjas e das maçãs. Fingir que é impossível comparar a profissão dos dois. O que é mentira, claro; outras pessoas o classificam, quer você queira ou não. No entanto, a Angela lidava com os meus torneios com

uma complacência enorme. Ela tinha um negócio próprio de design… Eu nunca soube muito a respeito. E a Angela infernizava a minha vida quando a plateia ia para casa, o que nivelava bastante o nosso placar.

— Já tentei essa saída. Ela aumenta a diferença no placar. A vítima ganha pontos extras pela resignação.

— Você acha que o Oberjock iria aguentar suas entrevistas para a ESPN enquanto ele garantiria que no apartamento onde você nunca aparece sempre houvesse papel higiênico no banheiro?

— Em uma palavra? Não.

— Se você pudesse fazer um acordo com o diabo, trocaria de lugar com ele?

— Engraçado, eu fiz essa mesma pergunta a ele. Claro, eu trocaria 924 por 58 em um milésimo de segundo.

— Às custas de transformar seu marido em abóbora?

A hesitação de Willy foi insignificante.

— Sim.

— Que amor, hein?

— Sou jovem e egoísta.

— Eu não.

Ela o olhou de forma mais intensa e parou de brincar com o copo.

— Observar você nesses últimos dois anos tem sido tão… — Max ergueu a mão desocupada no ar, num gesto indefeso, depois recolheu-a. — Se Lúcifer me oferecesse o contrato, eu assinaria agora mesmo. Se eu pudesse, te daria meu álbum de recortes de presente.

— E você ficaria com o meu? De jeito nenhum.

Max pôs o drinque em cima da mesa e se ajoelhou aos pés de Willy.

— Você poderia ficar com o meu top 10. Eu gravaria seu nome na minha taça do All England. Não ligo.

— Você não vai conseguir me convencer de que não liga para o tênis.

Ele segurou sua mão.

— Não ligo para o *meu* tênis. Sou superior à ambição, menina. O que eu quero a ATP não pode me oferecer.

— A gente só quer aquilo que não tem — Willy lutou contra uma agitação crescente. — A grama é mais verde.

— Sua grama é muito verde, realmente.

Ele passou a mão em torno do pescoço de Willy e lhe deu um beijo. Ele já tinha feito isso antes, mas sempre recuara, fingindo que nada tinha acontecido. Dessa vez, não recuou. Aconteceu.

— Eu disse que a gente tem uma hierarquia, Will — Max sussurrou em tom rouco, a poucos centímetros de seu rosto. — Você acha que eu quis dizer que eu estou no topo. Não é o caso. Você está no banco do motorista desde os 17 anos. Então vá em frente. Me domine.

Ele puxou-a para si e beijou-a de forma mais intensa. Ao arrastá-la para o chão e imprensá-la contra o tapete, não pareceu a Willy que ele estivesse sendo dominado.

Vinte

WILLY QUASE PULOU O CAFÉ DA MANHÃ, mas evitá-lo era um adiamento. O que impunha que ela se sentasse à mesma mesa que Max; escolher outro lugar teria sido ainda mais esquisito. Geralmente com bom apetite, Max estava debruçado diante de somente uma xícara, o rosto exaurido e inexpressivo. A temporada de verão estava no auge; os gritos desordenados e as brigas das crianças mexiam com os nervos de Willy. Boa parte dos admitidos naquele ano estava acima do peso. Os pais não poderiam esperar que aqueles balofos jogassem em Wimbledon tanto quanto simplesmente ficassem mais magros antes de voltarem para casa. O fato de que o Sweetspot tinha se transformado em clínica de emagrecimento sem dúvida deprimia o dono, ou o teria deprimido nas manhãs em que tinha consciência de que tinha alunos.

Willy o cumprimentou inclinando a cabeça e sentou-se diante dele, mexendo o café e soprando dentro da xícara. Max permaneceu imóvel. Parecia relaxado. Se na noite anterior era "superior à ambição", naquela manhã parecia superior a alguma outra coisa.

— Você imagina — ele iniciou num tom monocórdio e áspero — que vai correr um pouco, puxar peso, e depois, é claro, que eu vou passar algumas horas na quadra contigo.

— A não ser que você tenha…

— Mas é isso o que você imagina.

O café estava horrível.

— É que nós geralmente…

Willy não conseguia encará-lo por muito tempo, mas Max a fitava sem desviar o olhar.

— Depois de tamanho deslize, seu atrevimento continua intacto. Talvez esse seu vazio não seja tão cavernoso assim. Seu ego é de uma fibra notável. Queria poder dizer isso do meu.

Willy abaixou a cabeça, sentindo uma azia. A borra escura em sua xícara parecia medo líquido.

— Já que temos uma *relação comercial* — ele continuou —, você poderia dar uma passada em meu escritório? Antes de usar minhas instalações? Considere que você tem uma hora marcada comigo.

No escritório, Max se entrincheirou atrás da escrivaninha, cercado de cópias de cartas de cobradores cheias de números de cinco dígitos. Este era o Max Upchurch implacável que recebia os pais das crianças gordas, pais que dariam os olhos da cara por cada grama que ele arrancasse de seus filhos. Este era o Max Upchurch que não tinha intenção alguma de gravar em seu troféu do All England nenhum outro nome que não Maximilian E. Upchurch.

— Nosso contrato — ele começou, juntando as mãos — me obriga a cobrir suas despesas em troca de uma parte de seus *lucros* durante os primeiros cinco anos de sua carreira profissional. Você se tornou profissional aos 21 anos. Está com 27. Nosso contrato — ele fez uma pausa — expirou.

— O que você quer fazer a respeito? — ela não se sentou.

— No começo eu tinha em mente um arranjo um pouco diferente, mas na noite passada você me informou que a proposta alternativa não era adequada — pronunciou a última palavra com sotaque britânico.

— Eu te falei anos atrás que não era adequado — ela enunciou no mesmo sotaque.

— Eu demoro muito a captar a mensagem.

— Mas agora você captou.

— Perfeitamente — ele afirmou, passando o dedo por um arranhão avermelhado no braço esquerdo. — Então talvez a gente deva prosseguir usando uma base mais à la carte. Você pode alugar um quarto no alojamento das nossas dependências por 700 dólares por mês, ou 1.000 dólares com refeições incluídas. A quadra, 15 dólares por hora…

— Me poupe…

— *Meu tempo* — ele falou por cima dela — é 100 dólares por hora, e isso com desconto.

— Não acredito no que estou ouvindo — um suor frio, leve, começava a brotar da testa de Willy.

— Uma notinha de cem não chegaria nem perto de me recompensar, te garanto.

— Tudo isso é porque me recusei a trepar contigo ontem à noite? É vingança?

— Eu chamaria de justiça — declarou Max, dissimulando ressentimento. — Seu ranking não é digno da renovação do nosso acordo. Meus investidores ficariam irados, e com razão. Não posso nem argumentar que você é um caso de má sorte; seu marido ganha muito bem. Este ano, posso dar baixa em você como se fosse uma dedução no imposto de renda… Você está sorrindo?

— Por *levar baixa*. Literalmente.

— Meu negócio envolve calcular riscos.

— E você está fazendo as contas.

— E você não.

— Então eu devia ter continuado a tirar a roupa? Para que o nosso contrato continuasse valendo.

— Talvez funcionasse por um tempo — admitiu Max. — Mas integridade custa caro. Por isso que a maioria decide deixá-la para lá.

— E quanto à sua?

— Que motivo eu tenho para me envergonhar? Carreguei você por mais de um ano sem precisar. E tem uma cláusula referente a lesões no seu contrato. Depois que você rompeu os ligamentos, eu podia ter evitado os prejuízos. Na verdade, se eu tivesse documentado que você estava acabada, seu seguro teria me pagado o montante de 50 mil.

— E por que não fez isso?

— Porque sou um cara legal? — supôs Max.

— Não parece que você acredita nisso.

— Já me senti melhor. Pergunte à Angela: no que diz respeito a dividir os bens, sou impiedoso.

— É isso que estamos fazendo?

— Você é o bem. E, numa atitude atípica, estou renunciando a todos os meus direitos. Por favor, não ache que estou te expulsando. Estou te tratando como trataria qualquer outro tenista com seu ranking, sua idade e suas perspectivas. Não era o que você queria? E o Eric pode bancar umas horas de

treinamento para você, alugar o seu quarto. Maridos vêm financiando os hobbies excêntricos e dispendiosos das esposas há séculos.

Por um instante, cega pela mesma fúria chamejante que o marido era capaz de provocar, Willy foi obrigada a ponderar se não amava Max, um pouquinho, afinal de contas.

— Trabalhamos juntos por uma década — disse Willy, a *boa perdedora*. — Você está retirando tudo?

— Você está com uma das minhas raquetes.

Willy assentiu, olhando para as pastas sobre a mesa dele.

— Você pode ficar com a sua raquete. E todos aqueles *Boa jogada*, os *Muito bem, Will* e os *Você tem tudo para conseguir, Will*. Na verdade você estava querendo dizer *Belos peitos*?

Max estremeceu como se tivessem chegado ao ponto essencial da questão.

— Quando te encontrei em Nevada, você tinha mais talento bruto do que qualquer atleta que eu tinha assumido nos cinco anos anteriores. — O elogio parecia exigir demais dele; ele encostou no espaldar da cadeira.

— Então o que deu errado?

— Talento é só a metade do que conta, Will. Você sabe disso.

— Você dizia que eu tinha a outra metade.

— Sua cabeça já esteve no lugar — ele apertou os olhos. — Não está mais.

— Minha derrocada é culpa do Eric?

— Talvez a culpa seja em parte minha — concedeu Max, e admitir certa responsabilidade pela queda de Willy pareceu animá-lo. — Talvez eu tenha te corroído…

— É. Você corroeu.

— Irônico, não é? Meninas bonitas se jogam em cima de mim o dia inteiro. Você poderia ter se sentido lisonjeada.

— Se eu fosse a Marcella. Mas eu nunca fui uma *menina* muito boa.

— E é claro que tem mais uma coisa. Que pode reduzir psicologia à conversa fiada — o olhar dele era acusador. — O Tanqueray.

— Mas já sarou — ela interrompeu.

— Não totalmente, Will. Você pode enganar o Eric. Mas como é que você conseguiria me enganar? Olha só como você está, de pé.

Willy olhou para o joelho direito, dobrado. Grande parte de seu peso recaía no pé esquerdo.

— Você favorece a esquerda o tempo inteiro — observou Max. — E tem a hesitação… Você não confia mais nela, e talvez nem deva. Porque dói, não dói? Às vezes o dia todo, ou quando chove. Durante o treino, você faz umas vinte caretas por hora. Seu estoicismo admirável não serve de muita coisa.

— Eu fiz meus exercícios — insistiu Willy. Em pé, numa postura simétrica, ela piscava com força.

— E como. Você poderia ter se recuperado completamente se não fosse por aquela ideia estúpida de pular corda — ele acrescentou amargamente: — A série *do Eric*.

— Então vou ficar avariada para sempre?

— Tenistas têm uma curva de utilidade. Até os bons existem às dúzias. Não basta conseguir andar ligeiro sem cair — Max abriu os braços. — É preciso ser perfeito.

— Este é meu presente de despedida? Uma desculpa?

— Você precisa de uma.

Foi só quando estava esvaziando o quarto no alojamento que Willy se deu conta de que pela primeira vez em anos Max usara o nome verdadeiro de seu marido.

* * *

QUANDO ELA ABRIU A porta, Eric deu um pulo, num gesto culpado, como se ela o tivesse flagrado de calça arriada diante de uma revista feminina, embora estivesse apenas enrolando a proteção no cabo da raquete nova.

— Você voltou mais cedo — ele comentou, ruborizado.

— Como nós dois sabemos que só vou a Westbrook para foder com meu treinador, achei mais fácil pular a parte em que finjo que treino minhas jogadas.

— Não tem graça — Eric respondeu baixinho. Ele correu para ajudá-la com as bagagens, mas não comentou o fato de que ela havia voltado com o dobro do que levara, boa parte em sacolas de plástico. Os movimentos dele

eram erráticos e ele não a olhava nos olhos. — Está com fome? Eu comprei um pouco…

— Não. — Havia naquele dia uma aridez que desejava preservar. Não queria escoras.

— Escuta — Eric exclamou, esfregando as mãos no short como se algo não desgrudasse —, tenho boas notícias.

— Que raridade — retrucou Willy.

— Para nós dois. Recebi uma oferta que não poderia recusar.

— Você não tem o hábito de recusar ofertas.

— Eu, hum, agora tenho treinador.

Willy continuou parada no meio da sala, como uma visita que ninguém convida a se sentar. O apartamento estava desarrumado. Ela não ligava; com o amontoado de roupas de patrocinadores e a conspiração de raquetes estranhas, a casa não parecia mais sua. Era angustiante ter ânsia de voltar para casa quando já se estava lá.

— Ah?

Eric recolheu o couro enrugado do cabo original da raquete. Ao rodear a mulher para ir até a lixeira, ele lhe deu bastante espaço, feito um jogador de squash no meio de um ponto, evitando a área do adversário.

— Só faltam seis semanas para o Aberto. Tenho um torneio preparatório, o Pilot Pen, em agosto. O Gary está me pressionando há meses, e talvez esteja na hora de parar de ser tão teimoso, tipo, dessa vez é importante, é um Slam… Talvez eu não saiba tudo, e se é para ter alguma, hum, ajuda, agora é a hora.

— Não consigo entender por que essa mudança de planos é uma boa notícia para mim.

— Bem — Eric ruborizou. Suas roupas tinham voltado úmidas da lavanderia; começou a dobrar as camisetas esportivas berrantes que estavam secando nas cadeiras. — É, bem… o Max.

Willy permaneceu parada no mesmo lugar. Estava exercitando a distribuição igual do peso sobre as duas pernas. Esticado, aguentando o total de 23,5 quilos, o joelho começou a doer. Um ligamento do qual se tornara íntima se contraía, devagar, feito uma corda de violino que ia aos poucos do ré ao mi.

— Assim — Eric continuou, às pressas —, você e eu podemos ir juntos para Connecticut. Passar mais tempo…

— Você não conseguiu achar — ela disse sem elevar a voz — nenhum outro treinador?

— Willy, você mesma disse que Max Upchurch é o melhor que existe nesta região do país. Por que optar por menos? E tem melhor recomendação que a sua? — Embora não fosse possível que Eric tivesse adquirido seu novo aliado muito tempo antes, o discurso parecia ensaiado. — Max falou que eu posso ir para o Sweetspot, e aí ele deixa as crianças que vão para lá no verão para os profissionais e me acompanha até o Pilot Pen. Imaginei que, se você não tivesse nada agendado, poderia ir junto.

— *Nada agendado*. Você quer dizer: ser dispensada no qualifying de outro satélite.

— Você poderia me dar sugestões, não é? Dizer o que estou fazendo de errado?

— Acho que você sabe o que está fazendo de errado — seu tom foi sacerdotal.

Eric evitou olhar para a esposa.

— Max quer fazer um trabalho intenso em cima das minhas jogadas, pôr a mão na massa de verdade.

— Em vez de "pôr as mãos" em mim. E você vai me acompanhar até o Sweetspot. Como um guardião.

Geralmente, Eric dobrava as roupas com precisão, mas a gola da primeira camiseta da pilha estava descentrada.

— Willy, esta decisão é totalmente impessoal.

— Segundo você, tudo é impessoal. Sua subida no ranking, minha derrocada. Você não tem opção além de sucumbir ao seu talento monstruoso; eu sou destruída por um azar abstrato. Estou começando a me questionar se a gente de fato tem uma relação.

— Olha, eu preciso de um treinador e o Max é a escolha mais óbvia. O nome dele sempre surgia quando eu pedia sugestões a outros tenistas. E foi *ele* quem *me* procurou.

— Então ele te ligou hoje de manhã. E nada do que ele falou sugeriu que talvez eu levasse para o lado *pessoal*?

Eric se concentrou em agrupar as meias.

— Por que a gente não pode dividir um treinador? A gente divide tudo.

— A gente não divide nada, Eric. Nos últimos dois anos, duvido que tenha existido sequer um minuto em que você e eu nos sentimos da mesma forma.

— Não é verdade. Eu também me sinto frustrado, bravo, impotente…

— Por minha causa — Willy pegou a raquete cujo cabo Eric tinha acabado de enfaixar de cima da mesa de acrílico, inspecionando a marca. Wilson. Então, afinal, tinha de fato conseguido o novo patrocínio. Não que tivesse mencionado. Teria sido indecoroso. — Me diga — ela pediu calmamente. — Você vai pagar a ele cem dólares por hora? Preço com desconto, óbvio.

— Não, igual a você: porcentagem. Ele perguntou minha renda atual e disse que se contentaria com dez por cento. Se ele fizer qualquer diferença, já vai valer a pena.

— Ele faz diferença — disse Willy, arrumando as cordas do centro da raquete com um chiado. — Para mim, pelo menos. Sabe, você é realmente incrível, *Underwood*. Você se apropriou de meia dúzia dos golpes que eram minha marca registrada e os refinou. Se mudou para o meu apartamento e instalou todas essas roupinhas macias que você ganha. Caiu nas graças da minha família… como o *verdadeiro* tenista no qual poderiam acreditar, e não uma das pobres coitadas das filhas deles. Às vezes parece até que você anda transferindo os meus pontos para o seu ranking. E agora você surrupiou o meu treinador. Pelo que estou entendendo do acordo amigável que vocês fizeram, não sei por que você e o Max não se casam logo. Porque eu fui trocada por um modelo mais novo. Como a sua raquete — tirou os olhos das cordas da raquete e ergueu-os, admirada. — Você meio que *é* eu, não é?

— Você está louca.

— A versão nova, melhorada — ela levantou a Wilson, batendo o aro contra a palma da mão. — Willy Novinsky sem todos os defeitos humanos, desagradáveis. Sem buracos nos molares. Com um respeitável papaizinho cheio de entusiasmo, e não um zé-ninguém sorumbático de Montclair que não consegue publicar nada. E o melhor de tudo, você é *menino*.

Eric empurrou as roupas para o lado sobre a mesa de jantar; não tinha mais nenhuma peça para dobrar.

— Você está perdendo as estribeiras de novo…

— Este era o problema da versão antiga. A Willy obsoleta tinha *sentimentos*. Uns momentinhos de hesitação, grãos de dúvida quanto à possibilidade de que fosse a melhor coisa que já tinha acontecido no mundo do tênis. E o

temperamento… o *comportamento vergonhoso*… recebemos reclamações! Portanto, nosso modelo atualizado é um *cavalheiro*.

Eric avançou com a mão esticada.

— Se acalme.

— Ele *nunca* é derrotado, o que não o impede de ser um especialista em perder sem abrir mão da classe. O Max… engraçado que agora vocês se chamam pelo nome; o que foi que aconteceu com "Upchuck"? O próprio Max disse hoje de manhã que tenistas têm de ser "perfeitos". Achou o arquétipo dele com um só telefonema.

Eric tentou pegar a Wilson e ela se voltou para a mesa de jantar.

— Não é temperamental — ela disse, varrendo para o chão a pilha de roupas dobradas com esmero. — Está sempre preocupado com o bem-estar dos menos afortunados; tenho certeza de que você vai fazer um monte de doações para a caridade quando for milionário. E é bom em tudo! Palavras cruzadas, alemão, matemática… é como se tivessem instalado microchips em você.

A raquete em punho quebrou o vidro que cobria o pôster do New Jersey Classic, e os cacos tilintaram pelo chão.

— Willy, presta atenção — rosnou Eric.

— Não se preocupe — Willy ironizou, atirando almofadas do sofá em cima dele —, a *sra. Eric Oberdorf* pode limpar tudo isso. Ela pode fazer a faxina — ela chutou a dúzia de raquetes para o chão —, todos os seus *equipamentos esportivos*…

— Se controla!

— …e fazer *biscoitos*! — Dessa vez, ela mirou na reprodução do MOMA de propósito, e o vidro estilhaçou.

— Me dá isso! — Costurando o caminho em meio às raquetes polvilhadas de cacos, Eric tropeçou nas cordas de pular.

— Você não é meu marido — Willy ergueu a raquete no ar —, você é meu *substituto*!

Willy não se lembrava de ter abaixado a Wilson. Como no fluxo de um bom jogo de tênis, a raquetada expressava a confluência absoluta de intenção e execução. Pois, se tivesse pensado, não teria feito aquilo.

Eric cobriu o olho esquerdo. Se ajoelhava, de cabeça abaixada, em meio às raquetes espalhadas pelo chão. Por um longo instante, nada fez além de respirar; Willy só fez fitá-lo; até que, por entre os dedos, o vermelho começou a gotejar, escorrendo pela mão. *Pá*… *pá*… O sangue pingava na capa de vinil da raquete assim como os primeiros pingos de chuva na quadra quando o céu já tinha escurecido, e, apesar de continuar rebatendo, você sabia que a partida estava encerrada.

— Eric! — Willy agachou e refletiu sobre o cabelo úmido e rarefeito do marido. — O que eu fiz? Ai, meu Deus, me desculpe, eu não quis… Me deixa ver! — Fraquejando, pegou nos dedos de Eric, que continuavam fechados em cima do olho. O corpo dele tremia e se encolhia numa bola fetal. Por um minuto, talvez dois, não falou nem tirou a mão da ferida, e ela soube que naqueles dois minutos ele estava entrando numa vida em que a própria esposa cegara seu olho esquerdo.

* * *

QUANDO ERIC ENFIM TIROU os dedos, havia sangue por todos os lados e era impossível dizer o grau do dano. Willy correu para molhar uma toalha e voltou para aplicá-la de leve no perímetro da órbita e ajudá-lo a caminhar até o sofá, em meio ao remorso balbuciante.

— Querido, você está enxergando? Me diz, por favor, *você está enxergando*?

Ele respirou fundo e, sob o sangue coagulado, a pálpebra piscou. Prendeu o ar, segurou e então expirou.

— Está embaçado… mas sim… acho que sim.

— Fecha o olho direito. Quantos dedos?

Ele pegou a toalha e enxugou o olho esquerdo.

— Seis?

— Não, dois, Eric…!

— Eu estava brincando.

* * *

AS QUATRO HORAS DE espera no pronto-socorro do St. Luke's deu a Willy tanta oportunidade de florear seu pedido de desculpas que Eric pediu baixinho que ela desse um tempo. Willy se forçou a examinar a ferida, um corte profundo de mais de dois centímetros de comprimento, partindo a sobrancelha desgrenhada de Eric. Mais tarde, quando o médico perguntou o que tinha acontecido, Willy esteve prestes a contar toda a verdade. Eric intercedeu, declarando que havia tropeçado e batido na quina da porta aberta do armário da cozinha.

Lembrando-se do marido segurando sua mão quando de sua queda no Tanqueray, Willy enfiou a palma da mão por baixo da de Eric no instante em que o médico espirrava novocaína no supercílio, o excesso de anestésico escorrendo pelo rosto feito as lágrimas que ele não derramou. Ela queria que ele apertasse sua mão com força, assim como ela lhe espremera os dedos na quadra de New Haven, mas a mão de Eric estava fechada, relaxada e seca. Manteve os olhos fechados enquanto o médico estimava oito pontos, avisando ao paciente:

— Espero que você não seja muito vaidoso. Vai deixar cicatriz.

Ela quase gracejou que Eric era o homem mais vaidoso do mundo, mas não em relação ao rosto, porém engoliu o comentário. Fazer piada parecia inadequado.

Willy insistiu que voltassem para casa de táxi, embora fossem apenas três quarteirões. Quando entraram no apartamento, arrastando os pés, o corte já estava inchado, reduzindo o olho dele a uma fenda. A órbita estava ficando roxa. Willy realizava um desejo: queria consolar o marido, e a vida dele era tão fascinante que, para isso, ela teve de machucar sua cabeça.

O apartamento estava um pandemônio. Vidro, raquetes e camisetas de tênis espalhavam-se pelo chão. Às pressas, Willy recolheu as almofadas do sofá e colocou-as no lugar. A toalha tingida de vermelho ainda estava enrolada sobre o assento do sofá, onde a tinham abandonado em troca de uma limpa. O vermelho do sangue havia impregnado o estofado. Ao lado da poça grudenta e das digitais escuras deixadas em volta, os pingos desbotados do corte que Willy sofrera na cozinha no ano anterior pareciam insignificantes. Ela esticou um lençol limpo sobre o sofá e fez com que Eric se deitasse. Embora ele tivesse dito que cairia bem, quando ela lhe serviu um conhaque, ele se curvou, arruinado, em direção ao copo e nem tocou na bebida.

Willy se apressou em arrumar carinhosamente as raquetes num canto, recolher e redobrar as roupas, e estava começando a catar os cacos de vidro e jogá-los na lixeira quando Eric enfim falou.

— Acho que seu estado de espírito não está dos melhores para fazer isso.

Ele tinha razão. O manuseio descuidado das pontas denteadas dos cacos induziria um ferimento concorrente. Óbvio e sem classe. Willy então usou a vassoura.

— Eu podia ter ferido seu olho — ela murmurou enquanto varria.

— É.

— Teria acabado com a sua percepção de profundidade. Antes do seu primeiro Grand Slam.

— É — Eric repetiu categoricamente.

— Você jamais me perdoaria.

— Você ficaria surpresa com o que sou capaz de perdoar. Mas é melhor você não querer testar o limite.

— Como eu poderia ter te cegado, talvez eu já tenha testado.

— Até a lei reconhece a diferença entre o ato e a tentativa.

Ela segurou o cabo da vassoura como se fosse um microfone.

— Então você acha que eu tentei ferir seu olho de propósito?

— Por favor, não se exalte outra vez — rogou Eric, recostando a cabeça na almofada. Sob o clarão da luminária, a gaze brilhava. — Essa é uma pergunta que nem vale a pena fazer.

— Me tornei… perigosa. Você não está seguro no mesmo ambiente que eu.

— Normalmente, você faria um escândalo por causa da situação. Se machucaria o bastante e conseguiria criar uma reviravolta para que *eu* ficasse com pena de *você*. Supostamente, você não quer minha compaixão, mas estou começando a me questionar se isso é verdade.

— Não mereço compaixão. Sou uma bruxa.

— Tente tirar uma lição mais simples disso, assim você aumenta suas chances de aprendê-la — ele falava sem inflexão. — Como a de que você gosta demais de expressar suas emoções, mas o autocontrole também deve ter sua vez. Ou que você pode até ser mulher, mas é forte o bastante para fazer um grande estrago se não tiver cuidado. Não sou um ícone, Willy, sou um homem comum, e você pode me machucar muito.

— Se você fosse a esposa, a esta altura já estaria num abrigo para mulheres que sofrem violência doméstica. Estaria cercada de advogados te aconselhando a prestar queixa, a pedir uma medida cautelar. Nos tribunais, se você me matasse enquanto durmo você poderia escapar com a condicional.

— Se você não parar de fazer de um incidente bobo uma tragédia grega, eu *vou* bater em você e aí estaremos quites. É isso o que você quer?

Willy despejou outra pá cheia de vidro na lixeira e ergueu os olhos.

— Você não gostaria? — localizou a Wilson transgressora e esticou-a em direção ao sofá, com o cabo voltada para Eric. — Fique à vontade.

Para sua surpresa, ele pegou a raquete e puxou Willy para perto de si. Enroscando-a debaixo do braço, Eric jogou a raquete no chão.

— Me faça um verdadeiro favor — ele murmurou. — Minha cabeça está latejando. Estou atordoado. Estou exausto. Pegue três aspirinas e venha para a cama.

Ao cambalearem até o quarto, tiveram cinco metros de casamento modelo: seria difícil dizer quem se apoiava em quem. Willy buscou a aspirina de Eric, escovou os dentes e parou diante da pia. Sempre que os dois estavam em casa, ela botava o diafragma antes de ir para a cama, assim evitava ter de se levantar e interromper as coisas caso estivessem com disposição. O hábito otimista persistia, ainda que a disposição tivesse minguado. Mas naquela noite, recuando diante da autodefesa implícita, do descaramento que seria esperar que justamente naquela noite ele iria querer fazer amor, ela deixou o contraceptivo no estojo.

Entretanto, quando ela entrou debaixo da coberta, Eric passou a mão por seu cabelo e pressionou sua têmpora contra o coração dele. Durante alguns minutos, ele a segurou contra o torso, próximo e imóvel, seu peito inflando pouco devido à respiração lenta e superficial do medo — bem similar à forma como cobrira o olho com a palma da mão naquela tarde, como se temesse outro tipo de cegueira, que também poderia acarretar a escuridão em um lado inteiro de sua vida. Enfim, de certo modo satisfeito, capaz de visualizar pelo menos alguns dos minutos seguintes, Eric aliviou a pressão que fazia contra sua cabeça, desceu o dedo até suas costas e exalou profundamente. Segurou sua mão, mas dessa vez não tentou torcê-la para trás, elogiar sua resistência, equiparar a força dos dois. Se havia disputa, era para saber quem se sentia mais fraco ou menos interessado em qualquer espécie de competição.

Segurando-lhe os dedos com delicadeza, Eric traçou pequenos círculos ao redor dos nós. Willy se apoiou no cotovelo e sentiu o ímpeto de soltar de novo um pedido de desculpas, mas ele já estava cansado daquilo.

— Eu… — ela murmurou, e as palavras seguintes saíram com dificuldade — *te amo*.

Um arrepio percorreu a nuca de Willy, seus olhos esquentaram. Ainda trêmulo por causa da lesão, ele levantou a cabeça do travesseiro para beijá-la e assim ratificar a sensação que ela tinha de que Eric preferia aquela confissão conjugal mais rudimentar a mais arrependimentos. Foram tantos os pedidos de desculpas, e eles não curaram nada. Os olhos de Willy transbordaram e molharam as duas faces, limpando-a como a torrente de lágrimas derramadas por ela quando estava sozinha naquela mesma cama jamais foi capaz de fazer. Ela estremeceu e afundou. Os poucos centímetros até o ombro de Eric pareceram uma queda longa e vertiginosa.

Ao aterrissar, seu corpo relaxou — relaxou e cedeu como não acontecia há anos, portanto só naquele momento Willy se deu conta de que vinha se tensionando, que vinha lutando, mesmo durante o sono, contra alguma coisa, nunca livre. Mas todo aquele esforço servira apenas para apertar ainda mais o nó dos problemas que existiam entre eles. À medida que a tensão abandonava seus membros, suas pernas se entrelaçavam frouxamente às de Eric feito cadarços cujo emaranhado finalmente se desfaz.

Eric pôs dois dedos, como na saudação dos escoteiros, na cintura de Willy, bem no lugar onde os quadris, apesar de estreitos, se alargavam um pouco. Ele adorava aquela curva tenra, maleável, que não existia em nenhum lugar de seu corpo, desenhado com ângulos retos e firmes. O gesto era um sinal antigo, e com isto seu pênis se ergueu, traçou um arco sobre as coxas dele e, por iniciativa própria, esboçou um semicírculo e se aninhou contra as costelas dela.

— Querido — Willy o repreendeu —, você está muito cansado. E está machucado…

— Shh — ele pediu, acariciando a curva. — Eu quero.

Ele queria dizer que estava cansado, sim… em outras noites Eric sustentara todo o seu peso com aqueles braços de veias de aço, mas nesta noite todos os seus músculos haviam se relaxado, e afora o único estímulo em sua virilha seu corpo estava mole. E que estava machucado, não havia dúvida… mas que o tratamento do médico do St. Luke's só fizera o mínimo dos reparos. O corte

sobre o olho de Eric também abrira uma ferida profunda entre os dois, e Eric suturaria tal ferida com uma agulha mais rombuda, porém mais poderosa.

Willy imobilizou o marido e afofou o travesseiro em torno das orelhas para que ele não mexesse a cabeça. Pousando a mão na clavícula dele para frisar que ele não deveria fazer nada, Willy sentou sobre o quadril dele e desceu devagar em direção ao instrumento que repararia a relação dos dois. Não teve como não se lembrar da agulha do médico perfurando o supercílio de Eric, entrando e saindo, entrando e saindo, e, por um instante, sentiu enjoo, mas a náusea passou. Ela e o marido tinham feito aquilo tantas vezes, mas nesta noite Eric parecia atravessar um lugar que resistira à sua penetração havia pelo menos dois anos. Ela se perguntou por um momento onde ele a estocara todas aquelas vezes e qual teria sido a sensação, talvez como costurar um botão de camisa, golpeando cegamente por baixo do pano e batendo contra o plástico duro e inflexível, ao errar o buraco.

Ele a achara, aquela entrada pequenina, onde não havia obstáculo nem término, portanto, naquela noite, ele parecia deslizar e subir pelo seu torso, a ponto de ela senti-lo como um caroço na garganta. Willy olhou para o rosto de Eric e viu que estava inchado, ferido e, contrariando as probabilidades, bonito.

— Está tudo bem — ele disse baixinho. Por mais que já estivesse dizendo aquilo sem usar as palavras, não queria ser mal interpretado. — Você foi ficando nervosa até chegar naquele estado, só isso. Eu sei que você não faria isso de novo. Eu te amo, Wilhelm. Você teria que me dar uma pancada bem mais forte para mudar isso.

— Obrigada — sussurrou Willy, pois aprendera quando criança que esta era a melhor resposta, a mais simples, quando alguém lhe fazia algo de bom, melhor do que gaguejar, envergonhada, *Você é generoso demais, não precisava.* O perdão verdadeiro era sempre uma opção, não uma exigência, e ela se questionou se de fato existia a possibilidade de se ser generoso demais.

Ao examinar o curativo sobre o olho do marido ao luar, a gaze que formava um quadriculado vermelho por causa do vazamento, Willy ficou perplexa por ter confundido o único aliado de boa-fé que possuía no mundo com mais um inimigo. Não era como se não tivesse inimigos genuínos que bastassem: a irmã, que queria sua mediocridade; o treinador, que queria puni-la por ter agido com a mesma lealdade que ele reverenciava quando aplicada ao tênis; todas as adversárias oficiais que havia no circuito, que a queriam derrotada e de

joelhos. Para variar, ela estava encarando não mais um aspirante traiçoeiro em busca do dinheiro do prêmio que deveria receber, mas seu companheiro e campeão: um homem alto mas não muito grande, com seus problemas, tão isolado quanto a própria Willy, tão facilmente criticado, tão propenso a cair com um único golpe quanto ela ao ser derrubada pelo tombo em New Haven. Eric também estava desesperado por uma ilha de trégua em meio à maré alta de adversários hostis, assim como Willy estava por um "porto seguro" no consultório de Edsel. Portanto, Eric era do tamanho normal, e afinal estava sozinho em conluio com ela contra o vasto e monolítico Eles que Eric identificara naquele primeiro jantar no Flor de Mayo: um pântano de humanidade que, se não lhe desejava mal, era, ao menos, totalmente indiferente ao destino de Willy Novinsky, o que poderia ser ainda pior. Infelizmente, este vislumbre perfeito do marido era raro e inevitavelmente passageiro, mas ela tentou agarrar o momento mesmo assim. Ao atingir o clímax, Willy sentiu a malha que havia entre eles sendo derrubada e um jato novo, claro e desimpedido de ar luminoso soprar quando a cortina caiu. Se, quatro anos antes, Eric lhe apresentara o tênis sem bola, nesta noite finalmente inventavam o tênis sem rede.

Vinte e um

NA MANHÃ SEGUINTE O ROSTO DE ERIC tinha virado um balão, o olho era uma lua crescente em tom de amora. A pálpebra estava gorda. Quando tiraram o curativo para trocar a gaze, ela estava grudada. O corte tinha gotejado durante a noite; o pus e o sangue periférico se solidificaram junto à crosta principal. Com medo de mexer na ferida, Eric não limpou a substância viscosa, o que fez com que o corte parecesse muito pior.

Willy poderia muito bem ter golpeado a própria cabeça. Na verdade, teria sido melhor. Por mais que a ferida de Eric latejasse, nenhuma dor sutil seria capaz de chegar perto da lancinante punhalada acusatória que era olhar para aquele galo violeta e lembrar que era tudo culpa sua. Willy alternava entre evitar o rosto dele e devorá-lo com os olhos feito um corvo.

Eric cobrou uma recompensa: Max Upchurch. E telefonou para aceitar os termos do ex-treinador da mulher ao alcance dos ouvidos dela. Willy não falou nada.

Numa penitência voluntária, insistiu em acompanhá-lo ao jantar daquela noite na casa dos sogros, que Eric não quis remarcar. Embora ele fosse de poucas palavras, talvez a atenção sofrida da mãe o atraísse. A ternura de Willy era tingida de culpa e ele esquivava-se de sua mão como se ela não estivesse limpa.

— Pode vir comigo com uma condição — ele concedeu. — De que eu bati a cabeça no *armário da cozinha*.

Willy se recordou das inúmeras mulheres da geração de sua mãe que tinham topado com a cara contra alguma porta.

* * *

FAZIA QUASE UM ANO que Willy evitava os Oberdorf. Não tivera energia para mais um bate-boca a respeito de se as mulheres deveriam ganhar a mesma quantia como prêmio que os homens ou se "o retorno do investimento nelas não era igual"; ou para revidar as observações sarcásticas de Axel sobre seu ranking. E se Axel já fazia propaganda do talento de Eric quando o filho estava em 972, o alarde por Eric estar na crista da onda do Aberto dos Estados Unidos era enlouquecedor.

O choque de Alma ao abrir a porta incitou Eric a se explicar antes mesmo de dizer oi.

— Meu Deus — exclamou a mulher majestosa e esbelta, tocando no cotovelo da nora. — Eu nunca deixei que ele entrasse na *minha* cozinha.

Alma empurrou Eric até o banheiro com acabamento em ébano, fazendo-o se sentar no tampo de alabastro da privada para que ela fizesse um novo curativo, untando o corte com mercurocromo laranja. O antisséptico fluorescente cintilava e fazia lembrar a infância. Apesar de fingir impaciência, era evidente que Eric deleitava-se com os carinhos da mãe. Portanto, durante todo esse tempo em que Willy desejava cuidar do marido, ele também desejava ser cuidado.

— Ouvi dizer que você voltou a espancar meu filho! — Axel fez uma mímica de luta com Willy e a conduziu até a sala de estar. Com as bochechas formigando, ela se atrapalhou ao tentar achar uma réplica mordaz.

Quando Eric reuniu-se a eles, Axel bancou o médico. Montando uma poltrona para si com os blocos com tiras de velcro enquanto Eric adornava o acidente no "armário da cozinha" com detalhes suculentos, Willy detectou o estranhamento que qualquer mentira, por menor que seja, gera instantaneamente entre as pessoas.

— Então, preparado para o Aberto, garotão? — Axe perguntou retoricamente. — Disse que ia arrumar um treinador. Deu algum passo nesse assunto?

— Arrumei um treinador — Eric declarou às pressas. Nos últimos dois anos, havia esgotado o arsenal de tópicos neutros. — E como vão as coisas no Mount Sinai?

Surpreendentemente, foi isso. Agora que Eric era de fato um astro, os elogios de Axel, não mais necessários, eram contidos; ele conduziu a conversa naturalmente para o aumento do índice de câncer de próstata. Embora Eric

tivesse revirado os olhos várias vezes, devia sentir falta da veneração exagerada do pai. Não era verdade, portanto, que todo mundo amava um vencedor. Pouquíssimos amavam. Já que também não gostavam muito de fracassados, Willy deduziu que era muito difícil agradar as pessoas. Talvez a mediocridade inabalável de sua irmã Gert fosse um reflexo de sua vontade de ser apreciada.

Durante o jantar, eram apenas os quatro. Em comparação com a briga controvertida e turbulenta que encontrara em 1992, o silêncio cortês em torno da enorme mesa de teca era deprimente, um presságio da aposentadoria.

— Então, como vai o Steven? — perguntou Eric.

— Coloquei ele para trabalhar na campanha do Bob Dole — declarou Axel, estufando o peito. — Para aprender os fundamentos das eleições. Vai ser útil quando ele for candidato.

— Qual é a probabilidade disso acontecer a esta altura? — Alma questionou baixinho.

— O garoto tem apenas que aprender a andar com os próprios pés outra vez.

A mãe virou-se para Eric e explicou:

— O Steven está fechando os envelopes. Isto o acalma.

— Ele ainda está naquela quitinete na Avenue C?

— Fomos informados pelo psiquiatra dele — Axel se intrometeu, de cara azeda — que a capacidade do Steven de abrir a própria lata de macarrão Chef Boyardee é digna de *orgulho*.

À distância, Willy acompanhava o destino dos irmãos de Eric com o mesmo grau de fascínio que o pai dos meninos tinha de consternação. Para a indignação de Axel, Steven não conseguira entrar nem em Yale nem em Harvard; o garoto não tinha ilusões de que Darmouth fosse do mesmo nível. Steven se matriculava nas disciplinas mais puxadas do curso, e nos feriados hibernava no quarto para estudar. Porém, o empenho espetacular não se traduzia em notas espetaculares. Embora o garoto fosse estupendo no que dizia respeito a decorar fatos, sua capacidade irrisória de análise criativa lhe garantia constantes notas "C".

Ao final do segundo ano de faculdade, algo aconteceu com Steven. Esquivando-se da palavra "colapso", Axel declarava que o segundo filho que teve estava "dando-se um tempo para experimentar o mundo real". Mas pelo que se entendia das evasivas da família, o mundo de Steven havia se tornado

real demais. Não foi só uma vez que Alma fugiu da mesa de jantar em lágrimas.

Eric perguntou:

— Ele ainda está trabalhando no Departamento de Desenvolvimento da Columbia?

— A escola de medicina o dispensou — Axel declarou, taciturno. — Apesar das minhas ameaças de interromper minhas doações de ex-aluno. O garoto sempre dizia que estava doente. Caramba, ele só precisava atender a porra do telefone.

— Às vezes, atender o telefone pode ser aterrorizante — disse Alma, estudando a truta defumada, mas sem comer nem uma garfada.

— Desde quando? Alma, se você trata o menino como uma pilha de nervos, ele vai continuar uma pilha de nervos!

— E o que o Mark tem feito? — Eric interrompeu. Os Oberdorf, assim como Eric e Willy, estavam sem assuntos neutros.

— Curso de verão — rosnou Axe, o desgosto se acumulando feito uma nuvem. — *Ele* queria vagabundear pela Europa, para reunir *material* para sua futura obra cinematográfica — Axel zombou. — Bancado por mim, é óbvio. Mas eu não estava disposto a fechar os olhos de novo. No primeiro ano dele eu disse: "Suas notas vão ser enviadas para cá, camarada, e não pense que você vai interceptar os envelopes que nem você fez com os de Horace Mann." E o que me mandaram? Em dois semestres, três reprovações por falta em cada um! Eu disse para ele: "Saiba que o Eric nunca foi reprovado em Princeton, e você está na New York University!"

— A NYU não é mamão com açúcar, pai.

— Quer ser um cineasta bambambã — Axel continuou, sem dar atenção. — O que parece que serve de desculpa para assistir a *Wagon Train* e *Gidget Grows Up* até as 5 horas da madrugada. Depois, tem a audácia de apontar para o Eric aqui e dizer: "Olha o meu irmão mais velho, ele está voando alto na base do *talento*." Eu tento falar para o Mark: "O Eric treina três horas por dia, pula corda, puxa ferro, e sei lá mais o quê. Mas ele *ganha* o dinheiro dele, ele *ganha* aqueles troféus…"

— Aposto que ele adorou ouvir isso — Willy murmurou.

— Falando nisso, filho — Axel se entusiasmou —, achei que seria uma boa ideia você dar ao Steven um ingresso para a sua primeira rodada, para animá-

lo. Arrumar um lugar no camarote dos jogadores?

— Pode ser — resmungou Eric. — Só não tenho certeza de que me ver jogar no Aberto dos Estados Unidos vai ser uma grande terapia para o Steven agora, pai.

Eric parecia esgotado, além da contusão em volta do curativo. Tinha de perguntar ao pai o que os garotos andavam fazendo porque nenhum dos irmãos telefonava para ele. Devia estar se perguntando se troféus vinham com o dinheiro do prêmio para compensar o que provocavam no resto da vida dele.

— Para onde você despachou o Robert este ano? — Eric completou o trio de atualizações com um entusiasmo desgastado.

— Outward Bound.

— Vai transformá-lo num *homem*? — Eric perguntou com melancolia.

— O que eu tinha em mente não era um salto tão revolucionário — disse Axe, arrastando a salada.

O telefone tocou. Alma sugeriu que deixassem para a secretária eletrônica, já que era tão raro verem Eric. Enquanto Alma buscava o prato principal, a mensagem era gravada no cômodo vizinho:

"Dr. Oberdorf, quem fala é John Flinders do Outward Bound. Robert foi pego usando drogas, e o senhor sabe que isto leva à expulsão imediata do programa. Será que o senhor poderia me telefonar para discutirmos o assunto? Robert foi embora ontem e está a caminho de casa."

Nenhum dos convivas ficou surpreso.

— Jesus Cristo — Axel reclamou —, que diabos nós vamos fazer com esse garoto debaixo das nossas asas o verão inteiro, Alma?

— Ele não vai ficar debaixo das nossas asas, querido — ela lhe garantiu. — Quando ele acabar preso na delegacia, você pode se recusar a pagar a fiança, que nem da última vez.

— Já foi ruim o Robert ter sido chutado de Hotchkiss — Axel espumou. — Mas ai de mim se ele largar Williston com 16 anos. Pelo que me parece, Eric, você vai ser o único dos quatro a obter um diploma.

— O Steven só tem mais dois anos…

— É, mas, para conseguir o diploma, alguém teria de colar os cacos daquele menino por tempo o suficiente para ele conseguir assinar o nome.

— E de quem é a *culpa*? — disse Alma, por entre os lábios fechados.

— A culpa é dele, Alma.

— Você não pode levar crédito pelo Eric sem assumir a culpa por um incapacitado emocional, um mentiroso compulsivo e um delinquente juvenil — ela retrucou com uma raiva controlada.

— O Eric leva crédito pelo Eric! Mas você tem de admitir que eu devo ter acertado em alguma coisa…

Depois de comer muito pouco da refeição adorável de Alma, o grupo passou à sala de estar, onde a mobília modular se deteriorava. As cores dos cubos e cilindros, outrora fortes e típicas de um ambiente de jardim de infância, estavam desbotadas, o velcro não grudava mais: portanto sempre precisavam juntar as formas geométricas de novo. Outrora arrumadas pelos filhos diariamente em confabulações novas e divertidas, aquelas construções não tinham mudado desde a última vez que Willy estivera ali. Na época, debatiam a possibilidade de trocar os brinquedos *avant-garde* por móveis de verdade. O fato de que os Oberdorf não o fizeram sugeria o idêntico "a gente devia mesmo" desanimado de seus próprios pais e sua casa incuravelmente marrom.

Axel gesticulou em direção a seu trono habitual, insistindo que Willy sentasse nele. Constrangida, Willy ocupou a posição de centro das atenções. Lá vinha. A sobremesa.

— Eric me disse que você está subindo aquela escada pelo caminho errado. O que está havendo? — Axel endireitou os ombros contra o sofá construído, o queixo erguido como num treino de boxe, tentando o velho golpe duplo.

— Com 961 como ranking, os degraus estão se esgotando — em vez de manter os braços próximos ao peito, Willy os apoiou na cadeira e deixou o corpo aberto. Qualquer pugilista decente ficaria assustado. — Tenho mais um satélite enquanto o Eric estiver participando do Pilot Pen. Se for a mesma bomba de sempre, no final de agosto fará um ano que não passo da terceira rodada de um torneio.

— Parece muito desanimador.

— Mais patético, impossível — Willy retrucou. O sogro estava consternado. Ela não só não mostrava os punhos como dava um soco ou outro em si mesma. — Neste caso, vou sair do ranking — o sorriso de Willy foi convidativo. — *Puf*, eu desapareço.

— Então você tem um grande desafio pela frente — Axe disse rispidamente.

Willy cutucou um calo que tinha na palma da mão, arrancando a pele, embora ela fosse essencial para seu forehand.

— Talvez não.

— O que é isso? Você vai simplesmente desistir? Não acredito no que estou ouvindo. — Ele parecia ter sofrido um ataque pessoal, como se ele é que estivesse sendo privado do esporte.

— Há um momento em que o tênis desiste de mim.

— Mas olha para a Seles — Axel fez um punhal com dedo. — Fora do jogo por dois anos, volta dividindo o primeiro lugar com a Steffi, implacável!

— Ninguém está guardando minha posição no ranking enquanto organizo os pensamentos. E tenho 27 anos. No que se refere ao tênis, sou uma velha encarquilhada. Como você mesmo observou, eu já estava perdida quando nos conhecemos. Se eu tivesse lhe dado ouvidos, você teria me poupado de um bando de problemas.

— Caramba — resmungou Axel. — Para mim, você parece estar em ótima forma.

— Pelo contrário, estou um caco — ela reconheceu amigavelmente. — O tênis não é muito diferente do boxe… é a cabeça que leva as maiores surras.

— Ora essa, não pode ser tão ruim assim! — Axel lançou um olhar de súplica para Eric, mas os olhos do primogênito estavam fechados. Eric vinha atirando inúmeros "não pode ser tão ruim assim" havia dois anos, era óbvio que recebia de braços abertos alguém disposto a assumir o posto.

— Eu já fui da escola do "nunca perca as esperanças!" — declarou Willy —, só que não tem nada de esplêndido na negação quando a esperança já está morta e enterrada. Então, estou começando a considerar a possibilidade de implorar aos patrocinadores do Eric que me deixem vender artigos esportivos. Talvez eu tente um trabalho administrativo na WTA. Ou treine deficientes na Arthur Ashe Foundation. Alguém tem mais sugestões? — Aos próprios ouvidos, sua voz se erguia com um traço de ausência, de desapego. Talvez houvesse uma racionalidade extremada, uma sanidade desertora que era sinônimo de perder a cabeça.

— Voltar para o esporte, é claro — Axel recomendou bruscamente. — Achei que você queria ser uma estrela do tênis.

— Eu queria. Mais do que tudo. Que pena para mim — Willy lhe lançou um sorriso casual, e o sogro recuou, horrorizado. — O problema é que — ela prosseguiu com doçura — não sou qualificada para fazer mesuras. Só sei jogar tênis. Eu poderia fazer parte do séquito do Eric, mas ao que parece sou tão ruim no papel de fã quanto no de competidora.

Willy entrelaçou as mãos. Por um instante, foi invadida por um pragmatismo autossuficiente, uma clareza gerada ao se avaliar com a mesma brutalidade despreocupada que usava todos os dias ao analisar os outros. Ainda que a sensação fosse tranquila, sentia o corpo mais pesado do que de hábito e mais denso, afundando nos cubos macios. Reunir energia para ir ao banheiro era inconcebível.

— Já pensou em ter uma família? — indagou Alma.

— Não — cortou Willy.

— Mas eu entendi, quando vocês dois se casaram, que meu filho tinha encontrado uma parceira em mais de um sentido — Axe criticou. Para a surpresa de Willy, ele parecia ansioso para apagar a imagem da nora como matrona estressada com uma penca de filhos. — O Eric disse quando te trouxe aqui pela primeira vez que você dava uma surra nele.

— Ah, isso não durou. Ele me derrotou no nosso primeiro aniversário de casamento. Como poderia ter feito desde o primeiro dia, mas seu filho tem uma veia gentil. Agora, pensando nisso, ele ter entregado tantos jogos foi de uma doçura incrível.

"Eu achava que era talentosa, até ele aparecer — Willy assentiu para o marido de um jeito carinhoso. — O Eric me ensinou o que é talento de verdade. Para começar, independe de esforço. Mas, acima de tudo, ele tem o preparo mental: resiliência, tenacidade, e, se vocês me desculpam, arrogância. Ele desdenha dos outros jogadores, então eles não o intimidam. O Eric é um campeão por natureza. Eu venho da turma dos derrotados."

— Espera aí, eu vi você jogar três anos atrás — Axel anunciou. — Talvez de início eu relutasse em admitir, mas tive de concordar com o Eric quando ele falou que tinha se casado com uma grande vencedora.

— Sim, seu filho demonstrou ser extremamente leal — Willy declarou com melancolia. — Queria poder dizer o mesmo de mim. Foi ideia dele mentir para vocês, mas esse corte horroroso? Fui eu.

Enquanto as pupilas de Alma se dilatavam com assombro, Eric enfim abriu os olhos. Estavam bravos. Agravado por anéis de manchas roxas, o olhar dele pareceu perigoso.

— Vocês vão ter que desculpar a Willy — ele interveio com seriedade. — Meu ferimento a chateou e ela está fora de si. Ela acha que tem culpa porque não fechou a porta do *armário da cozinha*.

— Não há necessidade nenhuma de se culpar por acidentes domésticos — murmurou Axel, mostrando que não tinha vontade de interferir numa disputa que acabara em oito pontos, como se, caso Willy fosse mesmo violenta, ele pudesse levar um soco. Em vez disso, ele ponderou: — Por que não, sei lá, voltar às raízes? Eu achava que você tinha um supertreinador.

— Nos divorciamos — anunciou Willy.

— *O quê?* — Eric exclamou. Ele não sabia nada sobre a "reunião com hora marcada" no escritório de Max.

— E não é de se admirar — a gargalhada de Willy foi estrepitosa. — Joguei contra um italiano cheio de marra do Riverside Park no mês passado. Um amador, ou melhor, um péssimo amador, que nunca jogou uma partida profissional na vida. Ele me derrotou por 0-6, 7-6, 6-2.

Eric se inclinou para a frente.

— Willy, está ficando tarde…

— São só 10 horas da noite.

— Tudo bem: *não estou me sentindo bem*, ok?

Willy pegou a bolsa, numa atitude obediente.

— Escuta, por que a gente não joga uma hora dessas? — ela propôs alegremente ao anfitrião. — Do jeito que tenho jogado ultimamente, você pode se surpreender.

Com um gesto quase imperceptível, Eric fez que não para o pai.

— Não, Will — disse Axel, tocando em seu ombro com mais delicadeza que de hábito, como se a doença dela, fosse qual fosse, pudesse ser contagiosa. — Você vai me deixar esgotado, e um velho não precisa desta humilhação pública. Continue com os profissionais.

Instigar a caridade em um homem implacável como Axel Oberdorf foi a ofensa suprema da carreira de Willy.

* * *

— QUANDO VOCÊ FOI eliminada nesta semana no qualifying, como perdeu a maioria dos pontos? — Dr. Edsel cutucou.

— Erros não forçados.

— Isso não sugere uma atitude deliberada, até mesmo resoluta? Você mencionou "jogar dos dois lados da rede". Já foi uma ótima atleta. Você não está jogando bem demais do outro lado?

— Sim, sim, eu me odeio — Willy cantarolou, entediada com a autoanálise.

— Acho que não — ele discordou. — Você tem uma queda pelo drama — explicou Edsel, o olho errante se voltando em uma direção enquanto o outro passeava pelo lado oposto do ambiente; ele a cobria de ponta a ponta. — Não é muito mais melodramático que o seu ranking se torne desprezível, inexistente, em vez de ser apenas um pouco inferior ao do seu marido? Na grandiosidade de sua derrocada, vejo sinais de afeição por si mesma.

— O que é isso? Aquela velha história de que eu gosto de chafurdar?

— O fracasso pode se tornar uma ambição por si só. Sua sedução está na possibilidade de alcançá-lo. E você tem uma faceta histriônica, sra. Novinsky. Você carrega uma bagagem histórica, como todo mundo, mas nada do que você me disse sobre seu passado sugere que você tem de perder todas as partidas que joga. Sua consistência revela que você tem um propósito.

— Tipo, melhor ser um desastre do que ser só medíocre?

— A notoriedade é uma espécie de distinção. Esta dramaticidade a mantém sob os refletores. Você alega conservar um senso de proporção, mas na verdade você incorpora totalmente a figura trágica. E furtivamente faz com que seu marido se sinta responsável. Caso você tivesse mantido seu ranking pelo menos em torno do top 200, ele teria te ultrapassado, mas a situação não lhe pareceria tão intolerável. Na verdade, ainda pareceria intolerável para você. Portanto, para frisar a indignidade de ser flanqueada, você exagera a disparidade.

Este tinha sido o discurso mais longo que Edsel proferira naquelas semanas. Willy tinha decidido manter em segredo o fato de que, ao perder a última partida, sentira-se fisicamente estranha — pesada, fraca, rígida; sua

menstruação estava atrasada. Edsel estava tão contente com a própria percepção que comprometer sua glória seria grosseiro.

— Esporte é teatro — ele admoestou. — Você se pôs no papel da pessoa que tem um desempenho abaixo de seu potencial, da atleta talentosa com um defeito fatal. Teatro é uma armadilha. Suspeito que você seja tão boa atriz quanto tenista. O personagem que você está interpretando é desconsiderado, torturado, menosprezado. Tenho certeza de que a renda do seu marido é uma frustração… ela te nega uma vida na sarjeta, e deve ser por isso que você tem relutado tanto em se beneficiar do dinheiro dele. Você encara a aflição como substituta da aclamação.

Willy resmungou.

— Me soa familiar.

— Sim — disse Edsel, unindo as mãos como quem se dá uma leve salva de palmas. — Não é mesmo?

* * *

— ADMITA — WILLY disparou. — Você está feliz.

A cabeça esticada do pai completava sua postura torta; ele sempre se sentava naquela poltrona surrada como se tivesse se dividido em dois.

— Estou feliz — ele declarou — que um de vocês conseguiu ganhar a vida nesse negócio de tênis, por mais improvável que isso seja.

Willy não conseguia se sentar. Aquela toca era minúscula para andar de um lado para o outro, com o tapete *marrom*, o revestimento *marrom*, o estofado *marrom* — ah, meu Deus, era de uma austeridade tão fecal que ficava enjoada.

— Mas entre um de nós, você fica feliz da vida que tenha sido o Eric. Assim o fruto de seu próprio sangue não contesta sua adorada visão de mundo.

A psoríase no rosto do pai estava na fase em que descascava. Flocos pálidos caíam na gola, como se o atrito da decepção cotidiana o desgastasse.

— Eu só fico "feliz da vida", Willow, por você ter um marido de quem pode se orgulhar.

Durante muitos anos, Willy imaginou que o aspecto imperturbável do pai era feito para desarmar; agora suspeitava de que a placidez tinha o intuito de

fazer o que fazia na verdade: enervar. Da mesma forma, a ingenuidade agressivamente surda dos pais em relação ao casamento dela e a como ela devia se *orgulhar* de Eric constituía um sadismo, um moralismo, uma credulidade obstinada. Willy tinha ido para casa diversas vezes e relatado com tristeza as últimas conquistas do marido, mas os pais nunca reparavam em seu tom, na maneira que espumava por entre os dentes como se ela tivesse trismo.

— Mas felizmente você não foi obrigado a ter orgulho de mim — Willy rosnou. — Você já investiu demais na convicção de que é patético e absurdo ter esperanças. Se eu tivesse conseguido, você teria de questionar se, caso tivesse sido realmente determinado e tivesse mandado aqueles editores para aquele lugar, você afinal poderia ter se tornado um escritor. Meu Deus, você nem contou para a gente que escreveu aquela pilha de livros. Eu encontrei por acaso, no sótão!

— Eu não via razão para sobrecarregar vocês duas com as minhas aspirações natimortas — ele retrucou, tranquilo. — Mas sim, uma *pilha* de livros. Isso não sugere um pouco de dedicação? Que não deu frutos. É verdade que "invisto", como você disse, na crença de que a meritocracia no mercado editorial de Nova York é imperfeita, que certos talentos não são reconhecidos. Mas também considerei a possibilidade de que eu não tenho o que é necessário.

— Então essa ideia deveria me ajudar a dormir à noite? "Ah, bom, acho que não sou boa o bastante, que nem meu pai?" Que foi o que eu ouvi, incessantemente, quando criança. Tênis é metade confiança… ou falta de confiança… e você com certeza fez um bom trabalho nesta área. Agora estou recolhendo os inúmeros frutos desse trabalho duro.

— Ultimamente eu tinha a impressão de que você responsabilizava seu marido. Agora seu ranking é culpa minha? — Willy imaginou ter percebido um sorrisinho. Teorias sobre os seus pais pareciam mais críveis quando eles não estavam por perto.

— Você não ajudou — murmurou Willy, em dúvida.

O pai dobrou o jornal cuidadosamente, formando o tubo que aprendera a fazer quando era menino e entregava jornais de porta em porta. Era um hábito antigo, compulsivo, pelo qual Willy sentia uma pontada relutante de afeto.

— Tente imaginar uma menininha de 8 anos — o pai esticou a mão acima do braço da poltrona. — Desta altura. Ela ama jogar tênis, você a leva ao

parque, ela é misteriosamente boa naquilo. Mas acabou de perder o dentinho de leite, e há pouco tempo você trocava as fraldas dela. Ela vê uns tenistas profissionais na tevê e diz que é isso o que ela quer ser quando crescer. É uma fofura. Você a leva a sério? Você começa a jogar milhares de dólares na fantasia dela ou será que isso seria uma canalização óbvia demais da vaidade do próprio pai?

— Você começa a levá-la a sério quando ela começa a vencer torneios de juniores a torto e a direito. Quando ela chega a terceiro lugar em Nova Jersey, apesar de você não deixá-la competir nem na Pensilvânia!

— Nós tivemos duas filhas, Willow. Acho que nunca faltou nada a nenhuma das duas, mas meu salário em Bloomfield era pequeno. Como você se sentiria no lugar da Gert, com seus pais sacrificando suas férias de verão, suas viagens à praia, para que sua irmã pudesse jogar tênis pelo país inteiro? Você não teria motivo para ficar zangada, e não passaria a odiar a irmã?

— Sua diplomacia não funcionou. Ela me odeia do mesmo jeito — Willy esparramou-se na poltrona vizinha.

— A Gert realmente te acha uma prima-dona — concordou o pai. — Mas eu não entendo que culpa tenho nisso.

Willy lhe lançou um olhar furioso.

— Se eu *tivesse* te pressionado — o pai continuou amavelmente —, o tênis poderia ter virado uma obrigação, um sofrimento. Do jeito que foi, você se pressionou, o que cria uma confiança mais real. Na verdade, eu me pergunto se você não se pressionou tanto que agora você se ressente da pressão tanto quanto se ressentiria caso ela tivesse partido de mim.

Willy passou da fúria ao pânico. Viera espumando no ônibus 66, balbuciando acusações que fazia com que as pessoas dos bancos vizinhos a olhassem de soslaio, mas agora tudo o que o pai dizia soava tão *sensato*.

— Ei — o pai lhe deu uma palmadinha no joelho. — É uma bela noite de verão. Está abafado aqui dentro. Que tal uma caminhada?

— Não estou muito a fim.

Ele se levantou e avaliou a filha.

— Nunca te vi tão pálida a esta altura do ano. Você geralmente fica com um bronzeado lindo.

— Não posso mais treinar no Sweetspot — Willy tentou em vão controlar o tremor da voz. — Meu contrato no Forest Hills expirou este mês e o Max

não renovou. Só posso treinar nas quadras públicas, e perdi tão feio para um idiota do Riverside que tenho vergonha de dar as caras.

— Venha — o pai persuadiu num tom doce. — Você nunca recusou uma caminhada comigo numa noite como esta.

De cabeça baixa, Willy se levantou da poltrona feito uma moradora do asilo da mãe.

Percorrendo a Walnut Street, uma brisa morna banhou o rosto de Willy, silenciando os carvalhos e os bordos. As casas e celeiros nos estilos do Segundo Império ou colonial holandês serviam de fortaleza para a rua, dando-lhe um ar duradouro e seguro. Vaga-lumes brilhavam e, num breve lampejo de inspiração infantil, ela capturou um deles. Submetera-se com tamanha docilidade ao aprisionamento que Willy amoleceu e deixou que ele partisse.

— Se isso significa alguma coisa para você, me desculpe por não ter partilhado minha frustração de não ter me tornado um grande escritor — a voz do pai era grave e calma, como o vento nas árvores. — Eu simplesmente fechei essa página, considerei uma outra vida. Você é jovem demais para compreender, mas a maioria das vidas é formada por várias. Eu deixei aqueles livros para trás. Não é que nunca pense neles, e você sabe muito bem que considero boa parte do que é publicado atualmente uma porcaria. Mas eu odiaria pensar que você concluiu que, por causa disso, a minha vida é apenas amargura e crueldade. A vida é muito mais que o sucesso profissional.

— Tipo o quê? — ela perguntou, amuada.

Ele apontou para a vizinhança no momento em que se aproximavam da Park Street.

— Uma caminhada numa bela noite de verão. Música… aquele Samuel Barber que você ouvia sem parar. Nhoque de espinafre no Rispoli's, um filme antigo do Sherlock Holmes de madrugada. Ou a expressão no rosto da sua mãe quando anunciei que finalmente iríamos ao Japão — ele deu de ombros. — E perdão por ressuscitar um assunto espinhoso… mas tênis.

Haviam seguido instintivamente para o parque público onde Willy aprendera a jogar. O poste lançava uma mancha de luz laranja sobre a quadra decrépita, como uma paisagem cuja lembrança era apenas parcial. A pista estava rachada e esfarelada. O portão, outrora trancado após o anoitecer, estava fora das dobradiças em certos pontos e balançava, abrindo-se totalmente. Willy arrastou os pés pelo piso de asfalto, tocando os escombros

do fundo da quadra com a ponta dos dedos. Parecia sua própria vida, em ruínas.

— Ainda jogo de vez em quando — disse o pai.

— Nós não jogamos juntos há anos.

— Bom, eu não tinha esperança nenhuma de te proporcionar um grande jogo. Desde os 10 anos você me dá uma sova.

Willy estava prestes a acrescentar algum comentário gratuito em que diria que agora talvez ele tivesse chance, mas decidiu. *Já chega disso.*

— Adoraria jogar com você. Só por diversão.

— É isso o que eu gosto de escutar. Por diversão.

— Eu não deveria estar aqui, pai — ela assumiu. Willy não conseguia se lembrar de ter jogado tênis naquela quadra após o anoitecer. Parecia errado, burro. Sempre relembrava aquelas linhas quando iluminadas pelo sol. — Hoje o Eric está jogando as quartas do Pilot Pen. Eu deveria ter ido. Eu não iria suportar.

— Você tem razão, deveria ter ido. O Eric merece seu apoio. Ele precisa disso.

— Ele merece, sim, mas não *precisa* de jeito nenhum.

Os Novinsky não eram uma família dada a contatos físicos, e Willy estranhou ao sentir a mão do pai em seu ombro.

— Você me preocupa, Willow. Não te vejo curtindo essa coisa de amor eterno. Me desculpe se minha tentativa, tola, eu imagino, de protegê-la da possibilidade de que suas esperanças fossem frustradas saiu pela culatra, e por você ter pensado que eu não tinha fé em seu talento. Eu só não queria que você pensasse que nosso amor por você estava condicionado a você conquistar a glória para a nossa família. O afeto do resto do mundo já é condicional o suficiente.

"Mas você não pode apostar tudo o que tem no tênis. Não que não deva continuar tentando. Mas qualquer carreira é cheia de ciladas, boa e má sorte, a influência às vezes nociva ou negligente das outras pessoas. Se você deixar que esse lado da sua vida seja tudo, você entrega aos outros e às forças que não têm sentimentos nem lealdade o poder de derrotá-la completamente. A profissão é só um jogo. No seu caso, literalmente um jogo. Mas as melhores coisas da vida não só são de graça como você não pode ganhá-las: vaga-lumes numa noite de verão; ver sua filha aprender o backhand com a mesma

facilidade que as outras crianças têm para pegar piolhos. E agora você tem o dom mais raro de todos: um rapaz que te ama. Dava para ver nos olhos dele na primeira vez que ele entrou na nossa casa, e por isso nós fomos atenciosos, e não porque gostamos das histórias que ele conta sobre o tênis. Estou te avisando: se você perder isso, a coisa mais preciosa do mundo, que não só você não pode sair e comprar outra como não pode sair e *procurar*…"

— Pai — Willy interrompeu —, ele está prestes a participar do Aberto dos Estados Unidos!

— Querida, eu sei que deve ser meio duro de engolir. Mas você tem que achar um jeito. Se não achar, você nunca vai se perdoar.

Abstratamente, sabia que ele tinha razão — como sempre soube, abstratamente, que, ao se preparar para correr no inverno, a tentação era se agasalhar muito, e agora ela estava ofegando pela pista com todas aquelas peças de roupa, derretendo, com um calor claustrofóbico. Mas uma vez após a outra, a informação abstrata não tinha utilidade. Uma vez após a outra, ela se cobria de casacos porque naquele instante sentia frio, e acabava sufocada ao longo de dez quilômetros porque não tinha acreditado no que era apenas uma noção e não uma agonia imediata. Informações clínicas muitas vezes eram recebidas a tempo; confirmações viscerais sempre chegavam tarde demais.

Abstratamente, reconhecia que o amor era primordial, que a devoção de um homem bom não poderia ser mensurada através de algo tão banal quanto troféus de tênis. Abstratamente, compreendia que a melhor recompensa para a ambição frustrada era o beijo de Eric em sua têmpora depois de um nhoque e um Sherlock Holmes. Abstratamente, percebia que se permitisse que angústias passageiras descarrilhassem a única outra coisa que tinha valor em sua vida, *ela nunca se perdoaria*. Mas todas aquelas percepções flutuavam, soltas, pairando sobre a quadra esmigalhada de sua infância — tão inútil e impertinente para o momento quanto os princípios da física quântica. Incapaz de se guiar por esse conselho bem-intencionado, mas, em última análise, desperdiçado, Willy se jogou nos braços do pai e chorou, sofrendo pela própria falta desastrosa de perspicácia.

Vinte e dois

— VOCÊ VAI ADORAR saber que perdi na semi — Eric bateu a porta.

Willy não protestou, embora, para variar, não desse a menor importância ao fato de ele ir ou não para a final do Pilot Pen.

— Sinto muito — disse maquinalmente.

Estava sentada à mesa de jantar, debruçada naquele ângulo desconexo que o pai adotara em Montclair, passando o dedo pela lista da WTA que havia chegado com as correspondências daquela manhã. Apesar de conter mil nomes, "Novinsky" não estava em lugar nenhum. Examinando a última página, era como se ela tivesse voltado da tumba e achado o sobrenome de uma estranha em sua lápide. A WTA tinha enviado a Willy Novinsky seu próprio obituário.

Ao se inclinar para a frente e apoiar o rosto nas mãos, os seios se projetaram sobre o tampo de nogueira, firmes e tenros. Willy sempre os encarara como uma chateação a ser enfaixada para que não atrapalhasse, e agora nem mesmo um sutiã esportivo seria capaz de imobilizá-los em seu tórax, como o torso de um menino.

— É claro, se tivesse *ido*, você teria visto em primeira mão a surra que levei. Perdeu uma grande emoção — Eric estava criando estrondos pelo apartamento, arremessando as raquetes no corredor e esbarrando nas outras, que caíram.

— Tive outro assunto para resolver.

— Teve que lavar o cabelo. Visitar uma amiga doente. Deveria ter guardado essas desculpas para os nossos primeiros encontros. Teria me poupado de muita tristeza.

— É, não tenho dúvida de que é o que você queria.

Eric parou de tirar as roupas da mochila e fechou a cara.

— Retiro o que disse. Não deveria ter dito isso.

— Ah, Eric — Willy massageou a testa. — Se eu falasse só o que *devia*, a gente nem conseguiria conversar.

— Você sequer se lembra de quando foi a última vez em que me viu jogar — Eric retomou. — E você tem algum plano de ver uma das minhas partidas algum dia, ou a partir de agora estou sozinho? Eu abandonei torneios para te incentivar. Organizei toda a minha agenda de verão para te ajudar a reencontrar seu jogo. Treinei contigo, joguei no mesmo campeonato, participei do torneio de duplas mistas, descobri Milton Edsel… o que eu ganho em troca?

— Mágoa — Willy ofereceu.

— E o Aberto? Eu vou jogar no maldito Aberto dos Estados Unidos na semana que vem; posso esperar que minha própria esposa dê as caras ou será que você vai ter "outro assunto para resolver"?

Ela deixou que ele vociferasse. Ele tinha direito de fazer suas reprimendas, mas errara na escolha do momento.

— Estou fazendo tudo que posso para gerar mais um espectador para você.

Ele pareceu não ler nas entrelinhas do comentário recatado nada além de evasão e saiu para enfiar as roupas sujas no cesto. Em geral, derrotas o deixavam com um gênio indiferente, de mal com o mundo, mas naquela tarde, outra coisa havia sido despertada pelo Pilot Pen. Parecia culpá-la. Nada mais justo, Willy também devia experimentar a incriminação irracional como um receptor.

— O Max ajudou em alguma coisa? — ela indagou, rabiscando espirais incoerentes na lista do ranking.

— Meu Deus, *um interesse pela minha vida*! Deve ter sido difícil para você. Na verdade, ele adora me dar ordens. E quer mudar tantas coisas em cima da hora… o jeito de segurar a raquete, a postura, sei lá… que talvez ele tenha me aceitado para sabotar meu primeiro Slam.

— Não, moldar você em um campeão seria uma vingança muito mais eficaz.

— Pelo quê?

Ela suspirou.

— Ele é um sujeito frio. Acho que a chance de que a gente se case é baixa… Nossa — Eric olhou para o relógio —, já são 9 horas da noite. Hora de mais uma noite romântica e aconchegante. Que tal a gente ir ao Flor de Mayo e

reviver a noite gloriosa em que nos conhecemos, o prelúdio de toda esta felicidade conjugal? — sibilou ao falar "felicidade". Voltara a usar o nome original do restaurante. Ao que parecia, reservava os apelidos às pessoas de quem se sentia próximo.

— Não estou com muito apetite.

— Você nunca está. Se me permite acrescentar, para *nada*.

— Eu tive, há sete semanas — ela declarou com exatidão.

— Ah, claro. A trepada por sentimento de culpa — Eric pegou as revistas de tênis e alisou a colcha que cobria o sofá manchado de sangue.

Seu rebuliço era um ataque a ela — arrastando-se pelo apartamento o dia inteiro, ela bem que poderia achar tempo para a faxina —, mas ele não tinha coragem de dizer isso em voz alta.

— Você come tão pouco ultimamente que me impressiona que tenha engordado. O que é, anda se empanturrando em segredo agora? Caramba, você era tão estável quando nos conhecemos.

— Você foi vítima de uma troca de esposas, meu querido. Não sou a pessoa com quem você se casou.

— Que saída inteligente — disse Eric, tirando um caco de vidro do pôster do jogador de vôlei. Willy tinha deixado ambas as molduras penduradas com os vidros despedaçados, os estilhaços restantes eram lembranças da noite em que perdera o controle. — Você não é você mesma, então não pode ser responsabilizada pelo que uma impostora faz.

Willy deslizou sobre a mesa, apoiada nos cotovelos, empurrando a lista da WTA para o lado.

— Eric, por favor — ela esfregou as bochechas; a pele estava ressecada e esticada. Um gosto metálico vazava de suas gengivas, como se tivesse chupado uma moeda.

— Me desculpe por não estar bem-humorado porque acabei de perder um torneio importantíssimo diante de centenas de pessoas… pois, por incrível que pareça, *estranhos* vêm me ver jogar… e estou prestes a entrar no meu primeiro Grand Slam, e isso me deixa nervoso. Só que, opa! — Eric arremessou um caco na lixeira: três pontos. — Esqueci. Não tenho problemas.

— Eric, estou grávida — ela soltou. O assunto dificilmente surgiria por iniciativa própria.

Quando ruborizou, a cicatriz rosada que cortava sua sobrancelha ficou escarlate.

— Meu Deus, eu… — ele estava segurando outro pedaço de vidro do quadro, e gesticulou com o caco na mão, sem saber o que fazer com ele. — Estou me sentindo um idiota, eu…

— Não ponha isso no bolso.

Enfiou a mão no bolso e o tirou de lá. Botando o caco na mesa, pareceu constrangido. Já tinha visto o suficiente daqueles seriados de tevê água com açúcar, e devia se sentir obrigado a sair correndo para pegar as sacolas de compras das mãos dela e a insistir para que se sentasse, mas ela já estava sentada. E os fardos que Willy carregava não eram tão fáceis de levantar quanto sacolas de compra.

Eric se ajoelhou ao lado da cadeira da mulher.

— Querida, isso é ótimo.

Willy ergueu uma sobrancelha.

— É mesmo?

— Você sabe que eu não queria esperar até ficarmos caquéticos. Crianças merecem pais jovens. A hora é boa.

— Para quem?

— Para nós.

Ela o olhou, em dúvida; ultimamente, era raro partilharem esse pronome.

— Um pequeno detalhe. Quantas tenistas profissionais você já viu andando pela quadra com uma bola de praia dentro do short?

— Claro que você teria que dar um tempo…

— Francamente, na minha idade, "dar um tempo" não é um eufemismo para "se aposentar"?

— Mas nós não estamos falando hipoteticamente — Eric se levantou. — Você está grávida… fisicamente grávida, agora… portanto a questão não é "Bom, este é o exato momento em que você escolheria ter um filho?" Não sou conservador em relação a aborto, Willy, mas eu não gosto…

— Ah, e quem *gosta*?

— *Eu não gosto* — ele repetiu. — E nós não temos desculpa. Temos dinheiro, somos casados, nenhum dos dois está na escola. Se você acha que a

gravidez seria um peso para nós neste momento, garanto que dar descarga no nosso próprio filho seria muito pior, de longe.

Willy arrastou a cadeira para trás.

— Você está me ameaçando?

— Você está falando sério quando sugere não levarmos esta gravidez adiante por causa do *tênis*?

— Não seja tão sarcástico quando isto é o que você faz para ganhar a vida.

— Não tem importância!

— O tênis parecia extremamente importante para você quando você entrou por esta porta hoje — Willy circulou pela sala. — Mas eu devo me anular. Ah, claro, vou tirar um, dois anos do meu apogeu, não tem problema!

— Belo apogeu — Eric murmurou.

Willy se virou.

— Independentemente de não ter tido sorte nos últimos dois anos, eu dediquei minha vida inteira a este esporte.

— Você tem apenas 27 anos. Você não tem nada que falar de *vida inteira*.

— É toda a vida que eu tive. E agora você espera que a jogue fora por causa dos seus escrúpulos. Você já parou para pensar no que aconteceria? Apesar de o tênis "não ter importância", o papai sempre iria embora… viajando pelo mundo, mandando cartões-postais e pedindo para a mamãe pôr o Junior no telefone. Quem teria todo o trabalho? E que tipo de mãe eu poderia ser se toda vez que olhar para o meu filho eu enxergar apenas os 16 torneios por ano que estou perdendo?

— Nada te impediria de voltar para eles.

— O quê? Fazer o circuito com um carrinho de bebê? Fora que a gravidez em si zera o corpo, eu teria de recomeçar do zero…

— Você *já* está no zero!

Eles se encararam, ofegantes. O rosto de Willy estava frio; as mãos levantadas estavam pálidas.

— Por dois anos — declarou Eric, diminuindo o tom de voz —, eu disse que tem salvação, Willy, você é boa, Willy, você só tem de colocar a cabeça no lugar, Willy, você é tão talentosa, tente de novo… E enquanto isso você me ridicularizou por ser Poliana, por massagear o seu ego com chavões, mas eu

nunca soube o que você queria que eu te dissesse em vez dessas coisas. Que você está acabada? Tudo bem, então. *Você está acabada*.

Ela não se lembrava de Eric dizendo algo cruel que não tivesse retirado imediatamente. Ela esperou. Ele não retirou o que disse.

— É um remédio amargo — Eric segurou-a pelos ombros para que ela não pudesse se desvencilhar. — Mas não é só o seu orgulho que está em jogo. A maioria das mulheres hoje em dia chega ao auge como tenistas aos 20 anos. Por muito tempo, achei que você poderia dar a volta por cima, portanto não estava falando da boca para fora. Mas este seu "tombo" vem se estendendo por tanto tempo que o que começou como uns azares e um surto de ansiedade passageiro se tornou um inabalável complexo de fracasso. O que você levaria anos para superar, se é que superaria. Você sabe que eu sei a história do tênis de cor e salteado. Não descobri *ninguém* que tenha caído tanto e ficado lá embaixo por tanto tempo e voltado a ser um grande jogador. Está tarde demais, Willy. Você já foi uma atleta digna de nota, mas algo aconteceu. O que foi, francamente, já não me importa mais. Mas você não vai sacrificar nosso filho por mais um ano de agonia. Wilhelm, eu disse que te ajudaria de qualquer forma que eu pudesse, mas dessa vez eu não vou te ajudar a pôr mãos à obra e, sim, a *abrir mão do tênis*.

De passagem, Willy desejou que o marido fosse um homem violento. Seria bem melhor se ele a arrastasse e a espancasse. É verdade que os sermões de Eric geralmente eram uma tortura: *não deixe que vejam o seu suor*; *mostre sua bravura*; *metade do sucesso é determinação*. O bombardeio de chavões estúpidos havia demonstrado a pouca consideração que tinha pela lesão que ela sofrera, pelo modo como a humilhação incessante erodia a própria essência que ela evocava a fim de perseverar. E, vindos de um homem que pouco sabia a respeito de desgraça, seus sermões inevitavelmente revelavam-se superficiais. Mas nenhum aforismo insensível e desmiolado havia chegado até seu âmago como aquele conselho austero de que desistisse. Willy tinha o hábito de cuspir no rosto de Eric os incentivos comestíveis que ele lhe dava de colherzinha. Mas tendo recebido este queijo duro e indigerível, a única opção de Willy era engolir. Não havia nada a dizer.

Com a postura ereta, virou-se calmamente em direção ao pôster do New Jersey Classic. De forma sistemática, retirou o papel da fina moldura prateada, evitando as lascas nas beiradas. Após descascar a fita adesiva do reforço de

papelão, enrolou o pôster solto, amarrou-o com um pedaço de fita e escorou-o contra a porta da frente. Com igual metodismo, desprendeu a reprodução do MOMA. O traje de banho listrado daquela figura era de uma alegria e uma tolice inadequadas, como se estivesse de pijamas. O bigode espesso e com pontas curvadas num ângulo engraçado e a efervescência com que o homem pulava para fora do quadro com aquela esfera na ponta dos dedos se tornaram estranhos. Pois qualquer pessoa que se deleitasse tanto com uma bola idiota era infantil.

O joelho de Willy doía de novo: era difícil dobrá-lo sem fazer careta. Apressando o passo em direção à cozinha, manteve as pernas esticadas como as de um soldado de brinquedo. Voltou à sala de estar com uma caixa de sacos de lixo pretos. Depois de levantar o tampo da mesa de centro, Willy apoiou sua borda contra o sofá. A cronologia que as bolas descartadas um dia documentaram já havia sido perturbada quando Willy derrubou a mesa no dia de seu aniversário. A desordem não era uma perda: a história que as bolas mortas registravam já estava completa. Além disso, as camadas de Penns e Dunlops enlameadas eram apenas o sedimento de uma tenista moderadamente promissora cujos dons haviam dado em nada e cujo nome nem mesmo os fanáticos pelo esporte saberiam. Willy retirou as bolas de três em três, colocando-as dentro do saco com cuidado para que nenhuma saísse rolando.

Quando a caixa se esvaziou, Willy fechou o saco e arrastou as centenas de bolas para deixá-las ao lado dos tubos, junto à porta. Parado à janela mais próxima, Eric examinava um trecho do Hudson que refletia as luzes de Nova Jersey em meio às árvores negras do Riverside Park. A lua estava cheia. Ela só via o topo da cabeça dele. Começava a ficar calvo; uma segunda lua brilhava sob a luminária, entre galhos de cabelos pretos. Talvez, assim como acontecia ao rosto do pai dela, algo o desgastasse.

Quando levou um segundo saco de lixo para o quarto, Eric permaneceu em seu posto. Ajoelhada no closet, ela tirou do caminho os inúmeros tênis que Eric usava para jogar, mantendo os pares juntos. As caixas estavam empilhadas nos fundos. Dentro delas, os troféus estavam embalados em papel. Antes de levá-las até a porta, Willy verificou se continham seus próprios objetos, confirmando que os prêmios de Eric não fossem jogados no lixo por engano. Esta faxina era a menos dolorosa — troféus eram entulho — ou teria sido a

menos dolorosa se ela sentisse alguma coisa. No entanto, a única pontada era no joelho, que a apunhalava por ter se agachado no closet.

Contudo, na renúncia seguinte, Eric teria notado um lampejo de hesitação caso estivesse assistindo, e não estava. As raquetes que tinham acabado de ser derrubadas no corredor estavam misturadas, e ela teve de examiná-las para reaver as que lhe pertenciam em meio às Wilsons. A Pro-Kennex era um fabricante menos conhecido, mas não dava para chamá-la de marca inferior. Embora Willy não usasse mais a mesma raquete por vários anos, como fizera com a Davis Imperial durante a infância, ainda assim utilizara gerações consecutivas daquela linha incomum desde a faculdade. A fidelidade à marca dava ao conjunto um senso de herança e parentesco.

Willy sentiu pena das raquetes. Aquela aposentadoria precoce não era culpa delas. Caso Eric não estivesse parado junto à janela, ela teria se desculpado em voz alta. Mas não havia sentido em deixá-las para o marido: o tamanho dos cabos era pequeno demais e ele era obrigado por contrato a usar uma Wilson quando estava em público. Willy supôs que poderia ter doado os equipamentos ao Exército da Salvação. Mas suas raquetes tinham padrões altos e não queria sujeitar aquelas aliadas robustas a pulsos frouxos, preparações tardias e à pouca persistência de um preguiçoso louco por pechinchas. Claro que elas prefeririam um enterro digno. Poderia tê-las transportado até as latas lá de baixo, carregando-as sobre os ombros, dentro das capas, mas não queria que elas vissem. Willy as enfiou num saco preto com a delicadeza de um pelotão de fuzilamento mirando em alvos vendados.

Com um terceiro saco, prosseguiu com a operação de limpeza, embora tivesse diminuído o ritmo de seus movimentos. Por um breve instante, esquecia o que estava fazendo. Devia ser a gravidez: diziam que as mulheres ficavam aéreas. Na mesa que ficava de frente para a segunda janela da sala principal, ela localizou o *Livro de Normas da WTA* e jogou-o no saco, deixando o da ATP. Formulários em branco de torneios estavam espalhados pela mesa; ela peneirou todas as pilhas para separar os seus dos de Eric. Uma ficha preenchida jazia, lacrada, na bandeja de cartas a serem enviadas. Antes de botá-la no lixo, Willy arrancou o selo e colocou-o na gaveta. Embora agora fosse rico, Eric não gostava de desperdício. Pronto. Os papéis restantes eram dominados por correspondências da USTA: regulamentos, listas de hotéis e tabelas de horários, todos referentes ao iminente Aberto dos Estados Unidos.

Recolhendo a lista de rankings da mesa de jantar, Willy voltou ao quarto para capturar fotografias e recortes grudados na parede. Estava disposta a deixar os retratos onde não havia raquetes de tênis, que não eram de torneios, que não tinham sido tirados em quadras.

Não havia nenhum. Até as fotografias de sua família eram estragadas pelo quadriculado das cordas de Willy; naquela em que estava equilibrada sobre os ombros do pai, aos 8 anos, podia-se vislumbrar um verde denunciador atrás de seus cabelos esvoaçantes. Em todas as fotos de sua vida conjugal, ela e Eric estavam usando roupas esportivas ou tinham sido flagrados depois do treino, enxugando o suor. Todas as fotos recentes de Willy retratavam aquela atadura feiosa mascarando-lhe o joelho, assim como as faixas por cima dos pôsteres pornográficos da Times Square. Por último, as fotos do casamento — Willy de tênis com saltos, Eric de calça branca, se beijando por cima da rede: tênis. Foram todas para o saco.

Quando todos os pedaços de proteções de cabos de raquetes, vislumbres de quadras e plissados do vestido de tênis foram extirpados da montagem, pouco restou além de resíduos de cola amarelada e perfurações de tachinhas. A própria Willy fora riscada. Os vestígios pegajosos e os buracos minúsculos sugeriam que o empreendimento era falho — que cada história, por mais que seja editada, deixa marcas. Porém, era notável que, ao erradicar o tênis, Eric também desapareceu da parede.

Arrastar os refugos até o elevador e puxá-los até os latões do porão demorou mais do que se tivesse assistência; Eric não ajudou, mas também não a impediu. Contudo, ao voltar para o apartamento, Willy se admirou com o pouco tempo que havia levado, na verdade.

— Você deve estar com fome — ela disse sem alterar a voz.

— Não mais.

Mas ainda eram só 22h30 e ambos sentiam o mesmo desespero inerte em abandonar aquele lugar da maneira que acometeria alguém no cenário de uma atrocidade. Embora até o voraz Eric estivesse compelido a fitar, emudecido, o frango como se fosse feito de papel machê, afinal eles se arrastaram até o Flor de Mayo. Era assim que ambos chamavam o lugar: Flor de Mayo. Logo antes de fechar a porta, Willy viu o sinistro vulto cinza da moldura do New Jersey Classic, o papelão branco, como a decoração de uma mulher que não tem interesse em tema algum.

Willy deixara uma única lembrança na parede do quarto: o fio da sobrancelha de Eric, arrancado do mesmo lugar que agora era marcado por uma cicatriz rosa, como se aquele fio tivesse tirado sangue. Ainda grudado na beirada da colagem pilhada, o fio desgarrado fora um dia puxado para lhe provar a advertência do pai: certos troféus não podiam ser ganhos ou procurados, mas sim oferecidos.

* * *

— *ONDE VOCÊ ESTAVA, porra?* — Mais uma vez, a porta bateu.

Willy se sentou no sofá, os olhos voltados para o colo. O que tinha acabado de impor a Eric era tão insultante que não merecia consideração. Em vez dele, pensara em Edsel, com quem havia cancelado o horário do dia anterior, e se encolhia de medo como na escola, ao matar aula.

— Eu voltei cedo de Flushing Meadow para a gente passar a tarde juntos — ralhou Eric —, e nem sinal de você. Esperei e esperei, ficou tarde… liguei para os seus pais, liguei para o Max, liguei até para os *meus* pais. Eu vou jogar o Aberto *esta noite*, Willy, e eu *não dormi*. E acabei de voltar da polícia.

— Me desculpe.

— É, tenho ouvido muito isso. Onde você *estava*?

Abriu os lábios e nada saiu. Permitir que as palavras escapassem equivaleria a estar doente e todos saberem. Ela olhou para Eric com uma súplica muda: o problema não era que não iria falar, mas que não conseguia. Da noite para o dia, Willy ensinara ao marido o desamparo, e ele aprendera a lição.

Eric passou os dedos pelo cabelo, fazendo um som de *puf*, como se tentasse desacelerar a respiração.

— Mas você está bem?

— Mais ou menos.

— Vem cá — ele estendeu a mão. Willy se levantou e Eric apertou-a contra o peito. — Você está pálida. Que alívio você estar bem — Eric abraçou-a até Willy ficar cansada demais para segurá-lo. Então ele a levou até o sofá. Ela queria que ele não fosse tão bondoso.

— Escuta — ele disse —, você me deixou muito assustado, mas talvez isso me tenha feito pensar. Quero te fazer uma oferta. — Ela assentiu. — Sabe como eu vivo falando que os atletas do tênis são uns idiotas. Na noite passada eu fiquei pensando, talvez eu seja um hipócrita. Eu quero derrotá-los, mas também quero virar um deles. Então talvez você me ache um babaca. E talvez tenha razão.

— Eu não…

— Me escuta. Este negócio, até para mim, vai durar no máximo dez anos. E é óbvio que o perigo é que você sai sem ser qualificado para nada além daqueles empregos imbecis de comentarista.

— Mas você também pode…

— Me escuta. Eu entendo que tem sido difícil para você me ver chegando a algum lugar e até chegar ao Aberto dos Estados Unidos quando isso era tudo o que você queria. Você ama tanto o jogo, e eu só gosto dele. Não é justo, certo?

— Mas você se sai tão bem porque…

— Deixa eu terminar — ele segurou as mãos de Willy. — As pessoas da nossa idade acham que têm todo o tempo do mundo para começar uma família. Mas este país está cheio de casais que gastam milhares de dólares em tratamentos de fertilidade. Nunca se sabe quando é a nossa única chance. Portanto, eu quero este bebê, querida. E sei, pelo que você descreveu, que não seria nada bom se eu estivesse a maior parte do ano na estrada, enquanto você ficasse com papinha de bebê e fralda de cocô até o pescoço. Então quero propor um acordo: se você tiver esta criança, eu desisto. Willy olhou para o marido, confusa.

— Desiste… do tênis?

— Da coisa toda. Menos por diversão. Ensinar a criança a jogar seria uma delícia. Ou você e eu. Nas tardes de verão no Riverside, só batendo bola, até o sol se pôr, até a gente não aguentar mais de tão cansados, e ir mancando para comer frango e arroz. Como era antes.

— Ah, querido — os ombros de Willy se voltaram para dentro. — Nunca vai ser como era antes.

Eric tinha se afeiçoado àquela imagem; parecia estar sofrendo.

— Não vejo por que não.

— Então você quer dizer, até o Aberto. Esta noite. Você está planejando não ir?

— Não, eu vou jogar — ele se contorceu. — Você sabe, sou obrigado. Ela pôs as mãos em cima das dele.

— Admita. Você trabalhou duro por isso. Você *quer* jogar.

— É claro que eu quero! Mas depois do Aberto, acabou.

— E se eu te pedisse para se retirar do Aberto também? — Willy testou.

Eric ficou parado. Com seu silêncio, ela via que ele estava desolado.

— Acho que eu diria — ele prosseguiu devagar — que talvez você estivesse sendo… irracional. Mas. Se você insistisse. Sim. Eu me retiraria — quando acabou de enunciar todas as palavras, estava exausto.

Ela tocou na face dele, virando-a para si.

— Olha só para você. Como abrir mão deste torneio te faria sofrer. Pense em todos os outros. "Irracional", você disse. É óbvio que trocar sua carreira por uma família seria *irracional*. Você acha que conseguiria conviver com esse acordo? Que *eu* conseguiria? Você está numa onda de sorte, surfando numa crista emotiva, mas depois você me odiaria.

— Eu nunca seria capaz de te odiar — ele afirmou.

— É mesmo? — ela indagou, olhando-o nos olhos. — Seu acordo não está de pé, Eric, porque não tenho nada a trocar.

Ele ficou inexpressivo.

— O quê?

— Na noite passada eu dei entrada numa clínica.

— Algo deu errado?

— Nada deu errado.

Ele se levantou, estarrecido. Se tinha a vontade de ir a algum lugar, não sabia aonde.

— Sem me perguntar. Ou me avisar. Nem conversar sobre isso.

— Não havia nada para discutir.

Quando se virou, estava sorrindo, mas o sorriso tinha um jeito feio.

— Você realmente está tentando, não é? Tipo, muito além do necessário, de todas as formas possíveis.

Willy enrugou a testa.

— Tentando…?

— Me forçar a te abandonar.

— Eu não diria…

— *Eu* diria. Por que mais? Por que você fez isso?

As cólicas no útero de Willy começavam a se intensificar — golpes esparsos de salto agulha. Ela imaginou um par de esgrimistas inábeis que sempre erravam ao tentar se acertar e enfiavam seus floretes nas paredes internas dela. A dor lhe dava um foco, e ela ficou grata por isso.

Willy abaixou a cabeça.

— Não posso ter um filho para substituir a vida que não tenho.

— Ninguém estava te pedindo isso. Um monte de mulheres…

— Mas foi assim que me senti nos últimos dias. Você treinando em Flushing Meadow enquanto eu fico em casa e tomo minhas vitaminas. Eu sei que algumas mulheres prosperam através dos filhos. Eu não sou capaz disso. Sou egoísta demais. Você falou que o momento era bom. Eu achei que o momento não poderia ser pior: desistir da minha profissão e ter um bebê. Me deu a sensação de que eu era outra pessoa. Um veículo desajeitado para a posteridade. Comecei a me ressentir da criança pelas oportunidades que teria, as mesmas que eu desperdicei. Eu via o treco aprendendo…

— Um bebê não é *um treco*.

— Agora é — ela declarou bruscamente, depois desviou o olhar. — Me desculpe. Ela, se é assim que você quer. Eu via a nossa filha aprendendo a jogar tênis. Você levando-a ao parque, que nem o meu pai… Com a combinação dos nossos genes, imagine como seria instintivo, como seria talentosa… até que ela entraria no primeiro torneio. E enquanto isso eu estaria ali perto, lamentando, *Não fique muito esperançosa*.

Eric encarou-a com uma expressão que Willy reconheceu da linha de fundo. Havia muito tempo que atribuía o sucesso dele no esporte à indiferença; em quadra, era destemido porque a derrota não o assustava muito. Talvez tivesse sido injusta. Se o compromisso de Eric era consigo mesmo e não com o jogo, isso não tornava o compromisso menos cruel. Ele vencia porque nunca desistia. Ele condizia com o tênis porque até o último ponto era possível vencer, por mais horrendo que fosse o placar. Naquele instante, incorporava o otimismo desafiador de quem está perdendo por 5-0 no quinto set e se recusa a capotar.

— Não vai dar certo — ele disse, impassível. — Não vou te abandonar. Se você quiser acabar com este casamento, vai ter de fazê-lo sozinha.

O absorvente de Willy estava encharcado. Vazava entre suas pernas; uma bolha se formou e estourou. A parte interna de suas coxas estava úmida, e um cheiro doce e nauseante surgiu de seu colo. Disseram que ela sangraria, mas não estava preparada para aquele mar Vermelho. O sangue devia estar vazando da saia fina para o sofá. Mais uma mancha escura.

Willy juntou a saia com as mãos.

— Você não se apaixonou por uma fracassada.

— Você não é só uma tenista, Willy…

— *Para mim*, sou — ela ergueu os olhos. — Eu sei que você me ama, mas não sei mais o motivo.

— Isso sou eu…

— É uma via de mão dupla. Para que seu amor me faça bem, eu tenho que ser capaz de entender como você pode ter esse sentimento pela sua mulher. Você não consegue imaginar o motivo pelo qual eu estaria apaixonada por você?

— Tenho minhas qualidades — Eric admitiu com cautela.

— Bom, minhas qualidades sempre foram o excelente slice de backhand e uma curtinha fatal.

— Não para…

— Para *mim*! Você não está me escutando!

— A gente pode superar essa…

— *Por favor* — rogou Willy. — Você sempre foi um doce comigo. Eu queria que a recíproca também fosse verdadeira. Eu te tratei de uma forma abominável, você acha que eu não sei disso? E todos os meus comentários detestáveis ficaram grudados no meu próprio estômago. Por pior que você possa achar conviver com uma vaca, é bem mais terrível ser a vaca.

Willy queria poder caminhar pela sala, mas não queria expor o lamaçal de sua saia. Sentada enquanto Eric andava de um lado para o outro, se sentia uma suspeita cujas confissões contradiriam o caso construído meticulosamente por um detetive.

— No outro dia, quando você finalmente me disse que estou "acabada" no tênis, eu não consegui acreditar que você tinha falado uma coisa dessas por

despeito. Confio nas suas opiniões e acho que seu conselho foi, por ironia, bondoso. Quando joguei todas as minhas coisas fora, não estava sendo melodramática…

— Claro que não.

— Está bem, eu não estava sendo *apenas* melodramática. Eu estava tentando inculcar uma coisa na minha cabeça. Mas me desfazer de alguns troféus foi só o começo. Vou levar muito, muito tempo para me acostumar a não treinar três horas por dia, não viajar para uma cidade nova por mês, não passar boa parte das minhas horas ensaiando pontos que poderia ter ganho se subisse à rede ou se ficasse no fundo. Minha rotina sempre foi baseada em tênis, tênis, tênis, e agora eu tenho de aprender a pensar em alguma outra coisa. E, pelo amor de Deus, eu não faço a menor ideia do que vai ser.

— Que tal uma família. Que tal seu próprio marido.

— Você gostaria que o meu mundo inteiro girasse em torno de você?

— Você jamais faria uma coisa dessas. Tenho certeza absoluta de que você vai arrumar um novo rumo…

— Não estamos falando de um hobby, de um capricho momentâneo! Abrir mão do tênis é como extirpar o meu fígado! Eu não sei *quem eu sou* sem esse esporte.

— Tênis — ele rosnou. — Estou começando a desejar que no momento em que peguei uma raquete, aos 18 anos, eu a tivesse atirado no fogo.

— Mas você não atirou — Willy observou. — Meu pai me disse na semana passada que uma vida é feita de várias vidas e que eu não tinha idade para entender isso. Talvez eu tenha; talvez eu entenda. Mas eu tenho que passar uma coisa e ela vai ser excruciante. Eu tenho que me recriar do zero. Aos 27 anos, tenho que voltar aos 5 e inventar outra coisa que eu queira ser quando crescer.

— Então me deixe ajudá-la!

— Você não pode, Eric — ela o interrompeu num tom suave. — Você agora está no top 100, está prestes a participar do seu primeiro Aberto dos Estados Unidos. Você é a última pessoa na face da Terra que pode me ajudar. Porque eu tentei várias vezes imaginar uma situação que eu seria capaz de aceitar: virar seu braço direito, me resignar e me render ao grande talento, criar nossos filhos, que teriam tanto orgulho do pai. Mas eu sempre voltava ao *E o que você faz, mamãe?* Eu sei que existe uma coisa chamada cortesia, dar

passagem, e admiro muito as pessoas… tanto homens quanto mulheres… que conseguem fazer isso. Mas eu me analisei e posso dizer com toda a sinceridade que não tenho essa generosidade toda dentro de mim. Você sabe muito bem que tênis é um negócio egocêntrico, e de certa forma ele me moldou. Talvez eu possa mudar, mas vai ser angustiante. Ainda não consigo imaginar você dando um voleio vitorioso e eu morrendo de alegria. Pense em si, para variar, Eric. Você não merece uma esposa que ao menos queira que você vença? A ideia é tão atraente para mim quanto é para você, mas eu me pergunto se não vai existir sempre um certo rancor. Independentemente do que eu ache para fazer, eu vou sofrer pelo meu jogo pelo resto da vida. Quando digo isso em voz alta, pareço mesquinha. Mas, para mim, não é mesquinharia.

Assim como o fatalismo começara a vencê-la nas partidas, derrota gerando derrota, um ponto da discórdia entre eles a levara àquele sofá encharcado de sangue. Havia uma lógica inexorável naquele entroncamento final, como a lógica de que os perdedores perdem. Seus argumentos eram sólidos. Ao longo de inúmeras tardes, cultivara aquela charada, sempre chegando à mesma conclusão, como nas respostas para os problemas que Eric resolvera na faculdade. Todas as vezes ela se eliminava da equação, e, nos últimos minutos, sua voz havia adquirido a tranquilidade de uma aula de matemática.

Porém, se este era um impasse com o qual de vez em quando o ameaçava e frequentemente ameaçava a si própria, no brandimento da ruína dos dois ele havia se tornado, por definição, um fantasma do futuro e, com isso, um mito. O término do casamento não era um incidente e sim uma *contingência*. Willy se sentiu mais perplexa do que angustiada. Nunca tivera a intenção de que a ameaça fosse algo além de vazia. Pensara o impensável apenas a fim de se assustar e descartá-lo.

Eric deveria ter percebido que ela estava lhe implorando para que calasse sua boca. Mais tarde, estaria destinada a imaginar se, caso ele tivesse grudado a boca na sua em vez de deixá-la continuar o falatório, o confronto teria sofrido uma reviravolta. Mas talvez não. Este era o erro que os casais muitas vezes cometiam: *se ao menos* ela não tivesse jogado… *se ao menos* ele não tivesse dito. Mas se não tivesse estragado o jantar, ou gritado isto ou aquilo, a crise teria surgido de outra situação. Variáveis precisavam ser preenchidas.

— Se vou passar a uma outra vida, Eric — ela continuou com dificuldade —, você é parte da antiga. A perspectiva de capitulação me envergonha, mas

acho que não tenho escolha. Já vai ser muito terrível, mas o que eu não vou suportar é que você veja.

— Parece que você já resolveu tudo — ele disse, entristecido. A tensão deixara seu corpo. Os ombros só relaxavam daquele jeito quando a partida se encerrava.

Willy olhou para o marido, horrorizada. Não conseguia acreditar que ele estivesse deixando que ela saísse ilesa dessa.

Eric olhou para o relógio, que ainda marcava o tempo de acordo com a vida antiga.

— Tenho que ir a Flushing. Este apartamento é seu. Você ainda fica com o *crédito* de ter me deixado, mas sou eu que tenho que me mudar daqui. Depois da partida desta noite, eu volto para a casa dos meus pais.

Eric foi para o quarto e voltou, enfiando o passaporte no bolso de trás. Embora estivesse indo para o Queens, estava se preparando para um país diferente.

— Só uma coisa — disse Willy, ruborizando por causa da humilhação. — Alguma vez eu te derrotei? De verdade?

— Willy Novinsky — ele declarou, os músculos faciais fatigados desmoronando feito entulho num lixão. — Ninguém me derrotou tão completamente como você.

— E eu… eu dei tudo de mim, não dei? Pelo menos, me garanta, eu realmente, realmente tentei?

— Você tentou — ele disse — no *tênis*.

Eric pôs a bolsa no ombro e parou:

— Eu sei que as chances são mínimas… — ele pegou a carteira. — Mas, por via das dúvidas, isto aqui é seu.

Ele pôs um ingresso para o Aberto dos Estados Unidos em cima da mesa de acrílico vazia e saiu porta afora.

* * *

ERA O INÍCIO DA tarde. O sol brilhava nitidamente pelas janelas, convidando menininhas para as quadras de tênis. No sofá, desorientada, por um instante

Willy esqueceu de si mesma, se perguntando se poderia arrumar uma partida no Riverside num dia tão radiante, em seguida voltou a si: tinha acabado de romper com o marido; se recuperava de um aborto; tinha jogado fora as raquetes de tênis.

Podia tentar o squash. Era um joguinho legal.

Com um ano de estudo completaria a graduação. A Columbia tinha um programa de educação adulta e era do outro lado da rua. Poderia pedir um empréstimo.

O olho de Willy recaiu sobre o caco de vidro que Eric deixara, reluzente, em cima da mesa de jantar. Era afiado. Poderia terminar a graduação e virar tradutora de espanhol para as Nações Unidas, ou poderia cortar os pulsos.

Na verdade, a segunda opção parecia tão viável quanto a primeira. Mas a imaginação de Willy era vívida demais: em tecnicolor, ela fantasiou que erguia o caco sobre o braço e afundava a ponta verticalmente, seguindo a linha das veias, mantendo sua determinação intacta para repetir o exercício no outro pulso. Por um instante, nada além de uma linha, e depois…

Poderia ter passado mais tempo remoendo a ideia, mas isso significaria ceder mais à dramaticidade de Edsel. Depois de passar anos e anos correndo e puxando peso, sua reverência ao corpo era grande demais. Willy se levantou, trêmula, e jogou o vidro no lixo.

Sentiu-se estranha por estar presente. Com todos os elementos de sua vida descartados, algo se levantava do sofá. Ao que parecia, era possível sobreviver a si mesma.

Willy tirou a saia ensanguentada e trocou o absorvente. Quando enrolou tristemente uma das cordas de Eric, pressentiu que agora ela lhe pertencia; que ele jamais voltaria àquele apartamento para pegar suas coisas. Tentada pela corda, louca para se entregar a alguma atividade cuja idiotice fosse coercitiva, Willy se deu conta de que uma sessão punitiva de pulos acarretaria no risco de hemorragia. No entanto, o silêncio retumbante do apartamento se tornou uma espécie de violência, e Willy fugiu para o Riverside Park.

O barulho das quadras da rua 122, escondidas pelas árvores, só era audível da margem do Hudson, onde Willy se debruçava sobre o parapeito. *Poc*… *poc*… Um som tão casual e inofensivo que lembrava o que os parques públicos sempre ofereceram: equilíbrio. Para cada lance, uma devolução; para cada triunfo, uma reprimenda merecida. Com o parceiro perfeito, o tênis ofertava

aquele implausível ideal americano de igualdade. Nesta visão arquetípica, o fluxo e refluxo semanal era uma diversão, cheia de piadinhas, juras de vingança na próxima quarta às 16 horas. Mas, às vezes, com o parceiro aparentemente mais adequado, um deles saía bem à frente. Era claro que a esta altura já não estavam mais *jogando*, e tomavam caminhos opostos.

Levada por uma atração irresistível pelo som de bola quicando, Willy arrastou os pés pela trilha enlameada e passou pelos bancos verdes que descascavam, enfiando os dedos na cerca de arame. O casal da quadra número um não era muito bom. A bem da verdade, era péssimo. Mas nenhum dos dois parecia estar irritado com as pancadas e cortadas abissais. A menina estragou algumas devoluções porque estava rindo. As bolas que usavam eram carecas, e, quando uma delas foi parar no bosque, eles a deixaram para lá. Depois de uma passada competente, a garota levantou a raquete e deu um salto, batendo as canelas no ar. Parecia tão feliz. Willy não conseguia se lembrar de nenhum dos próprios golpes — dos quais o mais medíocre era dez vezes mais espetacular que aquele, de paralela —, que dificilmente havia lhe dado o mesmo grau de satisfação depois que ela virou profissional.

— Oi! — O funcionário do parque se pôs ao lado dela, junto à cerca. — Will-*eee*!

— Esses dois parecem estar se divertindo à beça — ela disse, em tom saudoso.

— É, o dia está lindo — ele respondeu. Para o funcionário apático, o tênis não era um grande teste de caráter, e sim sinônimo do clima.

Willy acompanhou os amadores da quadra número um com o escrutínio preciso de quem vê uma final do Grand Slam, como se o casal tivesse dominado algum truque diabólico que o top 10 ignorava.

— Você sabia — Willy puxou conversa — que a maioria dos tenistas profissionais é infeliz?

— É mesmo — disse o funcionário pançudo, que não se importava com isso. — Aliás, por onde você andava? Fazia séculos que eu não te via por aqui, menina.

— Pois é — refletiu Willy. — Realmente não venho aqui há alguns anos.

Naquela noite, Willy passou aspirador de pó na casa. Queria um ruído de fundo ofuscante. Estava fingindo não saber que horas eram, mas fingir sozinha era inútil. No mínimo, o ingresso em cima do acrílico servia para lembrá-la.

Eram 20 horas, e, como sabia que faria desde que Eric fora embora, ela ligou a tevê na ESPN.

Sob o barulho do aspirador, a partida de Eric já havia começado. Seu renome por causa da queda de Sörle garantia que este seria um dos poucos jogos televisionados da primeira rodada. Na tela, tinha uma aparência magricela, embora a câmera supostamente acrescentasse alguns quilos. O cabelo estava liso e ralo.

Porém, o mais desconcertante era o jogo — o jogo que, embora sem refinamento, havia chamado sua atenção pela primeira vez no Riverside, como um diamante bruto; o jogo que viu ser cortado e polido faceta a faceta e que lhe enchera com a ânsia cobiçosa de um gatuno; o jogo que teria reconhecido a quilômetros de distância, mas não naquela noite, pois naquela noite ela não o reconhecia de jeito nenhum.

Havia certa lentidão em seus passos, e a previsão de Eric sempre fora estupenda. Nenhuma de suas devoluções tinha força. Cometia muitas duplas faltas. Quando desligou o aspirador, ouviu o comentarista observando que Eric Oberdorf tinha sido considerado um talento promissor, e que, na verdade, seu desempenho não tinha nada de impressionante.

Um dos segredos de Eric era ele não reconhecer a possibilidade de ser derrotado. Já que não fazia parte de seu mundo, suas tentativas de se defender do fracasso eram tantas quanto as de usar alho para se proteger de lobisomens. Willy o ensinara a capitular. Como Pandora, abrira a caixa das decepções dignas de pesadelos para que elas entrassem em sua vida.

A partida foi rápida. Eric perdeu em sets consecutivos. Willy desligou a tevê e passou horas se debatendo com a ideia de ligar para os pais dele no horário em que ele provavelmente chegaria ao apartamento da rua 74. Se não deixasse escapar que o rompimento não passava de um grande erro e que ele, por favor, voltasse para casa, poderia ao menos lhe dar as condolências pela partida. Mas às 23 horas, Willy já havia reprimido o desejo. Eric a conhecia muitíssimo bem. Independentemente do que dissesse, independentemente de como modulasse o timbre de sua solidariedade, ele não se iludiria nem por um segundo. Eric perdera na primeira rodada de seu primeiro Grand Slam, e uma parte de Willy estava contente. Era por isso que não devia ligar e não podia lhe pedir que voltasse.

Sobre a autora

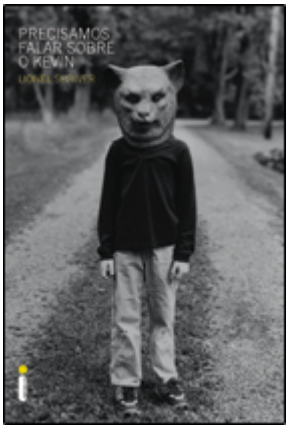
foto da autora: Jerry Bauer



Lionel Shriver

Lionel Shriver é autora de *O mundo pós-aniversário, Dupla falta* e *Precisamos falar sobre o Kevin*. Este último, vencedor do Prêmio Orange de 2005, foi eleito o melhor dos livros já contemplados com essa premiação e alçou a autora ao status de fenômeno literário. Nascida em 1957 na Carolina do Norte, Estados Unidos, e batizada como Margaret Ann Shriver, Lionel mudou de nome aos 15 anos. Formada e pós-graduada pela Universidade de Columbia, viveu em Nairóbi, Bangcoc e Belfast antes de se mudar para Londres, onde é colunista do jornal *The Guardian*. Entre seus livros ainda não publicados no Brasil incluem-se *So Much for That, The Female of the Species, Checker and the Derailleurs, Ordinary Decent Criminals, Game Control, A Perfectly Good Family* e *The New Republic*.

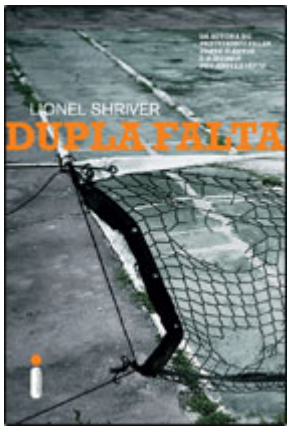
Conheça os livros da autora



Precisamos falar sobre o Kevin



O Mundo Pós-Aniversário



Dupla falta